



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
*MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA*

**INDICADORES DE REGRESSÃO E DE CRESCIMENTO DO  
PRIMOGENITO NO PROCESSO DE TORNAR-SE IRMÃO**

**Débora S. de Oliveira**

Tese de Doutorado

Porto Alegre/RS, 2010

**INDICADORES DE REGRESSÃO E DE CRESCIMENTO DO  
PRIMOGENITO NO PROCESSO DE TORNAR-SE IRMÃO**

**Débora S. de Oliveira**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de  
Doutor em Psicologia

Orientação da  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita Sobreira Lopes

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Porto Alegre  
2010**

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho de pesquisa começou na verdade há muito tempo. Poderia dizer que teve seu início, acadêmico, no mestrado. Mas certamente o meu desejo em pesquisar famílias no contexto de chegada de um segundo filho já havia se iniciado quando eu mesma estava na barriga de minha mãe, vindo a ocupar o lugar de uma segunda filha no seio de minha própria família de origem.

Conhecer um pouco mais sobre o desenvolvimento infantil e as relações pais e filhos sempre foi um propulsor para a minha vida profissional e para o cotidiano de minhas relações. O desenvolvimento humano infantil e suas interrelações com a família, especialmente com os genitores, sempre me fascinaram e me impulsionaram a produzir este trabalho. No entanto, este não teria sido elaborado e concluído sem a contribuição de algumas pessoas importantes que me auxiliaram no decorrer dessa minha trajetória.

Agradeço, inicialmente, à minha orientadora, Profa. Rita de Cássia Sobreira Lopes, que desde o mestrado, tem me acompanhado e auxiliado na idealização e realização de minhas produções em todas as etapas, com muito profissionalismo, sensibilidade, eficiência e dedicação, de forma exemplar. O aprendizado destes 6 anos, sem dúvida nenhuma, foi inestimável, o levarei comigo para a minha trajetória profissional e acadêmica.

Às famílias que participaram deste estudo, as quais confiaram suas histórias, permitindo que eu acompanhasse um pouco mais sobre elas e adentrasse em suas mais íntimas formas de relação. Em especial, agradeço aos primogênitos, que me possibilitaram aprender um pouco mais sobre crianças, não só através do estudo, mas também pelo pequeno convívio que tivemos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, agradeço os ensinamentos teóricos e metodológicos recebidos ao longo do mestrado e do doutorado. Em especial, agradeço à Profa. Denise Bandeira, relatora deste trabalho, e ao Prof. César Augusto Piccinini, um dos coordenadores do projeto do qual este trabalho faz parte, pelo envolvimento, incentivo e dedicação através de treinamentos e discussões sobre o fazer pesquisa.

Às colegas do NUDIF, em especial às amigas Caroline Rossato Pereira e Aline Groff Vivian, com as quais pude dividir angústias e alegrias nestes anos de

pesquisa. Obrigada pela sensibilidade, companheirismo e afeto, sempre disponíveis e oferecendo um ombro amigo nos momentos difíceis. A aprendizagem e a troca de experiências foram também fundamentais para a realização deste trabalho. Agradeço também à Daiana Linhares, bolsista do ELSEFI, que se dedicou constantemente a alguns trabalhos relacionados à tese, obrigada pela dedicação, acolhimento do tema e premiações em Salão de Iniciação Científica que conquistaste.

Agradeço também à família do meu marido, em especial, à Rosane, minha sogra, pela dedicação e preocupação na realização de meus trabalhos.

À minha família de origem, aos meus irmãos, Alexandre e Camila e, aos meus pais, Ivo e Madalena, por terem afluído minha curiosidade para conhecer ainda mais sobre família e sobre as relações pais e filhos. Aos meus pais, especialmente, agradeço o amor, o incentivo e o apoio em todos os momentos de minha vida, por terem despertado em mim a ousadia, a força, a vontade para o trabalho e para o viver.

Em especial, agradeço ao meu grande amor, Richard, com quem compartilho os momentos de angústias e alegrias. Agradeço pelo amor incondicional, pelo carinho especial, pela ternura infinita, companheirismo e respeito constante, pelo incansável incentivo aos meus anseios. Agradeço pela família maravilhosa e cheia de amor que construímos. É a ti que dedico essa conquista.

Não teria também como deixar de mencionar a Meg, minha companheira inseparável nos momentos de reflexão, sempre muito atenta a todos os meus passos e movimentos.

E, por fim, agradeço também ao meu já muito amado filho, Bernardo, fruto de um grande amor, que já no ambiente uterino materno, precisou lidar com as privações de minha atenção e teve que aprender a compartilhar a minha dedicação. Enquanto estive atenta a elaboração desse trabalho, sofria em não poder te dar a atenção que gostaria, ainda que o sentisse cada vez mais cheio de vida dentro de mim. A ti, dedico o meu amor incondicional, os conhecimentos adquiridos e a sensibilidade que aprendi com este trabalho.

*“Amadurecimento não é sinônimo de progresso: amadurecimento inclui a possibilidade de regredir a cada vez que a vida exige descanso, em momentos de sobrecarga e tensão, ou para retomar os pontos perdidos. Nenhuma conquista fornece título de garantia: tendo sido alcançada, pode ser perdida”*

(Dias, 2003, p. 101)

## SUMÁRIO

RESUMO.....	12
ABSTRACT .....	13
CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Apresentação .....	14
1.2 O contexto de chegada de uma segunda criança na família: uma revisão da literatura.....	16
1.3 Implicações da chegada de um segundo filho para as relações familiares ....	19
1.4 Implicações da chegada de um segundo filho para a parentalidade .....	21
1.5 Implicações da chegada de um irmão para a relação mãe-primogênito .....	24
1.6 A importância da rede de apoio na chegada de uma segunda criança.....	30
1.7 Implicações da chegada de um irmão para o primogênito .....	32
1.8 Fatores relacionados às reações do primogênito .....	37
1.9 A adaptação do primogênito no processo de tornar-se um irmão: indicadores de regressão e de crescimento .....	42
CAPÍTULO II	
MÉTODO.....	48
2.1 Participantes.....	48
2.2 Delineamento e procedimento .....	49
2.3 Considerações éticas sobre o estudo.....	50
2.4 Instrumentos e materiais .....	51
2.5 Análise dos dados .....	53
CAPÍTULO III	
RESULTADOS .....	55
3.1 Análise do Caso 1 .....	56
3.1.1 Caracterização do caso no contexto de gestação de um segundo filho	56
3.1.1.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação indicados no Teste das Fábulas .....	56
3.1.1.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação indicados pela mãe e pelo pai .....	62
3.1.2 Caracterização do caso aos doze meses do segundo filho .....	68

3.1.2.1	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses de um irmão indicados no Teste das Fábulas .....	68
3.1.2.2	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai .....	74
3.1.3	Caracterização do caso aos vinte e quatro meses do segundo filho .....	79
3.1.3.1	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses de um irmão indicados no Teste das Fábulas .....	79
3.1.3.2	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai ..	85
3.1.4	Aspectos singulares do Caso 01: indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão.....	90
3.2	Análise do Caso 2 .....	97
3.2.1	Caracterização do caso no contexto de gestação de um segundo filho	97
3.2.1.1	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação indicados no Teste das Fábulas .....	97
3.2.1.2	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação indicados pela mãe e pelo pai .....	102
3.2.2	Caracterização do caso aos doze meses do segundo filho .....	107
3.2.2.1	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses de um irmão indicados no Teste das Fábulas .....	107
3.2.2.2	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai .....	113
3.2.3	Caracterização do caso aos vinte e quatro meses do segundo filho ..	120
3.2.3.1	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses de um irmão indicados no Teste das Fábulas .....	120
3.2.3.2	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai ..	125
3.2.4	Aspectos singulares do Caso 02: indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão.....	130
3.3	Análise do Caso 3 .....	134
3.3.1	Caracterização do caso no contexto de gestação de um segundo filho	134
3.3.1.1	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação indicados no Teste das Fábulas .....	135
3.3.1.2	Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação indicados pela mãe e pelo pai .....	141

3.3.2 Caracterização do caso aos doze meses do segundo filho .....	148
3.3.2.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses de um irmão indicados no Teste das Fábulas .....	149
3.3.2.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai .....	154
3.3.3 Caracterização do caso aos vinte e quatro meses do segundo filho ..	161
3.3.3.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses da irmã indicados no Teste das Fábulas .....	161
3.3.3.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai ..	168
3.3.4 Aspectos singulares do Caso 03: indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão.....	174

#### CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO .....	180
4.1 Aspectos comuns: indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão .....	180

#### CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	195
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS .....	200
-------------------	-----

#### ANEXOS

Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido .....	209
Anexo B - Ficha de contato inicial .....	210
Anexo C - Entrevista de dados demográficos do casal .....	211
Anexo D - Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar .....	212
Anexo E - Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito ....	213
Anexo F - Entrevista sobre a maternidade e desenvolvimento do primogênito aos doze meses do segundo filho .....	216
Anexo G - Entrevista sobre a maternidade e desenvolvimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho .....	220

Anexo H - Entrevista sobre o relacionamento familiar aos doze meses do segundo filho. ....	223
Anexo I - Entrevista sobre o relacionamento familiar aos vinte e quatro meses do segundo filho. ....	225
Anexo J - Descrição e dinâmica das Fábulas .....	227
Anexo L - Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito.....	234

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados Demográficos dos Participantes no Terceiro Trimestre de Gestação .....	49
Tabela 2. Caracterização do Caso 01 Durante a Gestação do Segundo Filho ....	56
Tabela 3. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, Durante a Gestação de um Irmão, Indicados no Teste das Fábulas .....	60
Tabela 4. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, Durante a Gestação do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai .....	65
Tabela 5. Caracterização do Caso 01 aos Doze Meses do Segundo Filho .....	68
Tabela 6. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Doze Meses do Irmão, Indicados no Teste das Fábulas .....	72
Tabela 7. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Doze Meses do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai .....	77
Tabela 8. Caracterização do Caso 01 aos Vinte e Quatro Meses do Segundo Filho .....	79
Tabela 9. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses do Irmão, Indicados no Teste das Fábulas .....	83
Tabela 10. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai .....	88
Tabela 11. Caracterização do Caso 02 Durante a Gestação do Segundo Filho ..	97
Tabela 12. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, durante a Gestação da Irmã, Indicados no Teste das Fábulas.....	99
Tabela 13. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, durante a Gestação do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai .....	104
Tabela 14. Caracterização do Caso 02 aos Doze Meses do Segundo Filho .....	107
Tabela 15. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Doze Meses da Irmã, Indicados no Teste das Fábulas .....	110
Tabela 16. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Doze Meses da Irmã, Indicados pela Mãe e pelo Pai .....	116
Tabela 17. Caracterização do Caso 02 aos Vinte e Quatro Meses do Segundo Filho .....	120
Tabela 18. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses da Irmã, Indicados no Teste das Fábulas .....	122

Tabela 19. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai .....	127
Tabela 20. Caracterização do Caso 03 Durante a Gestação do Segundo Filho .....	135
Tabela 21. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, durante a Gestação da Irmã, Indicados no Teste das Fábulas.....	138
Tabela 22. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, durante a Gestação da Irmã, Indicados pela Mãe e pelo Pai.....	143
Tabela 23. Caracterização do Caso 03 aos Doze Meses do Segundo Filho .....	149
Tabela 24. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Doze Meses da Irmã, Indicados no Teste das Fábulas .....	152
Tabela 25. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Doze Meses da Irmã, Indicados pela Mãe e pelo Pai .....	157
Tabela 26. Caracterização do Caso 03 aos Vinte e Quatro Meses do Segundo Filho .....	161
Tabela 27. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses da Irmã, Indicados no Teste das Fábulas .....	164
Tabela 28. Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses da Irmã, Indicados pela Mãe e pelo Pai .....	171

## RESUMO

O presente estudo teve por objetivo examinar alguns indicadores de regressão e de crescimento do primogênito, longitudinalmente, da gestação aos dois anos de vida do irmão. Foi realizado estudo de caso coletivo, do qual participaram três primogênitos e seus respectivos genitores, em três momentos de análise dos dados (no terceiro trimestre de gestação, aos doze e aos vinte e quatro meses do bebê). Os participantes pertenciam à amostra de um projeto longitudinal maior. Com as crianças, foi aplicado um teste projetivo e as mães e os pais responderam, separadamente, a entrevistas semi-dirigidas. Análise de conteúdo revelou um predomínio de indicadores de regressão do primogênito no período gestacional, tanto a partir do ponto de vista da criança quanto da mãe e do pai. Aos vinte e quatro meses, o teste projetivo revelou indicadores tanto de regressão quanto de crescimento, enquanto para os genitores continuou predominando a regressão. No que tange aos sentimentos maternos e paternos, percebeu-se culpa, preocupação e receio provocados pela regressão do primogênito, durante a gestação e aos vinte e quatro meses. Os genitores parecem ter acolhido mais facilmente a regressão durante a gestação. Ainda que tenham acolhido a regressão aos doze e aos vinte e quatro meses, também estimularam comportamento “de adulto” no primogênito. Aos vinte e quatro meses, predominaram estresse, cansaço, incômodo, impaciência frente à regressão, e orgulho, contentamento e surpresa diante do crescimento. Os resultados revelaram que a regressão foi um meio que o primogênito encontrou para enfrentar o contexto de chegada de um irmão, enquanto que o crescimento revelou a capacidade para novas conquistas ou ainda os custos de assumir novas responsabilidades e o papel de filho mais velho. Assim, tanto as manifestações regressivas quanto as de crescimento oportunizaram um ir e vir saudável e a possibilidade de amadurecimento ou de desenvolvimento rumo à independência. As implicações desses achados que envolvem o processo de tornar-se irmão são destacadas no âmbito da pesquisa e clínico.

**Palavra-chave:** Chegada de um irmão; Indicadores de regressão; Indicadores de crescimento; Primogênito

## ABSTRACT

The present study aimed to examine longitudinally, from pregnancy to the second child's second year, some indicators of regression and growth in the firstborn. A collective-case study was carried out, in which three firstborn and their parents took part. The data were collected in three different moments: third trimester of pregnancy, at the baby's twelfth and twenty-first month. The participants were selected from a larger longitudinal project. A projective test was used in order to access the children's point of view whilst the parents' point of view was examined through an individual semi-structured interview with each parent. Content analysis revealed a predominance of indicators of regression in the firstborn during pregnancy, both from the children's and the parents' point of view. When the firstborn was 24 months old, the projective test revealed indicators of both regression and growth, while from the parents' perspective, there was still predominance of regression. As far as maternal and paternal feelings are concerned, parents reported guilt, concern and fear, provoked by the firstborn's regression, during pregnancy and when the second child was 24 months old. The parents seem to have accepted these feelings more easily during pregnancy. Even though they seem to have accepted regression when the second child was 24 months old, they also stimulated "adult-like" behaviour in the firstborn. When the firstborn was twenty-four months, parents reported stress, tiredness, uneasiness, impatience in response to regression in the firstborn, and pride, happiness and surprise in response to growth. The results revealed that regression was used as a means to cope with the context of a sibling's arrival whereas growth revealed the firstborn's capacity for new achievements or the costs involved in assuming new responsibilities and the role of an older child. Therefore, both regressive and growth manifestations enabled a healthy to and fro and the possibility of maturation or development towards independence. The research and clinical implications of these findings that involve the process of becoming a sibling are highlighted.

**Keywords:** Sibling arrival, indicators of regression, indicators of growth, firstborn

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

### 1.1 Apresentação

A inclusão de membros no sistema familiar, especialmente por nascimento, é apontada como alguns dos eventos de transição no ciclo de vida da família que exigem mudanças no processo de desenvolvimento de cada indivíduo, nas interações e nos papéis e regras que governam as relações familiares (Carter & McGoldrick, 2001; Cervený & Berthoud, 1997; Dessen & Braz, 2000; Minuchin, 1985). Especialmente a chegada de uma segunda criança é considerada como um período de ajustamento e de adaptações, que pode ter implicações emocionais tanto para o primogênito quanto para seus genitores (Baydar, Hyle & Brooks-Gunn, 1997b; Dessen, 1997; Dessen & Mettel, 1984; Dunn & Kendrick, 1980; Gottlieb & Mendelson, 1990; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Stewart, Mobley, Tuyl & Salvador, 1987; Volling, 2005). Esse momento de transição acarreta consequências diretas para a interação pai-mãe-criança e, sobretudo, na rotina de cuidados que a mãe destina ao filho mais velho, bem como para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional infantil (Brazelton & Sparrow, 2003; Dessen, 1997; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Feiring & Lewis, 1978; Minuchin, 1985; Oliveira & Lopes, 2008).

Os estudos apontam uma variedade de reações e de mudanças de comportamento do primogênito no processo de tornar-se irmão, como aumento nos comportamentos de confrontação, demandas na hora da alimentação, do sono, maior solicitação por atenção, comportamentos regressivos e de dependência, crescimento e independência, entre outras (Baydar et al., 1997b; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Baillies, 1995; Stewart et al., 1987). Especialmente nesse contexto, as manifestações regressivas e de crescimento, foco do presente estudo, possibilitam um ir e vir saudável, oportunizando o amadurecimento (Dias, 2003; Lopes, Caron, Thormann & Ribas, 2009; Winnicott, 1960/1986). A capacidade de regredir quando necessário, ao mesmo tempo em que possibilita novas conquistas faz parte do processo de

---

<sup>1</sup> Parte do conteúdo deste capítulo foi submetido à Revista Psicologia em Estudo, com o título “Implicações emocionais da chegada de um irmão para o primogênito: uma revisão da literatura”.

amadurecimento. A regressão é inteiramente saudável, e precisa ser acolhida pelos genitores (Dias, 2003; Winnicott, 1965/1977b).

Considerando que o curso do desenvolvimento emocional infantil pode ser resultado de um conjunto de rearranjos das relações familiares, bem como das próprias características do desenvolvimento individual, é possível apontar que a chegada de uma nova criança tenha implicações emocionais para cada um de seus membros, especialmente para o primogênito (Dessen, 1994; Kreppner et al., 1982). Ainda que estudos tenham indicado alterações no ambiente familiar, nos comportamentos do primogênito e em sua interação com os pais, chamam atenção as poucas pesquisas atuais sobre o assunto (Volling, 2005). Poucos estudos tratam sobre as implicações emocionais para o filho mais velho, em termos de amadurecimento, nesse processo de tornar-se irmão. Acredita-se que considerar diferentes perspectivas, como o ponto de vista da criança, bem como o da mãe e do pai pode contribuir para um maior entendimento acerca do processo de amadurecimento do primogênito no tornar-se irmão (Stake, 1994). A investigação e o estudo das mudanças familiares nesse contexto e suas implicações para cada um dos membros são de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento humano. Identificar os pontos de transição familiar que podem acarretar alterações são tarefas básicas da psicologia do desenvolvimento, que por sua vez, necessita da contribuição de áreas afins (Schaffer, 1986).

Nesse sentido, o presente estudo examinou os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito ao longo do processo de tornar-se irmão. A fim de promover uma melhor compreensão sobre o fenômeno estudado serão apresentados, em um primeiro momento, achados de estudos nacionais e internacionais sobre o contexto de chegada de uma segunda criança na família. Em seguida, serão apresentadas as suas implicações para as relações familiares e para a parentalidade. Também serão abordadas as implicações desse contexto para a relação mãe-primogênito e a importância da rede de apoio. Serão ainda retomados estudos que investigaram as implicações da chegada do primeiro irmão para o primogênito e os fatores relacionados às suas reações. Por fim, serão abordados aspectos referentes à do primogênito no processo de tornar-se irmão.

## **1.2 O contexto de chegada de uma segunda criança na família: uma revisão da literatura**

Muitos estudos têm destacado a influência do primeiro filho na transição para a maternidade e para a vida do casal e da família como um todo. No que tange ao contexto de chegada de uma segunda criança, observa-se que, no campo científico, tal tema não tem sido amplamente explorado.

Em uma extensa pesquisa realizada nos bancos de dados (PsycInfo, Social Sciences Full Text, Bireme, LILACS, Scielo, Index Psi, Medline), a partir do termos *second born*, *second child*, *two children*, *second pregnancy*, *firstborn* foram encontrados poucos artigos recentes publicados que abordaram o nascimento de um segundo filho, o primogênito e as mudanças nas relações familiares (Dessen & Braz, 2000; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Kramer & Ramsburg, 2002, Oliveira & Lopes, 2008; Pereira & Piccinini, 2007; Volling, 2005).

Dos artigos empíricos encontrados, observou-se que somente na década de 1960, através dos estudos etológicos e da expansão da teoria familiar sistêmica, que as teorizações sobre família e desenvolvimento humano foram integradas (Kreppner, 2000). Nessa época, a família foi considerada como relevante contexto de desenvolvimento para a inicial socialização da criança. A partir de então, houve grande investimento de pesquisas a respeito das interações através de conceitos como o de apego, especialmente enfatizando a relação mãe-criança e o papel da mãe como cuidadora primária. Ainda que essa integração entre família e desenvolvimento humano tenha ocorrido, as pesquisas tenderam a desconsiderar o entorno em meio ao qual essa relação se estabelecia, como as demais relações familiares – relação conjugal, relação pai-criança, relação pai-mãe-criança, relação fraterna, entre outras (Belsky, 1981; Feiring & Lewis, 1978).

A partir de 1970, surgiram as primeiras teorizações a respeito das interações familiares e a influencia do ambiente familiar para o desenvolvimento infantil (Winnicott, 1979/1983). Foi nessa década que se deu o surgimento de pesquisas que examinaram especificamente sobre o assunto em questão (Jacobs & Moss, 1976; Legg, Sherick & Wadland, 1974; Taylor & Kogan, 1973). Duas delas investigaram a interação mãe-criança, sendo que uma examinou os efeitos do nascimento do irmão, a partir de uma situação de brincadeira em sala de espelho gravada em vídeo-tape (Taylor & Kogan, 1973), e a outra, a ordem de

nascimento e do sexo do irmão, através de observação naturalística (Jacobs & Moss, 1976). Apenas um estudo investigou as reações do primogênito em idade pré-escolar após o nascimento do irmão, a partir de entrevistas realizadas com os genitores (Legg et al., 1974).

Observou-se que, na década de 1980, foi dada ênfase para a interação mãe-primogênito avaliada, especialmente, através de observação na casa da família e entrevista estruturada com a mãe (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & Kendrick, 1981; Kendrick & Dunn, 1980; Walz & Rich, 1983). Poucos foram os estudos que enfatizaram os comportamentos do primogênito, os quais também foram analisados a partir de observações na casa da família, além de entrevista com a mãe (Dunn & Munn, 1985; Dunn, Kendrick & MacNamee, 1981; Stewart et al., 1987) e questionário com o pai (Field & Reite, 1984). Houve ainda os que examinaram a interação familiar (Kreppner et al., 1982) e a interação entre genitores-primogênito (Dessen & Mettel, 1984; Kreppner, 1988) realizados a partir de observação na casa da família e entrevistas estruturadas com os genitores. Destaca-se que somente quatro desses estudos incluíram a figura paterna em sua amostra de pesquisa, enquanto que apenas um investigou a relação de apego entre irmãos, através da situação estranha (Stewart et al., 1987).

A maior parte dos estudos encontrados foi publicada na década de 1990. Embora ainda se perceba uma predominância deles centrados na figura materna e na sua relação com o primogênito, é possível observar uma diversidade de temáticas estudadas e a inclusão de escalas como instrumento de avaliação de medidas. Houve estudos que se centraram no comportamento do primogênito (Gottlieb & Baillies, 1995), bem como os que examinaram o uso da fantasia deste na interação com um melhor amigo, tanto através de observação naturalística quanto de entrevistas respondidas pela mãe (Kramer, 1996; Kramer & Gottman, 1992; Kramer & Schafer-Hernan, 1994). Outras pesquisas, que utilizaram observação e entrevistas com a mãe, centraram-se na interação mãe-primogênito e rede de apoio (Jennings, Stagg & Connors, 1991), interação mãe-primogênito e apego (Teti et al., 1996), e comportamento do primogênito (Dessen, 1997), além de efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo e sócio-emocional da criança (Baydar, Greek & Brooks-Gunn, 1997a; Baydar et al., 1997b). Um estudo dedicou-se à influência do apoio parental sobre o ajustamento do primogênito, utilizando observação e instrumentos quantitativos para avaliar a resposta dos genitores (Gottlieb & Mendelson, 1990). Outro estudo investigou as expectativas

e percepções parentais sobre o comportamento do primogênito, também através de instrumentos quantitativos e entrevistas (Gullicks & Crase, 1993). Houve ainda o que investigou as estratégias de comportamento materno com o primogênito, através de observações (Kojima, 1999), e o que examinou o apego do primogênito e do segundo filho em relação aos seus genitores (Rosen & Burke, 1999).

Na década de 2000, foram encontrados apenas três estudos empíricos a respeito deste tema e percebeu-se uma retomada da ênfase dada à interação mãe-primogênito, a partir da perspectiva materna (Kojima, Irisawa & Wakita, 2005). Um estudo examinou as transformações da família, em decorrência do nascimento de filhos, tanto a partir da perspectiva materna quanto paterna (Dessen & Braz, 2000). E, por fim, uma pesquisa comparou, através de um instrumento quantitativo respondido pelo primogênito, o nascimento do segundo filho ao divórcio, e o impacto sobre a estimulação cognitiva e o apoio emocional fornecidos a ele (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004).

Chama atenção que somente dois estudos investigaram a perspectiva do primogênito, um através de um inventário de respostas (Baydar et al., 1997b) e o outro de um instrumento quantitativo (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). Este dado evidencia a relevância de novos estudos que contemplem a perspectiva do primogênito, não somente através da técnica de observação, mas de instrumentos que revelem o seu ponto de vista de modo projetivo. Nota-se também que, de modo geral, os resultados dessas pesquisas basearam-se predominantemente em dados obtidos através de observação naturalística. O uso de entrevistas e, ainda em menor expressão, de instrumentos quantitativos foram menos utilizados em termos de metodologia pelos estudos encontrados.

Outros estudos recentes sobre família também foram encontrados. Porém, abordaram a relação entre os irmãos após o nascimento do segundo filho, não contemplando as implicações emocionais para o primogênito, especialmente sobre a regressão e o crescimento, foco da presente pesquisa (Pike, Coldwell & Dunn, 2005; Dunn, 2005; Kramer & Bank, 2005).

No Brasil, somente alguns pesquisadores se dedicaram ao estudo de famílias no contexto de nascimento do segundo filho (Dessen, 1994; Dessen, 1997; Dessen & Mettel, 1984). Recentemente este tema vem sendo retomado por pesquisadores brasileiros, no sentido de dar continuidade aos estudos sobre essa temática (Pereira & Piccinini, 2007; Oliveira & Lopes, 2008).

### **1.3 Implicações da chegada de um segundo filho para as relações familiares**

O impacto do nascimento de um segundo filho parece recair sobre a família como um todo, trazendo implicações importantes para as diferentes interações, especialmente para as relações genitores-primogênito. Isso se deve ao fato de a inserção de um segundo filho modificar a distribuição material, financeira e de espaço físico, bem como a disponibilidade de tempo para as trocas afetivas e interações familiares (Dunn & Kendrick, 1980; Kreppner et al., 1982).

A família constitui-se em um centro formador da sociedade, bem como do desenvolvimento individual e da maturidade emocional de cada indivíduo (Winnicott, 1965/2001). Família pode ser entendida como um conjunto de relações caracterizadas por influência recíproca, direta, intensa e duradoura entre seus membros (De Antoni, 2005). É o principal agente de socialização da criança, que influencia na aquisição de suas habilidades, comportamentos e valores apropriados para cada cultura, constituindo-se em uma dimensão essencial na vida dos indivíduos. A família caracteriza-se como parte essencial na construção da saúde emocional de seus membros, tendo como função básica a proteção e o bem-estar destes (Minuchin, 1985; Osório, 1992).

A instituição família vem sofrendo modificações através da história e pode variar de uma cultura para outra. As transformações paradigmáticas, ocorridas principalmente a partir de meados do século XX, no que diz respeito à configuração e ao funcionamento familiar, provocaram alterações na estrutura e na dinâmica de suas relações, contribuindo para a concepção contemporânea de família (Oliveira, Siqueira, Dell’Aglia & Lopes, 2008). Essas modificações têm acarretado mudanças nos padrões de funcionamento entre os seus membros, levando a um processo de assimilação e de construção de novos modos de se relacionar (Wagner, Ribeiro, Arteché, & Bornholdt, 1999). A redefinição de papéis e a valorização dos laços de afeto e de amor fazem parte da família da atualidade (Fonseca, 2002; Perrot, 1993; Rizzini, 2002).

Apesar de suas mudanças, a família apresenta capacidade de sobrevivência e de adaptação, originando diferentes formas de composições e de padrões relacionais (Wagner, 2002). No cotidiano, é possível encontrar famílias organizadas em que a mãe, além do cuidado dos filhos e do lar, também ocupa papel profissional. Da mesma forma, o pai que passa a ter maior participação nos

cuidados e educação dos filhos, não ocupando só o papel de patriarca e mantenedor do sustento econômico e financeiro. A organização familiar, decorrente do estilo de vida moderno, tem acarretado implicações importantes para as crianças dentro do ambiente familiar. Para Stratton (2003), os genitores, diante das demandas da vida moderna, acabam exigindo maior independência e crescimento de seus filhos em atividades da vida diária, como esquentar sua própria comida no fogão ou microondas, preparar o seu café da manhã, dentre outras competências, a fim de lidar com as demandas do dia-a-dia. O desenvolvimento emocional de cada membro se movimenta concomitantemente através das mudanças que ocorrem no ambiente familiar como um todo, além de depender da tendência inata do indivíduo (Carter & McGoldrick, 2001; Dessen & Braz, 2005; Dias, 2003).

Certamente, essas mudanças no contexto familiar, social, econômico, político e cultural possuem impacto importante na organização familiar. Dentre essas, encontra-se a inserção de novos membros, a qual se constitui como um grande desafio para famílias com filhos pequenos (Carter & McGoldrick, 2001). É durante esses momentos de mudança que necessidades e demandas surgem, integradas ao conjunto de regras e padrões de interação da família (Kreppner, 2000; Minuchin, 1985). Através da investigação dos efeitos de um evento estressante normativo, como o nascimento de uma segunda criança, e um estressante não normativo, como o divórcio parental, Kowaleski-Jones e Dunifon (2004) puderam compreender os fatores potenciais de risco de momentos de crise para o desenvolvimento da criança. De modo geral, o nascimento de uma segunda criança em decorrência das mudanças na família provocou alterações substanciais na interação pais-primogênito quando comparado ao divórcio. Os pesquisadores apontaram que em famílias de dois filhos houve maior tensão e cansaço dos genitores, bem como diminuição do nível de apoio fornecido ao primogênito, do que em famílias em situação de divórcio.

As transformações ocorridas nessa fase se caracterizam por uma perda de um equilíbrio já estabelecido e o restabelecimento de um novo, caracterizando-se em períodos de transição no desenvolvimento do ciclo de vida familiar ou ainda em crises normativas (Minuchin, 1985). Nesses períodos de transição, o estresse familiar e os sintomas tendem a aparecer até que seus membros se reorganizem (Carter & McGoldrick, 2001). Embora toda a mudança normativa seja estressante até certo ponto, de acordo com as autoras, quanto maior a ansiedade gerada na

família mais difícil será o período. Assim, no presente estudo, não se pretende teorizar sobre os padrões de relações familiares, mas apenas o de compreender as implicações emocionais que a chegada de um irmão acarreta para a família como um todo, especialmente para o primogênito.

#### **1.4 Implicações da chegada de um segundo filho para a parentalidade**

Parece existir uma idéia de que ser pai e mãe de um segundo filho é “mais fácil” do que ser do primeiro, em função de já ter experiência com os cuidados de um bebê (Pereira & Piccinini, 2007; Perez, 2002). No entanto, cabe destacar que há uma tendência na literatura científica a olhar para o fenômeno de modo unilateral, através da perspectiva de um único genitor, especialmente a partir do ponto de vista materno. Pode-se pensar que tal concepção não considera o impacto expressivo da chegada de uma nova criança para a família como um todo.

A chegada de um segundo filho desencadeia um processo de busca de equilíbrio por todo o sistema familiar, que já se inicia durante o período gestacional (Oliveira, 2006; Pereira, 2006). Por se tratar de um evento complexo, que exige adaptações de todos os membros e de uma constelação de mudanças nas diferentes interações (Dessen, 1997; Feiring & Lewis, 1978; Walz & Rich, 1983), merece particular atenção no campo científico (Kreppner, 1988).

Tornar-se pai e mãe de dois filhos é qualitativamente diferente do período de transição de tornar-se pai e mãe no contexto de nascimento do primeiro filho (Dessen, 1997; Gottlieb & Baillies, 1995; Kojima et al., 2005; Kreppner, 1988). O sistema familiar passa a sofrer constantes modificações do ponto de vista estrutural, uma vez que deixa de ser triádico – pai, mãe e criança – e passa a ser poliádico – pai, mãe, primogênito e segundo filho (Dessen, 1997; Feiring & Lewis, 1978; Kreppner et al., 1982; Walz & Rich, 1983). A constelação de possíveis relações diádicas passa de três (marido-mulher, pai-filho, mãe-filho) para seis (marido-mulher, pai-filho mais velho, mãe-filho mais velho, pai-bebê, mãe-bebê, primogênito-irmão), aumentando o número possível de relações diádicas e de subsistemas maiores na família, como um grupo de pais adultos cuidadores e um grupo de filhos pequenos (Adams, 1985; Dessen, 1997; Dunn & Kendrick, 1980; Kreppner, 1988; Kreppner et al., 1982; Walz & Rich, 1983). Esta expansão permite ampliação nos antigos padrões de interação e busca por equilíbrio nas relações, desencadeando mudanças em todo o sistema de comunicação intrafamiliar (Dessen, 1994; Kreppner et al., 1982).

As relações diádicas não implicam em oportunidades semelhantes de interação fornecidas pelos genitores aos filhos, uma vez que cada relação não é idêntica, dado que a criança traz consigo traços físicos e psicológicos próprios (Dessen, 1997; Walz & Rich, 1983). Ao examinarem a relação de apego através da análise da situação estranha, Rosen e Burke (1999) indicaram que, embora houvesse concordância entre apego dos filhos aos genitores, não houve necessariamente o desenvolvimento do mesmo padrão das duas crianças em relação aos genitores. Os dados revelaram que as relações de apego podem ser influenciadas pelas características parentais e infantis, bem como podem se diferenciar conforme o período do desenvolvimento da criança. Especialmente em idade pré-escolar, em que há mudanças em termos de maior autonomia e de habilidades sociais, cognitivas e de linguagem, os pais tendem a reorganizar suas relações com o filho, modificando seus modos de cuidado. Cabe ressaltar que das 41 famílias examinadas, apenas 29 eram compostas por primogênito, entre quatro e cinco anos, e segundo filho, entre 18 e 24 meses, as demais eram segundo e terceiro filho.

Os ajustes familiares decorrentes do nascimento do segundo filho podem ocorrer de maneira distinta, antes, durante e depois da chegada deste. Caracterizam-se como temporários, e podem se estender por até dois anos subsequentes (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Kreppner et al., 1982; Stewart et al., 1987). Em um estudo realizado com 16 famílias alemãs, acompanhadas desde o nascimento do segundo filho até o segundo ano de vida deste, Kreppner e colegas (1982) estimaram que dois anos seria o tempo suficiente para a família se reorganizar às novas identificações e papéis. Durante esse período, há organização na nova estrutura física e de atribuições de tarefas de todos os membros. A partir de uma perspectiva sistêmica do desenvolvimento humano, através de entrevistas com os genitores e de observações filmadas na casa dos participantes, foi observado que, com o passar dos meses, a maioria dos primogênitos apresentou gradual retorno aos padrões anteriores de funcionamento.

O tempo necessário para a reestruturação familiar parece estar também intimamente relacionado aos diferentes estágios do desenvolvimento do segundo filho (Dessen, 1997; Kreppner et al., 1982). Para Kreppner e colegas, o processo de adaptação da família consiste em três fases. Na primeira, do nascimento até os oito meses do bebê, a família busca integrar o novo membro, passando de um sistema triádico (pai, mãe e criança) para poliádico (pai, mãe, criança e bebê),

tendo o cuidado de não negligenciar o filho mais velho. O envolvimento parental passa a ser com duas crianças que estão em momentos diferentes do desenvolvimento e com necessidades diversas. Parece existir uma distribuição da atenção parental, onde o pai possui maior envolvimento no cuidado com o primogênito, permitindo que a mãe atenda às necessidades primárias do bebê. Ambos os genitores podem vivenciar esse momento com grande estresse, tendo que encontrar um equilíbrio entre parentalidade e conjugalidade.

Na segunda fase, dos nove aos 16 meses, os genitores preocupam-se com a transmissão de regras sociais e com a integração entre os irmãos. Isso porque a maior habilidade motora, cognitiva e de linguagem do bebê proporciona maior autonomia para realizar atividades independentes e fisicamente separadas, bem como favorece a interação com todos os membros da família, especialmente com o irmão mais velho, podendo se caracterizar como fonte de estresse para os pais. E, por fim, entre os 17 e 24 meses, os pais precisam se dar conta da existência de dois subsistemas separados, o subsistema parental e o subsistema filial. Além disso, eles aprendem a diferenciar as duas crianças, através das características da personalidade e aspectos de seu desenvolvimento maturacional, mais do que o fato de ter uma criança mais velha e um bebê. Assim, nesse momento, o desenvolvimento do segundo filho torna-se cada vez mais rápido, decorrente de outras fases de seu desenvolvimento, tendo implicações importantes para toda a família.

Nesse mesmo sentido, em contexto brasileiro, Dessen (1997) descreveu as mudanças ocorridas na família, sobretudo no comportamento do primogênito e nas interações com os genitores e com o irmão, em quatro momentos – três meses antes do nascimento do bebê, no primeiro, terceiro e sexto mês após seu nascimento. Através de entrevistas e observação, investigando cinco famílias, longitudinalmente, após o nascimento do bebê, com primogênito entre um ano e três meses, e seis anos e onze meses, os dados também mostraram que as mudanças no sistema familiar diferiram após o nascimento. No primeiro mês, houve uma redução do tempo da família em atividades de lazer, ampliação da rede de apoio por parte de parentes, emissão de comportamentos contraditórios e perda de apetite do primogênito. No terceiro mês após o bebê ter nascido, observaram-se alterações mais intensas por parte do primogênito, havendo aumento de emissão de comportamentos “positivos” em relação ao irmão, mas, por outro lado, maior exigência de atenção materna. Já no sexto mês, as mudanças estiveram

relacionadas à participação e ao envolvimento do bebê nas atividades familiares, e também a uma diminuição de comportamentos afetivos do primogênito, o que por sua vez propiciou um aumento da supervisão materna.

Assim, os dados de pesquisa apontam que o nascimento de uma segunda criança acarreta mudanças na rotina da família, na rede de apoio, na divisão de trabalho entre os genitores, nas atividades desenvolvidas por eles e na dinâmica das interações, além de oportunizar incremento na socialização do primogênito. Como se pode ver, estas mudanças podem ser visualizadas em diferentes momentos no sistema familiar. Assim, a reorganização do relacionamento conjugal e dos papéis e tarefas desempenhadas pela família tornam-se importantes na interação e no cuidado de um filho. No que tange ao processo de adaptação à chegada de uma nova criança, esta reorganização se torna ainda mais necessária, uma vez que se caracteriza como possível geradora de conflito entre casais com filhos pequenos, especialmente, para a relação mãe e primogênito, constituindo em desafios à parentalidade de dois filhos (Carter & McGoldrick, 2001; Dessen, 1997; Fering & Lewis, 1978; Tilmans-Ostyn & Meynckens-Fourez, 2000; Lopes et al., No prelo).

### **1.5 Implicações da chegada de um irmão para a relação mãe-primogênito**

Dentre as diferentes relações familiares, a relação mãe-criança é apontada por grande parte dos estudos encontrados como sendo a mais afetada. Tal fato pode ser compreendido tanto em função de que poucos estudos privilegiaram a inclusão paterna na amostra estudada (Dessen & Mettel, 1984; Gullicks & Crase, 1993; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004), quanto por ser a chegada de um segundo filho um período marcado por uma ruptura na relação e redefinições de papéis, conforme apontaram as pesquisas (Dunn & Kendrick, 1980; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Teti et al., 1996). Nesse momento, a mãe tende a estar mais sensível às necessidades primárias do bebê e dirige seu interesse para os cuidados deste, não estando mais tão disponível para o primogênito quanto antes (Brazelton & Sparrow, 2003; Gullicks & Crase, 1993; Stewart et al., 1987), além de redistribuir seu tempo e energia entre ser mãe de um filho mais velho, esposa, profissional e ter suas próprias necessidades (Walz & Rich, 1983).

Estudos apontam, já durante o período gestacional, um aumento de práticas disciplinares de controle, diminuição da interação positiva e da atenção materna, redução do tempo que ocupa em brincadeiras com o filho, e diminuição

significativa do apego seguro de primogênitos com relação à mãe (Baydar et al., 1997a; Dunn & Kendrick, 1980; Feiring & Lewis, 1978; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Stewart et al., 1987; Teti et al., 1996). Um estudo pioneiro, da década de 1970, investigou o comportamento materno, verbal e não-verbal, durante a interação com o primogênito, no contexto de chegada de uma segunda criança (Taylor & Kogan, 1973). Através de observações gravadas da interação de oito crianças, entre dois e três anos de idade, e suas mães de classe trabalhadora, os dados revelaram uma considerável diminuição da expressão de carinho tanto da mãe quanto do primogênito após o nascimento do bebê.

Contudo, parece não existir diminuição da atenção materna somente com o primogênito, mas também com o bebê. Em um estudo de 32 mães e seus filhos, primogênito e segundo filho, Jacobs e Moss (1976) revelaram que a atenção materna esteve intimamente relacionada à ordem de nascimento e à composição de gênero de seus filhos. A mãe despendeu menor tempo em atividades sociais, afetivas e de cuidado tanto com o primogênito como também com o bebê. No entanto, os dados indicaram que a interação da mãe com o segundo filho foi ainda menor do que a com seu filho mais velho. Este decréscimo no tratamento materno esteve relacionado ao sexo do bebê. De modo geral, a atenção da mãe diminuiu quando o segundo filho era do sexo feminino, tanto com uma irmã do mesmo sexo mais velha quanto com irmão do sexo oposto mais velho. Ainda que meninos com irmão mais velho tenham recebido menos contato materno que seus irmãos primogênitos, o decréscimo foi notavelmente menor em comparação com o envolvimento do subgrupo de segundo filho meninas. Observou-se ainda que não ocorreu decréscimo na atenção materna para meninos com irmãs primogênicas. Para os autores, os dados revelaram que a diminuição da atenção materna pode estar relacionada ou à experiência da mãe em ter uma segunda criança, tendo menos tempo para despender com ambos os filhos, ou ao fato de não ser mais novidade cuidar de um bebê, ou à grande demanda por atenção do primogênito.

No entanto, foi na década de 1980, através de estudos realizados por Dunn e colegas, que houve destaque nas pesquisas sobre as mudanças da interação mãe-primogênito no contexto de nascimento de uma segunda criança (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn et al., 1981; Kendrick & Dunn, 1980). Estes pesquisadores investigaram 40 famílias inglesas antes e após o nascimento do segundo filho, através de entrevistas e observação, e indicaram mudanças significativas nos padrões de interação mãe-primogênito, sobretudo após o nascimento, e nos

comportamentos do primogênito, qualificando-as como “positivas” e “negativas”. De modo geral, houve aumento de confrontação, diminuição do interesse e da sensibilidade materna com o primogênito, especialmente em momentos de conversação e de brincadeira, bem como acréscimo de proibições e restrições. No estudo de Dunn e Kendrick (1980), em que essas mesmas famílias foram avaliadas em três momentos, antes e após o nascimento do bebê, aos oito e 14 meses deste, houve uma diminuição da atenção materna em diferentes medidas, tais como: tempo despendido para brincadeira conjunta com o primogênito, para ajudá-lo em tarefas do cotidiano, no contato afetivo, na disponibilidade materna, no mostrar ou apontar objetos e no fazer sugestões. Houve ainda uma diminuição da iniciação de interação positiva mãe-criança, como disponibilidade materna, e um incremento no uso de proibições verbais maternas com o primogênito, refletindo interação verbal negativa, como diminuição da atenção. De acordo com as autoras, a diminuição da atenção materna foi evidente particularmente em situações muito tênues que envolviam sensibilidade materna aos interesses do primogênito.

Nesse mesmo sentido, Kendrick e Dunn (1980) investigaram especificamente os efeitos diretos da atenção materna direcionada ao bebê, em momentos de alimentação e cuidado, sobre a interação mãe-primogênito, comparando-a com situações em que não havia envolvimento materno com o bebê. Os resultados indicaram mudanças negativas na interação mãe-primogênito quando a mãe estava envolvida e ocupada com o bebê. Embora os dados tenham apontado maior envolvimento e interação positiva materna com o primogênito durante os momentos de alimentação e de cuidado e atenção fornecida ao bebê, houve também mais interação negativa mãe-primogênito, como proibições e confrontações, nesses momentos de atenção fornecida ao bebê. A esse respeito, as autoras referem que as mães estariam mais impacientes e restritivas durante esses períodos, uma vez que estariam envolvidas com a maternidade de um novo bebê.

Da mesma forma, em contexto brasileiro, Dessen e Mettel (1984) verificaram que a mãe emitia, em geral, mais proibições em relação ao primogênito após o nascimento do bebê. Ao investigarem os padrões de interação e de comportamentos do primogênito imediatamente antes e após o nascimento do irmão, as autoras apontaram que este comportamento materno poderia estar indicando um receio de que o primogênito machucasse o bebê, conforme relatado pela mãe na entrevista.

Uma pesquisa mais recente também investigou o comportamento verbal e não-verbal e as estratégias comportamentais maternas de interação com duas crianças, durante o primeiro ano após o nascimento do segundo filho (Kojima, 1999). Através de observações de quatro famílias japonesas, foi possível encontrar, longitudinalmente, que as interações maternas verbais com o primogênito foram freqüentemente acompanhadas por comportamentos não-verbais com o segundo filho. Estes comportamentos verbais com o filho mais velho foram diminuindo na segunda metade do primeiro ano do segundo filho. Para a autora, a estratégia de uso desses comportamentos com os dois filhos no decorrer do primeiro ano do segundo filho foi uma habilidade materna para manter a relação com ambas as crianças, especialmente poucos meses depois do nascimento do segundo filho.

Um outro estudo realizado com 47 famílias japonesas, em três momentos (um, três e seis meses após o nascimento do segundo filho), através de um relato materno retrospectivo, também verificou maior nível de conflito e estresse vivenciado entre mãe e primogênito (Kojima et al., 2005). Embora não tenha sido observada mudança no padrão de interação no primeiro mês após o nascimento do bebê, as mães relataram mudanças consideráveis na relação com o filho mais velho aos três e seis meses deste, tais como relação conflitiva em função de comportamentos desobedientes e aborrecedores do primogênito. Especialmente aos seis meses, os primogênitos apresentaram maior demanda persistente por contato físico materno e as mães repreenderam mais seus filhos, caracterizando esse momento como o de maior nível de conflito e estresse vivenciado pela díade. Estes dados corroboram pesquisas anteriores, as quais indicaram que nos primeiros meses após o nascimento do irmão os primogênitos mostraram-se mais complacentes com a atenção destinada ao bebê (Dessen, 1997; Kreppner, 1988). Contudo, à medida que o irmão passou a interagir mais e a mostrar sinais de maior habilidade motora, de linguagem, entre outras, a compreensão foi alterada para comportamentos confrontativos e desafiadores.

Estas mudanças na interação e nos padrões de comunicação entre mãe e primogênito, bem como na percepção que a mãe tem sobre este, tornam-se visíveis e ricas, sobretudo quando a relação fraterna passa a ser mais significativa com o desenvolvimento e o crescimento do bebê. Tal fato ocorre, especialmente, nos primeiros dois anos deste, quando há aumento de sua participação nas interações familiares (Dessen, 1997; Kreppner, 1988). O processo de novas

aquisições e maiores habilidades cognitivas, sociais, físicas e emocionais, que se destaca no curso de desenvolvimento do segundo filho, demanda mais atenção e disponibilidade materna, e maior capacidade para interferir em suas brincadeiras (Kreppner, 2000; Legg et al., 1974; Lopes et al., 2009). Tal aspecto tende a fazer com que a mãe responda ao primogênito de modo fatigado e cansado, com raiva e irritação, bem como com maior sono, em função do estresse das novas condições e organizações familiares derivadas de múltiplas demandas da maternidade de dois filhos e dos cuidados de um novo bebê (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn et al., 1981; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Gottlieb & Mendelson, 1995; Taylor & Kogan, 1973).

Tornar-se pai e mãe de dois filhos desencadeia diferentes sentimentos. Contudo, observou-se que a literatura, de modo geral, centrou-se nos sentimentos maternos, não tendo sido investigados os paternos. Dentre os sentimentos maternos investigados, foram indicados os de perda da relação especial mãe e filho único, busca de aceitação do bebê pelo primogênito, preocupação com a sua inserção no ambiente familiar, bem como ambivalência em dar conta de amá-lo da mesma forma que o mais velho (Jenkins, 1976; Oliveira, 2006; Pereira, 2006; Richardson, 1983; Walz & Rich, 1983). De acordo com Bourguignon e colegas (1980), as percepções que cada um dos membros familiares possui sobre esse período de redefinições de papéis já se alteram durante a gestação. Especialmente no que tange à mãe, os sentimentos de preocupação e angústia se sobressaem.

Uma das grandes preocupações maternas é a aceitabilidade do irmão pelo primogênito (Walz & Rich, 1983). Através de um estudo de 14 mães, após o nascimento de seu segundo filho, por meio de entrevistas e observações durante o período de hospitalização, foi investigado o comportamento verbal – expressão facial, aparência geral, postura corporal e emoção – e não verbal materno – palavras, tom de voz e afeto (Walz & Rich, 1983). Os dados revelaram que dos comportamentos maternos, o mais freqüente foi a promoção da aceitabilidade do irmão pelo primogênito. As mães despendiam maior tempo e energia para favorecer o processo de aceitação do novo bebê, através da inclusão do primogênito nos cuidados deste. Para esses autores, o primogênito ocupa uma posição significativa na vida dessa mãe, e a chegada de um segundo filho indica que essa relação diádica especial e muito próxima passa a ser alterada, gerando um forte sentimento materno de insatisfação.

De acordo com Walz e Rich, parece haver uma tentativa de resgate dessa

relação próxima, através de expressões de amor, afeição e de comportamentos protetores. Este resgate passa a ser uma das grandes preocupações das mães, visto que percebem que sua relação com o primogênito encontra-se em risco e que este demanda maior atenção. Para os autores, as tentativas e comportamentos maternos de resgatar essa relação diádica próxima e a confiança em dar conta do cuidado de duas crianças favorecem tanto a transição do próprio papel materno de ser mãe de dois filhos quanto o de filho mais velho.

Quando a relação mãe-criança é comparada à de famílias que não esperam o nascimento de um novo bebê, os resultados indicam tanto restrições quanto aspectos favoráveis à relação (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b). Diferentemente dos estudos acima que apontaram somente as restrições, as pesquisas que envolveram grupo de comparação indicaram que a chegada de um novo bebê também favoreceu o desenvolvimento do primogênito. Embora os dados tenham igualmente revelado declínio substancial nas interações imediatamente após o nascimento do bebê, foi observado que o primogênito teve mais oportunidade para o desenvolvimento de suas habilidades e menos consultas pediátricas em Serviços de Saúde por beneficiarem-se do cuidado materno. Isso se deve ao fato de a mãe estar mais em casa antes do nascimento, em função da chegada de um bebê, quando comparado aos filhos únicos, cujas mães tenderam a aumentar as suas horas de trabalho, em função do crescimento e do desenvolvimento deste.

Nesse mesmo sentido, Kowaleski-Jones e Donifon (2004) também indicaram uma maior disponibilidade materna e um aumento de atividades cognitivamente mais ricas fornecidas ao primogênito, favorecendo suas experiências de aprendizagem, no momento precedente à chegada do novo bebê. Simultaneamente ao nascimento, os níveis de apoio emocional diminuíram, assim como os pais mostraram-se mais tensos e cansados. É possível que a disponibilidade materna para o primogênito, naquele momento, estivesse associada à condição psicológica natural de “preocupação materna primária” (Winnicott, 1979/1983). Para Winnicott, já nos últimos meses antes do parto e nos primeiros após o nascimento, a mãe encontra-se em um estado de total dedicação e envolvimento com o filho, de sensibilidade aumentada. Nesse sentido, é possível pensar que a mãe, ao preparar-se para a chegada de um novo bebê, regredindo parcialmente a uma condição psicológica de sensibilidade aumentada, também

estivesse se identificando com as demandas por atenção do primogênito, colocando-se mais disponível a ele.

Essa adaptação da mãe às necessidades da criança, segundo a teoria Winnicottiana, não teria relação alguma com inteligência, ou conhecimentos adquiridos, mas com a própria condição peculiar de cuidar de um bebê (Dias, 2003). Da mesma forma que a “mãe suficientemente boa” se adapta às necessidades do filho, também gradualmente permite seu afastamento e desadaptação, sendo essa passagem de “dependência absoluta” para “rumo à independência” essencial para o processo de amadurecimento infantil. Tal condição, de acordo com o autor, seria proveniente da sua própria experiência de já ter sido um bebê e de ter sido cuidada, além das experiências pessoais. Contudo, algumas mães parecem resistir a essa possibilidade de regredir emocionalmente. Para Dias, essas mães permanecem com suas ocupações e possuem dificuldades de identificar-se com as necessidades do filho, tendendo a cuidá-los de modo intelectual ou maquinalmente, e não emocionalmente.

De modo geral, parece que os estudos destacam que a chegada de uma nova criança afetaria “negativamente” a relação da mãe com o primogênito. Ainda que apontem que esse período constitui momento de transição, exigindo reorganização do relacionamento conjugal e papéis e tarefas desempenhados pela família, parecem enfatizar as restrições da mãe no cuidado com o primogênito. De fato, há alterações importantes nessa relação. No entanto, os estudos as qualificam como “negativas”, não trazendo uma compreensão sobre o porquê dessas alterações em termos de um processo evolutivo tanto das mães quanto do primogênito. As mudanças evolutivas não constituem tarefa fácil para a mãe e tampouco para o pai, que se tornam pais de dois filhos e que precisam dar conta das múltiplas demandas, bem como necessitam administrar suas percepções e sentimentos sobre o primogênito e o novo bebê. Ao mesmo tempo em que os genitores precisam lidar com o primogênito em idade pré-escolar e que possivelmente encontra-se na fase de desenvolvimento rumo à independência, também precisam lidar com a parentalidade do bebê, o qual depende absolutamente da mãe, em um primeiro momento.

### **1.6 A importância da rede de apoio na chegada de uma segunda criança**

Para que a mãe desempenhe seu papel de forma mais satisfatória possível, apresentando-se emocionalmente disponível ao primogênito e atendendo às

necessidades básicas do bebê (Mahler, 1979/1982; Mahler, Pine & Bergman, 1975/2002; Winnicott, 1965/1974; 1965/2001), ela depende da rede social e do apoio obtido através de diversas fontes. Nesse momento, o apoio do marido/companheiro, ou pai da criança, de sua própria mãe, da família e de amigos (Brazelton & Sparrow, 2003; Dessen, 1997; Dessen & Braz, 2000; Feiring & Lewis, 1978; Levitt, Weber & Clark, 1986; Richardson, 1981), bem como a condição socioeconômica e recursos materiais (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b) constituem fontes importantes que exercem impacto nas diferentes relações familiares.

A existência de uma rede de apoio instrumental e emocional, e a satisfação materna em relação a esse apoio também estão relacionadas aos comportamentos maternos, pois favorecem a diminuição de reações intrusivas e de controle da mãe com a criança, bem como a adaptação da família frente a mudanças (Dessen, 1997; Jennings et al., 1991; Kreppner, 1988; Stewart et al., 1987). Em um estudo longitudinal que investigou 44 crianças em idade pré-escolar e suas mães, através de observações e de entrevistas, Jennings e colegas verificaram que a satisfação materna em relação a sua rede de apoio pode afetar a relação mãe-criança. A satisfação materna foi indicada através de sentimentos “positivos” em relação à rede de pessoas importantes em sua vida, como marido ou companheiro, própria mãe ou sogra, e ao conjunto de pessoas que a mãe considera importante para exercer seu papel materno, como babás e outros. Os resultados revelaram que a satisfação materna frente a sua rede de apoio esteve diretamente relacionada às habilidades emocionais e ao comportamento materno de cuidado com o filho, proporcionando momentos de carinho, de elogios, de menor emissão de comandos de controle e de estilos intrusivos. A esse respeito, os autores referem que o senso de bem-estar materno facilita a autonomia da criança, permitindo-a encontrar ela própria o controle de suas atividades. Assim, a satisfação materna pode facilitar o processo de separação-individuação da criança, tornando-a mais hábil e encorajando-a na sua trajetória rumo à independência.

A rede de apoio, composta por familiares, sogra, amigos, sem dúvida exerce impacto relevante sobre a relação mãe-primogênito, e, sobretudo, para o primogênito. No entanto, parece haver consenso na literatura de que a figura paterna e a relação conjugal constituem fontes principais de apoio à mãe e ao primogênito nesse momento (Belsky, 1981; Brazelton & Sparrow, 2003; Dessen, 1997; Dessen & Braz, 2000; Feiring & Lewis, 1978; Levitt et al., 1986;

Richardson, 1981). Levitt e colegas (1986), através de um estudo comparativo entre o apoio proveniente do marido e o de outras relações íntimas e de amizade, verificaram que, para a maioria das mães, o apoio é fornecido primeiro pelo marido, seguido por sua própria mãe, e em último, por outras figuras importantes. A avó materna também ocupa papel essencial nesse momento, visto que auxilia nos cuidados dos dois filhos e favorece melhor saúde física e emocional à mãe, que também se encontra em uma condição psicológica mais regressiva (Dias, 2003; Dessen, 1997; Piccinini, Pereira, Marin, Lopes & Tudge, 2007).

No entanto, foi somente na década de 1980 que houve a inclusão do subsistema pai-criança em pesquisas, expandindo os estudos para além da díade mãe-criança. Embora tenha havido interesse pela inclusão da figura paterna, percebe-se uma tendência de grande parte das pesquisas considerarem os subsistemas pai-criança, mãe-criança em separado, não enfatizando possíveis interligações emocionais. Além disso, centram-se no pai como uma figura de apoio, não considerando a especificidade de tornar-se pai. O período de expansão da família decorrente de nascimento de um segundo filho é considerado uma fase específica do desenvolvimento da família, na qual há mudanças em todos os subsistemas, afetando cada um dos membros e, sobretudo as diferentes relações. Tanto pai quanto mãe contribuem para o desenvolvimento emocional infantil e são afetivamente importantes.

### **1.7 Implicações da chegada de um irmão para o primogênito**

As mudanças decorrentes de estágios do desenvolvimento da família influenciam o desenvolvimento emocional infantil, uma vez que as práticas de cuidado parentais possuem efeitos importantes sobre o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Taylor & Kogan, 1973). Por outro lado, o desenvolvimento infantil também intervém nas interações familiares, desencadeando mudanças tanto no curso de desenvolvimento das relações familiares quanto no próprio curso de desenvolvimento do adulto (Dessen, 1997; Kreppner et al., 1982). O ajustamento em situações de mudança depende tanto da habilidade parental para prover a continuidade de cuidado e atenção à criança, quanto da integração emocional e da percepção desta sobre o evento (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). Assim, as mudanças familiares decorrentes do processo de tornar-se irmão podem acarretar implicações emocionais diretas para o primogênito, possibilitando também o

amadurecimento ou desenvolvimento rumo à independência.

Considerando que o primogênito era a primeira criança dentro do núcleo familiar, muitas vezes a única também do contexto mais amplo, até a chegada do irmão, compete-lhe vivências singulares (Perez, 2002). As implicações da chegada de um irmão para o primogênito podem ser visualizadas por uma variedade de reações e de mudanças de comportamento, e por necessidade de adaptação.

De modo geral, as reações mais frequentes encontradas nos estudos que investigaram o primogênito durante a gestação e após o nascimento de um primeiro irmão foram: aumento nos comportamentos de confrontação e de agressão com a mãe e com o bebê, especialmente em momentos de alimentação e de cuidado deste (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dunn & Kendrick, 1980; Kendrick & Dunn, 1980; Legg et al., 1974; Teti et al., 1996), problemas no sono, nos hábitos de alimentação e de higiene, aumento nos comportamentos de dependência, demanda e regressão (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dunn et al., 1981; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Baillies, 1995; Legg et al., 1974; Stewart et al., 1987), maior ambivalência, aumento no afastamento, nos comportamentos de independência e de domínio de tarefa, entre outros (Dunn et al., 1981; Stewart et al., 1987; Kendrick & Dunn, 1980; Kramer & Gottman, 1992; Gottlieb & Baillies, 1995; Legg et al., 1974). Além dessas reações, parece haver comportamentos de ciúmes do primogênito no momento da alimentação, especialmente de amamentação do bebê, bem como formação de amigo imaginário (Legg et al., 1974). Enquanto algumas crianças conseguem administrar o estresse (Kramer, 1996; Kramer & Schaefer-Hernam, 1994), outras se mostram severamente estressadas desde a gestação até o período após o nascimento do irmão, apresentando problemas de comportamento (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dessen & Mettel, 1984; Gottlieb & Baillies, 1995; Gottlieb & Mendelson, 1990; Kendrick & Dunn, 1980; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Teti et al., 1996; Kramer & Gottman, 1992).

Uma das implicações emocionais para o primogênito é o aumento no comportamento de demanda e de regressão. Os estudos sobre as alterações de comportamento do primogênito apontaram maior demanda verbal em momentos em que a mãe cuidava e segurava o bebê, quando comparado a momentos em que a mãe não estava ocupada com este (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn et al., 1981). O primogênito também apresentou incremento na desobediência e travessuras

após o nascimento do irmão, frente ao comportamento materno de proibições e de confrontações. Nesse mesmo sentido, Dunn e colegas (1981) indicaram que as crianças apresentaram sinais regressivos e comportamentos como ocasionalmente falar como bebê, querer ser alimentado, e ser carregado, desejar dormir com os pais, dentre outros, especialmente nas primeiras semanas após o nascimento do irmão, definidos pelos autores como “negativos”. Através de entrevistas antes e após o nascimento do irmão, as mães consideraram que o primogênito aumentou seus comportamentos “negativos” em relação a elas, tais como choro, manha, maior exigência e desejo de estar mais agarrado. Além disso, passou a apresentar comportamentos irritadiços e de agressividade com o bebê.

Da mesma forma, Stewart e colegas (1987), baseando-se em um referencial teórico sistêmico, investigaram 41 famílias de classe média, antes e depois do nascimento do segundo filho, e verificaram comportamentos mais regressivos do primogênito, apontados pela mãe. Para estes autores, a regressão, de modo geral, foi relacionada à ansiedade, choro e manha, e a demandas na hora do sono, hábitos de toailete e de higiene.

Ainda no que se refere às alterações de comportamento do primogênito no sentido da regressão, Dessen e Mettel (1984) apontaram que exigências em relação à mãe, aumento de problemas de controle vesical noturno, de birra e do uso de chupeta, surgiram, especialmente, depois do comunicado de chegada de um irmão, já durante a gestação. Após o nascimento, estes comportamentos se intensificaram, uma vez que o primogênito apresentou alterações no hábito de higiene e de sono, manteve as exigências em relação à mãe e aumentou a agressividade em relação ao pai. Embora estas alterações de comportamento tenham se intensificado na relação com os genitores, o primogênito pareceu ter aceitado bem o bebê, demonstrando carinho e afeição pelo mesmo. Para as autoras, essas alterações de comportamento podem ser uma resposta a atitudes ou comportamentos estimulados pelos genitores que possam ter gerado dependência na criança.

De acordo com Kramer e Gottman (1992), o ajustamento do primogênito pode ser definido em níveis de maturidade e de imaturidade, bem como compreendidos a partir de informações sobre o autocuidado, o autocontrole e comportamentos relacionados ao estresse. O autocuidado foi representado pelo uso da mamadeira e do bico, solicitar ajuda ao vestir-se e comer, bem como apresentar acidentes durante o controle do toailete. Já o autocontrole foi definido

através de comportamentos deliberadamente levados, agressivos ou destrutivos, demandando mais atenção das figuras parentais. Por fim, os comportamentos relacionados ao estresse estiveram intimamente relacionados a ter pesadelos e problemas na hora de dormir e durante o sono, manha e choro, bem como solicitar ser tratado como bebê. Para os autores, através desses itens se obteve a percepção materna sobre os comportamentos do primogênito, fornecendo informações importantes para a análise do nível de ajustamento, definindo, assim, sua maturidade e imaturidade.

Desde a gestação já é possível observar comportamentos regressivos (Dunn & Kendrick, 1980; Kramer, 1996; Gottlieb & Baillies, 1995; Legg et al., 1974; Oliveira, 2006; Oliveira & Lopes, 2008), que se mantem em destaque também após o nascimento do irmão (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dunn et al., 1981; Field & Reite, 1984; Legg et al., 1974; Stewart et al., 1987; Taylor & Kogan, 1973). No contexto brasileiro, destacam-se alguns estudos atuais que investigaram cerca de trinta famílias brasileiras ao longo de dois anos (terceiro trimestre de gestação, 6<sup>o</sup>, 12<sup>o</sup> e 24<sup>o</sup> meses do segundo filho) e enfatizaram a chegada do segundo filho e as mudanças decorrentes deste fenômeno na família já durante o período gestacional (Oliveira & Lopes, 2008; Pereira & Piccinini, 2007; Piccinini et al., 2007).

Em um estudo que investigou cinco primogênitos em idade pré-escolar e suas mães, tanto a partir do ponto de vista da criança, quanto materno, evidenciou-se mudança de comportamento já durante o período gestacional (Oliveira, 2006; Oliveira & Lopes, 2008). Os comportamentos de dependência foram avaliados a partir de um teste projetivo com a criança, bem como a partir de relatos maternos sobre as alterações de comportamento em diferentes situações (retomada do uso da mamadeira e do bico, fala infantilizada, alterações no padrão do sono e nos hábitos de alimentação e de higiene), bem como maior demanda pelo cuidado e atenção materna. Embora os movimentos de independência também tenham sido revelados, houve destaque para a dependência. De acordo com as autoras, a independência poderia ter indicado uma tentativa de o primogênito se ajustar às alterações provenientes do contexto de gestação de um irmão ou ter sido um meio de lidar com sua própria necessidade de dependência, sugerindo uma pseudomaturidade. Já os comportamentos mais regressivos foram entendidos como um meio que a criança encontrou para enfrentar situações que lhe causavam ansiedade, bem como um dos recursos para desviar a atenção materna do bebê e

da gestação. Ainda para as autoras, a regressão também pode ter sido utilizada como forma de comunicar aos pais os custos de assumir novas responsabilidades, na medida em que o primogênito teve de renunciar a antigos papéis e compartilhar os cuidados maternos com outra criança.

As tarefas mais difíceis para os pais nesse momento estão intimamente relacionadas aos comportamentos regressivos e de dependência do primogênito (Legg et al., 1974). Para os autores, o aumento da retomada do uso da mamadeira, do bico e de chupar o dedo, sobretudo em crianças de até três anos, e as alterações nos rearranjos do sono costumam ser indicativos de um “nível de ajustamento prejudicado” por parte do primogênito. Ainda para esses autores, estes comportamentos podem estar indicando sentimentos de exclusão e de substituição, sobretudo se houve alterações na rotina diária do filho mais velho. Especificamente com relação ao rearranjo da hora do sono, o primogênito parece apresentar comportamentos oscilatórios, de ora desejar dormir sozinho, ora dormir com os pais. O comportamento de dependência também apareceu em outra área do desenvolvimento, a saber, no treino de toalete.

Em contraposição, outros estudos apontaram aumento no afastamento do primogênito, nos comportamentos de independência e de crescimento, entre outros (Dunn et al., 1981; Kendrick & Dunn, 1980; Kramer & Gottman, 1992; Kreppner et al., 1982; Gottlieb & Baillies, 1995; Legg et al., 1974; Stewart et al., 1987). Legg e colegas (1974) encontraram que os comportamentos mais comuns do primogênito foram agressividade com o novo bebê, aumento da procura de atenção materna e de comportamentos regressivos, mas também comportamentos progressivos ou movimentos de independência e de domínio de tarefa. Além de comportamentos dependentes do primogênito, Dunn e colegas também verificaram que as mães apontaram sinais de crescimento e de independência nas três semanas após o nascimento do bebê. As crianças demonstraram desejo em comer, vestir-se e ir ao banheiro sozinhas, brincar mais tempo sozinhas, além de deixarem de usar a mamadeira e a chupeta, assumindo papel de irmão mais velho e ocupando uma posição de desenvolvimento mais maduro (Dunn & Kendrick, 1981; Dunn et al., 1981). Chama atenção a associação que as autoras fazem entre crescimento e independência, a qual será discutida mais adiante.

Para alguns autores, o crescimento e a maturidade do primogênito podem ter sido estimulados pelas mães como forma de incitar a criança a se adaptar às novas demandas decorrentes desse momento (Dessen & Mettel, 1984; Taylor &

Kogan, 1973; Walz & Rich, 1983). É possível que a existência desse novo bebê faça com que as mães tentem separar-se de seu filho, buscando promover maturidade. Walz e Rich (1983) apontaram que as mães, no período pós-parto, empregam diferentes métodos para promover a maturidade do primogênito, encorajando-o a perceber-se como criança mais velha e irmão maior. Esse encorajamento para a maturidade e independência foi considerado pelas mães como forma de sobreviver à redistribuição de tempo e atenção dados por elas. A esse respeito, Dessen e Mettel (1984) alertam que a criança pode não estar preparada para a mudança no contexto familiar, tampouco para a alteração de percepção parental de ter uma maior independência.

### **1.8 Fatores relacionados às reações do primogênito**

As reações do primogênito e o estresse vivenciados variam conforme a harmonia conjugal, o bem-estar emocional materno, a qualidade da relação genitores-primogênito (Gottlieb & Mendelson, 1995; Teti et al., 1996), o apoio parental fornecido ao filho mais velho (Gottlieb & Mendelson, 1990; Legg et al., 1974) e o nível socioeconômico familiar (Baydar et al., 1997b; Dessen & Mettel, 1984). A idade e o sexo do primogênito e do segundo filho também influenciam em suas reações (Dunn et al., 1981; Baydar et al., 1997b; Gottlieb & Baillies, 1995).

De acordo com Carter e McGoldrick (2001), o fato de um irmão ser considerado um “trauma” para o outro estaria mais relacionado à disponibilidade dos adultos que cuidam do que à inerente rivalidade entre os irmãos. Para as autoras, a cooperação pode ser um resultado tão provável quanto a competição, estando relacionada mais à disponibilidade e à cooperação dos genitores do que propriamente dos filhos. Contudo, tal dado pode ser questionável em função da primeira reação pela perda da mãe ser a de rivalidade entre os irmãos, conforme apontam alguns estudos (Dunn & Kendrick, 1981; Jacobs & Moss, 1976).

Outros autores também apontaram que os diferentes tipos de tratamento e experiências que o primogênito recebe da família, o apoio materno e as atitudes parentais quanto à preparação e à introdução de alternativas para lidar com a chegada de um irmão interferem em suas reações (Dunn & Kendrick, 1980; Jacobs & Moss, 1976; Legg et al., 1974). As diferentes experiências e tipos de tratamento fornecidos ao primogênito pela família estão ainda associados à ordem de nascimento da criança, à disponibilidade e ao investimento de recursos

parentais, bem como à habilidade de cuidado dos genitores fornecido à criança (Jacobs & Moss, 1976). As atitudes e percepções parentais podem tanto favorecer a manifestação de comportamentos de crescimento do primogênito quanto de dependência e de regressão (Legg et al., 1974). A esse respeito, Dunn e Kendrick (1980) também apontaram que as mudanças de comportamento do primogênito estariam em grande parte relacionadas às alterações de comportamento materno.

Para a teoria winnicottiana, o amadurecimento emocional depende de dois fatores fundamentais, a tendência inata ao amadurecimento e a existência contínua de um ambiente facilitador, o qual oportuniza o processo de amadurecimento (Dias, 2003). Para a autora, essa concepção de ambiente facilitador, inicialmente, centra-se na idéia de uma “mãe suficientemente boa” capaz de reconhecer e atender à dependência e à regressão do filho, através da espontaneidade e da personalidade no cuidado com este, além de considerar que o processo de amadurecimento estaria em curso. Um processo de amadurecimento bem-sucedido, de acordo com essa teoria, permitiria a coexistência e o trânsito entre a capacidade que o indivíduo tem de estar só e de se comunicar com o outro e com a realidade externa. Nesse sentido, a mãe “suficientemente boa” apenas facilitaria um processo que depende da criança.

As reações do primogênito também podem diferir conforme o período de transição, o sexo e a idade (Gottlieb & Baillies, 1995; Legg et al., 1974). Ao investigar uma amostra canadense composta de oitenta crianças e suas mães que aguardavam a chegada do segundo filho e que se encontravam em diferentes momentos da gestação, Gottlieb e Baillies (1995) indicaram que o primogênito mostrou-se mais angustiado, apresentando maior dependência e regressão, sobretudo em resposta a momentos de separação da mãe nas semanas finais da gestação. Da mesma forma, Legg e colegas observaram que estes comportamentos se intensificaram, especialmente a partir do segundo trimestre da gestação, ou coincidindo com o fato de as mães terem contado a seus filhos mais velhos sobre a existência de um irmão, ou quando a barriga tornava-se mais saliente, chamando mais atenção.

As reações emocionais em termos de regressão e de crescimento estiveram associadas também ao sexo do primogênito e do irmão. No entanto, foram observados resultados contraditórios nos estudos encontrados, não ficando claro o impacto do nascimento de um irmão sobre os meninos e as meninas (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). Primogênitos meninos apresentaram

diferentes reações variando de reações, introspectivas e menor comportamento de cuidado com o irmão, desengajando-se do sistema familiar (Dunn et al., 1981; Baydar et al., 1997a) e reações mais agressivas e de externalização (Gottlieb & Baillies, 1995). Da mesma forma, as meninas também variaram suas reações. Por um lado, mostraram mais comportamento de internalização e proximidade com a mãe após o nascimento, recebendo maior apoio emocional e estimulação cognitiva, em função de cuidados despendidos ao bebê (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dunn & Kendrick, 1980; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Gottlieb & Baillies, 1995). E por outro, apresentaram aumento nos comportamentos depressivos, ansiosos e de confrontação, gerando conflito e comportamentos maternos punitivos, mais do que os meninos (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b). Em contraposição, estudos de Kendrick e Dunn (1980) não encontraram diferença significativa quanto ao sexo da criança na interação mãe-primogênito, antes e depois do nascimento do bebê.

Os estudos também divergem sobre as reações da criança quando se trata de diferentes composições de gênero do primogênito e do bebê. Alguns dados de pesquisas indicam que a criança com irmão do mesmo sexo mostra níveis melhores de ajustamento (Dunn et al., 1981; Legg et al., 1974) e pouca imaturidade e comportamentos de regressão (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dunn & Kendrick, 1981; Dunn et al., 1981). Parece que crianças mais velhas com irmãos do sexo oposto tendem a apresentar comportamentos de regressão como forma de recuperar a atenção materna, uma vez que há maior interação positiva entre mãe e primogênito com irmão do mesmo sexo (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b). Em contraposição, Stewart e colegas (1987) indicaram haver mais problemas de ajustamento em díades de irmãos do mesmo sexo durante os primeiros dois anos após o nascimento. Para os autores, isso se deve ao fato de que crianças do mesmo sexo demandam interações e brincadeiras semelhantes, podendo desencadear sentimentos de rivalidade e de competição. Já Teti e colegas (1996) não encontraram relação entre sexo e ajustamento do primogênito.

Ainda com relação à composição de gênero do primogênito e do segundo filho, Jacobs e Moss (1976) indicaram que os comportamentos de regressão do primogênito estiveram associados à composição de gênero e ordem de nascimento dos filhos. Estes comportamentos de maior demanda estiveram relacionados ao sexo feminino do primogênito e à interação social e cuidado materno distantes,

sobretudo quando a mãe mantinha contato físico próximo com o bebê. As grandes exigências de atenção por parte do primogênito desencadearam também uma diminuição da atenção materna às necessidades primárias do segundo filho. Para Legg e colegas (1974), o fato de o primogênito apresentar maior exigência de atenção materna pode estar relacionado a sentimentos de competição no sentido de resgatar a atenção da mãe.

Além do gênero do primogênito, estudos apontam que, de maneira geral, crianças em idade pré-escolar apresentam maiores dificuldades para adaptar-se ao nascimento de um irmão (Dunn & Kendrick, 1980; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Mendelson, 1990; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Stewart et al., 1987; Walz & Rich, 1983). A experiência de tornar-se um irmão é muito comum nesta fase do desenvolvimento infantil (Legg et al., 1974). De acordo com Teti et al. (1996), crianças pré-escolares apresentam escores de apego seguro mais baixos com a mãe quando comparadas a crianças menores, isso porque tomam consciência de seu comportamento e da concepção de causalidade a partir dos 24 meses, possuindo maior habilidade de expressarem verbalmente seus próprios estados emocionais. As crianças, nessa idade, já possuem maiores habilidades cognitivas e emocionais para identificar as necessárias mudanças no ambiente familiar, sobretudo na relação com sua mãe (Baydar et al., 1997b; Dunn & Kendrick, 1980; Kramer & Gottman, 1992; Teti et al., 1996; Murphy, 1993), e mais capacidades verbais para expressar suas curiosidades e sentimentos (Legg et al., 1974). Percebem facilmente que as mudanças sofridas no contexto familiar, em grande parte, ocorrem na relação mãe-primogênito, possivelmente, abalando a confiabilidade do ambiente familiar (Dunn & Kendrick, 1980; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Mendelson, 1990; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Stewart et al., 1987; Walz & Rich, 1983). No entanto, a capacidade para administrar o estresse ainda é parcialmente falha (Gottlieb & Baillies, 1995) e sua auto-estima é muito vulnerável (Baydar et al., 1997b), em função de estar em processo de desenvolvimento emocional, social e cognitivo (Kramer & Gottman, 1992; Gottlieb & Baillies, 1995).

Nesta fase do desenvolvimento, o primogênito pode apresentar reações variadas e, até mesmo, contraditórias, oscilando entre uma maior independência e autonomia (assumindo o papel de “irmão mais velho”) e o desejo de receber a mesma atenção e cuidados que o recém-nascido (Dessen, 1997; Dunn et al., 1981; Kreppner et al., 1982; Stewart et al., 1987; Legg et al., 1974). A criança está tendo

mais habilidades motoras, cognitivas e emocionais para ter outras experiências no mundo externo, uma vez que está vivenciando um processo evolutivo de separação e de individuação (Mahler, 1979/1982; Mahler et al., 1975/2002; Balaban, 1988) e elaborando sua independência (Dunn & Kendrick, 1980), a partir dos cuidados fornecidos pela mãe (Winnicott, 1956/2000; 1965/2001). Para Winnicott, nesse momento, a criança caminha em direção a constituição de um eu, com identidade integrada e separada do não-eu, podendo perceber o mundo externo de forma objetiva.

Essas alterações de comportamento do primogênito são variadas e parecem refletir um misto de mudanças próprias do desenvolvimento infantil (Dessen & Mettel, 1984). Ainda para as autoras, parecem refletir todo um contexto de exigências de cuidado e de atenção provenientes do nascimento de um irmão, bem como da maneira como os pais encaram o desenvolvimento de habilidades e autonomia do primogênito. Nesse mesmo sentido, Gullicks e Crase (1992) apontaram que as expectativas parentais sobre o primogênito tendem a ser mais negativas do que realmente é observado após o nascimento do bebê. Ao investigarem 70 casais que esperavam o nascimento de uma segunda criança e que tinham um primogênito com idade pré-escolar, verificaram que as percepções e expectativas parentais apontaram para comportamentos mais “positivos” dos primogênitos, como compreensão e cooperação com as necessidades de cuidados com o recém-nascido, após o nascimento do que fora esperado, pelos pais, no período gestacional. As observações parentais dos comportamentos “positivos” de seus primogênitos excederam as suas expectativas, as quais eram “negativas” (ciúmes e regressão) e/ou menos maduras (aumento da necessidade de proximidade). De acordo com os autores, esses achados podem ser resultado da ênfase dada pela literatura popular ao ciúme que o primogênito sentiria do irmão, ou à crença de que o primogênito apresentaria regressão em alguma área do desenvolvimento, como treino do toalete, não se envolveria com o bebê ou não repartiria os cuidados parentais. No contexto brasileiro, Dessen (1994) obteve dados similares. A pesquisadora apontou que em nacionalidades ocidentais contemporâneas este padrão parece vigorar.

As mudanças estruturais da família, bem como no comportamento do primogênito parecem tornar-se mais visíveis e mais ricas para o desenvolvimento familiar, especialmente quando a relação fraterna passa a ser mais significativa com o desenvolvimento e o crescimento do segundo filho (Dessen, 1997; Dunn &

Munn, 1985; Kreppner, 1988). Isso ocorre de forma mais acentuada, especialmente nos primeiros dois anos de vida do segundo filho, quando há um aumento de sua participação nas interações familiares (Kreppner et al., 1982). Ao longo dos dois primeiros anos da criança, há um incremento na capacidade e habilidade intelectual cognitiva, motora, socioemocional e de linguagem (Lopes et al., 2009), proporcionando novas competências e mudanças nos padrões de interação familiar, caracterizando-se como momentos decisivos do curso do desenvolvimento infantil (Kreppner et al., 1982). Especificamente quanto às reações do primogênito, Legg e colegas (1974) verificaram que a agressão e a hostilidade com o irmão somente foi observada quando este passou a ter maior atividade e mobilidade física, demandando mais atenção e disponibilidade materna, e maior capacidade para interferir em suas brincadeiras. Para esses autores, essas respostas do primogênito restringiam-se, anteriormente, apenas à mãe. Este incremento da capacidade motora permite que o bebê vivencie experiências físicas independentes, sobretudo da relação materna, desencadeando mudanças nos padrões de relação dentro do sistema familiar (Kreppner et al., 1982; Lopes et al., 2009).

Os conflitos envolvidos no ambiente familiar, especialmente entre os irmãos, parecem se intensificar durante o segundo ano do bebê, quando este começa a ter consciência e entendimento de seus próprios sentimentos, crenças e ações (Dunn & Munn, 1985). Além disso, podem estar diretamente relacionados à interação mãe-primogênito (Kramer & Gottman, 1992), bem como ser reflexo da perda de uma relação especial mãe e primogênito (Dunn & Kendrick, 1981).

### **1.9 A adaptação do primogênito no processo de tornar-se um irmão: indicadores de regressão e de crescimento**

O processo de adaptação do primogênito está intimamente relacionado às interações e relações familiares anteriores (Kendrick & Dunn, 1982). Se estas já se mostram inadequadas antes do nascimento do irmão, o processo pode gerar distúrbios de comportamento no primogênito, bem como efeitos prejudiciais para as interações familiares e para o relacionamento posterior entre os irmãos.

Ao investigarem, através de entrevistas, famílias de primogênitos em idade pré-escolar, desde a gestação até após o nascimento do bebê, Legg e colegas (1974) verificaram que parece não existir um modo de evitar o estresse na vida de uma criança quando da chegada de um irmão. No entanto, o envolvimento nas

atividades de preparação para a chegada do bebê já durante a gestação e para a hospitalização materna, bem como a participação nas tarefas de cuidado após o nascimento do bebê e a preservação das rotinas diárias do primogênito (como arranjos do sono, hábitos de alimentação, entre outros) e da família (Brazelton, 2002; Kramer & Ramsburg, 2002) facilitam o ajustamento e podem minimizar as diferentes reações emocionais do primogênito (Gottlieb & Mendelson, 1990; Legg et al., 1974). A preparação consiste em conversas sobre o crescimento do bebê já durante a gestação, levar a criança a visitas durante a hospitalização, leitura de livros sobre bebê, aproximação do pai nas atividades da criança (Dunn & Kendrick, 1980; Legg et al., 1974). Para esses autores, as crianças tendem a responder mais “negativamente” à chegada de um irmão quando há ausência de explicações sobre as alterações do ambiente familiar. Tornar-se um membro na família não envolve apenas o desenvolvimento de relações com os diferentes indivíduos desta, mas também o entendimento das mudanças das relações afetivas, da compreensão das mudanças de rotinas, de expectativas, de proibições, de papéis familiares, dentre outros aspectos (Dunn & Munn, 1985).

O emprego da fantasia também tem sido relatado como uma possibilidade de o primogênito administrar e elaborar o estresse proveniente do processo de tornar-se irmão (Field & Reite, 1984; Kramer & Gottman, 1992; Kramer & Schaefer-Hernan, 1994; Legg et al., 1974). Durante esse período, o nível de ansiedade pode aumentar e, simultaneamente, a fantasia também aumenta. Assim, o seu uso repetido permite que a criança libere de maneira segura sentimentos inaceitáveis sobre o irmão (Legg et al., 1974). De acordo com Field e Reite (1984), crianças que se tornam irmãos têm mostrado um aumento nos níveis de espontaneidade na brincadeira fantasiosa quando interagem com seus pais.

Por outro lado, Kramer e Schaefer-Hernan (1994), ao investigarem 30 primogênitos, longitudinalmente, desde o terceiro trimestre de gestação do primeiro irmão até os 14 meses de vida deste, verificaram que crianças muito preocupadas com as mudanças nas relações familiares pareceram ser mais suscetíveis a suspender o uso da fantasia e a ter um emprego mais limitado e restrito desta. Ainda assim, para os autores, o declínio da fantasia não é necessariamente algo disfuncional, uma vez que o seu baixo nível não foi preditor “negativo” para a aceitabilidade do irmão. Tal fato contrariou estudo anterior, que investigou 30 famílias com primogênitos em idade pré-escolar e seu melhor amigo da mesma faixa etária, antes e depois do nascimento do irmão (Kramer &

Gottman, 1002). Esse estudo teve como objetivo avaliar a qualidade da brincadeira entre pares, o engajamento na brincadeira fantasiosa, a administração de conflito e a reciprocidade na escolha do melhor amigo. Através de entrevistas com a mãe, os dados revelaram a importância e o benefício das relações de amizade do primogênito. Isso porque estas relações favorecem a adaptação ao processo de tornar-se irmão, a interação “positiva” com o bebê, o aumento da auto-estima, a segurança emocional, da intimidade, bem como a afeição na relação com a mãe e com o melhor amigo.

Como pôde ser visto, não somente o nascimento de uma segunda criança exige redefinições de papéis na família, mas também o curso do próprio desenvolvimento infantil possui impacto sobre os demais membros do sistema familiar (Kreppner et al., 1982). A chegada de uma segunda criança pode ser também fonte potencial de benefícios tanto para as relações familiares, que passam de uma organização triádica para poliádica, como para as mudanças de desenvolvimento cognitivo e socioemocional do primogênito (Dessen, 1997). Os aspectos favoráveis do processo de adaptação familiar estão intimamente relacionados ao próprio ritmo de desenvolvimento rumo à independência da criança e ao modo como as famílias se organizam para a chegada de um novo membro. Além disso, as crenças, as expectativas e as percepções a respeito das consequências para o sistema familiar como um todo, especialmente para o filho mais velho, também estão associados à nova organização familiar. Na tentativa de adaptação ao longo do processo de transição de uma família de filho único para uma família de dois filhos, as modificações já aparecem durante o período gestacional.

No que se refere às relações familiares, há consenso na literatura científica de que ocorrem mudanças e alterações em diferentes subsistemas e em vários aspectos das relações, na relação pai-mãe-filho mais velho, na relação conjugal, na relação mãe-primogênito, pai-primogênito, entre outros. De modo geral, os estudos apontam alterações expressivas de comportamento, tanto da mãe quanto do primogênito, e particularidades em sua relação, quando da chegada de uma nova criança, enfatizando, especialmente, as dificuldades no cuidado com o primogênito. É fato que há alterações importantes nessa relação, contudo qualificá-las como “negativas” não considerando essas alterações em termos de um processo evolutivo tanto da mãe quanto do primogênito parece não ser consistente. Além disso, na grande maioria das vezes, também não consideram de

modo expressivo o ponto de vista paterno como importante nesse contexto.

Os achados das pesquisas também são contraditórios, sobretudo no que diz respeito à regressão e ao crescimento do primogênito. Percebe-se uma tendência nos estudos que referem alterações de comportamento do primogênito a qualificá-las como “positivas” ou “negativas”. A literatura considera a independência como sinal de crescimento e de mudanças “positivas”, desqualificando comportamentos mais regressivos, de dependência. Questiona-se, assim, o ponto de vista dos autores que consideram tanto a regressão e a dependência como algo “negativo” ou que reflita “níveis de ajustamento prejudicado” do primogênito, quanto ao crescimento e à independência como “positivo” que indique “sinais de maturidade”.

Para tanto, no presente trabalho, será entendida como regressão toda e qualquer possibilidade de retornar a algum ponto do desenvolvimento que já foi conquistado (Winnicott, 1979/1983). Do ponto de vista emocional, as regressões são inteiramente saudáveis, transitórias e reversíveis, e constituem respostas úteis à tensão de um determinado momento (Spitz, 2000). Especificamente no processo de tornar-se irmão, a regressão do primogênito pode constituir-se em uma necessidade ou a própria busca por um desenvolvimento emocional rumo à independência, sugerindo sensibilidade às mudanças no contexto familiar, sobretudo na relação com seus cuidadores, podendo não ser uma resposta negativa.

Assim, por ser ainda muito dependente das figuras parentais e vulnerável aos conflitos, a regressão em primogênitos em idade pré-escolar pode revelar intensa mobilização afetiva. Em decorrência da confiança e da segurança do ambiente familiar, provavelmente, abaladas pelo processo de tornar-se irmão, as fantasias de abandono e de ameaça da confiabilidade do ambiente familiar tornam-se visíveis. Para Trause e Irvin (1992), frente a qualquer evento estressor, como o nascimento de um irmão, a segurança de qualquer criança pode vacilar, tornando fundamental o apoio e o cuidado parental. Nesse mesmo sentido, Kramer e Ramsburg (2002) apontam que é esperado algum comportamento regressivo ou dependente do primogênito quando da chegada de um irmão. Ao realizarem uma revisão da literatura popular e de artigos científicos publicados entre o período de 1975 e 2000, os autores apontaram que estes comportamentos podem ocorrer dado que são vistos pela criança como lembrança de cuidados

fornecidos pelos genitores, sendo utilizados como estratégia para resgatar suas atenções.

A capacidade de ir e vir e de regredir a qualquer momento em que o processo de amadurecimento ou rumo à independência exigir faz parte da conquista do desenvolvimento (Dias, 2003; Lopes et al., 2009; Ribas et al., 2008; Winnicott, 1960/1986; Winnicott, 1965/1977). As oscilações entre regressão e crescimento são dois movimentos possíveis da criança e são constitutivos do processo de amadurecimento sendo, portanto inteiramente saudáveis, caracterizando-se como uma conquista do desenvolvimento, a qual só pode ser alcançada uma após a outra (Dias, 2003). Através dessas conquistas de desenvolvimento, frente a situações ansiogênicas, há a possibilidade de encontrar soluções em um melhor nível de amadurecimento (Cunha & Nunes, 1993). No contexto de chegada de um irmão, o crescimento pode revelar então uma pseudomaturidade, como forma de defesa frente às situações estressantes e alterações em suas relações afetivas, provavelmente estimulados pelos genitores como tentativa de administrar e se adaptar às novas demandas. Mas também pode indicar uma conquista do amadurecimento, no processo de ir e vir saudável (Dias, 2003).

A possibilidade de regredir em algum momento precisa ser acolhida, de tal modo que a criança possa usufruir dessa oscilação (Dias, 2003; Winnicott, 1965/1977). No presente estudo, há acolhimento materno e/ou paterno quando houver compreensão e tolerância à regressão e/ou ao crescimento do primogênito. Os genitores, nesse caso, devem reconhecer e atender às demandas regressivas e/ou de crescimento do filho, bem como devem apresentar ajuda, auxílio e/ou respeito aos comportamentos do filho, ou ainda podem se identificar com eles. O acolhimento do pai e da mãe tanto à regressão quanto ao crescimento constitui um dos grandes desafios. A possibilidade de tornar-se disponível emocionalmente estaria associada à capacidade de os pais não se sentirem esvaziados em sua vida pessoal no momento em que se dedicam à tarefa de cuidar de dois filhos.

Caso contrário, se não houver acolhimento materno e/ou paterno do ir e vir do filho, o retraimento pode se instalar (Dias, 2003; Winnicott, 1965/1977). O não acolhimento é considerado quando não houver tolerância, compreensão e respeito parental à regressão e ao crescimento do filho.

Por outro lado, a capacidade de ir e vir é uma conquista do amadurecimento e também depende de uma facilitação do ambiente (Dias, 2003).

O desafio imposto pelas mudanças decorrentes de períodos de transição, como o nascimento de uma segunda criança, pode servir também de impulso para mudanças e para o amadurecimento emocional de cada um de seus membros familiares (Dessen, 1994; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). No presente estudo, será considerada intervenção materna e/ou paterna quando houver algum estímulo ou incentivo para a mudança ou manutenção de qualquer dos indicadores de regressão e/ou de crescimento do primogênito. As reações parentais de imposição, de repreensão ou ainda de não negociação também serão consideradas sob esse ponto de vista.

Ainda que uma variedade de estudos e temáticas tenha sido realizada no campo científico, observa-se que não se esgotou o assunto. São necessárias novas pesquisas que possam contribuir para o entendimento das repercussões do nascimento do segundo filho para a família como um todo, para os diferentes subsistemas familiares e para cada um de seus membros. Observou-se que os estudos contemplam, de modo geral, as percepções parentais sobre o impacto do nascimento do segundo filho para o primogênito, e poucos abarcam a perspectiva da criança. Tal fato pode indicar um viés nos resultados, uma vez que a descrição dos comportamentos do primogênito é feita, em grande parte das pesquisas, somente pelas mães (Dunn et al., 1981). As expectativas parentais sobre o primogênito tendem a ser mais negativas do que realmente é observado após o nascimento do bebê (Gullicks & Crase, 1992). Assim, conhecer também o ponto de vista materno e paterno sobre as implicações e os mecanismos responsáveis pelas mudanças psicológicas do primogênito pode contribuir para uma maior compreensão desse contexto de chegada de uma segunda criança na família e suas implicações para o desenvolvimento emocional do primogênito.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou examinar os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito ao longo do processo de tornar-se irmão. Para tanto, foram investigados tanto o ponto de vista do primogênito quanto da mãe e do pai, longitudinalmente, da gestação até os dois anos de vida do segundo filho.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### 2.1 Participantes

Participaram deste estudo 03 primogênitos, com idade entre cinco e sete anos, e seus respectivos genitores, entre trinta e quarenta anos (ver Tabela 1). Os participantes provêm de famílias de dois filhos, de níveis socioeconômicos variados e residentes na região de Porto Alegre.

Todos os participantes do presente estudo fazem parte do projeto longitudinal intitulado *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito - ELSEFI* (Lopes, Piccinini, Rossato & Oliveira, 2005) desenvolvido pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF) do Instituto de Psicologia da UFRGS. Este projeto objetiva investigar os aspectos subjetivos e comportamentais da relação pai-mãe-primogênito, bem como o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. No início do projeto, 55 famílias foram selecionadas por possuírem um filho/a em idade pré-escolar (3 a 6 anos), sendo que em 30 famílias a mãe estava grávida do segundo filho (aqui denominadas famílias de dois filhos), enquanto nas outras 25 famílias a mãe não estava grávida (famílias de filho único).

Os participantes do ELSEFI representavam em sua maioria famílias intactas (49), e recasadas (6), sendo que o atual marido, em ambos os grupos, também foi convidado a participar do estudo. Os participantes do projeto foram contatados através de instituições de saúde (3 hospitais ou unidades sanitárias) e de ensino (37 creches, escolas de educação infantil ou escolas de ensino fundamental) da cidade de Porto Alegre, bem como através de indicações (15). No início do estudo, a constituição do grupo de famílias de dois filhos baseou-se nos seguintes critérios de seleção: a mãe deveria estar no terceiro trimestre de gestação do segundo filho e não deveria apresentar gravidez de risco ou gemelar; o primogênito deveria estar em idade pré-escolar, conforme mencionado acima; o atual marido deveria residir com a família.

Para fins do presente estudo, foram selecionadas as primeiras três famílias de dois filhos em que tanto o primogênito quanto o pai e a mãe responderam a todos os instrumentos aplicados e que preenchiam os critérios de seleção mencionados anteriormente.

Tabela 1

*Dados Demográficos dos Participantes no Terceiro Trimestre de Gestação*<sup>2</sup>

Primogênito	Sexo	Idade	Genitores	Idade	Escolaridade genitores	Profissão genitores
Caso 01			Eva	31a	Ens. Méd. Comp	Secretária
Roberto	M	6a	Ronaldo	34a	Ens. Méd. Comp	Eletrecista
Caso 02			Diana	34a	Sup.Incomp.	Vendedora
Marcos	M	5a e 3m	Pablo	35a	Sup.Comp.	Empresário
Caso 03			Claudia	33a	Sup.Comp.	Nutricionista
Carine	F	5a e 7m	Ricardo	32a	Sup.Comp.	Adm. de empresa

**2.2 Delineamento e procedimento**

Foi utilizado estudo de caso coletivo (Stake, 1994), de caráter longitudinal, envolvendo mães, pais e primogênitos, no contexto de chegada de um segundo filho. Durante as análises, buscou-se examinar as semelhanças e as particularidades dos indicadores de regressão e de crescimento do primogênito, em idade pré-escolar, da gestação aos vinte e quatro meses do irmão. Para tanto, foram investigados o ponto de vista do primogênito, por meio de um teste projetivo, e o ponto de vista materno e paterno, através de entrevistas semi-dirigidas.

O procedimento de coleta de dados deste estudo segue as etapas descritas no projeto *ELSEFI*, do qual faz parte. Destacam-se aqui apenas os instrumentos e procedimentos que serão usados no presente estudo. Inicialmente, as famílias assinaram o *Consentimento Livre e Esclarecido*, preencheram a *Ficha de Contato Inicial*, usada com o objetivo de selecionar os possíveis participantes do estudo e responderam à *Entrevista de Dados Demográficos do Casal*. A fase de coleta de dados envolveu particularmente famílias de dois filhos do terceiro trimestre de gestação, dos doze e dos vinte e quatro meses do segundo filho. Nesses três períodos, os genitores responderam a diferentes entrevistas semi-dirigidas e o primogênito a um teste projetivo. Com a mãe, foram utilizados, nesse estudo, somente os seguintes instrumentos: *Entrevista com a mãe sobre o*

<sup>2</sup> Foram atribuídos nomes fictícios aos participantes deste estudo.

*desenvolvimento do primogênito e a Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar.* Foram utilizadas ainda na análise as mesmas entrevistas só que adaptadas e respondidas pelo pai. Aos doze e aos vinte e quatro meses, tanto com a mãe quanto com o pai, foram realizadas as mesmas entrevistas com as devidas adequações para as etapas de coleta de dados: *Entrevista sobre o relacionamento familiar aos doze meses do segundo filho e a Entrevista sobre a maternidade e o desenvolvimento do primogênito aos doze meses do segundo filho,* e a *Entrevista sobre o relacionamento familiar aos vinte e quatro meses do segundo filho e a Entrevista sobre a maternidade e o desenvolvimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho.* Já com a criança, foi utilizado o Teste das Fábulas, um teste projetivo, que investiga temas específicos do desenvolvimento infantil.

As entrevistas com o pai e com a mãe foram gravadas e transcritas, e o teste projetivo respondido pela criança. Todos os instrumentos foram devidamente registrados para posterior análise dos dados. Para esse estudo, foram também utilizadas informações contidas na *Ficha de Contato Inicial* e na *Entrevista de dados demográficos* realizadas no contato inicial com as famílias.

### **2.3 Considerações éticas sobre o estudo**

O *Estudo Longitudinal sobre o Impacto do Nascimento do Segundo Filho na Dinâmica Familiar e no Desenvolvimento Emocional do Primogênito*, da qual a presente pesquisa fez parte, dispõe da apreciação institucional regulamentada através da avaliação do Comitê de Pesquisa e Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela Resolução nº2004373. Esse estudo também foi considerado ético e metodologicamente adequado de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde).

Na etapa inicial de coleta de dados, os participantes foram informados sobre os principais objetivos e procedimentos da pesquisa em linguagem clara e compreensível, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A). Foi também elucidada a possibilidade de o participante retirar-se a qualquer momento que desejasse, oportunizando a livre escolha de sua participação. Nesse documento constaram os objetivos da pesquisa, o esclarecimento de livre decisão a respeito de sua participação e a garantia da preservação de sua identidade. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado em duas vias, uma

cópia ficando com a equipe de pesquisa e a outra com o participante. Não se teve o intuito de ocultar nenhum tipo de informação, uma vez que o conhecimento dos objetivos e detalhes do estudo longitudinal permite uma maior contribuição e envolvimento por parte dos participantes nas diferentes etapas da pesquisa.

Da mesma forma que o projeto maior, esta pesquisa não prevê potenciais prejuízos ou privação de benefícios, pois não visou oferecer serviço restrito a nenhum dos participantes. Também foi considerada de risco mínimo, uma vez que não buscou focar questões ansiogênicas nos participantes. Houve o cuidado por parte dos pesquisadores quanto à demonstração de algum desconforto ou reação emocional intensa durante a realização da coleta de dados. Em caso de apresentação destes, os participantes foram encaminhados a atendimento clínico, na Clínica de Atendimento Emocional da UFRGS, que disponibiliza atendimento emocional gratuito. A preservação da identidade dos participantes sempre foi garantida. Os dados da pesquisa serão mantidos no Instituto de Psicologia da UFRGS, com acesso restrito apenas a equipe de pesquisa, até que se esgotem as análises dos dados. A pesquisadora também se colocou à disposição informando nome e telefone para responder a eventuais dúvidas a respeito da pesquisa.

#### **2.4 Instrumentos e materiais**

Foram utilizados os seguintes instrumentos para o presente estudo:

**Entrevista de dados demográficos** (NUDIF, 2005a): adaptada da entrevista elaborada pelo GIDEP (1998), foi realizada com as famílias já selecionadas a partir dos dados encontrados na *Ficha de Contato Inicial* (Anexo B). Visou confirmar dados gerais, como endereço, telefone, idade da mãe e do companheiro, escolaridade, profissão, estado civil, idade e sexo da criança, bem como obteve dados demográficos adicionais como, religião, tempo de trabalho, etnia e moradores da casa. (Anexo C)

**Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar** (NUDIF, 2005b): examina o impacto da gestação do segundo filho nas relações familiares, a partir da perspectiva materna. Foram abordados temas sobre o dia-a-dia da família no terceiro trimestre de gestação do segundo filho, os relacionamentos familiares, as expectativas da gestante. (Anexo D)

**Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito** (NUDIF, 2005c): investiga, a partir da perspectiva materna, diferentes pontos relacionados aos comportamentos e ao desenvolvimento do primogênito. Diversos aspectos foram investigados: as impressões da mãe a respeito do crescimento, desenvolvimento, habilidades e características emocionais do primogênito. (Anexo E)

**Entrevista sobre a maternidade e o desenvolvimento do primogênito aos doze meses do segundo filho** (NUDIF, 2006a): investiga, a partir da perspectiva materna, diferentes pontos relacionados aos comportamentos e ao desenvolvimento do primogênito. Diversos aspectos serão investigados: as impressões da mãe a respeito do crescimento, desenvolvimento, habilidades e características emocionais do primogênito. (Anexo F)

**Entrevista sobre a maternidade e o desenvolvimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho** (NUDIF, 2007a): investiga os mesmos conteúdos da entrevista anterior, com as devidas adequações para essa etapa de coleta de dados. (Anexo G)

**Entrevista sobre o relacionamento familiar aos doze meses do segundo filho** (NUDIF, 2006b): examina o impacto do segundo filho nas relações familiares, a partir da perspectiva materna. São abordados temas sobre o dia-a-dia da família aos 12 meses do bebê, os relacionamentos familiares, a experiência de ser mãe de dois filhos, bem como o relacionamento do primogênito com o irmão e com demais familiares. (Anexo H)

**Entrevista sobre o relacionamento familiar aos vinte e quatro meses do segundo filho** (NUDIF, 2007b): investiga os mesmos conteúdos da entrevista anterior, com as devidas adequações para essa etapa de coleta de dados (Anexo I).

Caso o conteúdo investigado nas questões apontadas anteriormente tivesse aparecido em outros momentos das entrevistas foi também considerado para fins de análise. Estas mesmas entrevistas foram também respondidas pelo pai, com as devidas adequações para as etapas de coleta de dados.

**Teste das Fábulas** (Cunha & Nunes, 1993): método projetivo verbal, sensível

para detectar conflitos relacionados ao desenvolvimento emocional infantil, como processo de separação-individuação, simbiose materna, rivalidade fraterna, conflitiva edípica, dependência e independência, entre outros (Cunha & Nunes, 1993; Cunha et al., 1989; Nunes, Cunha & Oliveira, 1990). O Teste das Fábulas é um dos poucos instrumentos projetivos plenamente adequado para amostra de crianças pré-escolares (Cunha et al., 1989). As técnicas projetivas são recursos utilizados para eliciar a emergência de material inconsciente nas respostas do sujeito. As historietas produzidas pelas fábulas apresentam situações-problemas que mobilizam questões passíveis de projeção (Cunha & Werlang, 1995). O teste na forma pictórica é constituído de doze lâminas com ilustrações adequadas a cada uma das dez fábulas. O examinador conta as histórias das fábulas, anota as respostas e faz um inquérito cuidadoso para aprofundar as respostas fornecidas pela criança, quando for necessário. A versão pictórica é indicada para crianças entre três e oito ou nove anos de idade. A fim de facilitar a visualização do conteúdo das historietas apresentadas aos primogênitos bem como a compreensão das temáticas exploradas por cada uma das fábulas, foi elaborado um material que contempla a dinâmica de cada uma delas, conforme mostra Anexo J. Além disso, também foi elaborado um material que ilustra cada um dos indicadores de regressão e de crescimento considerados por este estudo (Anexo L).

O objetivo de utilizar um instrumento projetivo não foi o de incluí-lo a um processo diagnóstico clínico, mas o de conhecer de que forma o primogênito vivenciou o processo de tornar-se irmão, dando especial destaque aos indicadores de regressão e de crescimento.

## **2.5 Análise dos dados**

As transcrições literais de todas as entrevistas e os dados coletados a partir do Teste das Fábulas foram submetidos à análise qualitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999), a fim de buscar semelhanças e particularidades entre os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito desde a gestação até os dois anos de vida do irmão. Os dados coletados foram classificados separadamente pela presente pesquisadora e por outra pessoa. Em caso de discordância, utilizou-se um terceiro para a análise dos dados.

Com relação às respostas do primogênito a partir do Teste das Fábulas, foi realizada análise de conteúdo das verbalizações de todas as fábulas elaboradas. Através dessa análise, buscou-se identificar os indicadores de regressão e de

crescimento do primogênito projetados tanto nas respostas do personagem herói das histórias quanto com base na literatura (Cunha & Nunes, 1993; Serafini 2004), conforme mostra Anexo L. Os resultados encontrados, a partir do ponto de vista da criança, foram ilustrados através de duas grandes categorias de análise nos três momentos estudados (terceiro trimestre de gestação, doze e vinte e quatro meses do segundo filho): *Indicadores de regressão do primogênito* e *Indicadores de crescimento do primogênito*.

No que tange às entrevistas realizadas com a mãe e com o pai, as verbalizações foram selecionadas também considerando as mesmas duas categorias temáticas, *Indicadores de regressão do primogênito* e *Indicadores de crescimento do primogênito indicados pela mãe e pelo pai*. Estes indicadores, de modo geral, apareceram na relação com os genitores e também em áreas do desenvolvimento, como alimentação, uso da mamadeira e chupeta, linguagem, hora do sono, hábitos de toalete e de higiene. Conforme a literatura, esses itens relacionados a áreas do desenvolvimento infantil e à relação mãe-criança e pai-criança fornecem informações importantes para a compreensão do nível de ajustamento do primogênito (Kramer & Gottman, 1992).

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS

Os resultados serão apresentados conforme os objetivos propostos pelo presente estudo, os quais foram investigar os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se um irmão. Para tanto, a fim de promover uma melhor compreensão sobre o fenômeno foram examinados, separadamente, tanto o ponto de vista do primogênito quanto o ponto de vista materno e paterno, longitudinalmente, da gestação aos dois anos de vida de um irmão.

Serão exibidos aspectos singulares de cada caso analisado, separando-os em dois eixos temáticos<sup>3</sup>. O primeiro eixo, intitulado *Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito indicados no Teste das Fábulas*, consiste na análise do conteúdo revelado pelo primogênito a partir do instrumento projetivo. Os resultados encontrados foram analisados com base em duas grandes categorias nos três momentos estudados (terceiro trimestre de gestação, doze e vinte e quatro meses do segundo filho): *Indicadores de regressão do primogênito* e *Indicadores de crescimento do primogênito*. Será dada ênfase apenas a esses indicadores, os quais foram vislumbrados à luz da literatura (Cunha & Nunes, 1993; Serafini, 2004) e também com base nas respostas reveladas pelo primogênito, conforme mostra material compilado no Anexo L. Os dados encontrados serão apresentados, conforme os subgrupos de fábulas propostos no sistema de categorização de respostas de Cunha e Nunes (1993). Os dois primeiros subgrupos de histórias (Fábulas 1, 2, 3 e Fábulas 6, 7, 8) investigam questões como dependência *versus* independência, simbiose materna, rivalidade fraterna, possessividade, reações frente à relação dos genitores e frente à sua sexualidade. Os outros dois subgrupos (Fábulas 4 e 5; e Fábulas 9 e 10) possuem função catártica e de controle, oportunizando a vazão da hostilidade, ansiedade, culpa, desejos de morte e de autopunição.

O segundo eixo temático foi intitulado *Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito indicados pela mãe e pelo pai* e refere-se ao relato materno e paterno acerca dos indicadores de regressão e de crescimento do

---

<sup>3</sup> Os resultados podem ser também visualizados por meio de tabelas elaboradas ao longo de todo o Capítulo.

primogênito, revelado nas entrevistas semi-dirigidas. Ao longo da análise, buscou-se também verificar se houve acolhimento e/ou intervenção materna e paterna quanto à regressão e ao crescimento do primogênito. As falas da mãe e do pai foram examinadas separadamente. A análise dos dados centrou-se apenas nesses indicadores revelados pelos genitores na gestação, aos doze e aos vinte e quatro meses do segundo filho. Os resultados encontrados foram analisados com base em duas grandes categorias: *Indicadores de regressão* e *Indicadores de crescimento do primogênito*, os quais foram vislumbrados tanto a partir dos dados encontrados quanto com base na literatura (Kramer & Gottman, 1992). De modo geral, os indicadores apareceram na relação com os genitores e também em áreas do desenvolvimento infantil (alimentação, uso da mamadeira e chupeta, linguagem, hora do sono, hábitos de toalete e de higiene).

### 3.1 Análise do Caso 01

#### 3.1.1 Caracterização do caso no contexto de gestação de um segundo filho

Na Tabela 2, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 01 durante a gestação do segundo filho, contemplando os nomes e as idades dos participantes do estudo.

Tabela 2

*Caracterização do Caso 01 Durante a Gestação do Segundo Filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Roberto	5 anos
Mãe	Eva	31 anos
Pai	Ronaldo	34 anos
Segundo filho	Evandro	36 semanas de gestação

##### 3.1.1.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação de um irmão indicados no Teste das Fábulas

Como se pode ver na Tabela 3, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1 e F2; e F7), com exceção da F3, F6 e F8. De modo geral os indicadores de regressão foram: busca de um genitor, vulnerabilidade, desamparo e desproteção,

irregularidade no tempo de reação de resposta, distorção de um dado relevante da fábula, alusão ao útero materno e possessividade.

A busca por um genitor foi percebida através da atitude do filhote passarinho que foi para a árvore em que a mãe estava indo na F1. Diferentemente, das respostas comuns dadas por crianças da mesma idade, que indicam que o passarinho vai para outra árvore. O desamparo e a desproteção podem ser observados através do vento muito forte que abalou o ninho da família de passarinhos, mobilizando fantasias de impotência e de abandono. A transferência de sentimentos ansiogênicos, de desamparo e de desproteção, para partes do corpo, colocou o personagem em situação de vulnerabilidade, além de distorcer um dado relevante da fábula, de que o passarinho já sabia voar um pouquinho.

A distorção também foi observada na F2, uma vez que Roberto atribuiu ao personagem capacidades acima de suas potencialidades físicas e reais. Além de resistência ou recusa a se identificar com o herói da história, houve sinais de ansiedade e desejo de retornar para casa, transformando detalhes da história com possíveis conotações ameaçadoras para outros menos ansiogênicos. Na F7, a distorção pode ser percebida através da transformação de detalhes com conotações possivelmente ameaçadoras para outros menos ansiogênicos, ao incluir em sua resposta um buraco com água para colocar o peixe. Esta resposta também faz alusão ao útero materno, lugar de proteção e amparo, no qual encontra o bebê/irmão.

Outro indicador de regressão diz respeito à irregularidade do tempo de reação observado tanto na F1 (TR=25s) quanto na F2 (TR=16s). Um TR longo indica a presença de um processo de seleção de resposta, o qual, possivelmente, esteja funcionando como defesa para lidar com a ansiedade mobilizada por estas duas fábulas.

Outro indicador de regressão refere-se à possessividade em relação ao objeto fabricado. Na F7, Roberto indicou um personagem que deu o objeto à mãe. Contudo, mesmo dando-o, não abriu mão de sua gratificação, visto que o conservou para si, com o intuito de manipulá-lo. Dessa forma, a renúncia também veio acompanhada por uma gratificação, não tendo sido aceita a frustração imposta pela fábula.

Nos outros dois subgrupos (F4 e F5; e F9 e F10) foram observados outros indicadores de regressão como ansiedade de separação, busca de um genitor, auto-referência, distanciamento afetivo e fantasia de morte. Na F4, ao referir *Jesus*

como personagem que havia morrido, evitou a referência da morte de membros da família. Ao mesmo tempo em que não indicou um personagem da família, também se identificou com a morte/assassinado do filho único de Maria, já que a família é católica praticante. Nesse caso, a fantasia de morte provavelmente estaria relacionada à fantasia de morte simbólica do filho único para os pais em função da chegada de um irmão. A fantasia de morte também foi observada na F4, através da hostilidade e na F10, através do ataque da “bruxa Queca” que cozinhou o personagem e o comeu. Ainda na F10, foi possível perceber a fantasia de agregação familiar, em que o herói evitou a situação de separação em relação aos seus genitores, fornecendo uma resposta que houve a união dos membros familiares.

Outro indicador de regressão foi a ansiedade de separação que apareceu tanto na F5 quanto na F9. Na F5, percebe-se que esta ansiedade representou muito mais o rompimento temporário da relação primogênito-genitores, em função do trabalho destes, do que propriamente autopunição. Outro aspecto relacionado à ansiedade de separação diz respeito à impulsividade e impossibilidade de reagir frente à ansiedade e ao medo do desconhecido, visto que o personagem se assustou e correu para a escola diante da situação de conflito. O medo do desconhecido somente foi superado na presença do pai e com o auxílio deste. Mais uma vez houve indicação da busca por uma figura de cuidado, uma vez que necessitou o auxílio paterno para o enfrentamento da situação-problema.

Já na F9, a ansiedade de separação esteve relacionada à notícia dada pela mãe, a qual se tratava de uma historinha dos três porquinhos. Embora não se tenha informação a respeito do conteúdo apresentado por Roberto, a história dos três porquinhos pode estar associada à chegada de um irmão, visto que em algum momento dessa história a mãe diz aos filhos que já estão crescidos e que deveriam morar sozinhos e ter mais responsabilidades.

Por fim, a auto-referência também foi observada como indicador de regressão tanto na F9 quanto na F10. É comum que crianças menores indiquem auto-envolvimento, mas em pré-escolares tal demonstração constitui-se em um dado significativo, ao se identificarem completamente com o herói da fábula. Após a identificação, Roberto negou o conflito que lhe causou mobilização, defendendo-se ao fazer um comentário a respeito do tempo, dando a entender que já era tarde para continuar o teste.

Quanto aos indicadores de crescimento, o primogênito os revelou em todas as fábulas dos subgrupos que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1, F2 e F3; F6 e F8), exceto em uma (F7). Os mais comuns foram: crescimento, renúncia ao leite materno, aceitação da auto-imagem, distorção, fantasia de castigo, aceitação de regras, bem como superação.

O indicador de crescimento mais destacado foi o crescimento (F1, F2 e F3). O afastamento físico dos genitores não foi considerado, por Roberto, como completo e definitivo, denotando uma capacidade de usar recursos próprios para lidar com as situações do ambiente. Houve a identificação de um personagem com o tamanho do papai e da mamãe, fazendo alusão ao crescimento. Na F3, além do crescimento, também foi percebida a capacidade de o cordeirinho maior renunciar ao leite materno, resposta que corresponde ao dado comumente indicado por crianças de sua mesma faixa etária.

Outro indicador de crescimento foi a aceitação da auto-imagem percebida na F6. As mudanças relatadas em partes do corpo do elefante correspondem à resposta comumente dada por crianças em idade pré-escolar. A aceitação de regras também pode ser observada na F8, na medida em que cumpriu de modo obediente a ordem parental dada, ficando todos “felizes para sempre”. Ainda na F8, percebe-se a distorção e a fantasia de castigo. A inclusão de outro personagem do sexo masculino e a exclusão da figura materna evidenciaram distorção do conteúdo. Simbolicamente, o irmão estava representando um rival, especialmente para a relação primogênito-pai, visto que houve a omissão da figura materna. Quanto à fantasia de castigo, esta pode estar sendo utilizada como defesa para lidar com o conteúdo ansiogênico proposto. Roberto direcionou ao pai a hostilidade vivenciada, provavelmente, pela existência de um irmão. Os sentimentos hostis em relação a este irmão não poderiam ser manifestados livremente, tendo sido redirecionados à figura paterna, mobilizando sentimentos de bem-estar ao final da história. Ao dizer para o gurizinho não fazer mais arte, assegurou-se do amor paterno e de que tudo acabaria bem.

Nos outros dois subgrupos (F4 e F5; e F9 e F10), foi observada somente a superação como indicador de crescimento na F5 e F10. Mesmo demonstrando medo do bicho papão (F5) e da bruxa Queca (F10), o herói superou a ansiedade de separação e o medo do desamparo em relação aos genitores, ficando “feliz para sempre”.

Tabela 3

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, Durante a Gestaçã de um Irmão, Indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	<p>Busca de um genitor - <i>“acho que vai voar. (P) acho que vai. (P) Vai lá onde a mamãe dele tá indo”</i>.</p> <p>Distorção e Vulnerabilidade, desamparo e desproteção - <i>“caiu no chão e machucou a pata, a asa, daí não conseguiu voar”</i>.</p> <p>Irregularidade no tempo de reação (TR=25s)</p>	<p>Crescimento - <i>“Se sentiu bem. Ele cresceu e ficou feliz para sempre”</i>.</p>
F2	<p>Distorção - <i>“Subir lá no telhado. (P) Acho que vai pular pra árvore pro telhado e por último na nuvem, daí pula na nuvem e vai pra casa”</i>.</p> <p>Irregularidade no tempo de reação (TR=16s)</p>	<p>Crescimento - <i>“Cresceu do tamanho do pai e da mãe, daí ficou feliz pra sempre”</i>.</p>
F3	<p>Não foram observados indicadores de regressão</p>	<p>Renuncia ao leite materno - <i>“acho que vai comer capim”</i>.</p> <p>Crescimento - <i>“Cresceu que nem a mãe e o pai. (P) Bem. Daí ficou feliz pra sempre”</i>.</p>
F4	<p>Distanciamento afetivo e fantasia de morte - <i>“Jesus”</i>.</p> <p>Fantasia de morte - <i>“Cara que pegou uma arma e atirou nele”</i>.</p>	<p>Não foram observados indicadores de crescimento</p>
F5	<p>Ansiedade de separação - <i>“se assusta daí corre, daí vai pra escola dele, o pai dele vai pro trabalho e a mãe também. Ele vai pra rua por último”</i>.</p> <p>Busca de um genitor - <i>“o pai</i></p>	<p>Superação - <i>“Do bicho papão. Vai pra escola. Faz os trabalhinhos com as crianças (...) e ficou feliz pra sempre”</i>.</p>

---

	<i>busca ele, daí matou o bicho papão</i> ".	
F6	Não foram observados indicadores de regressão	Aceitação da auto-imagem - <i>"é um elefante. (P) As patas, o nariz, a orelha, o rabo, o olho, tudo isso, a boca, o rabo, o pé"</i> .
F7	Distorção e alusão ao útero materno - <i>"acho que vai fazer um buraco com água e vai colocar o peixe ali, pegar um balde e levar pra casa dele"</i> . Possessividade - <i>"Vai dar pra mamãe pra brincar muito pra pegar os peixes"</i> .	Não foram observados indicadores de crescimento
F8	Não foram observados indicadores de regressão	Distorção - <i>"acho que o gurizinho tinha outro irmão"</i> Fantasia de castigo - <i>"daí o irmão dele fez uma arte e o pai dele ficou brabo"</i> . Aceitação de regras - <i>"O gurizinho ficou bem. Daí o pai disse pra não fazer mais arte daí não fez e ficou feliz para sempre"</i> .
F9	Ansiedade de separação - <i>"Uma historinha dos três porquinhos"</i> . Auto-referência - <i>"Achou legal, que nem eu. Já tá de noite, olha ali"</i> [comentário sobre o horário].	Não foram observados indicadores de crescimento
F10	Auto-referência - <i>"Eu gosto de dormir"</i> . Fantasia de agregação familiar - <i>"Daí ele acordou assustada, tomou café da manhã e foi pra aula. Daí o pai dela e a mãe dela"</i>	Não foram observados indicadores de crescimento

---

---

*buscaram ela, dormiram, daí ficaram felizes para sempre”.*

Fantasia de morte – *“Eu acho que é uma bruxa Queca que cozinha ele e comeu”.*

---

### **3.1.1.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai**

Na Tabela 4, se pode visualizar, os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito, durante a gestação do irmão, revelados nas falas da mãe e do pai. De modo geral, os indicadores de regressão foram: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo, ansiedade de separação, ciúme em relação ao irmão, agressividade, uso do bico e do cheirinho e demandas na hora da alimentação, do sono e de brincadeiras.

A solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo foi manifestado tanto em relação à mãe quanto em relação ao pai. Ambos os genitores referiram ter havido uma mudança de comportamento no filho em relação à mãe, já que “sempre” havia sido agarrado ao pai, o que despertou sentimentos maternos de felicidade e de contentamento. Essa mudança foi vista como algo que “só veio a acrescentar”, indicando acolhimento paterno e materno. O fato de ter sido mais agarrado ao pai também despertava sentimentos maternos de bem-estar. Em função de ter sido filho adotivo e não ter conhecido sua família de origem, sempre havia sido “muito ligado ao filho”, ligação esta muito desejada. Já a mãe, não achava tal fato “muito natural”, pois acreditava que deveria ser mais apegado a mãe.

Outro indicador de regressão foi a ansiedade de separação manifestada em momentos de separação e de ir à escola. Na visão da mãe, a ansiedade em momentos de ir à escola estava ou relacionada à mudança desta ou à chegada do irmão. Já o pai, buscava “trabalhar” com o filho, fazendo o “papel de pai e de educador”, o que acabava despertando sentimentos de dor e de sofrimento. A ansiedade também foi demonstrada em momentos de separação. Houve acolhimento tanto materno quanto paterno. Ambos os genitores buscavam conversar com o filho, explicando-lhe e preparando-lhe para estes momentos. Para a mãe, tal ansiedade despertava sentimentos de culpa, pena e preocupação, por

não estar com o filho quando não estivesse trabalhando. Já o pai, sentia-se mal por não conseguir chegar do trabalho a tempo de este estar acordado, não conseguindo vê-lo, tendo a sensação de que havia “faltado alguma coisa no dia”.

Houve ainda referência ao ciúme em relação ao irmão ainda na barriga da mãe. O primogênito achava que tanto a mãe quanto o pai “não gostavam mais dele” e que iriam preferir o irmão e dar mais carinho a este. Para o pai, tal indicador de regressão foi visto como forma de manifestar seu sentimento de “perda da majestade de filho único, tendo que dividir as coisas”. Tanto a mãe quanto o pai acolheram tal comportamento, visto que conversavam e explicavam-lhe a necessidade de dar atenção também para o bebê. A mãe se preocupava em dar mais atenção para que não sofresse, enquanto que o pai também procurava intervir em tal comportamento, incentivando-o a fazer parte “desse processo, não o deixando de fora”.

A agressividade também pode ser percebida como um indicador de regressão. Na visão da mãe, o filho estava mostrando atitudes “bem agressivas”, despertando sentimentos de medo. Já para o pai, suas atitudes eram de “desobediência e briga”, especialmente com a mãe. Ao mesmo tempo em que os genitores acolheram a regressão, acreditando ser “da natureza da criança” e explicando-lhe a necessidade de obedecer a eles, também intervinham em tal reação. A mãe estimulava “bom comportamento”, na medida em que dizia para ajudá-la após o nascimento do bebê. No momento em que o atenderia, Roberto “deveria comportar-se bem” e, como recompensa, poderia ficar em casa com ela e com o irmão no período da manhã, caso contrário, passaria o dia todo na escola. O pai também exigia que o filho “se comportasse educadamente e obedecesse à mãe”.

Houve referência ao uso do bico e do cheirinho. Para a mãe, o bico era uma forma de suprir a sua carência, despertando sentimentos de pena por ficar longe de casa o dia todo, em função do trabalho. Já o pai, o via como um “insucesso”, pois o filho dizia ter três ao invés de cinco anos. Ao mesmo tempo em que a mãe acolheu tal indicador de regressão, visto que não queria deixá-lo chorando e sofrendo, também o estimulava para que largasse, já que havia completado cinco anos. Da mesma forma que a mãe, o pai mostrou-se ambivalente, uma vez que ora incentivava-o a largar, ora não queria forçá-lo a deixar. O primogênito também estava demonstrando maior resistência a mudar o uso do cheirinho. Para a mãe, esse indicador de regressão acarretava sentimentos

de horror e de nojo, parecendo não tolerá-lo, nem tampouco compreendia o simbolismo que representava para o filho aquele objeto especial. Já no relato paterno, observou-se acolhimento, uma vez que pareceu respeitar tal reação.

Outro indicador de regressão foram demandas em diferentes momentos, como na alimentação, na hora do sono e nas brincadeiras. Na alimentação, tanto o pai quanto a mãe apontaram o filho como solicitando, de forma direta ou indireta, que dessem comida em sua boca. Observou-se que houve intervenção materna, visto que o filho não pedia diretamente, havendo incentivo materno para a manutenção deste comportamento de regressão. Já no relato paterno, percebeu-se acolhimento, visto que o pai atendia ao seu pedido, assim como fazia quando era pequeno. As demandas nas brincadeiras foram observadas somente no relato materno. Embora a mãe não o atendesse em função das limitações decorrentes do último trimestre de gravidez, acolhia tal comportamento, explicando-lhe o porquê de sua ausência. Por fim, houve também demanda na hora do sono. Para a mãe, o fato de o filho querer dormir na cama com os pais era visto como um problema. Ao mesmo tempo em que acolhia tal comportamento, organizando o espaço físico para que isso acontecesse, também intervinha, visto que preferia trazê-lo para sua cama a brigar com ele. Já o pai, notava que Roberto tinha medo de ficar em seu quarto e por isso desejava dormir junto a eles. Da mesma forma que a mãe, ao mesmo tempo em que acolheu, ao perceber a dificuldade do filho, o pai também intervinha, dando-se conta que desde pequeno incentivava a manutenção de tal comportamento.

No que tange aos indicadores de crescimento, de modo geral, observaram-se incremento no interesse pela escrita e leitura, bem como pelo irmão. O interesse pela escrita e leitura ao mesmo tempo em que despertou sentimentos maternos de cansaço, também despertou de surpresa. Houve ainda intervenção materna, visto que incentivava o maior interesse do filho. Já no relato paterno, observou-se tanto acolhimento, ao dar valor pelo fato de demonstrar-se diferente de outras crianças, como também intervinha, cobrando mais empenho e perfeccionismo do mesmo, na medida em que dizia ou para “não fazer ou para fazer direitinho” tais atividades. Por fim, foi percebido, somente no relato paterno, o maior interesse pelo irmão. Na visão do pai, o filho “se demonstrava bem carinhoso e interessado em conhecê-lo”, sugerindo acolhimento e expectativas após o nascimento.

Tabela 4

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, Durante a Gestaçã  
do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo	Escrita e leitura
À mãe – <i>“ta bem mais próximo de mim. (...) ta mudando agora, ta ficando mais comigo”</i> . (Mãe)	<i>“tá bem interessado, ‘O que tá escrito aqui? O que tá escrito ali?’ (...) acho que ta super bem”</i> . (Mãe)
<i>“oscila bastante (...) noto que tem dias que ta só com a mãe”</i> . (Pai)	<i>“já sabe fazer as letras, é muito esforçado, ta mexendo no papel, pintando, de querer ler, quer saber o que ta escrito nas coisas, tenta escrever”</i> . (Pai)
Ao pai – <i>“mesmo tendo se aproximado mais de mim, acho ele muito mais agarrado com o Ronaldo”</i> . (Mãe)	Maior interesse pelo irmão
<i>“é mais agarrado comigo (...) não é dependente de mim, mas acho que a gente ta ligado num elo”</i> . (Pai)	<i>“se demonstra bem carinhoso, disse que vai cuida do mano, que vai dar carinho, vai ensinar, os bonequinho (...) vai emprestar. A gente nota que ta bem a fim de conhecer”</i> . (Pai)
Ansiedade de separação	
Em momentos de ir à escola – <i>“choraminga, quer ficar com a mãe, com o pai, quer ir lá pra outra escola. Mudou de escola, não acontecia isso antes”</i> . (Mãe)	
<i>“não quer ir pra escola, quer ficar com nós, pergunta porque vou ficar aqui [em casa] e ele não pode ficar (...) se agarrava na minha perna, chorava e não queria ir”</i> . (Pai)	

Em momentos de separação – “*Algumas vezes tem problema de chorar, de não querer [ficar longe]*”. (Mãe)

*“quando não chego [do serviço], ele fica bem ansioso (...) fica toda hora perguntando (...) se vou demorar (...) Não sei o que passa na cabeça dele, pensa que eu vá sair e não vá voltar”.*  
(Pai)

#### Ciúme

*“acha que não gosto dele, que eu vá preferir o outro”.* (Mãe)

*“Ficou mais ciumento (...) coisa de criança, dizia que não queria o mano, que a gente ia dar carinho pro mano e pra ele não (...) é ciúme dele, acha que vai perder aquela majestade de filho único, que as coisas vão ter que ser divididas”.* (Pai)

#### Agressividade

*“queria uma coisa e a gente não deu, daí falou ‘ah, quando o Evandro chegar vou pegar o carrinho e vou jogar lá na escada’, dá uns ataque, fala coisas bem agressiva”.* (Mãe)

*“às vezes briga com a mãe dele ou não obedece”. (Pai)*

Uso do bico e/ou do cheirinho

*“bico não tem jeito de tirar (...) não sei se é uma maneira de suprir a carência dele (...) o cheirinho tá mais resistente de mudar porque ta maior. Quando bebê, a gente trocava, agora se apegou e não quer mais mudar”. (Mãe)*

*“noto que tem tido insucesso em largar o bico (...) agora perguntei ‘quantos anos tu tem?’, ele diz que tem três. (...) O cheiro, não larga, tu pode ver o estado, pra lavar só quando ta dormindo.” (Pai)*

Hora da alimentação

*“se ta cansado, fala, ‘oh tu vai ter que dar pra mim também, tu dá pro Evandro’”. (Mãe)*

*“às vezes ta devagar, não quer comer (...) daí pede ‘ah, então me dá tu’. Agora nessa época que a Eva ta grávida, começou de novo com essa história de aviãozinho, faz coisa que fazia quando era pequeno”. (Pai)*

Hora do sono

*“é um problema, dorme aqui no nosso meio, a gente leva pra cama dele (...) acontece de fugir pra nossa cama, chama pra vir pra cá”. (Mãe)*

*“tem medo. Sempre teve (...) desde pequeno acorda e chama a gente e não quer ficar [no quarto dele] (...) esse período ta dormindo com nós, porque queria dormir no meio”.* (Pai)

Brincadeiras

*“sempre brinquei de lutinha e agora não posso. Ai ele meio que cobra isso de mim. ‘Quando é que tu vai poder?’”.*  
(Mãe)

### 3.1.2 Caracterização do caso aos doze meses do segundo filho

Na Tabela 5, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 01 aos doze meses do segundo filho.

Tabela 5

*Caracterização do Caso 01 aos Doze Meses do Segundo Filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Roberto	6 anos e 4 meses
Mãe	Eva	32 anos
Pai	Ronaldo	35 anos
Segundo filho	Evandro	1 ano e 4 meses

#### 3.1.2.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses do irmão indicados no Teste das Fábulas

Como mostra na Tabela 6, foram encontrados indicadores de regressão somente em duas das fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1 e F3), não tendo sido observados nas demais (F2, F6, F7 e F8). Os indicadores foram: busca de um genitor, busca por uma figura de cuidado substituta, fantasia de agregação familiar e retorno à mãe e distorção.

A busca de um genitor foi observada, na F1, tanto através da procura em restabelecer o vínculo com a figura materna quanto com a paterna. Em um primeiro momento, o filhote passarinho foi “na linha do pai” e, em seguida,

mudou a direção, indo ao encontro da mãe. Por se tratar de uma fábula que investiga o estabelecimento de vínculos e a dimensão dependência-independência, Roberto pareceu estabelecer vínculos tanto com uma figura de cuidado quanto com outra. Ainda na F1, observou-se a fantasia de agregação familiar, em que diante da situação de separação, o herói buscou manter os membros da família juntos.

A busca por uma figura de cuidado substituta foi observada na F3. Ao contrário da gestação, Roberto demonstrou dificuldades em abrir mão do leite, representante simbólico do afeto materno. Ao buscar uma mãe substituta, introduziu uma alternativa para lidar com a rejeição materna e os sentimentos de exclusão, provavelmente despertados pela fábula anterior. Utilizou do mesmo objeto que foi privado, para satisfazer as exigências e desejos relacionados à alimentação. A distorção de um dado da fábula ao desconsiderar que a mãe não tinha leite bastante para os dois, evitou que enfrentasse a situação conflitiva e o receio de ser descuidado e privado do amor materno, retornando à mãe e estando ainda muito ligado ao leite. Embora o nascimento não tenha sido mencionado explicitamente na resposta de Roberto, provavelmente o fato de o personagem ainda estar muito ligado ao leite materno estivesse relacionado aos sentimentos de rejeição mobilizados pela necessidade de ter que compartilhar os cuidados maternos.

Nos outros dois subgrupos de fábulas, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas (F4, F5, F9 e F10), os quais foram: distanciamento afetivo, vulnerabilidade, auto-referência, distorção e fantasia de morte. Da mesma forma que na gestação, Roberto indicou, para a F4, “*Jesus*” como personagem que havia morrido, evitando a referência explícita de algum membro da família. Mesmo tendo apresentado um personagem com distanciamento afetivo, a resposta parece ou ter servido de escape para a expressão de culpabilidade e de autopunição, provavelmente mobilizados pelas fábulas anteriores, ou mais uma vez houve a identificação com a morte/assassinado do filho único de Maria. O que difere da gestação foi o fato da morte ter mobilizado sentimentos de tristeza na família.

A vulnerabilidade apareceu na F5. Na F5, simbolicamente, o objeto do medo colocou o herói em uma situação de fraqueza que sofreu conseqüências de um ambiente ameaçador. Os sentimentos de culpa provavelmente mobilizados pela F4 e pelas fábulas anteriores podem ter sido transferidos para sentimentos

dolorosos manifestados no físico ou em partes do corpo. Assim, o objeto do medo esteve a serviço da fantasia de autopunição como representante simbólico. O herói pune a si mesmo como castigo por ter feito ou demonstrado algo errado, visto que ao ser picado por uma aranha, sangra e dói. Já na F10, a fantasia de morte sugeriu que algo ameaçador aconteceu com o herói, colocando-o em situação de vulnerabilidade.

A distorção e a auto-referência também foram percebidas como indicadores de regressão na F9. A adição de personagens (a professora) e a substituição da figura materna pela professora sugerem a distorção. É possível que a resposta demonstre a percepção que a criança possui sobre o modo de a mãe manejar ou não certas rotinas diárias.

Quanto aos indicadores de crescimento, no primeiro subgrupo de fábulas, foram observados indicadores de crescimento em todas as que investigam temas do desenvolvimento infantil (F1, F2, F3, F6 e F7), exceto em uma (F8). De modo geral, os indicadores foram: cooperação, superação, aceitação de regras e/ou de responsabilidades, distorção, crescimento, aceitação da auto-imagem, renúncia ao objeto de argila e a gratificação frente ao ato de ceder o objeto.

O auxílio aos pais na construção de outro ninho e o sentimento de felicidade indicaram cooperação de Roberto projetada no personagem da história, sugerindo capacidade de utilizar recursos próprios para auxiliar o ambiente. A aceitação de regras e a distorção também foram indicadores de crescimento na F2. Em um primeiro momento, Roberto identificou-se com um herói capaz de aceitar as regras impostas, na medida em que saiu da festa de casamento de seus pais, por ser “festa de adulto”, correspondendo às respostas comumente dadas por crianças de sua mesma faixa etária. Em seguida, mesmo que tenha distorcido um dado da fábula, acrescentando informações ao seu conteúdo, encontrou uma maneira de lidar com a situação que lhe causava ansiedade, substituindo-a por outra em que seu desejo de ser “convidado” superava os possíveis sentimentos de exclusão.

Outro indicador diz respeito à possibilidade de crescimento assegurada pelo herói, ao desligar-se temporariamente do leite materno, já que o cordeirinho podia comer capim, na F3. Tal crescimento despertou sentimento de bem-estar e de alívio por não precisar pedir leite para os outros, o que sugeriu superação. O crescimento também foi observado na F6. A modificação na aparência física e a alusão ao tamanho mobilizaram sentimentos de bem-estar. Da mesma forma que na gestação, o primogênito se identificou com um elefante que apresentou

modificações no corpo, sugerindo aceitação da auto-imagem corporal. Ainda na F6, observa-se a aceitação de regras também como um indicador de crescimento. O personagem aceitou tranqüilamente que só poderia brincar com o elefante no final de semana quando não tinha escola.

A renúncia ao objeto de argila e a gratificação mobilizada por tê-lo cedido e satisfeito os desejos da mãe também foram indicadores de crescimento na F7. Diferentemente do observado na gestação, Roberto se identificou com um personagem que lidou com o conflito emocional, mas simbolicamente parece que precisou da disponibilidade materna e de um tempo para lidar com a frustração de abrir mão de seu desejo. Contudo, a resposta dada remete à idéia de que o herói só renunciou ao prazer de ter o objeto em troca de outro, o de agradar à mãe.

Nos demais subgrupos de fábulas, os indicadores de crescimento apareceram em todas elas (F4, F5, F9 e F10), os quais foram: aceitação de regras e/ou de responsabilidades, auto-cuidado, crescimento, bem como superação. A F4 só adquire significação se considerada dentro de um contexto que inclui o conjunto das demais respostas fornecidas pela criança. Nesse caso, pode-se pensar que a aceitação de regras e/ou de responsabilidade observada, pode ter sido uma forma de Roberto mascarar os sentimentos de culpa, provavelmente, mobilizados pelas fábulas anteriores. O fato de não ter renunciado ao leite materno com o cordeirinho menor na F3 associado à fantasia de rejeição parental pode ter desencadeado sentimentos de agressividade e, posteriormente, de culpa. Na medida em que houve mobilização afetiva frente à situação conflitiva das fábulas anteriores, Roberto utilizou-se da F4 para dar vazão aos sentimentos de culpa e de autopunição, formas mais evoluídas de lidar com os conflitos.

Outro indicador de crescimento foi o auto-cuidado. Na F5, a situação de perigo projetada pelo primogênito não foi intensificada, uma vez que foi possível lidar com a experiência desagradável de modo independente das figuras de cuidado. Diferentemente da fase anterior em que foi destacado o medo do desamparo em relação aos genitores e a impossibilidade de reagir frente à ansiedade, naquele momento, Roberto projetou uma criança que possuía meios próprios para lidar com os estímulos ameaçadores do ambiente e com o medo de desamparo e de separação. Ainda na F5, foi observada a superação do herói, na medida em que demonstrou capacidades próprias para superar uma situação ansiogênica. A superação também foi observada na F10, através da demonstração

de alívio do herói ao perceber que havia acordado vivo, e que poderia vestir-se e brincar um pouco, como qualquer criança de sua idade.

Por fim, observou-se também o crescimento e as responsabilidades na F9. Na F9, Roberto identificou-se com um personagem que deixou de brincar, virou adulto e assumiu responsabilidades em trabalhos, atividades e negócios.

Tabela 6

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Doze Meses do Irmão, indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	<p>Busca de um genitor – “voou, foi na linha do pai”.</p> <p>Busca de um genitor – “e foi procurar a mãe, olhou pro outro lado, viu a mãe e quis a mãe”.</p> <p>Fantasia de agregação familiar – “Daí o pai e a mãe construíram outro ninho e ficaram felizes para sempre”.</p>	<p>Cooperação – “O passarinho ajudou a pintar o ninho”.</p>
F2	<p>Não foram observados indicadores de regressão</p>	<p>Distorção e aceitação de regras – “Por causa que ela não sabia. Aí o pai e a mãe, acabou a festa, foram lá falaram. O gurizinho disse que só dá pra festa de adulto”.</p>
F3	<p>Busca de uma figura de cuidado substituta – “Daí foi lá achou uma mamãe, tomou um pouco do leite, não tava mais com fome”.</p> <p>Retorno à mãe (retomada ao leite materno) – “Daí foi procurando a mãe e achou. Daí podia tomar um leite bom e quente”.</p> <p>Distorção – “[a mãe tinha leite bastante para os dois] Tinha.</p>	<p>Crescimento – “Daí amanhã cresceu, tava com fome e viu que podia comer capim. (P) Bem”.</p> <p>Superação – “Não precisava mais pedir leite pros outros”.</p>

- 
- Primeiro tomou leite de outra ovelha, depois comeu capim, depois achou a mãe dele, só que não era essa mãe, e podia ainda tomar leite quente, aí ele tomou”.*
- F4 Distanciamento afetivo – “*O Jesus. Daí todo mundo foi no enterro dele e ele morreu. (P) Tristes. Daí ele foi lá pro céu*” Aceitação de regras e de responsabilidades – “*Ficou lá no céu cuidando de todas as pessoas. Que nem a gente não pode brigar, não pode tratar os outros. Aí é assim*”.
- F5 Vulnerabilidade – “*Duma aranha. (P) Por causa que pica, aí depois fica sangrando e dói*” Superação – “*Vê as aranhas, pega um mata-mosca e mata. Depois colocou um veneno de aranha, daí as aranhas nunca mais. Elas foram lá e quando encostou numa coisa morreram*”. Auto-cuidado – “*Ficou bem, não ficou picado. Daí tem um negócio de mosquito pra passar no braço pra aranha não picar*”.
- F6 Não foram observadores indicadores de regressão Crescimento – “*Por causa que ficou adulto e mudou a cara. E aí a tromba ficou muito grande e os olhos ficaram desse tamanho*”. Aceitação da auto-imagem – “*Daí falou com ele quem era. Daí disse que era ele, que virou adulto. (P) Legal*”. Aceitação de regras – “*Ficou o tempo todo brincando com ele. Depois sábado e domingo sempre brincava e segunda, terça, quarta, quinta e sexta tinha aula e não podia brincar*”.
-

F7	Não foram observadores indicadores de regressão	Renúncia ao objeto de argila – “Dá [o objeto de argila]. <i>Porque ela achou bonita. Daí destruíram a casa e fizeram a torre. E pintaram de rosa, vermelho e azul marinho</i> ”.
		Gratificação ao dar o objeto – “(P) <i>Bem. Ficou contente</i> ”.
F8	Não foram observadores indicadores de regressão	Não foram observados indicadores de crescimento
F9	Distorção – “ <i>Porque daí quando ele acordou a profe disse que quando chegar da aula não é pra brincar, é pra fazer atividade</i> ”.	Crescimento – “ <i>Aí quando virou adulto, tinha uma máquina que fazia um negócio pra ele pintar. Só pintava, só pintava</i> ”.
	Auto-referência – “ <i>Quem na minha escola. Falta três dias pra minha formatura, quer dizer, dois. (...) Aí vai ter um pouco de aula. Daí eu já vou pra primeira. Aí quando eu voltar eu não vou poder brincar daí</i> ”.	Responsabilidades – “ <i>Daí não gostou mais de brincar. (...) Daí ele gostou. Não gostou mais de brincar, só de trabalhar e fazer atividades</i> ”.
F10	Fantasia de morte – “ <i>Com um vampiro que mordeu ele e chupou todo o sangue, daí morreu</i> ”.	Superação – “ <i>acordou, viu que tava na cama vivo e saiu pra rua e tomou café, trocou a roupa e ficou brincando um pouco. (P) Ficou bem</i> ”.

### 3.1.2.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai

Como se pode visualizar na Tabela 7, foram observados, nos relatos maternos e paternos, os seguintes indicadores de regressão do primogênito aos doze meses do irmão: solicitação de atenção, teimosia, insistência e rebeldia, ciúme e agressividade em relação ao irmão, passividade e choro, e demandas na hora do sono. A solicitação de atenção foi manifestada tanto através da maior exigência das figuras parentais em momentos de atendimento ao irmão quanto,

especialmente, da figura paterna. Em momentos de atendimento ao irmão, o primogênito solicitava a atenção dos genitores, reivindicando e comparando a atenção dada a ele com a do irmão. Na visão paterna, esta solicitação estava associada ao fato de o irmão estar maior, e por isso o primogênito acreditava que estavam dando “bola mais para ele”. Houve intervenção tanto da mãe quanto do pai, uma vez que ambos procuravam chamá-lo para ajudar e participar no atendimento do filho menor. A solicitação de atenção também foi direcionada, especialmente, à figura paterna. Os relatos parentais apontaram o primogênito como bastante exigente e agarrado ao pai, o que despertou diferentes sentimentos. Na mãe, o sentimento foi de chateação, por “tentar dar a máxima atenção possível, inclusive para Roberto”, e no pai, de tranqüilidade. Destaca-se uma mudança no comportamento de Roberto quando comparado à gestação, o qual voltou ao padrão habitual de proximidade em relação ao pai.

Outro indicador de regressão que se destacou foi a teimosia, insistência e rebeldia. Diferentemente da gestação, Roberto passou a questionar as ordens e os limites dados pelos genitores, comparando-se a outras crianças, especialmente em situações de brincadeiras. Houve acolhimento paterno, visto que acreditava ser natural que o filho “absorvesse” fatos do ambiente externo, contrapondo-os aos do ambiente familiar no momento da formação de sua personalidade, bem como “construindo” junto do filho o entendimento a respeito do que não era permitido. Por outro lado, também acabava intervindo no seu comportamento, visto que “falava um pouquinho mais forte, tendo que mostrar-lhe as coisas ruins”. Já na visão da mãe, estes comportamentos eram vistos como “perturbação e incômodo”, além de ser percebido como falta de entendimento do filho de que tudo tem um “limite”, sugerindo não acolhimento materno.

O ciúme e a agressividade em relação ao irmão também foram observados. Sobretudo logo após seu nascimento, Roberto apresentou “um monte de problemas”, brincadeiras que poderiam “machucar, na intenção”, bem como desejo de comportar-se como um bebê ao entrar no carrinho do irmão. Houve acolhimento tanto da mãe quanto do pai, visto que conversaram e explicaram sobre a necessidade de terem de se acostumar com a presença do menor, além de terem percebido a diminuição de tal comportamento em função do crescimento deste.

O choro também pode ser percebido como um indicador de regressão. Na visão da mãe, o primogênito chorava como o filho menor. Se por um lado, essa

reação despertava sentimentos de impaciência, por outro também havia acolhimento, visto que tentava conversar e explicar ao filho as situações que o faziam chorar. Já o pai, via Roberto sem “atitude” e “chorão” frente às investidas de agressividade do irmão, mas também reconhecia seu sofrimento e tristeza frente a essas. Por fim, também pode se observar como indicador de regressão as demandas na hora do sono. Houve demonstrações de desejo de dormir com os pais e a dificuldade em dormir sozinho. A mãe pareceu acolher tal comportamento, visto que não acreditava ser algo difícil de lidar.

Quanto aos indicadores de crescimento, foi observado maior destaque quando comparado ao período gestacional, os quais foram: maior socialização e interação com pares, incremento na linguagem e escrita, bem como demais aquisições. A maior interação com pares foi manifestada através de brincadeiras com outras crianças e também com o irmão. Tanto a mãe quanto o pai mencionaram que o filho estava “fazendo bastante amigos”, demandando maior supervisão, cuidado e imposição de limites, uma vez que moravam em um bairro perigoso da cidade. Houve ainda não acolhimento, visto que a mãe não gostava quando o filho ficava mais tempo na rua. A maior interação com o irmão também foi apontada por ambos os genitores. Ambos mencionaram que os momentos de brincadeira passaram a ser mais freqüentes, desencadeando sentimentos maternos de orgulho. Já o pai acabava intervindo, ao estimular os momentos de interação com o menor, de modo a aproximarem-se mais.

Foi feita ainda referência ao incremento na linguagem e escrita. Ao mesmo tempo em que indicou sentimento de satisfação, a mãe também referiu não ter tanta paciência frente às exigências do processo de aprendizagem do filho. Pareceu não estar tão disponível para as necessidades e demandas da criança, bem como para compreender a forma e o ritmo como esta expressava suas idéias e pensamentos. O pai também sugeriu expectativas e exigências quanto ao seu desempenho, especialmente em relação à escola, visto que desejava que mantivesse o ritmo de interesse e de aprendizado, mesmo que as férias e a finalização de ano escolar estivessem próximas.

Por fim, as aquisições de desenvolvimento também podem ser consideradas como indicadores de crescimento. Observaram-se, somente no relato materno, aquisições na alimentação e na hora do banho, visto que o primogênito estava preparando ele mesmo a mamadeira e tomando banho sozinho. Houve intervenção materna para a alimentação, já que incentivava tal comportamento, e

acolhimento para a hora do banho. Já as aquisições quanto a deixar de usar o bico e o cheirinho foram observadas tanto no relato da mãe quanto do pai. Notadamente, tal comportamento foi estimulado pelos genitores, os quais instigaram que tais utensílios deixassem de ser usados após uma negociação – compra do *Playstation 2*. Estes recursos não foram tolerados pela mãe, sobretudo quando eram muito empregados pela criança, desencadeando sentimentos de incômodo e de horror.

Tabela 7

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito aos Doze Meses do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo	Socialização e interação com pares
Dos genitores em momentos de atendimento ao irmão – “fala: ‘Aí, tu não gosta de mim. Tu só dá atenção pro mano’ (...) [quando estou atendendo o Evandro] <i>É bem chorão. Fica insistindo, parece que não quer entender</i> ”. (Mãe)	“ <i>tá fazendo bastante amigos (...) Ta entrando numa outra fase, tá mais tempo na rua</i> ”. (Mãe)
“Fala, quando a gente dá atenção para o Evandro, ‘È só dão bola para o mano’. <i>É uma coisa que não falava, e que o irmão está maior também</i> ”. (Pai)	“ <i>Tá se relacionando bem, tá fazendo novas amizades</i> ”. (Pai)
Do pai – “ <i>tá mais exigente com o pai dele, querendo que faça mais coisas com ele. Tipo brincar mais, sair mais</i> ”. (Mãe)	Maior interesse pelo irmão
“ <i>é [agarrado] comigo. (...) se tiver que optar, sempre quer sair comigo (...)</i>	“ <i>são super amigos, brincam bastante (...) se dão bem, cuida do irmão. As brincadeiras mudaram</i> ”. (Mãe)
	“[O Evandro] <i>parece o bonecão do irmão, é bem cuidadoso, quando a gente pede para cuidar (...) bem carinhoso, não tem mais aquele lance de ciúmes. Mudou [o relacionamento dos dois]</i> ”. (Pai)

*prefere que eu dê banho ou toma banho comigo. Antes tomava mais com a mãe, agora não”. (Pai)*

Teimosia e rebeldia

*“Às vezes [fala] ‘vou ficar ali em baixo jogando bola’, quer ficar uma hora, duas. E aí cobra bastante, fica chorando (...) fica enchendo o saco”. (Mãe)*

*“mudou o comportamento. Mais rebelde (...) está fazendo comparações com os outros (...) Quando é contrariado numa coisa que quer fazer, chora ou fica meio emburrado (...) tenta com um, com outro, fazer um jogo. E fica e insiste”. (Pai)*

Ciúme e agressividade

*“Quando [Evandro] era bebê, tinha um monte de problemas (...) entrava dentro do carrinho, apertava o nariz pra judiar”. (Mãe)*

*“só no início [tinha ciúme], até que não foi muito, mas teve um pouquinho (...) logo que nasceu. Às vezes [faz] uma brincadeira que pode machucar, mas na intenção”. (Pai)*

Choro

*“chorava que nem o Evandro”. (Mãe)*  
*“Chora, não gosta quando o irmão*

Linguagem e escrita

*“Aprendeu bastante a ler (...) ta escrevendo bastante palavras. Sempre apresenta uma coisa nova da escola (...) Pergunta bastante (...) se expressa super bem. Ta falando mais palavras, diferente do que falava antes”. (Mãe)*

*“é bem interessado nos temas, nas palavras, quer aprender a ler. Gosta de ver os desenhos. É bem interessado na escola. Participa bastante”. (Pai)*

Hora da alimentação

*“Agora até que melhorou um pouco. Ta comendo mais (...) Às vezes quer preparar ele mesmo a mamadeira”. (Mãe)*

Hora do banho

*“ta mais independente. Ta tomando banho sozinho. Acho que dois meses pra cá [tá tomando banho sozinho]”. (Mãe)*

Uso do bico e/ou do cheiro

*“o bico ele não ta chupando mais. Usava o bico e o cheiro. (...) Em março, perto da Páscoa [a gente deu o playstation 2] e parou de usar (...) Foi*

*belisca. Fica magoado, não tem bem difícil pra ele largar o tal do atitude de afastar (...) fica parado, bico”. (Mãe)  
chorando. Fica bem magoado”. (Pai)*

Hora do sono *“demorou um mês, daí ele largava um  
“na cama direto não vai dormir, muito dia [o bico]. Aí deu três meses depois  
difícil”. (Mãe) (...) não voltou mais (...) Não teve isso  
[de recaída]. Às vezes, ele diz ‘Ai, vou  
“quer dormir só quando a gente vai, é voltar’”. (Pai)  
difícil dormir antes e sozinho”. (Pai)*

### 3.1.3 Caracterização do caso aos vinte e quatro meses do segundo filho

Na Tabela 8, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 01 aos vinte e quatro meses do segundo filho, contemplando os nomes e as idades dos participantes do estudo.

Tabela 8

*Caracterização do Caso 01 aos vinte e quatro meses do segundo filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Roberto	7 anos
Mãe	Eva	33 anos
Pai	Ronaldo	36 anos
Segundo filho	Evandro	2 anos

#### 3.1.3.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses de um irmão indicados no Teste das Fábulas

Como mostra a Tabela 9, os indicadores de regressão do primogênito foram observados em todas as fábulas que investigam temas do desenvolvimento infantil (F1, F2, F3 e F7), exceto em duas delas (F6 e F8). Os indicadores foram: busca de um genitor, vulnerabilidade, desamparo e desproteção, irregularidade no tempo de reação de resposta, sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, bem como possessividade. Destaca-se a irregularidade e o alto tempo de reação de resposta (F1, F2, F3 e F7) em todas as fábulas desse subgrupo, sugerindo resistência no processo de elaboração do conteúdo.

A busca de um genitor no enfrentamento da situação-problema foi percebida diante do vento muito forte e do ambiente familiar ameaçado na F1. Diferentemente das demais respostas fornecidas por Roberto nos outros momentos investigados, o ambiente familiar ameaçado pareceu ter sido enfatizado. O primogênito também se identificou com um herói que se encontrava em situação de vulnerabilidade, desamparo e desproteção, da mesma forma que no período da gestação. Como na gestação, a figura paterna foi omitida, tendo sido destacada somente a mãe. As respostas fornecidas por Roberto nesse período foram muito semelhantes ao padrão de resposta dado durante o período gestacional. A vulnerabilidade e o desamparo também foi percebida na F3. O fato de ter ido comer capim fresco a fim de lidar com a privação do leite materno acabou levando o herói a se perder da família. Nesse caso, Roberto identificou-se mais uma vez com uma situação de desproteção e desamparo das figuras de cuidado.

O sentimento e a fantasia de exclusão e de rejeição apareceu na F2. Muito mais do que relacionado à triangularidade e/ou ao conflito edípico, o conteúdo apresentado parece estar associado ao desejo de ser incluído nas relações interpessoais. Outro indicador regressivo foi a possessividade em relação ao objeto de argila fabricado pela criança, na F7. De forma muito semelhante à gestação, a resposta fornecida indicou que o primogênito não abriu mão do objeto de argila. A possessividade e as necessidades mais regressivas também sugerem sentimentos de culpa, o qual frequentemente está presente nas respostas das crianças que conservam para si o objeto. Da mesma forma que na F2, a resposta de Roberto parece estar mais associada aos sentimentos de rejeição e desejo de retaliação e punição à mãe do que propriamente relacionada ao conflito edípico.

Nos demais subgrupos de fábulas, os indicadores de regressão foram observados somente na F4, F5 e F10, não tendo sido percebidos na F9. Os indicadores foram: fantasia de morte, distorção, desamparo e desproteção, busca de um genitor, ansiedade de separação, agregação familiar e irregularidade no tempo de reação de resposta.

A fantasia de morte, na F4, apareceu através da situação de vulnerabilidade e de risco de morte do herói. A distorção, na F5, pode ser percebida por meio da transformação de detalhes ameaçadores, como o objeto de medo, em aspectos que mobilizaram menos ansiedade. O bicho-papão, personagem de “filme de terror”, transformou-se em amigo do herói ao longo da resposta. Outro indicador de

regressão foi o desamparo e desproteção do herói observados tanto na F5 quanto na F10. Em ambas as fábulas, a regressão apareceu através da família que não estava em casa, deixando o filho em situação de desamparo frente às figuras de cuidado.

Ainda na F5, observou-se a busca de um genitor para o auxílio no enfrentamento da situação que lhe causava medo e na retomada de atividades escolares. De forma semelhante à gestação, a necessidade de auxílio paterno apareceu. A irregularidade no tempo de reação de resposta e a fantasia de agregação familiar apareceram apenas na F10. Esta última foi demonstrada através da possibilidade de o herói permanecer junto aos demais membros familiares após a situação potencialmente ansiogênica.

Quanto aos indicadores de crescimento, pode-se observar em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F2, F3, F6, F7 e F8), com exceção de uma (F1). Os indicadores foram: distorção, superação, crescimento, compartilhar o leite materno, aceitação de regras e/ou de responsabilidades e culpa edípica.

A distorção do conteúdo foi um indicador que apareceu em três fábulas desse primeiro subgrupo (F2, F6 e F8). Na F2, a transformação de detalhes da fábula em outros com conotação menos ameaçadora afetou a estrutura de sua resposta. Por outro lado, também serviu para lidar com a ansiedade mobilizada sugerindo superação do herói. Na medida em que adicionou os passarinhos para brincar, evidenciou a presença de pares e evitou a fantasia de abandono decorrente da festa de aniversário de casamento dos pais. Assim, ao mesmo tempo em que administrou a ansiedade mobilizada também mostrou um herói com capacidades próprias para lidar com as frustrações provenientes da relação com os genitores. Já na F6, a distorção apareceu através da inserção de outro personagem na sua história, mais um elefante. A presença de dois elefantes faz alusão à aceitação de duas crianças no ambiente familiar, sugerindo também a aceitação do irmão nas relações afetivas. Por fim, a distorção também foi percebida na F8, visto que inseriu outro personagem em sua história, o cachorro.

Ainda na F8, também foi observada a culpa edípica como indicador de crescimento. Ao transformar detalhes importantes da fábula, apontando que o pai ficou brabo porque o cachorro fez “xixi no seu pé” e não porque o menino passeou com a mãe, mostrou a fantasia de castigo, projetada no cachorro. Dessa forma, tanto através da distorção quanto através da culpa edípica evidenciam-se

sinais mais evoluídos de defesas, fantasias e de reações do personagem da história.

O crescimento também foi observado tanto na F3 quanto na F6. Em ambas as fábulas, Roberto identificou-se com um herói que fez alusão ao tamanho e ao crescimento. Ainda na F3, se observou a capacidade de renunciar ao leite o materno com o cordeirinho menor. A possibilidade de abrir mão e de confraternizar com o menor evidenciaram a capacidade de o herói lidar com a privação do leite materno, representante simbólico do afeto materno. Por fim, também foi observada a aceitação de regras e/ou de responsabilidades, na F7. A frustração imposta à criança, de ser livre para dar ou não o objeto à mãe, mobilizou o reconhecimento de exigências exteriores e um mundo contrário aos seus desejos.

No subgrupo de fábulas de controle, também foram observados indicadores de crescimento em todas (F4, F9 e F10), exceto em uma (F5), os quais foram: aceitação de regras e/ou de responsabilidades e fantasia de castigo.

Na F4, foi observada a aceitação de regras e/ou de responsabilidades, através do reconhecimento de que não era bom brigar. Esse mesmo indicador também foi percebido na resposta da F9, que envolveu restrições e deveres em decorrência do comportamento do herói na escola e cumprimento e aceitação de regras impostas pela mãe. Além disso, forneceu informações sobre como ele percebia a maneira de a mãe manejar certas rotinas, colocando-o, provavelmente, de castigo. A fantasia de castigo foi outro indicador de crescimento nessa fábula, uma vez que remete para fantasias, defesas e comportamentos mais amadurecidos, rumo à independência.

Tabela 9

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses do Irmão, Indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	<p>Busca de um genitor – “<i>A mãe voltou e pegou ele</i>”</p> <p>Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – “<i>Se machucou a asa, por isso não conseguiu voar. (P) E o ninho quebrou.</i>”</p> <p>Irregularidade no tempo de reação (TR=65s)</p>	<p>Não foram observados indicadores de crescimento</p>
F2	<p>Sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição – “<i>Porque ficaram rindo da cara dela porque... (P) ela era feia. (P) Mal. (P) Porque ficaram rindo da cara dela.</i>”</p> <p>Irregularidade no tempo de reação (TR=25s)</p>	<p>Distorção – “<i>Foi brincar com os passarinhos que não riam da cara dela. (P) Só isso.</i>”</p> <p>Superação – “<i>Ela vira amiga dos passarinhos, os passarinhos não riam da cara dela.</i>”</p>
F3	<p>Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – “<i>vai comer capim, se perde e a família dele vai procurar ele.</i>”</p> <p>Irregularidade no tempo de reação (TR=36s)</p>	<p>Crescimento – “<i>Daí fica grande, o outro fica do tamanho dele.</i>”</p> <p>Renunciar ao leite materno – “<i>a mamãe vai ter bastante leite pra dar pro outro e eles virão amigos.</i>”</p>
F4	<p>Fantasia de morte – “<i>Seu Juvenal. (P) Ele é casado e tinha filho. Deu um ataque de nervos nele e ele morreu. (P) Porque ele brigou com a mulher e pensou em Jesus e viu que não era bom e ele morreu.</i>”</p>	<p>Aceitação de regras e/ou de responsabilidade – “<i>Só isso (P) Não era bom brigar.</i>”</p>
F5	<p>Distorção – “<i>Bicho papão. (...) Ele apareceu e o menino ficou</i></p>	<p>Não foram observados indicadores de crescimento</p>

---

*assustado e o Bicho Papão não fez nada, ficou fazendo, eles virarão amigos. (P) Ela se escondeu. (P) O Bicho Papão pegou a toalha e puxou”.*

Desamparo e ansiedade de separação – *“E aí o menininho gritou e viu que não tinha ninguém em casa, porque a mãe... o pai foi trabalhar e a mãe foi trabalhar e ele ia sozinho pra escola”.*

Busca de um genitor – *“Eles voltaram pro lugar deles, o pai ajudou o menino a fazer os temas, só isso”.*

- |    |   |  |
|----|---|--|
| F6 | <p>Não foram observados indicadores de regressão</p>  | <p>Crescimento - <i>“Porque ele cresceu e casou”.</i></p> <p>Distorção – <i>“aí ia lá ver que tinha dois... dois elefantes”.</i></p>   |
| F7 | <p>Possessividade – <i>“A criança disse que não ai dar o presente pra mãe (P) Ficar triste (P) Porque era dia das mães e a criança não deu presente”.</i></p> <p>Irregularidade no tempo de reação (TR=11s)</p> | <p>Aceitação de regras e/ou de responsabilidades - <i>“Porque queria ganhar dinheiro. Só isso (P) Porque a família dele era muito pobre, pobre”.</i></p>   |
| F8 | <p>Não foram observados indicadores de regressão</p>  | <p>Distorção e culpa edípica – <i>“Porque o cachorro fez xixi no ... No pé dele, no pé do pai (P) Daí o menino viu dando no cachorro e o menino foi ali e tirou e foi dar uma volta com o cachorro”.</i></p> |
| F9 | <p>Não foram observados indicadores de regressão</p>  | <p>Fantasia de castigo – <i>“Que viu a agenda do menino, dizendo que foi pra diretoria porque machucou</i></p>   |
-

---

	<i>um colega (P) E a mãe dele botou ele de castigo”.</i>
	Aceitação de regras e/ou de responsabilidade– <i>“Ela cumpriu, daí ficou dez dias de castigo. (P) Mal”.</i>
F10	Desamparo e ansiedade de separação– <i>“Quando o menino chegou da escola, a família não tava ali dentro, foi procurar e se perdeu e aí acordou e tomou um susto. (P) Ela se sentiu mal”.</i>
	Fantasia de agregação familiar – <i>“saiu da cama e foi ver que a família deles tava (P) Só isso (P) Quando eles acordaram, tomaram café e o menino contou o sonho”.</i>
	Irregularidade no tempo de reação (TR=22s)

---

### **3.1.3.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos 24 meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai**

De modo geral, como mostra a Tabela 10, os indicadores de regressão do primogênito aos vinte e quatro meses do irmão foram: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo, ansiedade de separação, comportamento desafiador em relação à mãe, ciúme e agressividade, choro, medo e demandas na hora do sono. A solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo foi manifestada através da maior exigência dos genitores, da figura paterna como também de maior cobrança em momentos de brincadeira. A maior exigência por atenção dos genitores e a cobrança em momentos de brincadeira foram observadas somente no relato materno, despertando sentimentos de chateação e de aborrecimento. Ao mesmo tempo em que houve acolhimento para a solicitação de atenção dos genitores, visto que a mãe se questionou sobre a atenção dada ao filho e sobre sua fase de “ciumeira”, também pareceu não ter acolhido, em função de

não ter tolerado suas manifestações regressivas. Embora tenha se questionado se realmente estava dando atenção para o filho mais velho, não reconheceu sua participação nesses comportamentos, pois acreditava estar dando “tudo pra dar atenção a ele”. Também não houve acolhimento materno frente às solicitações de atenção em momentos de brincadeira.

Já a solicitação de atenção do pai foi percebida tanto no relato materno quanto no paterno. Ambos apontaram o filho como estando “mais apegado e agarrado ao pai, cobrando mais sua atenção”. Embora a mãe tenha se mostrado chateada frente às solicitações do filho, também demonstrou acolhimento, explicando-lhe a respeito de tais situações. Para o pai, essa regressão mobilizava tanto sentimentos de satisfação, mas também de cansaço. É possível que essa não disponibilidade materna para atender aos indicadores de regressão estivesse favorecendo a uma maior fragilidade emocional de Roberto e a busca de uma relação mais próxima com o pai.

Outros indicadores de regressão foram a ansiedade de separação e o comportamento desafiador em relação à mãe observados somente no relato paterno. Roberto demonstrava-se “mais ansioso” em situações de espera nos momentos de reencontro com o pai, mobilizando sentimentos de tristeza diante dos “corações partidos”. Ainda ouvindo o pai, observou-se que o primogênito estava mais respondão à mãe, implicando e se irritando com esta. Ao mesmo tempo em que tal fato o deixava chateado, o acolhia, conversando e explicando-lhe sobre tais situações, pois também era difícil para o pai lidar com os momentos de separação.

Houve ainda referência ao ciúme e à agressividade em relação ao irmão. Na visão da mãe, Roberto “apresentava mudanças de comportamento naqueles últimos tempos”, despertando tanto sentimentos de mal-estar, quando brigavam, quanto de conformidade acreditando ser “normal as brigas entre os irmãos”. A mãe também percebeu que ficava sempre na defesa do bebê, “por ser menor, por ser pequeno”, e por vezes, acabava “magoando” o maior. Já o relato paterno destacou somente a agressividade. Ao mesmo tempo em que cuidava para “enxergar os dois” lados, confortando um e outro, também intervinha nas investidas de agressividade do primogênito em relação ao irmão, procurando impedi-las.

Outro indicador de regressão foi o choro. Tanto a mãe quanto o pai mencionaram-no como bastante presente naquele momento. O filho chorava como

o irmão menor, em resposta a algo que os genitores não lhe davam. Na visão da mãe, em função de o primogênito ser “grande”, não deveria apresentar tal comportamento, indicando não acolhimento. Ambos os genitores apontaram sentimentos de chateação frente a esse indicador de regressão. O pai também mencionou preocupação. Ainda ouvindo o pai, observou-se acolhimento, visto que conversava e explicava ao filho a respeito dos motivos que o deixava triste e magoado.

O medo também pode ser considerado como um indicador de regressão. O medo de escuro, da rua e dos amigos, na visão da mãe, coincidiu com o nascimento do irmão. Já o pai, destacou o “retraimento” em relação aos amigos. Houve intervenção, visto que o pai deu-se conta que não “incentivava” o filho para tal interação. Por fim, observaram-se ainda demandas na hora do sono tanto no relato da mãe quanto no do pai. Ao mesmo tempo em que a mãe sentia-se mal por não poder levar Roberto no colo, já que carregava o menor, e ainda por não ter outra solução para lidar com os filhos naquele momento, também não a via como uma criança de apenas sete anos. Para o pai, o filho solicitava explicações de o porquê de seu irmão dormir com eles e ele não como fazia no período gestacional, mobilizando sentimentos de preocupação. Houve acolhimento, visto que o pai buscava fazer com que o filho compreendesse que quando tinha a idade do irmão também dormia na cama dos pais. Os argumentos paternos centravam-se na idéia de que deveria haver “direitos iguais para todos” e que Roberto já era “grande” e estava no mesmo “padrão” dos genitores.

No que tange aos indicadores de crescimento, observaram-se: aceitação de regras e/ou de responsabilidades, incremento na leitura e escrita, bem como maior interesse pelo irmão. A aceitação de regras e/ou de responsabilidades do primogênito foi mencionada tanto pelo pai quanto pela mãe, diferentemente do período anterior em que a teimosia e a rebeldia haviam sido destacadas como algo difícil de lidar. Ambos os genitores intervinham em tal comportamento, estimulando o filho a apresentar algumas reações, através de explicações e de orientações.

Outro indicador de crescimento foi o incremento na leitura e escrita. Houve acolhimento tanto materno quanto paterno. A mãe apontou que este incremento exigia maior atenção, mobilizando sentimentos de bem-estar e de satisfação, visto que achava bonita aquela “fase de estar aprendendo a ler e a escrever”. O pai acreditava ser um “momento mágico”, uma vez que Roberto

estava saindo de um mundo e entrando em outro, despertando sentimentos de contentamento diante da maior “assimilação” do filho. Por fim, observou-se também como indicador de crescimento maior interesse pelo irmão. Ambos os genitores apontaram-no como mais participativo nos momentos em que era destinado algum cuidado ao irmão. Tal fato mobilizou sentimentos de satisfação na mãe. Já, no relato paterno, observou-se tanto intervenção quanto acolhimento. Ao mesmo tempo em que o pai estimulava e incentiva tal comportamento no filho, também o respeitava quando este não se mostrava disponível.

Tabela 10

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo	Aceitação de regras e/ou de responsabilidades
Dos genitores – <i>“Tem exigido mais da gente (...) tá se demonstrando muito chato, exigindo mais da gente, querendo atenção. E fica toda hora falando que a gente não gosta dele e isso aí chateia”</i> . (Mãe)	<i>“aceita [os limites]”</i> . (Mãe)  <i>“Aceita (...) meio que fica triste, ranzinza, mas aceita”</i> . (Pai)
	Escrita e leitura
Do pai – <i>“é bem mais apegado com o meu marido, exige muito mais dele do que de mim (...) cobra mais dele”</i> . (Mãe)	<i>“está aprendendo a ler (...) quer mostrar para a gente (...) fala correto (...) fala mais claro.”</i> (Mãe)
	<i>“já ta conseguindo ler (...) ta lendo o livrinho dele”</i> . (Pai)
	<i>“muito agarrado comigo. (...) quer ficar mais tempo comigo. Aumentou essa cobrança dele”</i> . (Pai)
Em momentos de brincadeira – <i>“Às vezes me cobra ‘Ai mãe, vem brincar’”</i> . (Mãe)	Maior interesse pelo irmão  <i>“me ajuda, é bem parceiro (...) Tipo alcançando alguma coisa, fralda, talco (...) é bem preocupado com o irmão”</i> .

---

(Mãe)

Ansiedade de separação

*“parece que ta me esperando (...) que ta ficando mais velho e ta mais ansioso pela minha chegada (...) quando era menor, não [era assim]. Quando demoro um pouquinho, sempre pergunta se vou demorar”.* (Pai)

*“entende que tenho que trocar a fralda [do irmão], que tenho que dar banho (...) participa (...) é prestativo”.* (Pai)

Comportamento desafiador em relação à mãe

*“desafia mais ela [Elza]. Mais desafiador, mais respondão (...) às vezes implica, irrita”.* (Pai)

Ciúme e agressividade

*“apresentou mudanças nesses últimos tempos, passou a ser mais ciumento (...) chora, briga, xinga, fica bem brabo [com o irmão]”.* (Mãe)

*“uma vez até deu um tapa na bunda do Evandro”.* (Pai)

Choro

*“chora porque a gente não quer dar alguma coisa, chora que nem o Evandro (...) Quando é negado alguma coisa”.* (Mãe)

*“chora quando ta fazendo uma brincadeira e o irmão vem e desmonta o que ta fazendo, fica choroso, magoado, quando ta brincando com os amigos (...) e não leva vantagem”.*

---

---

(Pai)

Medo

*“tem medo, medo do escuro, da rua, dos amigos, se escuta algum barulho de incêndio, não gosta. [Começou] acho que faz bastante tempo, ainda mais quando o Dudu nasceu”*. (Mãe)

*“se retraiu um pouco. Antes descia mais (...) quando era menor gostava de ta mais ali em baixo. O que menos gosta de fazer é se relacionar com outras crianças”*. (Pai)

Hora do sono

*“é problemática. [Saímos cedo] o Evandro eu levo (...) o Roberto tenho que acordar, não tenho como carregar (...) se sente muito mal, cobra, diz que não quer ir, quer ficar dormindo (...) se incomoda bastante”*. (Mãe)

*“a questão do Eduardo está dormindo aqui do nosso lado, ele pergunta o porquê”*. (Pai)

---

### **3.1.4 Aspectos singulares do Caso 01: indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão**

Neste primeiro caso, observaram-se tanto indicadores de crescimento quanto de regressão, desde a gestação até os vinte e quatro meses do irmão. Durante o período gestacional, destacaram-se os indicadores de regressão, tanto a partir do ponto de vista do primogênito quanto dos genitores. Nas falas maternas e paternas também houve predomínio de regressão aos vinte e quatro meses do segundo filho, não tendo sido observada diferença expressiva entre os indicadores

aos doze meses. Em contraposição, no teste projetivo, destacaram-se os indicadores de crescimento aos doze meses, enquanto que aos vinte e quatro não houve diferença expressiva entre os indicadores.

A partir do ponto de vista do primogênito, no período gestacional, a regressão foi observada através de distorção (F1, F2 e F7), busca de um genitor (F1 e F5), irregularidade no tempo de reação de resposta (F1 e F2), fantasia de morte (F4 e F10), ansiedade de separação (F5 e F9) e auto-referência (F9 e F10). Aos doze e aos vinte e quatro meses do irmão, ainda que não tenham sido predominantes, os indicadores de regressão também foram apontados. Aos doze, além da busca de um genitor (F1) e da distorção (F3 e F9), também foram evidenciados vulnerabilidade, desamparo e desproteção (F5 e F10), os quais permaneceram aos vinte e quatro meses (F1, F3 e F10), além da busca de um genitor (F1 e F5) e da ansiedade de separação (F5 e F10). A vulnerabilidade ainda permaneceu em evidência nessa fase e esteve relacionada aos sentimentos e fantasias de exclusão e da expressiva irregularidade no tempo de reação de resposta nas fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1, F2, F3 e F7).

Nota-se que, ao longo das três fases investigadas, os indicadores de regressão mais expressivos não variaram muito. Observou-se ainda que o teste provocou intensa mobilização afetiva, observada tanto a partir da própria qualidade de resposta dada por Roberto quanto pelas irregularidades no tempo de reação apresentadas na gestação e aos vinte e quatro meses do irmão. Foi também evidenciado que de fato o primogênito estava se sentindo ameaçado e vulnerável às intercorrências do ambiente familiar, especialmente durante o período gestacional.

Na gestação, o enfrentamento de uma situação potencialmente traumática parece ter mobilizado fantasias de impotência e de abandono. A identificação com um personagem que se encontrava indefeso e frágil, por vezes, mobilizou Roberto a transferir para partes do corpo sentimentos ansiogênicos, causando lesões no herói, observadas também na gestação e aos vinte e quatro meses. Embora tenha buscado, nesses dois momentos, um ou ambos os genitores, não ficou claro se essas lesões foram seguidas ou não de cuidados adequados.

Aos doze meses, ainda que de modo menos expressivo do que na gestação e aos vinte e quatro, o herói também apareceu preocupado em restabelecer os vínculos com os genitores, encontrando dificuldades para lidar com as situações

ansiosas e ameaçadoras, ainda muito vulnerável, sofrendo consequências de um ambiente ameaçador. O herói puniu a si mesmo como castigo por ter feito ou demonstrado algo errado. Simbolicamente, a vulnerabilidade esteve a serviço da fantasia de autopunição, colocando-o em uma situação de fraqueza.

Já aos vinte e quatro meses, ainda que Roberto tivesse apresentado em suas respostas um melhor nível de amadurecimento emocional, também demonstrou dificuldades no enfrentamento de situações ansiosas. Provavelmente, estas dificuldades estiveram relacionadas muito mais aos sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição em relação aos genitores do que propriamente ao ciúme em relação ao irmão. Tal aspecto pode ser evidenciado, seja através da busca de um genitor e da ansiedade de separação, ou também por não ter apontado dificuldades em renunciar ao leite materno, um dos indicadores de rivalidade fraterna.

Outro aspecto que chama atenção nas respostas de Roberto, ao longo dos três momentos estudados, diz respeito ao distanciamento afetivo, indicado na F4, na gestação e aos doze meses, enquanto que aos vinte e quatro meses não foram observados indicadores de regressão para essa fábula. Ao mencionar “*Jesus*” como personagem que havia morrido, Roberto evitou a referência a membros da família. Para Cunha e Nunes (1993), essa tendência de evitar a referência à família pode sugerir uma posição mais defensiva, ou estar associada a sentimentos de culpa, ou ainda indicar que o conteúdo não suscitou projeção. Contudo, considerando que esta família é católica praticante, sugere-se que a resposta esteja revelando a identificação com a morte/assassinato do filho único de Maria. Nesse caso, o distanciamento afetivo associado à fantasia de morte proposta pela fábula provavelmente estaria relacionado à fantasia de morte simbólica do filho único para os pais em função da chegada de um irmão.

Outros indicadores de regressão também foram observados ao longo dos três momentos estudados, como possessividade, distorção, busca de uma família substituta, fantasia de invasão e auto-referência. Provavelmente, a regressão estivesse revelando um nível de ansiedade relacionado ao receio de separação em relação aos genitores e também às mudanças na família e nas relações familiares inerentes à chegada de um irmão.

Diferentemente do demonstrado pelo primogênito no teste projetivo, nas falas da mãe e do pai predominaram os indicadores de regressão na gestação e aos vinte e quatro meses do segundo filho. Durante a gestação, na visão dos genitores,

o primogênito solicitou mais atenção e/ou demonstrou estar mais agarrado e próximo aos genitores, especialmente à mãe, maior ansiedade de separação, ciúme em relação ao irmão ainda na barriga, agressividade, uso do bico e do cheirinho, e teimosia e rebeldia. Aos doze meses, ainda que não tenha sido observada diferença expressiva entre indicadores de regressão e de crescimento, além do ciúme e da agressividade, também foram observados teimosia e rebeldia, bem como maior solicitação de atenção e/ou evidências de estar mais agarrado e próximo aos genitores, especialmente à figura paterna. Já aos vinte e quatro meses, além da solicitação de atenção dos genitores, sobretudo do pai, e também do ciúme e da agressividade em relação ao irmão, houve ainda manifestação de ansiedade de separação aumentada e comportamento desafiador em relação à mãe.

Nota-se que, ao longo desses três momentos, os indicadores de regressão foram também muito semelhantes nas falas da mãe e do pai. De modo geral, foram também acompanhados de outros, como medo e choro, bem como demandas em algumas áreas do desenvolvimento infantil, especialmente na hora da alimentação e do sono.

Na gestação, a partir do ponto de vista dos genitores, observou-se que o foco da atenção do primogênito centrava-se na figura materna, através da ansiedade de separação e da proximidade aumentada, do ciúme e da agressividade. A maior demanda por proximidade, especialmente em relação à mãe, e a maior ansiedade de separação também foram demonstradas por Roberto no Teste das Fábulas, através de um herói vulnerável e indefeso diante de um ambiente ameaçador.

Notou-se ainda que houve mudança desse comportamento aos doze e aos vinte e quatro meses quando Roberto retomou a proximidade e maior solicitação em relação ao pai, tal como fazia antes da gestação. Ainda aos doze meses, destacaram-se, nas falas da mãe e do pai, a teimosia e rebeldia, o ciúme e a agressividade, os quais foram associados especialmente aos momentos de atendimento destinados ao irmão. A regressão em momentos de interação genitores-bebê já havia sido manifestada no relato paterno durante o período gestacional. Assim, é possível que a não disponibilidade da mãe para lidar com as exigências emocionais do primogênito, em função das demandas do segundo filho ainda muito pequeno, estivesse fazendo com que ele retomasse a busca pelo pai, no sentido de obter a contenção, o cuidado e a presença nas atividades do dia-a-dia. No teste projetivo, também houve busca de um genitor, sobretudo da figura

paterna, em situação de ameaça do ambiente familiar, bem como sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição. Porém, quando o herói visualizava a mãe como disponível e próxima, buscava-a como referência. Embora os relatos parentais tivessem apontado retomada de proximidade do primogênito em relação ao pai, as respostas de Roberto fazem pensar que essa retomada ocorria muito mais em função de perceber a não disponibilidade materna e de sentir-se excluído e rejeitado do que propriamente da necessidade do pai em si.

Da mesma forma que na gestação, aos vinte e quatro meses os indicadores de regressão centraram-se na ansiedade de separação, no ciúme e na agressividade em relação ao irmão. O que diferiu da gestação foi a solicitação de atenção centrada na figura do pai, além da referência a comportamentos desafiadores direcionados à mãe. Estes indicadores de regressão revelados pelos genitores estão de acordo com os do primogênito, que demonstrou um herói com ansiedade de separação, sentimentos e fantasias de exclusão, de rejeição e de desamparo.

Além dos indicadores de regressão, os de crescimento também foram revelados especialmente aos doze e aos vinte e quatro meses. Na gestação, embora de modo menos expressivo, os mais observados foram a superação (F5 e F10) e o crescimento do herói (F1, F2 e F3). Aos doze meses, além da superação (F1, F3, F5 e F10) e do crescimento (F3, F6 e F9), houve destaque também para a aceitação de regras e/ou de responsabilidades (F2, F4, F6 e F9). Já aos vinte e quatro, além da superação (F2 e F10), crescimento (F3, F6, ) e aceitação de regras e/ou de responsabilidades (F4, F7 e F9), houve ainda evidência de distorção (F2, F6 e F8).

Ao longo dos três momentos estudados, notam-se indicadores de crescimento muito semelhantes. Principalmente aos doze e aos vinte e quatro meses, observou-se que Roberto demonstrou um herói com capacidade de utilizar recursos próprios para lidar com as situações potencialmente ameaçadoras. Mostrou ainda sinais de tolerância à frustração, bem como condições de superar e de reagir diante das dificuldades. A alusão ao crescimento, igualando-se à mãe e a pai, bastante frequente em suas respostas, e a aceitação de regras e/ou de responsabilidades, estiveram associadas ou ao desejo de ocupar o lugar de filho mais velho, provavelmente para não se sentir excluído ou rejeitado, ou ainda para atender às expectativas parentais de que se comportasse bem, educado e obediente, como “filho mais velho e maior”.

Outros indicadores de crescimento também foram observados ao longo dos três momentos estudados, renúncia ao leite materno, cooperação, autocuidado, aceitação da auto-imagem, dentre outros. O uso de respostas que correspondem a um maior nível de amadurecimento emocional, observado especialmente aos doze e aos vinte e quatro meses, como renúncia ao leite e cooperação, faz pensar que talvez não seja a chegada em si de um irmão que estivesse impactando o primogênito, mas os possíveis sentimentos de rejeição parental, especialmente maternos. Estes sentimentos estão possivelmente relacionados aos indicadores de regressão e que podem estar sendo minimizados, através da necessidade de ocupar o lugar de filho mais velho.

Nas falas da mãe e do pai também foram observados indicadores de crescimento ao longo dos três momentos estudados, ainda que de modo pouco expressivo, quando comparados aos de regressão. Na gestação e aos vinte e quatro meses, o crescimento não foi tão enfatizado, enquanto que aos doze meses do irmão, ainda que sem muita expressividade, foram mais destacados.

Na gestação, foi referido maior interesse do primogênito pela escrita e leitura, bem como pelo irmão. Aos doze meses, a socialização e a interação com pares, tanto com outras crianças quanto com o irmão, e as aquisições quanto ao uso do bico e/ou do cheiro e também da alimentação e do banho foram enfatizadas. Aos vinte e quatro meses, o que se destacou foi a aceitação de regras e/ou de responsabilidades.

Nota-se que mesmo tendo sido feita referência a indicadores de crescimento nas falas dos genitores, estes foram menos expressivos do que o observado nas respostas do primogênito. Contudo, percebe-se que tanto a partir das falas da mãe e do pai quanto do teste projetivo, o crescimento se evidenciou através da aceitação de regras e/ou de responsabilidades, bem como de conquistas e aquisições, remetendo à idéia de superação das situações ansiogênicas.

Outro aspecto que se destaca diz respeito aos diferentes sentimentos e reações maternas e paternas mobilizados pelos indicadores de regressão e de crescimento ao longo dos três momentos estudados. A regressão pareceu ser melhor acolhida durante a gestação do que aos doze e aos vinte e quatro meses, em que apareceu acompanhada de intervenções maternas e paternas. No período gestacional, tanto o pai quanto a mãe estavam conectados à ansiedade de separação do filho, bem como preocupados e receosos de que Roberto sofresse ou pensasse que deixariam de amá-lo com a vinda do bebê. Além disso, pareceram

disponíveis para atender às suas demandas e solicitações, reconhecendo a importância de prepará-lo para a chegada do irmão, através de conversas e explicações sobre como seria após o nascimento.

Já aos doze e aos vinte e quatro meses, embora tenha havido acolhimento da regressão, tanto a mãe quanto o pai intervieram em alguns dos indicadores de crescimento, de modo que ou os incentivaram para a mudança ou para a manutenção desses. Nesses dois momentos, os genitores estimulavam o primogênito para que apresentasse “comportamento de adulto”, por acharem que com cinco anos já tinha maior entendimento sobre as coisas e também o incentivavam a ocupar o papel de filho maior e mais velho. Ao mesmo tempo, também acolheram seu crescimento, mostrando-se disponíveis emocionalmente para acompanhar suas conquistas.

Foram percebidos ainda diferentes sentimentos maternos e paternos ao longo dos três momentos estudados. Na gestação, observou-se desde sofrimento, culpa, medo, pena e preocupação até felicidade e contentamento, sobretudo em função da proximidade do primogênito com a mãe. Já aos doze meses, o crescimento e as conquistas do filho desencadearam sentimentos de satisfação, orgulho, contentamento e surpresa, por outro também mobilizaram cansaço, impaciência e necessidade de maior imposição de limites. As crianças, em idade pré-escolar, especialmente no início da fase escolar, demandam maior disponibilidade parental, em função do encantamento com as letras e com o processo de escrita. É possível ainda que este crescimento estivesse sendo utilizado pela criança como forma de resgatar a atenção materna.

### 3.2 Análise do Caso 02

#### 3.2.1 Caracterização do caso no contexto de gestação de um segundo filho

Na Tabela 11, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 02 durante a gestação do segundo filho, contemplando os nomes e as idades dos participantes do estudo.

Tabela 11

*Caracterização do Caso 02 durante a Gestação do Segundo Filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Marcos	4 anos e 3 meses
Mãe	Diana	34 anos
Pai	Pablo	35 anos
Segundo filho	Isadora	32 semanas de gestação

##### 3.2.1.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação da irmã indicados no Teste das Fábulas

Como se pode ver na Tabela 12, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1 e F2; F6 e F8), exceto na F3 e F7. De modo geral, os indicadores de regressão foram busca de um genitor e de uma figura de cuidado substituta, distorção de um dado relevante da fábula, desamparo e desproteção, fantasia de morte e de invasão.

Os indicadores de regressão mais destacados foram a busca de um genitor e a distorção percebidos na F1, F2 e F6. Na F1, houve referência de um filhote passarinho que foi ao encontro da figura materna e, também da vovó, indicando a presença de outra figura de cuidado. Diferentemente das respostas comuns dadas por crianças da mesma idade, que indicam que o passarinho vai para outra árvore, Marcos indicou um herói que foi encontrar a árvore em que a mãe e a vovó estavam indo. Ao incluir a vovó, modificou o conteúdo da fábula, evitando o conflito proposto e revelando uma realidade do contexto do primogênito – a disponibilidade emocional e a proximidade física da avó materna naquele momento. Já na F2, a referência foi a busca pela figura paterna, enquanto que na F6, foi tanto pelo papai quanto pela mamãe. Dessa forma, percebe-se que houve incapacidade de o herói enfrentar a conflitiva proposta nas três fábulas (F1, F2 e

F6) sem a ajuda, a disponibilidade e o encorajamento de figuras cuidadoras, buscando um ou ambos os genitores, bem como uma figura substituta.

Quanto à distorção, houve tanto adição de personagens (F1 e F6) quanto modificação do conteúdo da fábula (F2 e F6). A adição pode ser observada pela inclusão da vovó, na F1, do papai, da mamãe, de pessoas e do monstro elefante, na F6. Já na F2 houve a transformação da festa de aniversário de casamento dos pais em “festa de adultos”, bem como o fato de, ao final, o herói ter ido para casa conversar com o papai. Na F6, também se observa a modificação da situação-problema, uma vez que Marcos não conseguiu apontar o quê o elefante tinha de diferente, também transformando o conteúdo proposto.

Outros indicadores observados foram fantasia de morte e de invasão, desamparo e desproteção. A fantasia de morte foi percebida através da situação de morte de todos os personagens envolvidos na história elaborada na F6. Ainda nessa mesma fábula, o desamparo e a desproteção podem ser observados através do sumiço do papai e da mamãe e da ameaça de morte provocada pelo monstro elefante. Já na F8, a fantasia de invasão pode ser evidenciada pela forma agressiva e hostil com que a figura paterna foi invadida por um besouro.

Além da fantasia de morte e do desamparo e desproteção, nos outros dois subgrupos (F4 e F5; e F9 e F10) foram observados outros indicadores de regressão como hostilidade e sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição. A fantasia de morte pode ser evidenciada na F10 através do risco de morte do “monstro que comeu” o herói. Já o desamparo e desproteção podem ser percebidos na F4, F5 e F10, em que foi feita referência a um herói que se encontrava em uma situação de inteira passividade e vulnerabilidade, incapaz de se proteger, mobilizando fantasias de impotência e de abandono. Também se observaram sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, visto que na F9 o herói foi rejeitado pela mãe, que não quis brincar com o filhinho. Por fim, a hostilidade evidenciada na F10 aparece através do herói que ao não receber a ajuda do papai e da mamãe, transformou-se em uma criança do mal.

Já os indicadores de crescimento do primogênito apareceram em todas as fábulas dos subgrupos que investigam temas específicos do desenvolvimento (F2 e F3; F7 e F8), exceto na F1 e F6. Os mais comuns foram: aceitação de regras, renunciar ao leite materno, socialização e interação com pares, renúncia ao objeto de argila e gratificação frente ao ato de ceder o objeto de argila, culpa edípica e fantasia de castigo.

A aceitação de regras pode ser observada na resposta dada à F2, visto que o herói teve a capacidade de aceitar os limites impostos pela mãe, ficando sozinho no fundo do quintal, após esta ter dito que “era festa só de adultos”. A renúncia ao leite materno e a socialização e interação com pares foram apontados na F3. A capacidade de o cordeirinho maior compartilhar o leite materno corresponde ao comumente indicado por crianças da mesma faixa etária de Marcos.

Na F7, houve também a identificação a um personagem que lidou com o conflito emocional, visto que o herói renunciou ao objeto fabricado, gratificando-se ao tê-lo cedido e ao ter satisfeito os pedidos da mãe. A renúncia ao objeto sugere a aprendizagem de que existe um mundo contrário aos seus desejos, exercendo um direito de escolha e de autonomia.

Na F8, os indicadores de crescimento foram fantasia de castigo e culpa edípica. A fantasia de castigo pode estar sendo utilizada como defesa para lidar com o conteúdo ansiogênico proposto. Mesmo que o herói não tivesse sido capaz de enfrentar o conflito, projetando sua hostilidade “no besouro que entrou na perna do papai do mal”, constituiu um modo mais maduro de enfrentamento da situação conflitiva. O medo de castigo pode estar representando o medo de perda do amor do pai e da proteção deste. Já a culpa edípica revelou a preocupação do herói com a reação do genitor do mesmo sexo, indicando a passagem da relação diádica (mãe e filho) para a triádica (pai, mãe e filho). Por fim, nos outros dois subgrupos, foi observado somente um indicador de crescimento na F9, enquanto que nas demais fábulas não (F4 e F5; F10). Diante dos sentimentos de rejeição e de exclusão decorrentes do fato de a mãe não ter desejado brincar com o filhinho, o herói aceitou as regras impostas, obedecendo-as.

#### Tabela 12

##### *Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito durante a Gestaçã da Irmã Indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	Busca de um genitor – “ <i>Acho que foi pra outra árvore, a pequenininha, ele foi encontrar a mamãe</i> ”.	Não foram observados indicadores de crescimento
	Busca de uma figura de cuidado substituta e distorção – “ <i>foi</i>	

- 
- encontrar a vovó também”.*
- F2 Busca de um genitor e distorção – Aceitação de regras – *“foi ficar sozinho. (P) Porque a mamãe ficou na festa e ele foi pra casa dele, com o papai conversar”.* *disse pra ele que a festa era só de adultos. (P) se sentiu bem”.*
- F3 Não foram observados indicadores de regressão Renunciar ao leite materno – *“O maior foi comer grão sozinho. (P) se sentiu bem. (P) se sentiu bem, ficou bem”.*  
Socialização e Interação com pares – *“o outro tava crescendo mais ainda. E daí ele foi brincar com o outro irmão mais velho”.*
- F4 Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – *“O Pedro morreu e o Lucas também morreu. Alguém matou eles. (P) triste. Triste porque os dois morreram”.* Não foram observados indicadores de crescimento
- F5 Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – *“tem medo do monstro. (P) eles mordem e roubam. (P) triste. (P) ela tava com medo do ladrão, tava com medo dos dois e se sentiu com medo”.* Não foram observados indicadores de crescimento
- F6 Busca de um genitor – *“Ele viu ele sumir, ele foi pra outro lugar onde tinha um papai sumido e uma mamãe sumida”.* Não foram observados indicadores de crescimento  
Distorção – *“tava diferente. E o elefante foi embora para outro lugar onde tinha outras pessoas sumidas. Ele sumiu, os dois sumiram, ele e a criança”.*
-

---

	Desamparo e desproteção – <i>“Eles sumidos eram papai e a mamãe elefantes e morridos pelo monstro elefante.”</i>	
	Fantasia de morte – <i>“ficou triste porque todas as pessoas morreram”.</i>	
F7	Não foram observados indicadores de regressão	Renúncia ao objeto de argila – <i>“ele vai dar”.</i> Gratificação frente ao ato de ceder o objeto de argila – <i>“feliz (P) ficou feliz porque deu o que ele fez pra mamãe”.</i>
F8	Fantasia de invasão – <i>“E daí o besouro entrou na perna do papai do mal. O papai era do mal”.</i>	Culpa edípica – <i>“Porque o papai tava brabo porque eles chegaram tarde. (P) se sentiu triste. (P) se sentiu triste porque o papai estava brabo”.</i> Fantasia de castigo – <i>“o papai disse que nunca mais era pra fazer isso, nunca mais ser do mau”.</i>
F9	Sentimentos e fantasia de exclusão e de rejeição - <i>“triste por causa que a mamãe não queria brincar com o filhinho”.</i>	Aceitação de regras – <i>“ele não fez nada, obedeceu a mamãe”.</i>
F10	Fantasia de morte – <i>“sonhou do monstro que comeu ele”.</i> Desamparo e desproteção – <i>“triste porque a mamãe e o papai não ajudaram ele porque os dois eram do mal”.</i> Hostilidade – <i>“a criança ficou do mal”.</i>	Não foram observados indicadores de crescimento

---

### **3.2.1.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai**

Como se pode ver, a Tabela 13 traz uma visualização dos indicadores de regressão e de crescimento do primogênito apontados pelos genitores durante a gestação de um segundo filho. De modo geral, os indicadores de regressão foram: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo, ansiedade de separação, medo da morte materna, fala infantilizada, bem como birras e demandas em algumas situações.

A solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo da figura materna se manifestou por meio do comportamento de ficar mais agarrado e dependente. Na visão materna, o filho “não queria perder o espaço e deixar de ser filho único”. Essas reações foram potencializadas com a gestação e percebidas como algo “normal”, “inconsciente frente a uma coisa nova”, mas que desencadeava sentimentos de irritação e de cansaço. Ao mesmo tempo em que houve acolhimento por ter se identificado com o filho, colocando-se no lugar de filho único, assim como ela, também se mostrava indisponível por não poder responder a todas as suas solicitações, em função do repouso exigido pela gestação. Já o pai, embora também o percebesse como mais agarrado à mãe, buscava “passar maior segurança ao filho, especialmente quando este se sentia inseguro”.

A ansiedade de separação se manifestava em diferentes momentos de separação, tanto em relação a ir à escola quanto em função da futura hospitalização da mãe em decorrência do nascimento do bebê. O medo de ficar longe, de que a mãe o deixaria e o esqueceria, também foi potencializado com a gestação. Pela fala da mãe, percebe-se acolhimento desses indicadores de regressão, visto que explicava sua ausência e mostrava-se disponível, embora jamais esperasse qualquer manifestação do filho. Por outro lado, também parecia que ela própria apresentava dificuldades nesses momentos, visto que intervinha nesta ansiedade do filho. Ao falar para o filho que este estava “trocando-a” pelo amiguinho em momentos em que iria brincar, a mãe também o fazia dizer que “ficaria com ela” no outro dia, incentivando tal reação. Já para o pai, a ansiedade de separação em relação à escola era demonstrada, especialmente quando não o buscava, despertando no filho o “interesse em saber das coisas”.

Ainda em relação às questões de separação, os genitores indicaram que Marcos estava extremamente ansioso em relação ao momento de hospitalização.

O primogênito não queria ficar em casa e por isso estava se mostrando ansioso com a chegada da irmã. O acolhimento materno pode ser percebido tanto pelo entendimento de que tal comportamento era decorrência de “uma mistura de muitas coisas, medo, insegurança e também curiosidade” quanto da preparação para o momento de separação em função da hospitalização. A mãe mostrou-se satisfeita por ele demonstrar-se interessado na mãe e na irmã e também por ser percebido como tendo “muito da personalidade” materna. Já no relato do pai, pareceu não ter havido espaço para tal acolhimento, justificando, a seu modo, o porquê de o filho não poder ficar no hospital.

Outro indicador de regressão foi o medo da morte da mãe. Houve acolhimento, visto que a mãe compreendia-o como fazendo parte de uma fase do desenvolvimento em que necessitava de maior entendimento e explicação sobre o assunto por ainda ser “pequeno”. A fala infantilizada também foi indicada somente na fala materna, a qual foi entendida como um “momentinho do filho que já passava”. O fato de Marcos ter sido “destronado” e de que “de repente não era mais o centro das atenções” fazia com que a mãe acolhesse tal comportamento.

Também houve manifestação de birra e demanda por auxílio e presença em diferentes situações, como: alimentação, hora do sono, uso da mamadeira, hora do banho e escovação de dentes, bem como em situações de brincadeira. A mãe intervinha em muitos desses momentos, e também atendia as suas solicitações, ou por acreditar que “comeria melhor” durante a alimentação ou “por comodidade”, na hora do sono, ou ainda por achar que “era muito novinho e que ainda não tinha coordenação motora” para o banho e para a escovação de dentes. No relato paterno, não houve acolhimento frente às situações de alimentação e hábitos de higiene, pois acreditava que tais indicadores eram utilizados como “moeda para chamar a atenção da mãe e para interagir com ela”. Já na hora do sono, o pai acolheu a regressão do filho, em função de este ter sido “desalojado” do quarto onde dormia até então. O pai entendia que o filho tivera muitas mudanças, em função da organização do espaço físico imposta pela esposa.

As birras e demandas também foram observadas no uso da mamadeira e em situações de brincadeira somente no relato materno. A mamadeira era tida como um recurso “prazeroso” para lidar com os momentos de sono e de cansaço. Retirá-la seria realizar muitas mudanças na rotina do filho, indicando acolhimento. Em contraposição, as demandas em situações de brincadeira não foram acolhidas pela mãe, que pedia para que o filho brincasse sozinho.

Já os indicadores de crescimento foram observados na linguagem, na habilidade com o computador, bem como na socialização e interação com pares. Houve incremento de curiosidades, maior percepção e raciocínio. Na visão da mãe, era resultado do “crescimento e do maior entendimento sobre as coisas”. Ainda que tenha apontado que tal crescimento “talvez não tivesse acontecendo com tanta intensidade se não tivesse grávida”, a mãe também o considerou como consequência de “uma mistura de tudo, da idade e do nascimento da irmã”. O pai também apontou incremento de habilidades no computador e em jogos infantis, acolhendo o aprendizado, de modo solitário, de jogos informatizados.

Outro indicador de crescimento apareceu na linguagem. Tanto a mãe quanto o pai referiram sentimentos de surpresa frente à habilidade do filho no “linguajar”. Por fim, houve referência a maior socialização e interação com pares. No relato materno, o destaque para a maior interação com a irmã, ainda na barriga da mãe, despertava sentimentos de satisfação. Observou-se também intervenção materna, visto que o incentivava a ocupar o papel de “grande, que tinha que ensinar a irmã”. Já no relato paterno o destaque foi para a maior interação com outras crianças. A habilidade de equilibrar as emoções foi entendida como uma ruptura que o filho estava fazendo, indicando a percepção de que “não era o único” nas relações.

Tabela 13

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito durante a Gestação do Irmão Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicita�o de aten�o e/ou estar mais agarrado e próximo	Crescimento
“extremamente solicitante meu (...) mais dependente, não quer perder espaço (...) solicita, faz birra, grita (...) não que não fosse assim, mas ficou mais (...) não quer deixar de ser o que �, filho �nico (...)”. (Mãe)	“Ta crescendo, entendendo mais as coisas. Ta querendo se afirmar. (...) � quer saber um monte de coisas (...) � uma mistura de tudo. Não � só por causa da gravidez, � por causa da idade (...) um somatório de coisas (...) Talvez não tivesse acontecendo com tanta intensidade se não tivesse grávida”. (Mãe)
“Agarrado? Com a Diana. (...) Não	

*tem tanta afetividade [comigo]”. (Pai)*      *“Ta se desenvolvendo, crescendo, a percepção ta aumentando. A inteligência ta se desenvolvendo mais (...) já consegue desenvolver raciocínio”. (Pai)*

#### Ansiedade de separação

Em momentos de separação - *“Tem mais medo de ficar longe de mim [depois que engravidei], medo de que eu vá deixá-lo, medo que vô esquecer antes, não tinha (...) quer sempre mostrar que ta ali” (Mãe)*      Socialização e interação com pares  
*“Beija a minha barriga, bota a mão pra ver se ta mexendo (...) Tem interagido um monte”. (Mãe)*

Em momentos de ir à escola – *“uma semana depois (...) que ficou sabendo que eu tava grávida, teve um chique (...) Às vezes diz pra mim, ‘Ah, não esquece de mim. Mãe, não esquece de me buscar’”. (Mãe)*      *“com os coleguinhas (...) consegue equilibrar as emoções. Consegue criar uma interface de comunicação com os mais velhos”. (Pai)*

*“ele assim: ‘Pai, porque que não foi tu que foi me buscar na quarta-feira?’”. (Pai)*      Habilidades no computador e em jogos infantis  
*“o computador chegou logo no início da gravidez (...) ta agora com maturidade suficiente de entender (...) tem raciocínio mais elaborado um pouco”. (Pai)*

Em momentos de hospitalização materna – *“Tá extremamente ansioso (...) quer ir junto pro hospital pra receber a mana. Conta, junho, julho, agosto, setembro” (Mãe)*      Na linguagem  
*“É muito verbal, fala bastante”. (Mãe)*

*“Disse que quer ir pro hospital junto”. (Pai)*      *“Ele fala o português corretamente”. (Pai)*

### Medo da morte da mãe

*“não entende o que é morte (...) ‘mãe não quero que tu vá pro céu agora’”.*  
(Mãe)

### Linguagem

*“Ultimamente (...) diz ‘mamãe, nhém, nhém’, como se fosse bebê. Que é pequeno (...) que não fala”.* (Mãe)

### Alimentação

*“gosta que eu ajude (...) sempre pediu ajuda”.* (Mãe)

*“[A Diana] costuma dar a alimentação pra ele. (...) ele usa isso como uma moeda com ela”* (Pai)

### Hora do banho

*“A hora do banho, reluta pra entra e depois pra sair (...) os dentes sempre foi um parto”.* (Mãe)

### Escovação de dentes

*“Usa como uma moeda. (...) gosta [de escovar], só que daí quando se pede, protela pra chamar atenção”.* (Pai)

### Hora do sono

*“Ultimamente, tem dormido comigo”.*  
(Mãe)

*“Lá pelas três e meia da manhã, levanta e bate no meu ombro e diz ‘Vai dormir lá no meu quarto’”.* (Pai)

#### Uso da mamadeira

*“se quer fazer um soninho ou se a gente quer que ele durma, se (...) tá cansado, a mamadeira é bem pra isso mesmo, é um momento tão prazeroso”.* (Mãe)

#### Brincadeira

*“gosta sempre de ter alguém brincando junto. Às vezes quer que eu brinque”.* (Mãe)

### 3.2.2 Caracterização do caso aos doze meses do segundo filho

Na Tabela 14, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 02 aos doze meses do segundo filho.

Tabela 14

*Caracterização do Caso 02 aos Doze Meses do Segundo Filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Marcos	5 anos e 6 meses
Mãe	Diana	35 anos
Pai	Pablo	36 anos
Segundo filho	Isadora	1ano e 6 meses

#### 3.2.2.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses da irmã indicados no Teste das Fábulas

Como mostra na Tabela 15, foram encontrados indicadores de regressão em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1, F2 e F3; F6 e F7), exceto na F8. Os indicadores observados foram: busca de uma figura de cuidado substituta, distorção, vulnerabilidade, desamparo e desproteção, sentimento e fantasia de rejeição, identificação projetiva, possessividade e ameaça à integridade corporal.

A busca de uma figura de cuidado substituta, na F1, mostrou a necessidade de o herói restabelecer o vínculo com uma figura que garantisse proteção e estivesse disponível para auxiliá-lo no enfrentamento do conflito na ausência das

figuras parentais. Através da percepção de que uma ajuda era possível, houve a fantasia sobre a existência de alguém que se importava com o herói.

A distorção, indicador regressivo de destaque nessa fase, apareceu na F1, F2 e F6. Na F1, a distorção apareceu através da inclusão de novos personagens – animais de outra espécie. A identificação da criança com o filhote passarinho que ainda estava no ninho funcionou como um incentivo para que Marcos voltasse a se sentir como um bebê. O ninho representou o berço e o fato de saber voar um pouquinho a capacidade de andar. Na F2, a distorção foi percebida tanto pela inclusão de um personagem, o passarinho, quanto pela modificação do conteúdo da fábula, visto que não foi destacada a festa de aniversário de casamento dos pais. Já na F6, a distorção foi observada através da ansiedade despertada pela percepção da mudança do elefante, o que levou Marcos a modificar o conteúdo por outro menos ansiogênico.

Outros indicadores de regressão foram vulnerabilidade, desamparo e desproteção observados na F1 e F2. A compreensão de que provavelmente o herói funcionava de modo separado das figuras de cuidado pode ter provocado intensa ansiedade, sentindo-se abandonado, desprotegido e rejeitado tanto na F1 quanto na F2.

O sentimento e fantasia de rejeição, observados na F2 e F6, pode ter representado o ressentimento do primogênito contra a figura materna, em decorrência do medo de perda de seu amor, e também dos momentos de separação dela. Nesse mesmo sentido, a identificação projetiva, presente na F3, também se relaciona a uma insegurança em relação aos possíveis sentimentos de rejeição parental. Além disso, pode constituir-se em resposta menos dependente da figura materna que teve como consequência a ansiedade materna em relação ao filho. A identificação do cordeirinho com a mamãe revelou a projeção de sentimentos do indivíduo, de forma total ou parcial, no objeto de maneira a mobilizá-lo.

A possessividade, presente na F7, revelou a preocupação do herói em conservar para si o objeto fabricado. A criança permaneceu em uma posição simbolicamente regressiva, não tendo ainda aprendido que existe um mundo contrário aos seus desejos. Por fim, a ameaça à integridade corporal, na F6, pode estar relacionada à renúncia ao crescimento e à recusa em agradar à mãe.

Nos outros dois subgrupos de fábulas, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas (F4 e F5; F10), exceto na F9: hostilidade, busca de um genitor e vulnerabilidade, desamparo e desproteção. A hostilidade dirigida à

figura materna, na F4, pode estar revelando uma situação conflitiva daquele contexto atual ou de desenvolvimento ou ainda estar relacionada à fantasia de rejeição parental, provavelmente influenciada pela chegada da irmã.

Na F5, foi observada a busca de um genitor, visto que o herói procurou restabelecer o vínculo com ambos os genitores em uma situação que lhe mobilizava ansiedade e medo. Através da disponibilidade e do encorajamento das figuras parentais, o herói enfrentou o conflito. Por fim, a vulnerabilidade, desamparo e desproteção, observada na F10, representou o ambiente ameaçador, bem como a transposição do medo de monstro e de escuro indicado também na F5.

Por outro lado, foram observados indicadores de crescimento em parte das historietas que investigam temas do desenvolvimento infantil (F2; F7 e F8), e não nas demais (F1 e F3; F6). Os indicadores foram: altruísmo, renúncia ao objeto de argila e culpa edípica.

O altruísmo pode ser observado na F2, visto que o herói lidou com o conflito sentindo a necessidade de “ajudar alguém”. Já a renúncia ao dar o objeto de argila foi percebida na F7, visto que o herói deu o objeto fabricado, mesmo não parecendo superar o conflito, já que também indicou possessividade, como indicador de regressão. Por fim, a culpa edípica, observada na F8, revelou que houve preocupação com a reação do genitor do mesmo sexo, não sendo característico de situação edípica, mas de uma estrutura triangular. A resposta de Marcos, de que o pai havia ficado brabo porque o filho não o avisou, corresponde ao conteúdo apresentado comumente por crianças em idade escolar, ou seja, de mais idade do que a do primogênito.

Nos demais subgrupos de fábulas, os indicadores de crescimento apareceram em todas (F5; F9 e F10), exceto em uma (F4). De modo geral, foram: superação, culpabilidade e fantasia de castigo. A superação, observada na F5, F9 e F10, ofereceu a oportunidade de alívio da ansiedade e de condução de recursos próprios do primogênito no enfrentamento do conflito. Na F5, embora tenha havido movimento de busca dos genitores, houve também meios próprios para lidar com as tensões. O medo do escuro pode ser superado quando os genitores foram capazes de cumprir seu papel de ego auxiliar do filho, minimizando a ansiedade mobilizada pelo objeto do medo. Da mesma forma, observou-se superação na F9, em que ao notar a disponibilidade e acolhimento materno, o herói respondeu à situação ansiogênica “dando a volta por cima”. Já na F10,

mesmo não tendo sido referido encorajamento parental, houve a superação da dificuldade apresentada ao herói.

Outros indicadores de crescimento foram culpabilidade e fantasia de castigo, observadas na F9. A culpabilidade está relacionada a um sentimento de culpa e de reparação, em função de o herói ter feito algo errado, no caso ter se comportado mal na escola e ter mentido para a mãe. Por fim, a fantasia de castigo esteve associada à culpabilidade, e pode também estar relacionada ao medo de represália e de perder o amor parental e a proteção deste.

Tabela 15

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito aos Doze Meses da Irmã Indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	<p>Busca de uma figura de cuidado substituta – “<i>vai pegar ajuda. (P) De um animal. (P) De um animal que voa</i>”.</p> <p>Distorção – “<i>Os outros animais vão ajudar o bebê passarinho a voar (...) Algum pode ser, podia ser outra espécie, como um corvo</i>”.</p> <p>Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – “<i>quando ele caiu do ninho, se sentiu mal. Quando caiu da árvore, acho que o vento soprou muito forte que o ninho caiu</i>”.</p>	<p>Não foram encontrados indicadores de crescimento</p>
F2	<p>Sentimento e fantasia de rejeição – “<i>Porque ela não tem amigos. (P) Mal. Foi ficar sem amigos</i>”.</p> <p>Distorção – “<i>Porque o passarinho caiu e o papai e a mamãe foram para lá e ele queria ajudar alguém</i>”.</p>	<p>Altruísmo – “<i>Ela queria, ela queria ajudar alguém</i>”.</p>

- Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – *“ela sentou lá na pedra e ficou esperando alguém ir lá para... Cadê o papai aqui? (P) Essa aqui é a mamãe? (P) Depois ai alguém ficou espiando ele lá do mato, daí ele viu, o passarinho viu ele lá”*.
- F3 Identificação projetiva – *“Comer capim fresco. (P) Muito mal. Ficou triste porque não ia ter outro cordeirinho pra mãe dele”*. Não foram encontrados indicadores de crescimento
- F4 Hostilidade – *“Aqui é o pai. Aqui é os sinos, né? Então foi a mãe (P) porque choveu, pegou fogo. E o fogo sem querer foi nela e ela morreu e botaram ela num caixão. (P) Mal. Sem a mãe eles ficaram tristes, porque a mãe era querida para eles e o pai também”*. Não foram encontrados indicadores de crescimento
- F5 Busca de um genitor – *“Medo de escuro. (P) Uma sombrinha que parece um monstro e daí faz ele ficar com medo. (P) Foi lá na cama dos pais e fala para eles que tem um monstro lá na sala. (P) Eles disseram assim: ‘Que nada meu filho, é mentira, é só uma sombra’”*. Superação – *“Que o gurizinho foi lá na sala, ver se era verdade o que os pais estão falando. (P) Aconteceu que também ele foi lá ligar a luz, e uma luz faltou. Então viu uma sombrinha de monstro, foi lá fala com os pais de novo. (P) Ai os pais disseram: ‘Meu filho deita aqui com a gente e vem orar’. E depois eles conversaram, conversaram e depois o filho não ficou mais com eles”*.

- F6 Sentimento e fantasia de rejeição Não foram encontrados indicadores de crescimento – *“Porque ta triste sem a mãe dele. (P) Deixa eu ver. Triste é triste (...) Porque onde estava a tromba estava assim, agora ta crescendo mais e ela acha que o guri não vai mais ama ele”*.  
Distorção – *“tinha um mamá e é leite da mamãe dele”*.  
Ameaça à integridade corporal – *“a tromba está crescendo, crescendo, crescendo. (...) ele ficou mal, daí o guri foi lá e falou com ele e disse assim: ‘O que você quer?’ (P) fico triste, ele não ficou alegre. Se sentiu mal”*.
- F7 Possessividade – *“mal porque não estava mais com o vulcão dela. (P) Porque não estava mais com o vulcão”*. Renúncia ao objeto de argila – *“Dá para a mãe dela”*.
- F8 Não foram encontrados indicadores de regressão Culpa edípica – *“Por que foi no parque. (P) Mal. (P) Foi lá conversar com o pai dele, e ela estava chamando o filho para ele conversar. E ai ele disse assim: ‘Filho porque você foi no parque com a sua mãe? Porque não me pediu?’”*.
- F9 Não foram encontrados indicadores de regressão Culpabilidade – *“Que se ele se comportou bem na escola ou não. (...) ela disse que ele se comportou bem, e a professora deu nota nove, não, dez quer dizer, e a mãe ficou ali*

*esperando jantar com ele”.*

Fantasia de castigo – “*Mal. (P) Ele mentiu para a mãe. (P) Que tinha se comportado, mas não tinha se comportado. (P) Ele tirou nota um. (...) Mal porque mentiu para a mãe”.*

Superação – “*Ela [a criança] contou a verdade. (P) disse assim: ‘Mãe, me comportei mal, e ganhei nota um’. ‘Então você vai ter que ficar de parabéns’. Ela disse: ‘Como mamãe que vou ficar de parabéns?’. ‘Nota um é melhor meu filho’”.*

F10 Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – “*sonhou com um fantasma. (P) O fantasma pegou ela”.* Superação – “*Acordou direto. (P) levou um susto e depois dormiu de novo. E sonhou e esqueceu de orar. (P) E daí orou antes e dormiu, e sonhou com os anjinhos. E ficou bem”.*

---

### **3.2.2.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai**

A Tabela 16 traz uma visualização dos indicadores de regressão e de crescimento do primogênito, aos doze meses do segundo filho, revelados pelas falas da mãe e do pai. De modo geral, os indicadores de regressão do primogênito foram: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo, ciúme e agressividade, choro, teimosia, possessividade, uso da mamadeira, fala infantilizada, birra e manha na escovação de dentes e demandas de presença em algumas áreas do desenvolvimento.

A solicitação de atenção e/ou de estar mais agarrado e próximo foi manifestada tanto na relação com os genitores e com outros familiares quanto em momentos em que a irmã era atendida. Para a mãe, o filho estava solicitando mais

sua atenção e a do marido, diferentemente de logo após o nascimento da filha, em que estava solicitando somente sua atenção. Já para o pai, o fato de Marcos ainda querer a atenção indicava que este se percebia como não sendo mais “o número um da casa”.

No relato materno, houve ainda destaque às solicitações por atenção em relação a outros familiares e também em momentos de atendimento à filha. A mãe percebia que Marcos dançava, fazia pirueta, tudo para chamar a atenção dos familiares para ele. Além disso, o percebia como querendo ser prontamente atendido quando estava envolvida com a menor. Ao mesmo tempo em que essas solicitações mobilizavam sentimentos de cansaço, também despertavam conformidade por acreditar que era “um aprendizado”.

Também houve destaque ao ciúme e à agressividade, entendidos como forma de chamar a atenção, e manifestados tanto em momentos de interação com a irmã quanto em relação à avó materna. Para a mãe, o ciúme e a agressividade com a irmã eram resultado de “ter sido muito tempo um só”, apresentando brincadeiras mais brutas, ora demonstrando “amor, ora ciúme, ora vontade de esganar a irmã”. Ao mesmo tempo em que acolhia tais reações, também despertava sentimentos de preocupação e de cuidado. Na visão do pai, esses comportamentos dependiam do “grau de carência” do primogênito. As “brincadeiras mais fortes” eram vistas como “coisas de irmão mais velho” e também como resposta de que “havia perdido o posto”. O pai intervinha em tal comportamento, visto que também se mostrava agressivo com o filho se não “entendesse o recado de não machucar a irmã”. Já o ciúme e a agressividade em relação à avó foram percebidos de diferentes maneiras pelos genitores. Enquanto a mãe destacou o ciúme, o pai apontou a agressividade. Houve intervenção paterna visto que conversava, discutia e explicava ao filho para não tratar a avó daquela maneira.

Outro indicador de regressão foi o choro. Para a mãe, naquele momento, o primogênito estava mais manhoso e dramalhão, tendo sido visto como forma de chamar a atenção para sua dor. Já para o pai, o filho ficava chateado e lamentava quando era contrariado, tentando fazer o “jogo, que precisava ser consolado”. Não houve acolhimento paterno, pois frente a tal lamento, o pai “também fazia cara de triste”, e acabava sendo ele consolado pelo filho e não o consolando.

Foi feita ainda referência à teimosia. Para a mãe, o filho estava “teimoso” para chamar a sua atenção. Ao mesmo tempo em que esses comportamentos

mobilizavam sentimentos de culpa e de impotência por ser uma situação nova, também mobilizava irritação porque o filho “só fazia coisa errada”. A teimosia, na visão do pai, era vista como insistência, mobilizando sentimentos de incomodação. Mesmo achando “natural” tal comportamento, por acreditar que o filho estava “tentando ganhar espaço”, deixava claro para o mesmo que com o pai “o filho não ganharia” ainda que insistisse.

Houve referência à possessividade em relação aos brinquedos, sobretudo na interação com a irmã. Para a mãe, o filho solicitava sua ajuda para que retirasse a irmã do local em que estava brincando. Ao mesmo tempo em que acolhia suas demandas, também procurava incentivá-lo, estimulando que compartilhasse seus brinquedos, para que ambos ficassem bem. Em contraposição, não houve acolhimento paterno nesses momentos. Embora percebesse que o filho ficava chateado e indignado quando a irmã mexia em seus brinquedos, o pai dizia que com ele não funcionava o fato de ficar “transtornado”.

Outros indicadores de regressão foram o uso da mamadeira e a fala infantilizada. Somente a mãe destacou a fala infantilizada. Houve acolhimento materno em ambos os indicadores de regressão, os quais foram entendidos ou como um momentinho do filho, de descanso, ou como uma forma de interagir com a irmã, para chamar a sua atenção. Já para o pai, “o filho estava em conflito”, ora queria largar a mamadeira, “não querendo mais ser nenezinho”, ora não conseguia, porque era prazeroso. O pai tanto acolheu quanto também entrevistou em tal comportamento, visto que o incentivava a largá-la.

A referência à birra e manha na escovação de dentes foi feita tanto pela mãe quanto pelo pai. A mãe intervinha nesse comportamento, visto que acabava realizando a escovação e a supervisão dessa atividade diária. Já o pai pareceu não acolher tal comportamento, visto que se mostrava mais impositivo diante das birras e manhas do filho.

Por fim, as demandas de presença foram referidas, nas falas do pai e da mãe, tanto na hora de dormir quanto na de alimentação. Na hora do sono, houve acolhimento paterno e materno, visto que buscavam compreender a regressão do filho. Já na alimentação, observou-se intervenção dos genitores. Tanto a mãe quanto o pai intervieram em tal comportamento, pois acabavam dando comida em sua boca, ao perceberem que somente assim comia melhor. A mãe mostrou-se também impaciente e incomodada diante das demandas do filho.

Já os indicadores de crescimento foram: independência, maior habilidade na linguagem e em jogos infantis no computador, bem como maior interesse pela irmã. Houve referência à capacidade de diálogo, atitudes, brincadeiras e interesses diferentes, na visão materna, e de um raciocínio lógico e maior interação social, na visão paterna. Tanto o pai quanto a mãe apontaram a necessidade de se adequar às aquisições do filho, indicando acolhimento. Observou-se também intervenção paterna, visto que buscava não impor as coisas ao filho, mas ao mesmo tempo procurava influenciá-lo em suas atitudes. Ainda ouvindo o pai, a maior habilidade na linguagem foi associada ao fato de o filho estar “mais consciente, maduro e ponderado”, necessitando maior elaboração paterna em suas respostas destinadas ao filho. Ainda que a maior habilidade em jogos infantis tenha sido mencionada tanto pelo pai quanto pela mãe, observaram-se somente sentimentos maternos de surpresa frente a esse indicador.

Outro indicador de crescimento foi a descoberta de maior interesse do primogênito com a irmã. Tanto o pai quanto a mãe perceberam-no descobrindo a maior participação da irmã em situações de brincadeira. Por fim, a independência foi destacada somente no relato paterno, que apontou o filho como “bem independente futebol clube”, que buscava explorar, sair, ter seu espaço sozinho, “até demais” no seu ponto de vista.

Tabela 16

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito aos Doze Meses da Irmã Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo	Crescimento
Dos genitores - “solicita mais a minha atenção. (...) Logo que ela nasceu acho que era mais comigo. Mas agora se dá bem com o Paulo também. Tanto comigo quanto com o Paulo ele quer mais atenção, quer que se voltem mais pra ele” (Mãe).	“ <i>ta crescendo, o diálogo, as atitudes estão diferente (...) as brincadeiras, os interesses são diferentes</i> ”. (Mãe)
	“ <i>já sabe identificar as letras, os números, escrever (...) Tá exercendo um raciocínio lógico um pouco mais apurado, também socialmente ta interagindo mais</i> ”. (Pai)
	“ <i>Sinto que ainda quer mais atenção.</i> ”

(...) *dar mais atenção pra ela*  
[Isadora], *incomoda ele*” (Pai).

#### Maior habilidade

Em relação aos familiares – “*também de querer a atenção pra ele* [em relação aos familiares]” (Mãe).

Na linguagem – “*se expressa muito bem. (...) não sei se é uma mudança ou se ta mais consciente, mais velho, mais maduro, mais ponderado, se expressando melhor (...) prepara o que vai dizer*”. (Pai)

Em momentos de atendimento à irmã – “[me solicita mais] *nos momentos que eu to atendendo ela* [a filha]. (...) *Fica em volta. (...) quer ser prontamente atendido.*” (Mãe).

Em jogos infantis no computador – “*joga jogos que não sei jogar. (...) É muita coisa, rapidinho já pega e domina*”. (Mãe)

#### Ciúme e agressividade

Em momentos de interação com a irmã – “*O negócio é ele. Coisa justamente de ter sido muito tempo um só (...) não tem noção do perigo, as brincadeiras são brutas (...) tu vê que é uma coisa meio amor, meio ciúmes, meio vontade de esganar*”. (Mãe)

“*é muito bem coordenado, sabe ligar o computador (...) é desenvolvido*”. (Pai)

“*Às vezes tem ciúme, vem pro colo e aí quer empurrar ela* [a irmã], *tirar ela do colo. (...) [depende] do grau de carência dele (...) ainda quer atenção. Aquela coisa de irmão um pouco mais velho, faz umas brincadeirinhas mais fortes*” (Pai).

#### Maior interesse pela irmã

“*descobriu que ela participa, brincam mais. Ta conseguindo curtir mais ela (...) antes (...) não tinha interação*”. (Mãe)

“*Corre atrás dela, morde, beija ela*”. (Pai)

Em relação à avó materna – “*Tem ciúmes* [da avó materna]. *Bastante*” (Mãe).

#### Independência

“*Se ele pedir, ela* [avó materna] *deita*

“*A personalidade dele é independente, mais exploradora, gosta de explorar, de ver as coisas, de ter o espaço dele*

*no chão e ele pisa em cima. (...) esses dias pegou um taco de beisebol e deu uma paulada nela”. (Pai)*      *(...) Ele sai sozinho, sai andando, é bem independente nesse sentido”. (Pai)*

#### Choro

*“ta mais manhoso. Tudo é um dramalhão. (...) Um machucado, ‘ai, tá doendo’. Hoje já chora mais” (Mãe).*

*“[chora] quando fica chateado comigo ou quando contrario ele (...) sempre fica chateado (...) é um lamento (...) daí tenta fazer o jogo de que ta triste e que a gente tem que consolar” (Pai).*

#### Teimosia

*“Riscava roupa com caneta, mandava botar o sapato, não botava, teimoso pra chamar a atenção, pra eu ta em cima.” (Mãe)*

*“Agora, quando quer uma coisa, ele quer, então fica insistindo (...) até não poder mais” (Pai).*

#### Possessividade

*“bem possessivo em relação às coisas dele, ‘ai, tira a Isadora daqui’ (...) me chama (...) ‘Mãe, tira a Isadora daqui’”.* (Mãe)

*“[o que desagrada é] o fato dela [a irmã] ir mexer nos brinquedos dele. Fica transtornado, bem chateado, indignado (...) Se não quer, não*

*empresta [o brinquedo]*". (Pai)

Uso da mamadeira

*"adora chegar em casa e deitar. Aquele momentinho (...) adora mamadeira"*. (Mãe)

*"Ele mesmo chegou um dia em casa e disse que mamadeira era coisa de criança. (...) Ele ta consciente (...) ta em conflito porque quer largar, mas não consegue largar"*. (Pai)

Linguagem

*"Com certeza [houve mudança]. Ele fala para ela: 'maninha pempempem, nhenhenhe'"*. (Mãe)

Birra e manha na escovação de dentes

*"escovar os dentes é sempre um parto (...) uma batalha (...) não quer escovar, odeia (...) deixo ele no banho, mas acabo, finalizo"*. (Mãe)

*"escovar os dentes, ele incomoda (...) foge, da volta, e briga. Não gosta"*. (Pai)

Demandas de presença

Na hora do sono – *"Às vezes até vai deitar e diz 'mãe, vem fazer eu dormir'"*. (Mãe)

*"Algumas vezes brinca, que quer que eu esteja com ele [na hora do sono]"*. (Pai)

Na hora da alimentação – “*Birra pra comer. (...) quer que eu ajude*”. (Mãe)

*“come a hora que quer, o que quer. É uma bagunça (...) é malandro (...) É jogo né?! Pra chamar a atenção. (...) se distrai, senta e começa comer, aí se antena e começa com as manhas (...) não é mais o número um da casa, na cabeça dele (...) sempre aconteceu. Só que agora, acho que é consciente”.*  
(Pai)

### 3.2.3 Caracterização do caso aos vinte e quatro meses do segundo filho

Na Tabela 17, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 02 aos vinte e quatro meses do segundo filho.

Tabela 17

*Caracterização do Caso 02 aos Vinte e Quatro Meses do Segundo Filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Marcos	6 anos e 7 meses
Mãe	Diana	37 anos
Pai	Pablo	38 anos
Segundo filho	Isadora	2 anos e 6 meses

#### 3.2.3.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses da irmã indicados no Teste das Fábulas

Como mostra na Tabela 18, foram encontrados indicadores de regressão em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1, F2 e F3; F7), exceto em duas (F6 e F8). Os indicadores foram: sentimentos e fantasias de rejeição e de abandono, retorno à mãe (retomada do leite materno), ambivalência em renunciar o leite materno e possessividade.

Os sentimentos e fantasias de rejeição e de abandono foram observados tanto na F1 quanto na F2. Em ambas as fábulas, a situação de separação foi associada à fantasia de perda do objeto de amor e aos sentimentos de solidão e de

tristeza decorrentes da exclusão e da rejeição parental. Outro indicador de regressão foi o retorno à mãe na F3. Ainda que a fábula tenha mencionado que a mãe não tinha leite bastante para dar aos dois cordeirinhos, Marcos identificou-se com um herói que não conseguiu abrir mão do leite, buscando retomá-lo em algum momento. A ambivalência em renunciar o leite materno com o cordeirinho menor também observada na F3 evidencia a permanência em uma posição simbolicamente regressiva. Ainda que tenha ora comido capim ora tomado o leite, houve receio em perder inteiramente a mãe. Por fim, outro indicador regressivo foi a possessividade, na F7. Embora o herói tenha dado o objeto fabricado, aliviando sua ansiedade, também apresentou sinais de tristeza e de oposição, querendo-o de volta.

Nos outros dois subgrupos de fábulas, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas (F4 e F5; F10), exceto na F9, os quais foram: distanciamento afetivo, busca de um genitor, bem como sentimentos e fantasias de rejeição. O distanciamento afetivo foi observado, na F4, através da resposta imprecisa ou vaga do personagem que havia morrido. Embora a referência de uma “mulher” possa estar representando a figura materna não se pode afirmar com precisão.

Outro indicador de regressão foi a busca de um genitor. Na F5, houve destaque para a busca da figura paterna enquanto que na F10 para a figura materna. Ainda na F10, perceberam-se sentimentos e fantasias de rejeição. Diferentemente dos sentimentos e fantasias de rejeição, observados na F1 e F2, nessa fábula, observa-se a rejeição em relação aos amigos, acompanhada de sentimentos de exclusão. Este aspecto pode estar relacionado ao indicador de socialização e de interação com pares, também percebido na F2.

No que tange aos indicadores de crescimento, foram observados no primeiro subgrupo de fábulas que investigam temas do desenvolvimento infantil (F1 e F2; F6, F7 e F8), exceto em uma (F3). De modo geral, foram: superação, socialização e interação com pares, crescimento, aceitação da auto-imagem, altruísmo, gratificação ao dar o objeto fabricado, renúncia ao objeto de argila e fantasia de castigo.

Ainda que tenha havido busca por segurança, na F1, percebeu-se superação do herói. Houve desejo de escapar da situação ansiogênica, o que o impulsionou a buscar outro galho, diferente do galho dos genitores. Nesse caso, o ambiente familiar ameaçado não se constituiu em algo definitivo e traumático,

permitindo o restabelecimento dos vínculos afetivos. Da mesma forma, ocorreu na F2, em que a superação pode estar sendo manifestada pelo retorno do herói à festa de aniversário de casamento de seus pais. Este retorno não pareceu uma dificuldade em aceitar a relação amorosa entre os genitores, mas a possibilidade de superar o conteúdo ansiogênico, uma vez que foi acompanhada do desejo de socialização e de interação com pares. Dessa forma, houve a reversão da situação dramática para uma mais gratificante.

Na F6, os indicadores foram de crescimento e aceitação da auto-imagem. Embora tenha havido dificuldades na aceitação da auto-imagem corporal, visto que o herói foi procurar outro elefante e não achou, também apresentou sinais de crescimento, por ter feito alusão ao tamanho da tromba e às modificações corporais do elefante. Foram também observados, na F7, a renúncia ao objeto de argila, o altruísmo e a gratificação ao cedê-lo. Esses indicadores apontam que o primogênito estava consciente de que existe um mundo contrário aos seus desejos, consistindo em formas de agradar e presentear pessoas próximas. Já na F8, o indicador foi fantasia de castigo. O fato de o herói ter chegado tarde com a mãe e ter ficado apavorado com a reação do pai revelaram impulsos de caráter edípico, bem como o receio de perder o amor paterno e o desejo de reparação, assegurado pelo momento do jantar. Por fim, nos demais subgrupos de fábulas, o indicador de crescimento apareceu somente na F9, não tendo sido observado nas demais (F4 e F5; F10). A notícia dada pela mãe estava relacionada a deveres da rotina diária e a capacidade do herói em aceitar regras e responsabilidades impostas, como fazer os temas antes de brincar.

Tabela 18

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito aos Vinte e Quatro Meses da Irmã Indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	Sentimentos e fantasias de rejeição e de abandono – “Sozinho. (P) O passarinho fica triste, que quer a mamãe e o papai dele”.	Superação – “vai num galho menor. Daí se segurou bem forte pra não cair. (...) Que o passarinho encontrou a mãe e o pai dele. (P) pulou de galho em galho e foi subindo e achou o pai e a mãe. (P) Bem”.

---

F2	Sentimentos e fantasias de rejeição e de abandono – <i>“foi lá e sentou numa pedra. Ficou pensando se ia voltar. Pensou e voltou”</i> . <i>“Porque eles não davam atenção pra ela. (P) Triste”</i> .	Socialização e interação com pares – <i>“Daí brincou com os amigos dela e comeu o bolo”</i> .
F3	Retorno à mãe (retomada ao leite materno) – <i>“pediu leite também. Depois o sol vai nascer e eles vão dormir”</i> . Ambivalência em compartilhar o leite materno – <i>“Esse cordeirinho vai comer capim e esse aqui vai tomar leite. Depois ia trocar. Esse vai comer capim e esse vai tomar leite na mamãe. (P) O que chegou, depois foi esse”</i> .	Não foram encontrados indicadores de crescimento
F4	Distanciamento afetivo – <i>“Acho que foi a mulher. (P) Que a casa dela pegou fogo. Foi na casa dela, aí ela se queimou e morreu. (P) Muito triste. Daí eles levaram a mulher pro cemitério. Daí ela foi pro céu”</i> .	Não foram encontrados indicadores de crescimento
F5	Busca de um genitor – <i>“Do escuro. (P) acha que tem monstro. (P) agarra o papel, quer dizer, agarra a coberta. Aí o papai vem e diz que não tem nada. E fica bem e vai dormir”</i> .	Não foram encontrados indicadores de crescimento
F6	Não foram encontrados indicadores de regressão	Crescimento – <i>“A tromba dele cresceu muito”</i> . Aceitação da auto-imagem – <i>“Que era outro elefante. (P) Ele</i>

---

- 
- foi lá procurar outro elefante e não achou. Depois voltou pra casa e achou que o elefante era ele. (P) Esse é o elefante, mas achava que era outro. Foi lá procurar e depois voltou pro quarto dele. Daí descobriu que era ele”.*
- F7 Possessividade – “*Não vai dar. Vai dá. Vai dá. (P) Triste, porque queria de volta”.* Altruísmo e gratificação ao dar o objeto fabricado – “*Depois se sentiu feliz, porque a mãe gostou e deu um abraço e um beijo nela”.* Renúncia ao objeto de argila – “*fez outra e deu pra amiga dele”.*
- F8 Não foram encontrados indicadores de regressão Fantasia de castigo – “*Apavorada, porque o pai dela tava muito brabo. Daí eles foram jantar e terminou”.*
- F9 Não foram encontrados indicadores de regressão Aceitação de regras e de responsabilidades – “*Que ele tem que fazer o tema de casa antes de brincar. (P) fez o tema e depois foi brincar. (P) Legal. (P) Por causa que o tema era importante. Então fez e depois foi jantar, depois dormir”.*
- F10 Sentimentos e fantasias de rejeição – “*sonhou que uns amigos não queriam mais brincar com ela e daí ficou sem amigos”.* Não foram encontrados indicadores de crescimento  
Busca de um genitor – “*Triste, quando tava dormindo. Se sentiu*
-

---

*mal e depois foi lá com mãe dele e depois jantaram e ele foi pra escola”.*

---

### **3.2.3.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho indicados pela mãe e pelo pai**

Na tabela 19, podem-se verificar os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito, aos vinte e quatro meses de um segundo filho, indicados nas falas da mãe e do pai. De modo geral, os indicadores de regressão foram: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo, teimosia e rebeldia, choro e manha, ciúme e agressividade, uso da mamadeira, demandas e dispersão na hora da alimentação.

A solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo foi demonstrada na relação com a mãe, com o pai, com a avó materna e também em momentos de atendimento à irmã. Na visão da mãe, esse indicador surgiu com o nascimento da filha e foi incrementado ao longo de seu crescimento, mobilizando sentimentos de frustração. Frente a essas solicitações de atenção, houve não acolhimento, visto que “não podia fazer tudo” com o filho, ou “por não estar afim ou ainda por ter outras atividades para fazer, dando atenção para um ou outro”. Para o pai, a solicitação de atenção feita à mãe era percebida como uma algo “normal e saudável” da relação entre mãe e filho, além de constituir uma resposta de Marcos a também “dependência da mãe em relação a ele”.

Esta solicitação de atenção também ocorreu, sobretudo, nos momentos em que os genitores atendiam ou interagiam com a filha menor. A mãe buscava acolher tais solicitações, achando-as “normal” porque “gerava um conflitinho”. A solicitação de atenção do pai e também da avó materna foram percebidas somente no relato da mãe. O filho foi visto como estando mais agarrado ao pai naquele momento e mais dependente da avó. Embora a mãe acreditasse ser “comum a todos e normal” a solicitação da atenção da avó, por vezes, também achava que o filho “abusava e jogava pesado”, em função de ter que “dividir e disputar” com a irmã. Já o fato de estar mais agarrado ao pai mobilizava sentimentos de felicidade.

Houve ainda referência ao incremento da teimosia e rebeldia. Ao mesmo tempo em que a mãe acolheu tais comportamentos, visto que buscava negociar e explicar algumas condições ao filho, também intervinha, impondo-lhe algo

quando achava necessário. Ainda que soubesse que fazia parte do processo de crescimento, sentia-se desagradada e frustrada com tal teimosia. Já para o pai, a teimosia e a rebeldia impressionavam-no, desencadeando sentimentos de irritação. O pai também intervinha, visto que mostrava de maneira impositiva a autoridade sobre o filho.

O choro e manha também podem ser percebidos como indicadores de regressão. Para a mãe, estas reações se acentuaram após o nascimento da filha, tendo sido incrementadas naquele momento em que esta estava se expressando e interagindo mais. Ao mesmo tempo em que respeitava o momento do filho também ficava estressada e irritada com tais reações. Já para o pai, o choro e a manha apareciam como resposta a brincadeiras “um pouco mais agressivas” que fazia com o filho. Houve acolhimento paterno, uma vez que se percebia como tendo passado do ponto.

Já o ciúme e a agressividade foram percebidos tanto no relato materno quanto paterno. Ambos os genitores acreditavam que isso era em função de que todas as regalias eram da irmã e que “tudo era pra ela”. Ao mesmo tempo em que a mãe acolhia seus comportamentos de regressão, explicando-lhe que a irmã ainda era “nova e que exigia mais atenção”, também intervinha, estimulando-o a ocupar o lugar de “irmão mais velho”, “cuidando e ensinando a irmã”. Estes indicadores de regressão mobilizavam sentimentos maternos de incômodo e de preocupação. Já para o pai, tal reação era uma forma de chamar a atenção.

Outro indicador de regressão foram as demandas e dispersão do filho na hora da alimentação. Tanto o pai quanto a mãe apontaram-no como disperso e inquieto, o que acabava exigindo uma postura mais impositiva, de intervenção. Por fim, foi feita referência ao uso da mamadeira. Tanto o pai quanto a mãe, ao mesmo tempo em que acolheram o uso da mamadeira, ou por achar que a falta do leite estava “afetando o desenvolvimento” ou por se identificar com a sua necessidade, também intervieram, estimulando a retomada de seu uso. Tal regressão despertava sentimentos de tranquilidade na mãe, e sentimentos de mal-estar no pai por não gostar de tal comportamento.

Já os indicadores de crescimento apontados pelos genitores foram: maior questionamento e entendimento sobre as coisas, bem como maior interação com pares. Tanto o pai quanto a mãe apontaram crescimento do filho, o qual foi demonstrado através de questionamentos, pensamentos, atitudes, qualidades e percepções diferentes, afetando o relacionamento com os genitores. Na visão da

mãe, o filho estava mais questionador e contestador. Já para o pai, essas reações acabavam exigindo atenção e abordagem diferente, conforme a idade e a fase de seu desenvolvimento.

Outro indicador de crescimento foi a maior interação com pares manifestada tanto com outras crianças quanto com a irmã. Para a mãe aumentou o desejo do filho de ir para a casa dos amiguinhos após a escola. Ao mesmo tempo em que se identificava com o filho quando tinha a sua idade, acolhendo seu comportamento, também se mostrava incomodada e cansada. Já para o pai, a maior interação, especialmente com meninas, mobilizava sentimentos de mal-estar, por estar apresentando uma “sexualidade precoce”. Por fim, a maior interação com a irmã também foi mencionada, mobilizando sentimentos de felicidade, na mãe, e de bem-estar, no pai.

Tabela 19

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito aos Vinte e Quatro Meses do Irmão Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo	Crescimento
Da mãe – <i>“Ta mais solicitativo. Quer mais atenção (...) desde que a Isadora nasceu. E agora, ta maiorzinha, ta mais ainda.”</i> (Mãe)	<i>“vai crescendo e vai ficando mais questionador, quer saber mais o porquê das coisas (...) A cada dia o interesse é um. O entendimento vai crescendo em relação a algumas coisas (...) quer contestar”.</i> (Mãe)
<i>“Exige mais dela [mãe], quer mais presença, mais intervenção, quer que ela participe mais das coisas com ele”.</i> (Pai)	<i>“Está aprendendo a ler e escrever, percebe as coisas de forma diferente, tem o raciocínio dele. Não vai muito mais só no que a gente diz, está crescendo. (...) ta falando melhor, joga bola, jogos (...) os objetivos, as idéias vão mudar”.</i> (Pai)
Em momentos de atendimento à irmã – <i>“dependendo do que é, quer que eu faça com ele também (...) se é alguma coisa que também pode participar, também quer fazer comigo”.</i> (Mãe)	Maior interação com pares Com outras crianças – <i>“ta querendo</i>

*“Algumas vezes tenta interferir muito ir para casa dos outros, não [quando estou atendendo a Isadora]. quer vir pra casa (...) quer fazer coisas Ele puxa, quer chamar a atenção”. diferentes (Pai)*

*Do pai – “Acho que [ta mais agarrado] (...) conhecer os brinquedos dos com o Paulo (...) ‘Ai, mãe fica comigo, amigos. Quer aproveitar o dia dele não, não, vou com o pai, vou com o primeiro”. (Mãe) pai’”. (Mãe)*

*Da avó materna – “com a mãe [avó materna], abusa um pouquinho mais (...) está começando a beijar na boca (...) De querer fazer só o que quer. as gurias, quer saber como é que é”. (Pai) Aquela coisa de jogar pesado. (...) Eu diria que ficou mais dependente depois que a Isadora nasceu. De querer mais a atenção, tipo assim, ‘agora eu tenho que dividir a atenção’”. (Mãe)*

*Teimosia e rebeldia Com a irmã – “Interagem mais agora. Pra ele é mais fácil porque antes ela “É muito teimoso, fica brabo (...) era muito pequeninha. Acho que ele revida (...) tenta barganhar (...) até achava ela até meio sem graça. E onde pode (...) tá numa idade que tem agora brincam, brigam, disputam as que (...) testar, revoltas de não querer coisas”. (Mãe) tal coisa (...) Ultimamente ta mais birrento. Antes era mais acessível. “ela está crescendo, interage mais (...) Aceitava mais”. (Mãe) gosta que ela acompanha”. (Pai)*

*“A capacidade que tem de ficar incomodando quando quer alguma coisa [me chama atenção]. ‘quero isso agora, quero isso agora’”. (Pai)*

**Choro e manha**

*“se acentuaram com o nascimento da*

*Isadora. E agora se acentuou mais ainda quando ela ta podendo se expressar, ele acha que ta perdendo terreno, joga pesado”. (Mãe)*

*“Difícilmente chora, a não ser quando pego pesado. Faço uma brincadeira um pouco mais agressiva”. (Pai)*

#### Ciúme e agressividade

*“Acha que [a irmã] tem todas as regalias e ele não (...) Chora, se emburra (...) brigam (...) rola uns stress (...) às vezes é meio brutão com ela nos modos de brincar”. (Mãe)*

*“A Isadora está crescendo e o Marcos continua com ciúmes dela (...) diz que a gente não gosta dele, que ninguém gosta dele, que está sozinho (...) continua implicando com ela, faz questão de provocar, volta e meia dá umas bordoadas nela”. (Pai)*

#### Hora da alimentação

*“nunca foi tranqüila (...) Levanta, senta, volta (...) uns 4 meses atrás, não queria comer sozinho porque dizia que eu dava para mana e tinha que dar para ele também”. (Mãe)*

*“é dispersivo na hora das refeições. Pega e sai pela casa inteira”. (Pai)*

#### Uso da mamadeira

---

*“é um momento dele (...) É tão prazeroso, não tem muito a ver com outras coisas de ser bebê (...) chega, deita e quer a mamadeira”.* (Mãe)

*“voltou a tomar mamadeira agora, de seis pra sete anos”.* (Pai)

---

### **3.2.4 Aspectos singulares do Caso 02: indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão**

No segundo caso estudado, houve destaque para os indicadores de regressão quando comparados aos de crescimento desde a gestação até os dois anos do irmão. Tanto no ponto de vista do primogênito quanto no do materno e paterno, os indicadores de regressão foram enfatizados, especialmente durante o período gestacional e aos doze meses do irmão. No teste projetivo, aos vinte e quatro meses, não houve diferença expressiva entre os indicadores de regressão e de crescimento, enquanto que nas falas da mãe e do pai o destaque continuou sendo para a regressão.

A partir do ponto de vista do primogênito, observou-se que no período gestacional destacaram-se a vulnerabilidade, desamparo e desproteção (F4, F5, F6 e F10), busca de um genitor (F1, F2 e F6) e distorção de um dado relevante da fábula (F1, F2 e F6). Aos doze meses de vida do irmão, além da distorção (F1, F2 e F6) e da vulnerabilidade, desamparo e desproteção (F1, F2 e F10), também foram evidenciados sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição (F2 e F6). Já aos vinte e quatro meses, o destaque foi tanto para os sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição (F1, F2 e F10) quanto para a busca de um genitor (F5 e F10).

Nota-se que, ao longo das três fases estudadas, os indicadores de regressão mais destacados foram muito semelhantes. Marcos identificou-se com um herói que, diante das demandas e necessidades de enfrentar as ameaças do ambiente familiar e das intensas mobilizações afetivas decorrentes dos sentimentos e fantasias de rejeição, bem como de impotência e abandono, buscou restabelecer o vínculo com um ou com ambos os genitores. Na gestação e aos doze meses, a distorção também esteve a serviço da intensa mobilização afetiva e das necessidades internas da criança, transformando situações ameaçadoras em outras

menos ansiogênicas. Nesses dois momentos estudados, o primogênito destacou um personagem que se encontrou em situação de vulnerabilidade e de desamparo, enquanto que aos doze e aos vinte e quatro meses o destaque foi para os sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição.

Chama atenção que a busca de uma figura de cuidado substituta também foi utilizada como um recurso para auxiliá-lo no enfrentamento das situações ansiogênicas, na gestação e aos doze meses do irmão. Especialmente diante da sensação de vulnerabilidade e de desamparo, buscou superar a ausência das figuras parentais, preenchendo essa falta com uma figura de cuidado substituta. Outros indicadores de regressão também estiveram relacionados à vulnerabilidade e desamparo, como a fantasia de morte e de invasão, na gestação, e a ameaça à integridade corporal, aos doze meses.

Marcos revelou dificuldades no enfrentamento das ansiedades, sobretudo no período gestacional e aos doze meses. Nas situações em que ficava só, o primogênito demonstrava dificuldades de enfrentar as ansiedades sem a ajuda, a disponibilidade e/ou o encorajamento das figuras parentais. Assim, pode-se pensar que a capacidade de ficar só dependeria da habilidade de Marcos para lidar com os diferentes sentimentos de desamparo gerados nos momentos em que necessitou lidar com os desafios impostos pelo mundo externo, sem sentir-se ameaçado.

As falas da mãe e do pai também destacaram indicadores de regressão quando comparados aos de crescimento. Na gestação, sobressaíram-se a solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado à mãe, ansiedade de separação, birras e manhas, bem como demandas em diferentes situações (alimentação, hora do banho, do sono e escovação de dentes, dentre outras). Já aos doze meses, além da diversidade de indicadores de regressão (choro, ansiedade, possessividade, uso da mamadeira, fala infantilizada, birra e manha na escovação de dentes), houve também solicitação de atenção e/ou manifestações de estar mais agarrado e próximo aos genitores, ciúme e agressividade, teimosia e rebeldia, bem como demandas na hora do sono e da alimentação. Ainda que menos expressivos do que nos outros dois momentos, aos vinte e quatro meses permaneceram os comportamentos de solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo, teimosia e rebeldia, bem como ciúme e agressividade.

Na gestação, percebe-se que a ansiedade de separação esteve relacionada a outros indicadores, como solicitação de atenção, medo de morte da mãe, birras e manhas, bem como demandas em situações de brincadeira e em áreas do

desenvolvimento. Nesse momento, destaca-se que o foco da ansiedade do primogênito girou em torno da figura materna, o que diferiu aos doze e vinte e quatro meses, em que, além da mãe, a solicitação de atenção também foi diluída para o pai e para a avó materna. Essa demanda por atenção também foi observada no teste projetivo, em que o primogênito identificou-se com um herói que sentia a necessidade de restabelecer o vínculo tanto com os genitores quanto com uma figura substituta, em situações de desamparo e abandono.

O ciúme e a agressividade em relação à irmã e a teimosia e rebeldia também foram destacados nas falas dos genitores, aos doze e aos vinte e quatro meses. Provavelmente, estes indicadores estiveram relacionados aos sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição revelados pelo primogênito no teste projetivo. Outros indicadores também revelados por Marcos (hostilidade, fantasias de morte e identificação projetiva) podem estar associados às falas da mãe e do pai. Provavelmente Marcos estivesse manifestando sentimentos de rivalidade fraterna, tanto através dos sentimentos de exclusão e de rejeição quanto da hostilidade, das fantasias de morte e da identificação projetiva, ao perceber a mãe como não tão disponível em função das exigências e demandas da irmã mais nova e do contexto familiar. Possivelmente, essa percepção esteve relacionada ao intenso envolvimento que a mãe precisava destinar ao segundo filho, já durante a gestação.

Os indicadores de regressão, de modo geral, mobilizaram diferentes sentimentos e reações nos genitores. Destaca-se que a regressão foi acolhida pelos genitores nos três momentos. A mãe e o pai mostraram-se compreensivos e tolerantes às diferentes manifestações regressivas do filho, especialmente no período gestacional. Já aos doze e vinte e quatro meses, observou-se mais intervenção materna e paterna frente à regressão do primogênito. Tanto o pai quanto a mãe estimularam e, por vezes, incentivaram a mudança e/ou a permanência de reações, como birras e manhas, bem como demandas na hora do sono e uso da mamadeira, através de imposições e repreensões em função da comodidade ou por fazer parte da idade. O acolhimento também esteve relacionado à outra figura de cuidado, a avó materna. Tanto a partir do ponto de vista do primogênito quanto dos genitores percebeu-se que as figuras de cuidado substitutas da mãe tornaram-se relevantes para auxiliá-la no cuidado com o primogênito.

No que tange aos sentimentos, percebeu-se que aos vinte e quatro meses houve maior mobilização do que nos demais momentos estudados. Dentre os diferentes sentimentos revelados ao longo das três fases, observaram-se frustração, estresse, cansaço, irritação, preocupação e incômodo. Provavelmente, estes sentimentos mobilizados pela regressão estiveram relacionados às intervenções maternas e paternas. Esse dado faz pensar que mesmo acolhendo as manifestações regressivas do filho, não é fácil para os genitores lidar com os diferentes sentimentos mobilizados por essas reações.

Ainda que menos expressivos do que os de regressão, os indicadores de crescimento também foram revelados, tanto nas respostas do primogênito quanto nos relatos maternos e paternos, ao longo dos três momentos estudados. Nota-se que somente aos vinte e quatro meses não houve diferença expressiva entre os indicadores de crescimento e os de regressão no teste projetivo.

A partir do ponto de vista do primogênito, o indicador mais evidenciado no período gestacional foi a aceitação de regras e/ou de responsabilidades (F2 e F9). Aos doze e aos vinte e quatro meses, a superação foi a mais destacada na F5, F9 e F10, e na F1 e F2, respectivamente. Ainda que menos expressivos, outros indicadores foram também percebidos ao longo das três fases: renúncia ao leite materno (F3, na gestação) e ao objeto fabricado (F7, na gestação e aos doze meses), socialização e interação com pares (F3, na gestação; e na F2, aos vinte e quatro meses), culpa edípica e fantasia de castigo (F8, na gestação e aos doze meses). Aos vinte e quatro meses também foram evidenciados aceitação da auto-imagem (F6) e de regras e/ou de responsabilidades (F9).

De modo geral, os indicadores de crescimento nas fábulas evidenciaram a identificação com um herói consciente de que existe um mundo contrário aos seus desejos, necessitando, por vezes, compartilhá-los e renunciá-los. A capacidade de socializar e de interagir com pares, bem como a aceitação da auto-imagem, também remete à aceitação de estímulos para mudanças internas e externas. Além disso, a preocupação em reparar algo errado e o receio de ser castigado, por não corresponder às expectativas parentais, também podem ser relacionados a uma preocupação em aceitar regras impostas pelo ambiente.

No que tange ao relato materno e paterno, os indicadores de crescimento, ao longo dos três momentos estudados, giraram em torno de maior habilidade na inteligência, raciocínio, diálogo, atitudes e em brincadeiras no computador, bem como na interação com pares e com a irmã. O crescimento do primogênito foi, de

modo geral, bem acolhido pelos genitores. As falas tanto do pai quanto da mãe revelaram acolhimento, compreensão e tolerância às manifestações de Marcos, desde a gestação até os vinte e quatro meses da irmã. Da mesma forma que os indicadores de regressão, os de crescimento também mobilizaram diferentes sentimentos maternos, tendo sido estes também mais despertados aos vinte e quatro meses. Os sentimentos observados, nesse momento, foram desde bem-estar e felicidade, até de incômodo, cansaço e mal-estar frente ao crescimento do filho. Nos outros dois momentos estudados, embora os sentimentos não tenham sido explicitados, notou-se surpresa, felicidade e bem-estar.

Assim, pode-se pensar que mesmo que Marcos tenha apresentado predominantemente indicadores de regressão, também evidenciou capacidade de responder em um nível de amadurecimento emocional capaz de lidar com aspectos estressantes, frustrações e dificuldades. Desde a gestação até os dois primeiros anos de vida da irmã, tanto o primogênito quanto os genitores apontaram que as situações de separação e a necessidade de lidar com momentos potencialmente traumáticas mobilizaram ansiedade, indicando dificuldades no enfrentamento das mesmas. Por outro lado, houve também a capacidade de usar recursos próprios para lidar com as situações do ambiente, superando-as.

A regressão e o crescimento indicados pelo primogênito aos vinte e quatro meses podem estar revelando sinais de tolerância à frustração e condições de superar as situações ansiogênicas, antes não percebidas na gestação e aos doze meses. Muito provavelmente, o resgate da relação mãe-primogênito e o acolhimento nos demais momentos podem ter contribuído para que se sentisse mais tranquilo e menos ansioso no enfrentamento das situações ansiogênicas, possibilitando o crescimento. Assim, a capacidade de preocupar-se com as regras e de superar as adversidades impostas estavam tanto relacionadas a uma conquista dos processos internos de crescimento da criança quanto também ao acolhimento parental de suas necessidades.

### **3.3 Análise do Caso 03**

#### **3.3.1 Caracterização do caso no contexto de gestação de um segundo filho**

Na Tabela 20, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 03 durante a gestação do segundo filho, contemplando os nomes e as idades dos participantes do estudo.

Tabela 20

*Caracterização do Caso 03 Durante a Gestação do Segundo Filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Carine	4 anos e 7 meses
Mãe	Claudia	33 anos
Pai	Ricardo	32 anos
Segundo filho	Graziela	33 semanas de gestação

### 3.3.1.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito durante a gestação da irmã indicados no Teste das Fábulas

Como se pode ver na Tabela 21, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1, F2 e F3; F6 e F7), exceto em uma (F8). Os mais comuns foram: vulnerabilidade, desamparo e desproteção, busca de um genitor, sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, distorção de um dado relevante da fábula e hostilidade, retorno à mãe e retomada do leite materno, bem como possessividade.

Na F1, foram percebidos os indicadores de regressão, vulnerabilidade, desamparo e desproteção e busca de um genitor. O primeiro indicador revelou que o herói sentiu-se abandonado e desprotegido diante do abalo do ambiente familiar, não conseguindo enfrentar, sozinho, as demandas da separação e do afastamento físico dos genitores. Frente a esse abalo, a busca de um genitor foi indicativa da procura de auxílio no enfrentamento da dificuldade, bem como do restabelecimento da situação simbiótica com a mãe e com um ambiente familiar favorável ao acolhimento.

Um dos indicadores de regressão mais destacados foi o sentimento e fantasia de exclusão e de rejeição, presente na F2 e F6. Na F2, a fantasia de exclusão pode ser observada através do desejo de o herói “ficar um pouquinho sozinho”, como conseqüência do sentimento de rejeição decorrente da idéia de que “ninguém queria escutá-lo”. Já na F6 os sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição estiveram associados à alusão ao crescimento, provocando, ao invés de aceitação da auto-imagem corporal, sentimentos de rejeição e de inconformidade com a própria identidade. O herói não foi capaz de enfrentar o conflito, projetando um elefante em situação de exclusão e de rejeição em função de seu crescimento,

sendo substituído por outro elefantinho recém-nascido. Nesse caso, além dos sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, pode-se perceber também a adição de personagens, elefantinho recém-nascido, revelando distorção como um indicador de regressão.

A distorção também pode ser observada na F3, juntamente com a hostilidade. O fato de o primogênito ter ignorado uma informação fornecida pela fábula – de que “um dia trouxeram para a mamãe ovelha um cordeirinho que estava com fome, para que a mamãe lhe desse leite” – sugere distorção. Já a hostilidade apareceu deslocada de modo a eliminar o rival, o outro cordeirinho. A criança projetou uma história em que o cordeirinho menor também foi privado, pela mãe, do leite materno, manifestando seu descontentamento diante da situação conflitiva. Ainda na F3, foi observado outro indicador de regressão, o retorno à mãe e a retomada do leite materno. O primogênito projetou uma resposta ainda muito associada à necessidade de receber o leite materno, não conseguindo abrir mão de suas necessidades orais e revelando receio de perder o afeto da mãe.

Ainda nesse subgrupo de fábulas que investiga temas do desenvolvimento, observou-se a possessividade. O herói, ao esconder o objeto fabricado da mãe, conservou-o para si, permanecendo em uma posição simbolicamente imatura e fixando-se em suas próprias necessidades.

Nos outros dois subgrupos de fábulas, de catarse e de manifestação da culpabilidade e da autopunição, observaram-se também indicadores de regressão em todas elas (F4 e F5; e F10), exceto em uma (F9). Os indicadores de regressão foram: privação, vulnerabilidade, desamparo e desproteção, distorção e busca de um genitor.

A vulnerabilidade, desamparo e desproteção foi o indicador de destaque, presente nas respostas da F5 e F10. Na F5, o herói apareceu em uma situação de desamparo, com medo de estar sozinho e incapaz de se proteger, mobilizando fantasias de abandono. O medo acentuou a sensação de separação, provocando ansiedade, colocando-o em uma condição mais indefesa, transferindo seus sentimentos de abandono e de desamparo para partes do corpo, ao machucar-se e ficar três dias no hospital sem a figura materna. O fato de a mãe não estar presente, em função do nascimento de Graziela, indicou o acréscimo de informações ao conteúdo da fábula – distorção – bem como revelou o contexto situacional que o primogênito estava vivenciando. Já na F10, a vulnerabilidade, desamparo e desproteção apareceram também acompanhados da busca de um

genitor. Através da figura do monstro, o herói encontrou-se em uma situação de inteira vulnerabilidade, buscando a figura materna no enfrentamento da situação ansiogênica. Por fim, na F4, foi observada privação. O herói revelou como personagem que havia morrido o pai, sugerindo receio de perda de seu amor e de sua presença, ou ainda agressividade dirigida à figura paterna.

Já os indicadores de crescimento puderam ser observados em todas as fábulas que investigam temas sobre o desenvolvimento (F1 e F3; F7 e F8), exceto em duas (F2 e F6), os quais foram: superação, renúncia do leite materno, fantasia de castigo e culpabilidade e autopunição.

A superação pode ser observada, na F1, através da ação de o passarinho “voar um pouquinho para a árvore do meio”, sugerindo desejo e capacidade de reagir diante da situação ansiogênica. Nesse caso, o primogênito não ignorou dados da história de que o herói já sabia voar um pouquinho, sugerindo crescimento. Outro indicador observado, na F3, foi a capacidade de o herói renunciar o leite materno. Mesmo o cordeirinho ficando preso ao leite materno, não conseguindo abrir mão do mesmo, também demonstrou capacidade de renunciá-lo para que o menor também fosse alimentado.

Na F7 pode ser percebida, como indicador de crescimento, a fantasia de castigo. Mesmo não conseguindo abrir mão do objeto fabricado, houve preocupação em não ter correspondido à expectativa materna. A resposta fornecida pode estar evidenciando a atitude da mãe frente aos comportamentos da filha e revelando o modo de relacionamento de ambas. Já a culpabilidade e a autopunição observadas na F8 não parecem estar relacionadas a uma situação triangular ou edípica, mas a uma resposta a algo errado que o herói cometeu.

No subgrupo de fábulas de catarse, foram observados indicadores de crescimento somente na F5 e F9, não tendo sido percebidos na F4 e F10. Os destacados foram: culpabilidade e autopunição, fantasia de castigo e aceitação de regras e/ou de responsabilidades. Da mesma forma que na F8, na F5, o indicador culpabilidade e autopunição, funcionou como resposta a algo errado cometido pelo herói, por ter sido “muito mal educado”, tendo como consequência a fantasia de castigo. O fato de “nunca mais ter sido mal educado e ter desobedecido a mãezinha dele” representou o medo do castigo e da perda do objeto de amor e da proteção deste. Por fim, na F9, observou-se a aceitação de regras e/ou de responsabilidades, visto que mesmo com dificuldades em aceitar as regras impostas pela mãe, o herói encontrou capacidade de acolhê-las e respeitá-las.

Percebe-se que a resposta revelada pelo primogênito envolveu proibições e deveres da rotina diária, bem como motivos de queixa da criança por parte da mãe.

Tabela 21

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, durante a Gestaçã da Irmã, Indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – “ <i>Se sentiu mal. (P) mal porque caiu do alto</i> ”. Busca de um genitor – “ <i>ele vai e a mãe dele pega ele nas costas eu acho</i> ”.	Superação – “ <i>Ai ele voa um pouquinho e depois não sei. (P) O papai voou para essa e a mamãe para essa e ele voa para a árvore do meio</i> ”.
F2	Sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição – “ <i>Porque ela quer ficar um pouquinho sozinha. (P) porque ela ficou triste. (P) porque ela pensou, porque lá tinha muito barulho e ninguém queria escutar ela. (P) se sentiu mal e ela pensou que ia voltar para casa</i> ”.	Não foram observados indicadores de crescimento
F3	Distorção e hostilidade – “ <i>E daí o outro chegou, e a mãe não deixou ele tomar o leite porque o outro cordeirinho que tava na rua e que não é o filho, ficou triste por não tomar o leite.</i> Retorno à mãe, retomada ao leite materno – “ <i>e ele foi lá pra floresta, atrás do leite e encontrou a mãe e o pai. E ele tomou um pouquinho do leite da mãe</i> ”.	Renúncia do leite materno – “ <i>Ele foi lá comer capim e depois ficou triste porque queria tomar o leite da mãe</i> ”.

- 
- F4 Privação – “O pai. (P) porque ele não olhou pros dois lados, esqueceu, e veio um carro e ele morreu. (P) muito triste e ele sempre falava do pai e olhava lá pra rua pela janela vendo se o pai tava bem e chegou um dia que o pai não tava mais lá”. Não foram observados indicadores de crescimento
- F5 Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – “Um dia, ele foi no shopping e colocou o dedo na porta do carro e bateu e chorou e foi pro hospital e ficou três dias no hospital”. Culpabilidade e auto-punição – “Ele é muito mal educado e chorou, e colocou o dedo na tomada e chorou”. Fantasia de castigo – “Um dia ele foi de novo para casa. (P) se sentiu muito bem e nunca mais shopping com a Graziela que nasceu naquele dia que ele foi pro hospital”. foi mal educado e desobedeceu a mãezinha dele e fim”.
- F6 Sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição – “Ele ficou muito grande. (P) porque ele ficou grande e daí colocou lá na rua e ele falou que não podia mais ficar lá”. Não foram observados indicadores de crescimento
- Distorção – “e pegou outro elefantinho bem pequenininho que recém nasceu da barriga da mãe, bem pequenininho. (P) ficou assustado, porque aqui ele parece que ta assustado, oh!”
- F7 Possessividade – “Ela vai esconder porque a mãe não deixava ele pegar porque é de vidro”. Fantasia de castigo – “E ficou de dia e a mãe acordou e disse: ‘filho tu pegou aquela coisa da mãe?’, e a mãe olhou e tava uma poeira no quarto e falou pro
-

- 
- filho que ela ia ter que arrumar cada cantinho e ela ia limpar. E deu”.*
- F8 Não foram observados indicadores de regressão Culpabilidade e auto-punição – *“Porque ela acha que a menina aprontou alguma coisa que chegou com um bichinho na casa, um coelhinho. (P) se sentiu muito braba, porque ela não gostava de bichinho na casa. (P) porque a criança trouxe um coelhinho e não devia, ela ficou feliz e o pai também e fim”.*
- F9 Não foram observados indicadores de regressão Aceitação de regras e/ou de responsabilidades – *“Que era hora do almoço. E aí não podia brincar ainda porque tava no almoço e a criança queria comer bis e a mãe falou ‘ tá na hora do almoço’ e a criança não queria almoçar, queria comer bis e ela forçou a criança comer e a criança comeu e fim. E ela comeu uma comida. (P) se sentiu bem e depois comeu o bis e fim”.*
- F10 Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – *“Com um monstro que ia pegar ela, o monstro ia pegar”.*  
Busca de um genitor - *“e daí a criança chamou a mãe e aí a mãe chegou e viu ela muito assustada e aí a criança contou que o monstro, no sonho, tava atrás dela. E daí a criança ficou*
-

### **3.3.1.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito, durante a gestação do segundo filho, indicados nas falas da mãe e do pai**

Como se pode ver, na Tabela 22, houve destaque para os indicadores de regressão em comparação aos de crescimento nos relatos maternos e paternos durante a gestação da segunda filha. De modo geral, os indicadores de regressão foram: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrada e próxima, demandas, birra e manha em algumas situações, ansiedade de separação, agressividade e ciúme, fala infantilizada, medo e incremento no uso do bico, do cheirinho e da mamadeira e, também, do choro.

A solicitação de atenção e/ou estar mais agarrada e próxima se manifestou tanto na relação com a mãe e com o pai, quanto também com os avós. Para a mãe, a filha “sempre foi muito apegada e de querer chamar a atenção”, mas com a gestação, estes comportamentos haviam se intensificado. Ao mesmo tempo em que se sentia cansada, também os acolhia, visto que procurava dar-lhe atenção, não perdendo sua paciência. O pai também percebia a filha mais agarrada à mãe, embora estivesse notando-a “mais para o seu lado nos últimos dias”, mobilizando sentimentos de contentamento. Também se questionou se tais indicadores deviam-se à gravidez ou à fase de desenvolvimento dela mesma, indicando acolhimento. Tanto um quanto o outro apontaram que a filha estava solicitando a atenção e ficara mais agarrada também aos avós maternos. Para a mãe, desde que ficou grávida, a primogênita ficou mais agarrada, especialmente à avó, sendo que antes era mais com o avô. Essas solicitações foram vistas como resposta a “algum tipo de atenção que estivesse deixando de dá-la”, mesmo não percebendo.

A birra e a manha foram indicadas somente no relato materno e se manifestaram na hora do banho. A mãe percebia a filha como não querendo tomar banho, brigando e fazendo birra para realizar essa atividade de higiene. Já as demandas na hora do sono e da alimentação foram mencionadas tanto pela mãe quanto pelo pai, e foram apontadas como tendo sido intensificadas com a gravidez. Ambos acolheram tais indicadores de regressão, visto que atendiam a tais demandas, dando-lhe comida em sua boca para que comesse mais ou levando-a para a cama dos mesmos. A mãe também a via como não querendo almoçar mais na escolinha, e sim em casa, como sempre havia feito todas as terças e quintas, exigindo uma mudança em sua rotina nesses dias.

Outro indicador de regressão foi a ansiedade de separação manifestada tanto em momentos de separação e de ir à escola quanto ao momento da hospitalização durante o nascimento da irmã, e surgiu durante a gravidez materna. Pela fala da mãe e do pai, Carine “não queria desgrudar nunca”, o “que não fazia antes”, além de “não querer tirar o olho”, especialmente da mãe. A ansiedade de separação também foi manifestada nos momentos de ir à escola. Houve dois episódios em que a filha não quis ficar na escola e separar-se da mãe, a qual se sentia muito abalada frente ao “estresse muito grande”. Ao mesmo tempo em que a mãe foi mais impositiva para que parasse de “fazer escândalos”, também acolhia tal comportamento, para que a filha não sentisse “o baque” da separação em relação à mãe após o nascimento da irmã. Ainda em relação às questões de separação, os pais a percebiam como ansiosa em relação ao momento de hospitalização. Carine manifestava desejo de dormir junto aos pais no hospital. Embora estes tivessem dito, em um primeiro momento, que ela dormiria com a avó materna, também acolheram a sua ansiedade, tranquilizando-a, ao dizê-la que poderia dormir no hospital junto dos pais.

Também houve manifestação de agressividade e ciúme. A mãe destacou a agressividade, visto que a filha dava-lhe “socos fraquinhos na barriga”, enquanto o pai enfatizou “um pouquinho de ciúmes quando começou a crescer a barriga”. Houve acolhimento de ambos, pois acreditavam ser “natural” esses comportamentos, “como qualquer criança que recebe um irmão”. A mãe, por vezes, ignorava tais manifestações da filha, fazendo de conta não percebê-las, ao mesmo tempo em que lhe explicava que “a maninha não sentia nada”, machucando apenas a mãe.

No relato materno, houve ainda referência à fala infantilizada e ao medo. Para a mãe, a alteração na fala devia-se ou à chegada da irmã ou à visita de sua chefe, que veio acompanhada de sua filha que falava “igual a bebê”. Já o medo, de bruxa, de morrer e da morte da mãe, também foi percebido e acolhido. A mãe analisou “todas as histórias infantis” e observou que a temática da morte estava presente, especialmente da morte materna. Por fim, observou-se ainda como indicador de regressão o incremento no uso do bico e do cheirinho, da mamadeira e também do choro. Na visão da mãe, o uso do bico e de um lencinho, bem como o choro foram intensificados ao longo da gestação, enquanto que a mamadeira foi “descoberta no baú dos achados dela de bebê” já no início da gestação. O pai também destacou o uso do bico e do lencinho.

Quanto aos indicadores de crescimento, as falas maternas e paternas indicaram: maior interesse pela irmã, aceitação de regras e/ou de responsabilidades, maior controle dos esfíncteres e comportamento impositivo. O maior interesse pela irmã foi manifestado tanto pela mãe quanto pelo pai. Ambos mencionaram o cuidado de Carine com a menor. A mãe ainda referiu interesse da primogênita pela irmã, visto que desejava dividir o quarto, bem como interagia com a mesma ainda na barriga.

Outro indicador de crescimento indicado tanto pela mãe quanto pelo pai foi a aceitação de regras e/ou de responsabilidades. A filha era vista como “muito organizada, sabendo o que era certo e errado”, respeitando as regras impostas pelos pais. Foi feita ainda referência, pela mãe, ao controle dos esfíncteres. A filha havia retirado as fraldas noturnas durante uma viagem da mãe, aos cinco meses de gravidez. Por fim, foi observado no relato paterno referência ao comportamento impositivo de Carine, a qual manifesta seu desejo de querer/gostar ou de não querer/não gostar de algo. O pai entendia tais manifestações da filha, visto que se identificava com ela, por também ter sido assim quando menor.

Tabela 22

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, durante a Gestação do Irmão, Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicitação de atenção e/ou estar mais agarrada e próxima À mãe – “sempre foi muito apegada a mim. Mas acho que agora tá mais. Não dá uma folga. Tá muito de chamar a atenção. Começa: ‘mãe vem cá! Mãe, ah!’ (...) Se queixa muito que não to pegando ela no colo. No início reclamava mais, agora não reclama, mas sinto que ela sente falta disso (...) sobe em cima do sofá a gente se abraça, em cima da cama”. (Mãe)	Maior interesse pela irmã “vai sufocar um pouco a Graziela, vai estar sempre em volta (...) diz: ‘quero que a minha irmã fique comigo [no quarto]’ (...) não abriu mão de ficar com a mana (...) ‘ah, maninha, quando tu crescer, vou ter que mexer nos meus brinquedos (...) mas vou”. (Mãe) “Ela é uma criança que gosta de criança. Acho que vai cuidar bem da irmã. Disse que quer ajudar a cuidar também. (...) vai ser uma criança boa

*“Mais agarrada? Ah. A mãe, não tem com a irmã”*. (Pai)  
*(...) pode ter sido que tenha ficado também mais pro meu lado, talvez, um pouco*”. (Pai)

#### Comportamento impositivo

Ao pai – *“querer, de repente, mais atenção minha. Tenho notado isso um pouco (...) nos últimos dias. (...) tá vindo mais pra mim, mais pro meu lado*”. (Pai)

*“é meio de ser tipo: ‘Ah. Isso eu não quero’*. (...) *Tem uma coisa que não gosta, ela não gosta*”. (Pai)

#### Controle dos esfíncteres

Aos avós – *“ficou mais agarrada com meus pais (...) antes era muito mais com meu pai (...) agora, desde que to grávida é a vó (...) Agora parece que ficou mais com a minha mãe*”. (Mãe)

*“o da noite tirou esse ano (...) fiquei uma semana fora, tava grávida já de cinco meses (...) e ela ficou só com o Ricardo, não fez um xixi na cama, ele que conseguiu (...) quando voltei nunca mais fez (...) levanta de noite e faz*”. (Mãe)

*“Com meu sogro, minha sogra. Até porque desde pequenininha foi muito lá. Então é muito agarrada a eles também*”. (Pai)

#### Birra e manha

No banho – *“ultimamente tem tomado banho ou comigo ou com meu marido, ta uma briga pra tomar banho (...) não queria mais tomar banho (...) era uma função, gritava (...) Não sei se ta coincidindo com a idade de birra, em não querer tomar banho, não querer botar chinelo*”. (Mãe)

#### Aceitação de regras e/ou de responsabilidades

*“Ta conseguindo ver coisas muito mais positivo do que negativo (...) achando que vai ser responsável pela Graziela: ‘mamãe, quando ela chorar, levo pra ti’*. Tá se sentindo muito responsável (...) é muito organizada, sabe o que é o certo, o que é o errado. Organizada porque sempre foi de organizar todas as coisas dela”. (Mãe)

Hora do sono

*“Desde que to grávida, só quer ir pra minha cama. Sempre quis ir muito, mas agora mais ainda”. (Mãe)*

*“Ela é de pedir assim desculpa. Se ela vê que a gente tá falando sério. Ela é de respeitar”. (Pai)*

*“Ultimamente tá sendo mais na nossa cama (...) A única coisa que aumentou dum tempo pra cá. Acorda de madrugada e vem pra nossa cama”. (Pai)*

Hora da alimentação

*“Terças e quintas fica na escolinha (...) por opção dela (...) almoça e já fica (...) Mas ultimamente não tá querendo mais (...) a secretária liga: ‘ela quer almoçar em casa’ (...) às vezes tem aquela coisa, ‘ai, mamãe me dá na boca’ (...) come sozinha, mas chega uma hora parece que cansa, se tu dar na boca, ela come mais”. (Mãe)*

*“ultimamente tem meio assim, de pedir pra às vezes dar comida na boca (...) de repente até por causa da gravidez da Claudia (...) tem aquela coisinha de regredir um pouco”. (Pai)*

Ansiedade de separação

*Em momentos de separação –“aquela coisa de não querer desgrudar. Não quer desgrudar nunca. Pra ir trabalhar de manhã, não quer deixar eu sair. De noite acorda no meio da noite: ‘mamãe!’, parece que fugi de*

*casa. Acorda aos berros: ‘cadê a minha mãe que não tava na cama’. Coisa que não fazia antes (...) parece que vou desaparecer”.* (Mãe)

*“Sempre foi segura. Claro que tem uma vez que outra pede ‘Ah. Não vai trabalhar’ (...) já aconteceu mais com a Claudia (...) Se ela acorda de madrugada e vê que a Claudia não tá do lado, ela tem um treco (...) quer ficar bem mais perto da Claudia. Não quer tirar muito o olho dela”.* (Pai)

*Em momentos de ir à escola – “não queria mais ir pra escolinha, um dia foi uma choradeira, um estresse (...) não queria ficar (...) fez escândalo, se atira no chão (...) ‘ai mamãe fica comigo, porque tu não fica comigo, não quero me separar de ti’ (...) desde que estou grávida duas vezes aconteceram dela não querer ficar na escolinha”.* (Mãe)

*“Agora de um tempo pra cá pode ser que ela tenha pedido mais pra não ir na escolinha, de um tempo pra cá”.* (Pai)

*No momento de hospitalização materna – “fala muito que vai dormir comigo no hospital, que não vai dormir fora (...) ficou acho que uns dez dias falando nisso (...) tava muito*

*angustiada (...) não parou de falar: 'Ai, mas quando tu for pro hospital tu vai ficar longe de mim?''*. (Mãe)

*“disse que quer ficar comigo no hospital, dormindo lá (...) disse que queria ficar comigo.”*. (Pai)

### Ciúme

*“teve alguns periodozinhos no meio, acho que quando começou a crescer mais a barriga, começou a ver mais com os olhos (...) tava meio com o pé atrás. Não, revolta, mas de repente batendo um pouquinho de ciúmes. Pode ser ciúmes”*. (Pai)

### Agressividade

*“já teve várias fases. No início amou e depois dizia: 'para de falar um pouco!'. Daí veio a época que amava de paixão, só brincava de mana. Aí veio de novo uma época que aconteceu, duas vezes, de vir e dar um soco na minha barriga. Soco fraquinho”*. (Mãe)

### Linguagem

*“começou a falar que nem nenê (...) tem coisas que fala igual a bebê, com voz de bebê, depois muda (...) não engatinhou ainda”*. (Mãe)

### Medo

*“tem ido muito pra nossa cama de*

*madrugada diz que tem medo... de bruxa (...) da morte, de ela morrer, 'ai quem é que vai morrer antes?'*". (Mãe)

Uso do bico e/ou do cheirinho

*"nunca chupou bico, nem mamadeira, do peito foi pro copinho (...) Quando entrou na escolinha (...) começou a ver os coleguinhas com bico, daí começou a me pedir bico (...) agora, depois que fiquei grávida, parece que intensificou. (...) Agora usa mais ainda".* (Mãe)

*"O bico nunca pegou quando era criança, só depois que foi pra escolhinha. (...) Ficou pra dormir, mas quando tá com sono é o bico e o lenço (...) Tem o lencinho que não dorme sem".* (Pai)

Choro

*"Ficou mais manhosa, um choro mais forçado, quando chora é uma coisa mais forçada".* (Mãe)

---

### **3.3.2 Caracterização do caso aos doze meses do segundo filho**

Na Tabela 23, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 03 aos doze meses do segundo filho.

Tabela 23

*Caracterização do Caso 03 aos Doze Meses do Segundo Filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Carine	5 anos e 7 meses
Mãe	Claudia	34 anos
Pai	Ricardo	33 anos
Segundo filho	Graziela	1 ano e 4 meses

### **3.3.2.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses de um irmão indicados no Teste das Fábulas**

Como se pode visualizar na Tabela 24, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1, F2 e F3; e F8), exceto em duas (F6 e F7). Os destacados foram: busca de um genitor, sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, ciúme, privação, e distorção de um dado relevante da fábula.

A busca de um genitor pode ser observada na F1, através da incapacidade de o herói enfrentar a ansiedade mobilizada pela fábula, sem ajuda e encorajamento das figuras parentais. A situação de separação acarretou sentimentos de desproteção, mas não imobilizou o herói, o qual encontrou capacidade de usar seus recursos com a ajuda da mãe. A busca do restabelecimento do vínculo, especialmente materno, encorajou-o no enfrentamento das ansiedades.

Outro indicador de regressão foram sentimentos e fantasias de rejeição e de exclusão, observados na F2. Embora a resposta tenha envolvido aceitação da união dos pais e o amor destes, também mascarou os sentimentos de rejeição parental e o desejo de ser inserido nas relações interpessoais. A criança, ao ter projetado um herói que ficou triste por ter sido só ele de criança em uma festa com “um monte de adultos” revelou seus sentimentos de exclusão, ao vivenciar a posição de um terceiro excluído do vínculo entre mãe e pai. Nesse mesmo sentido, o ciúme e a privação também podem ser percebidos como indicadores de regressão na F3. Diante da perda real do objeto de amor, o leite materno, o herói manifestou sentimento de rejeição, de inveja e de reprovação por ter sido privado do alimento em função da chegada de “outro terneirinho”.

Por fim, outro indicador de regressão foi a distorção de um dado relevante da fábula, presente na F8. A modificação do conteúdo da fábula faz pensar em

dificuldades no enfrentamento das ansiedades. A criança projetou um herói que teve que lidar com a reação do pai e não da mãe. Dessa forma, a distorção parecia estar envolvendo muito mais uma dificuldade nas relações parentais do que propriamente uma situação triangular ou edípica. Além disso, parecia envolver também medo de castigo e de perda do amor paterno.

Nos outros dois subgrupos, também se observaram indicadores de regressão em todas as fábulas (F4 e F5; e F10), exceto em uma (F9). Os mais destacados foram: privação, vulnerabilidade, desamparo e desproteção, busca de um genitor e distorção.

A privação, observada na F4, denota a manifestação de um receio da falta ou perda da figura paterna, também relacionada à distorção observada na F8, ou ainda pode estar revelando agressividade dirigida ao pai, associada a uma conflitiva situacional. Outro indicador de regressão foi a vulnerabilidade, desamparo e desproteção observado na F5 e F10. Tanto em uma resposta como em outra, o herói foi colocado em uma situação de desamparo diante de uma figura que mobilizava fantasias de impotência e de medo – monstro e vampiro. Ainda na F5, se observou a busca de um genitor. Diante dessa situação de vulnerabilidade, o herói buscou restabelecer o vínculo com as figuras parentais de modo a lidar com a ansiedade mobilizada. Já na F10, percebeu-se ainda a distorção. Houve o acréscimo de um personagem na história, um bebezinho, revelando vivências associadas ao ambiente familiar.

No que tange aos indicadores de crescimento, estes apareceram em todas as fábulas que investigam temas sobre o desenvolvimento (F2 e F3; F6 e F7), exceto em duas (F1 e F8). Os mais destacados foram: socialização e interação com pares, renúncia ao leite materno, crescimento, aceitação da auto-imagem, irregularidade no tempo de reação de resposta, renúncia ao objeto e distorção.

A socialização e interação com pares apareceu nas respostas da F2 e F3. Tanto em uma quanto em outra fábula, diante da situação ansiogênica, o primogênito projetou um herói que possuía interesse e capacidade para interagir com outras crianças. Ainda na F3, observou-se também como indicador de crescimento a capacidade de renúncia ao leite materno. Ainda que tenha apresentado ciúme em relação “ao outro terneirinho”, abriu mão do leite, sugerindo boa organização do mundo interno.

Foi ainda percebido o crescimento e a aceitação da auto-imagem na F6. O crescimento pode ser observado através da referência de um herói que fez alusão

ao tamanho maior do elefantinho. Já a aceitação da auto-imagem, apareceu através do consentimento das mudanças interiores da imagem e da identidade do personagem. Ainda na F6, observou-se a irregularidade no tempo de reação (ITR). Um TR longo (TR=15s) revela a presença de um processo de seleção de resposta, provavelmente indicando defesa para lidar com a ansiedade mobilizada pela fábula. Em função da F6 avaliar as modificações ocasionadas pelo desenvolvimento, pode-se pensar que a ITR esteja revelando um processo necessário para lidar com a aceitação de uma imagem diferente e com as aquisições de desenvolvimento, especialmente em um contexto em que a criança necessitava compartilhar os cuidados parentais com uma irmã. Nesse caso, a ITR pode estar relacionada à intensa mobilização afetiva a serviço das necessidades internas da criança rumo ao crescimento.

Por fim, na F7, observou-se também renúncia ao objeto de argila e distorção. Ainda que o herói tenha concordado em dar o objeto fabricado, houve preocupação em manipular e reter o objeto, conservando-o para si. A distorção, percebida através da modificação do conteúdo da fábula, pode estar revelando dificuldade no enfrentamento do conflito. Ao mesmo tempo em que o herói quis agradar a mãe, renunciando ao objeto fabricado, também desejou retê-lo para si.

Nos demais subgrupos de fábulas, também foram observados indicadores de crescimento somente nas F9 e F10: aceitação de regras e/ou de responsabilidades, culpabilidade e autopunição, e fantasia de castigo. A aceitação de regras e/ou de responsabilidades, bem como a culpabilidade e a autopunição foram observadas na F9. Mesmo com dificuldades e resistência, o primogênito se identificou com um herói que apresentou capacidade de aceitar as regras impostas pela mãe. Essa resistência também teve como consequência um caráter punitivo, indicando culpabilidade e autopunição. O herói que “não gostava de tomar banho”, ao ir brincar caiu a camisa no meio do caminho, e precisou entrar no chuveiro. Por fim, na F10, percebeu-se fantasia de castigo como resposta por não ter correspondido à expectativa parental de não fazer bagunça, projetando sua hostilidade.

Tabela 24

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito aos Doze Meses da Irmã Indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	Busca de um genitor – <i>“Mas não muito. (P) Não sei. Ou ele podia tentar pegar a mãe ou o pai ou escalar a árvore. (P) Não sei qual o melhor jeito. (P) Pegar na mamãe, que ela está mais baixo”.</i>	Não foram observados indicadores de crescimento
F2	Sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição – <i>“Porque ele tava triste porque tinha um monte de adultos e só ele de criança. Porque era chato ficar naquele monte de adulto e ele foi ficar lá embaixo”.</i>	Socialização e interação com pares – <i>“Aí ele achou um amigo e foram jogar futebol”.</i>
F3	Ciúme – <i>“Ele ficou com ciúme porque o outro terneirinho não era filho ou filha dela”.</i> Privação – <i>“Aí ele não gostou que tinha que comer capim e o outro ficou tomando o leite dele”.</i>	Renúncia ao leite materno – <i>“Aí ele ficou comendo e a mamãe dando pra outro”.</i> Socialização e interação com pares – <i>“Aí depois ele foi brincar com seus amigos”.</i>
F4	Privação – <i>“O pai. (P) Morreu de um acidente de carro. Ele tava andando no carro e um atrás bateu nele, e como ele tava tirando o cinto, daí ele voou. (P) A família ficou triste, mas depois parou”.</i>	Não foram observados indicadores de crescimento
F5	Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – <i>“Ela tava dormindo, no meio da noite, aí acordou e viu uma sombra e achou que era um monstro”.</i> Busca de um genitor – <i>“Aí ela</i>	Não foram observados indicadores de crescimento

---

	<i>correu pra cama do pai e da mãe.</i>	
	<i>(P) Aí ela dormiu de novo e quando amanheceu ela acordou com sono porque tinha acordado e de tarde ela dormiu”.</i>	
F6	Não foram observados indicadores de regressão	<p>Crescimento – “<i>Aí quando ele abriu a porta do quarto dele, ele viu que ele tava enorme porque já tava com 16 anos</i>”.</p> <p>Aceitação da auto-imagem – “<i>Ele não conseguia tirar do quarto porque ele cresceu e não conseguia sair do quarto. (P) Aí teve que chamar o bombeiro pra abrir o telhado da casa e depois fez uma casa só pra ele</i>”.</p> <p>Irregularidade no tempo de reação de resposta (TR=15s)</p>
F7	Não foram observados indicadores de regressão	<p>Renúncia ao objeto de argila – “<i>Ele vai dar. Mas só vai dar se a mãe dele deixar ele brincar com o amigo dele. (P) Aí ela deixou e ficou de presente do dia das mães, que ‘tava’ perto</i>”.</p> <p>Distorção – “<i>A mãe pegou o príncipe e o cavalo e colocou a princesa com os cabelos</i>”.</p>
F8	Distorção – “ <i>Porque tava cheio de papéis e não conseguiam passar e ele ficou brabo. Aí pra chegar no portão ele tinha que nadar no papel. A menina pediu pro pai levantar ela e pôr de lado. Aí o pai pegou uma pá e tirou o lixo do caminho e passou</i> ”.	Não foram observados indicadores de crescimento

---

F9	Não foram observados indicadores de regressão	<p>Aceitação de regras e/ou de responsabilidades – “<i>Que tava na hora de tomar banho. (P) ‘Não mãe, eu não gosto de tomar banho. Eu vou brincar com meu amigo e me sujo. Se eu tomar banho, vou me sujar de novo’.</i> (P) ‘<i>Então pode brincar’.</i> ‘<i>Agora pro banho’.</i> ‘<i>Não, agora quero ir no parque’</i>”.</p> <p>Culpabilidade e autopunição – “<i>Aí no meio do caminho caiu a camisa, aí tinha um chuveiro e ele tomou banho. Aí ele cavou a terra e fez um buraco até em casa</i>”.</p>
F10	<p>Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – “<i>Que ela tinha ido no super e quando foi pegar um brinquedo que ela queria, tinha um vampiro atrás do brinquedo</i>”.</p> <p>Distorção – “<i>Aí ela pegou um bebezinho</i>”.</p>	<p>Fantasia de castigo – “<i>Aí em casa ele fez a maior bagunça, e a mãe pensou que tinha sido a criança e ele mordeu as costas dela e fim</i>”.</p>

### 3.3.2.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos doze meses do segundo filho indicados pelo pai e pela mãe

Como se pode visualizar na Tabela 25, aos doze meses do segundo filho, os indicadores de regressão e de crescimento relatados pelos genitores foram praticamente equilibrados. De modo geral, os de regressão foram: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo, teimosia e rebeldia, ciúme e agressividade, demandas em diferentes situações e medo.

A solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo se manifestou tanto na relação com a mãe e com o pai como também com a avó materna. Na visão da mãe, a filha competia com a irmã, como forma de chamar sua atenção. Já a solicitação da atenção materna era vista pelo pai como resposta à falta sentida da

mãe pela filha, já que estava ficando bem mais com o pai naquele momento, enquanto a mãe atendia à menor. O pai também a percebia como solicitando mais sua atenção, em função dessa divisão de responsabilidades. Ao mesmo tempo em que se sentia cansado frente a tais solicitações, também as achava “normal” e buscava “suprir um pouco a falta materna”. A solicitação de atenção da avó foi observada somente na fala da mãe e foi vista como uma maneira de a primogênita retirar a atenção sobre a irmã.

Outro indicador de regressão foi estar mais agarrada ao pai. Tanto a mãe quanto o pai apontaram a filha como mais “grudada” a ele desde o nascimento de Graziela. Houve ainda referência por parte de ambos os genitores de teimosia e rebeldia, como comportamentos que haviam surgido naquele momento. A filha parecia uma adolescente, mais resistente, o que para a mãe era visto como uma reação à manifestação da fase “de gracinha de Graziela, a qual não era mais um bebezinho”. Por mais que a mãe se sentisse cansada e irritada frente à rebeldia da filha, também procurava não criar muitos momentos de estresse, “não entrando em seu jogo”, pois acreditava que era uma forma de chamar sua atenção. Já para o pai, a teimosia foi entendida como maneira de testar os limites impostos por ele naquele momento, já que sempre fora uma criança muito fácil de lidar. O pai mostrou-se, por vezes, sem paciência, questionando-se se a mudança de comportamento devia-se à chegada da irmã ou à idade.

O ciúme e a agressividade também foram indicados pela mãe e pelo pai. Ambos os genitores associaram-nos ao crescimento da irmã, que passou a ter maiores reações, como “caminhar e responder”, aumentando “um pouco o ciúme” e a agressividade de Carine. A mãe intervinha xingando e mostrando à filha que estava machucando a menor e que esta não sabia se defender. Já o pai mostrou-se preocupado em se “policiar e dividir” sua atenção, já que acreditava que “inevitavelmente acabava dando mais atenção pra Graziela”.

Houve ainda referência a demandas na hora do sono, da alimentação e também através do choro de Carine. Tanto na hora do sono quanto da alimentação as demandas foram para ir para a cama dos pais durante a noite e para que estes lhe dessem comida em sua boca. Ambos os genitores apontaram-na como buscando especialmente o pai, na hora do sono. As demandas através do choro foram observadas somente no relato materno e estiveram associadas a uma maneira de chamar a atenção da mãe. Outro indicador de regressão foi o medo. A mãe destacou o medo da morte, conversava e explicava à filha que não tinha idade

para preocupar-se, acolhendo o medo da filha, enquanto o pai mencionou o medo de cachorro.

Já os indicadores de crescimento foram: amadurecimento em algumas áreas do desenvolvimento, maior interação e interesse pela irmã, comportamento impositivo com pares, maior raciocínio, criatividade e organização, desinteresse pelo uso do bico e do cheirinho, incremento na linguagem e redução de ansiedade de separação. O amadurecimento foi manifestado em algumas áreas do desenvolvimento e foi destacado, no relato materno, através da alimentação e da troca de roupa e, no paterno, através do controle dos esfínteres. A mãe mencionou, que com o nascimento da irmã, Carine deu um “bum, amadureceu, modificou completamente, vem evoluindo e melhorando, estando mais independente” do que a própria mãe quando tinha sua idade. O pai também destacou o amadurecimento da filha associando-o ao nascimento da irmã.

A mãe também percebia maior interação e interesse pela irmã. Carine era vista pela mãe como cuidando, interagindo mais e estando preocupada com Graziela, despertando sentimentos maternos de contentamento. A mãe intervinha nessa maior interação e interesse, na medida em que solicitava a ajuda da filha no atendimento e cuidado da menor. Outro indicador de crescimento foi o comportamento impositivo com pares. As falas parentais apontaram Carine como se “impondo mais, mais madura e decidida”, especialmente na interação com pares. Houve ainda referência ao maior raciocínio, criatividade e organização, indicados por ambos os genitores. Para ambos, a filha havia crescido, desenvolvia um raciocínio rápido, era muito madura e mais inteligente naquele momento.

O desinteresse pelo uso do bico e do cheirinho também foi mencionado nos relatos parentais. Para os pais, a filha havia decidido largar o bico e o cheirinho por conta própria fazia um mês, após ter sido rasgado o bico anterior. Mesmo o pai fazendo a proposta de comprar outro bico, a primogênita manteve sua decisão. Foi feita referência também ao incremento na linguagem. Tanto o pai quanto a mãe apontaram-na como falando melhor e se desenvolvendo bem na linguagem. Este incremento mobilizava contentamento na mãe, a qual elogiava e acolhia o crescimento da filha. Por fim, ainda ouvindo a mãe, observou-se redução de ansiedade de separação. Ainda que a mãe tenha mencionado que a filha “estava sempre querendo ter contato”, também a apontou como “estando melhor” e entendendo mais os momentos em que precisava separar-se dela. A mãe acreditava que a presença da irmã havia facilitado esses momentos.

Tabela 25

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Doze Meses da Irmã, Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo	Hora da alimentação e da troca de roupa
À mãe – <i>“Compete bastante. Principalmente de noite, que tô dando atenção pra Grazi. Alguma coisa faz pra chamar a atenção: ‘me machuquei. Olha aqui, tá dodói’, ‘tô com fome, quero um titi’, ‘fica comigo, quero que tu fique sempre comigo’ (...). Uma forma de chamar atenção”</i> . (Mãe)	<i>“Com o nascimento foi um ‘bum’. Começou a fazer muitas coisas sozinhas, se vestir, foi questão de dias. Não queria mais colher. Amadureceu (...) Até a roupa modificou. O estilo, mais mocinha, de sainha, modificou completamente (...) só vem melhorando, só vem melhorando. Vem evoluindo (...) acho que é uma criança mais independente do que eu era”</i> . (Mãe)
<i>“tem vezes, que quer só a mãe, faz de tudo pra excluir a Graziela, ‘quero ficar com a minha mãe’. (...) Deve sentir um pouco de falta também da mãe”</i> . (Pai)	Controle dos esfíncteres <i>“Desde que a Graziela nasceu, nem fazer xixi na cama, nada (...) é bem madura”</i> . (Pai)
Ao pai – <i>“ficou mais grudada com ele ainda, mais do que nunca. Porque ele dá mais atenção pra ela, brinca mais com ela, acaba ficando mais com ela”</i> . (Mãe)	Maior interesse pela irmã <i>“cuida da irmã (...) Agora já passou da fase [de bronquear], não reclama mais. Participa, já brinca mais com a Graziela. (...) tão interagindo mais (...) tá brincando mais (...) É super preocupada. ‘Isso aqui a maninha vai pegar, isso aqui ela não pode’. Ela é muito preocupada. Cuidadosa”</i> . (Mãe)
<i>“quer chamar atenção (...) tem ficado bem mais comigo, conseqüentemente quer mais de ti também (...) sempre acaba vindo pro meu lado mais do que pro lado da Claudia (...) é um pouco mais [agarrada] comigo (...) não que não quisesse estar com a Claudia, mas</i>	Comportamento impositivo

*porque a Claudia vai fazer a Graziela dormir e eu vou fazer a Carine (...) desde que nasceu. Mas pela questão de nós se dividir mesmo”. (Pai)*

À avó materna – *“Quando a minha mãe tá aqui: ‘Vovó, mas tem que ficar comigo. Porque quero a minha comida na minha boca’ (...) é uma forma da minha mãe não ficar com a Graziela”. (Mãe)*

Teimosia e rebeldia

*“diz: ‘quero botar essa roupa e vou botar essa roupa’. ‘Não, essa roupa é fresquinha, tu vai passar frio’. É difícil (...) quer fazer do jeito dela (...) ta resistente (...) sabe que não gosto, de repente é por isso que faz (...) teve uma fase que batia porta, parecia adolescente, entrava pro quarto, batia a porta (...) de repente tava pedindo mais a minha atenção (...) Tava começando a se manifestar, na fase da gracinha, que a Graziela não era mais aquele bebezinho (...) Aí acho que foi nesse meio tempo, ela reagiu dessa forma”. (Mãe)*

*“Hoje tá se impondo, se impõe, fala o que quer. É decidida. Amadureceu bastante (...) agora se defende. (...) Se iam brincar de Barbie, ela nunca podia ser a Barbie, porque não tinha cabelo comprido, tinha que ser a gatinha. (...) não se defendia e agora não, tá bem mais desenvolvida, fala o que quer”. (Mãe)*

*“cresceu muito em relação aos coleguinhas, hoje tá bem mais madura. Se impondo mais”. (Pai)*

Maior raciocínio, criatividade e organização

*“Se tu fala alguma coisa, cria muito em cima daquilo. Desenvolve um raciocínio muito rápido (...) se organiza, se amanhã vai num passeio, se organiza hoje (...) Muito criativa, tem um jeito muito artístico, tudo que faz parece que envolve arte”. (Mãe)*

*“no colégio cresceu, ta mais madura, sempre foi bastante madura em relação a falar e ela entender (...) É mais inteligente”. (Pai)*

Uso do bico e/ou do cheirinho

*“te testa, vai tentar ver se o meu limite é o meu limite mesmo ou não (...) ela conseguir me tirar a paciência ela sabe que demora um tempo, por isso*

*“O bico largou (...) Já faz um mês (...) rasgou e o Ricardo foi comprar e ela falou ‘Papai, pra que bico? O meu dente já caiu, a dentista falou que não*

*vai me testando (...) vai insistindo (...) vou mais chupar bico' (...) foi tudo antes não precisava (...) era uma criança muito fácil de lidar, dizia que largou ficou uma semana com o lenço e agora tá esquecendo". (Mãe)*

#### Ciúme

*"No início bronqueava que queria atenção, que 'a minha mãe não dá bola pra mim. Que a minha mãe só dá bola para minha irmã' (...) Mas às vezes claro, ainda bate um pouco de ciúmes (...) agora tem uma concorrência grande com a mana (...)*

*quando chego e encontro as duas, é uma concorrência, isso modificou. Quer chegar antes da mana, quer que pegue primeiro, depois a mana. Se primeiro abraço ela, aí a outra chora, grita. Se faço o contrário... tem que ser mesclado". (Mãe)*

*"depois que a Graziela começou a ter reações maiores, caminhar, responder (...) aumentou um pouco o ciúme. Porque inevitavelmente tu acaba dando atenção pra menor". (Pai)*

#### Agressividade

*"fica braba, tá reagindo mais do que antes (...) Já empurrou a Graziela várias vezes". (Mãe)*

#### Hora do sono

*"largou o bico agora. Tava rasgado e disse 'teu bico ta rasgado, vamos pegar e jogar fora. Vamos comprar um novo' (...) ela olhou pra mim com uma cara, 'não, pai, não precisa mais. Não vou mais chupar bico' (...) depois do bico, meio que abandonou o lenço também". (Pai)*

#### Linguagem

*"tá melhor. Esse ano evoluiu muito (...) tem melhorado. Tem usado um pouco de gíria (risos)". (Mãe)*

*"às vezes dá aquela recaída. Falar tipo criança, tipo nenê... mas a fala dela melhorou bastante (...) acho que isso aí tá se desenvolvendo bem".*

(Pai)

#### Redução da ansiedade de separação

*"a preocupação dela é 'Mamãe, tu não vai sair pra trabalhar sem me dar tchau, sem falar comigo', (...) reclama, tá sempre querendo ter contato (...) Tá melhor, antes chorava, eu ia pra porta, chorava, fazia escândalo, se segurava na minha perna e agora não faz mais isso, diz 'tchau' (...) Entende mais que preciso*

*“no meio da noite vai pra cama e se trabalhar, tá bem melhor. Fica com a agarra nele [pai]. Entra no meio da mana também. Isso pra ela foi bom”.  
gente e vai pro lado do pai. Não vem (Mãe)  
pro meu lado (...) fico com a Graziela  
e ele vai com a Carine”. (Mãe)*

*“às vezes acontece de ainda vir pra nossa cama. Deu alguns dias e não veio, depois começou a vir de novo. (...) a Graziela acorda às vezes de madrugada pra mamar, chora, daí ela acorda e acaba vindo pro nosso quarto”. (Pai)*

#### Hora da alimentação

*“diz ‘mãe, não quero mais’, ‘vamos comer mais um pouquinho’, vou conversando com ela e vai comendo. A gente vai dando, come mais. Às vezes [pede], quando tá muito cansada (...) ‘ai, quero ficar deitada, to cansada, cheguei da escola, to com preguiça’”. (Mãe)*

*“às vezes não quer comer mais, daí a gente sabe, quer que dê comida pra ela”. (Pai)*

#### Choro

*“chora, ‘porque não tá dando atenção toda pra mim, quero tua atenção’, simula um choro, não sei se é choro mesmo, depois já passa (...) às vezes é mais manha do que choro”.  
(Mãe)*

Medo

*“tem falado muito em morte, ‘mãe, quando morrer, vou virar anjo?’, ‘mãe, a gente vai se encontrar no céu?’ (...) não dorme sozinha porque tem medo (...) Quando neném sempre dormiu com luz apagada, nunca deixei uma luz acesa. Agora tem que deixar (...) tem comentado muito de morte. Não sei se é idade, fala muito de morte. Me questiona muito”.* (Mãe)

*“De cachorro. É apavorada com cachorro”.* (Pai)

### 3.3.3 Caracterização do caso aos vinte e quatro meses do segundo filho

Na Tabela 26, apresenta-se uma caracterização geral do Caso 03 aos vinte e quatro meses do segundo filho.

Tabela 26

*Caracterização do Caso 03 aos Vinte e Quatro Meses do Segundo Filho*

	Nomes	Idades
Primogênito	Carine	6 anos e 7 meses
Mãe	Claudia	35 anos
Pai	Ricardo	34 anos
Segundo filho	Graziela	2 anos e 4 meses

#### 3.3.3.1 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses de um irmão indicados no Teste das Fábulas

Como se pode ver na Tabela 27, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1, F2 e F3; e F7), exceto em duas (F6 e F8). Os mais comuns foram: vulnerabilidade, desamparo e desproteção, busca de um genitor, distorção de um dado relevante da fábula, ciúme e possessividade.

A vulnerabilidade, desamparo e desproteção e a busca de um genitor foram observados nas respostas dadas à F1. Diante do abalo do ambiente familiar, o primogênito projetou um herói em situação de desamparo materno, acarretando fantasias de abandono, que mobilizaram a busca das figuras parentais para auxiliá-lo no enfrentamento da situação ansiogênica.

Outro indicador de regressão foi a distorção, presente na F2 e F3. Tanto em uma fábula quanto em outra, a distorção esteve a serviço das necessidades internas da criança, visto que modificou a história para outros elementos menos ameaçadores. Na F2, o herói que havia saído da festa de aniversário de casamento de seus pais para ficar sozinho no fundo do quintal, retornou para satisfazer seus desejos e compensar a fantasia de perda do objeto através da gratificação – comer o bolo. Já na F3, o herói não estava conseguindo lidar com a idéia de ter sido privado do leite materno e também privou de leite o menor, desconsiderando um dado da fábula que “havia trazido para a mamãe ovelha um cordeirinho que estava com fome, para que lhe desse leite”. Ainda na F3, percebeu-se ciúme. Diante da perda do objeto de amor – o leite materno – o herói manifestou sentimento de ciúme e de reprovação, desejando que o cordeirinho menor encontrasse outra mamãe para ele.

Por fim, também pode ser observada, na F7, a possessividade, como indicador de regressão. Houve preocupação do herói em manipular e reter para si o objeto fabricado, permanecendo em uma posição simbolicamente imatura, fixando-se em suas próprias necessidades.

Já nos outros dois subgrupos, foram observados indicadores de regressão em todas as fábulas (F4 e F5; e F10), exceto na F9. Os indicadores destacados foram: fantasia de morte, sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, busca de um genitor, bem como vulnerabilidade, desamparo e desproteção. A fantasia de morte foi manifestada, na F4, através da morte da irmã mais nova, evidenciando, provavelmente, as ansiedades e a hostilidade em relação à irmã, que a criança possivelmente estivesse vivenciando. O primogênito aproveitou o estímulo da história para dar vazão a uma resposta simbólica, projetando um herói que manifestou sentimentos hostis contra o rival. Ainda na F4, observaram-se sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição relacionados à rejeição parental. Após a morte da irmã mais nova, os genitores haviam adotado outro bebê “e nem davam bola para o antigo”. Assim, mesmo tendo sido manifestada fantasia de

morte, o medo de perda do objeto de amor se manteve com a chegada de outro bebê na casa.

Outro indicador de regressão foram a vulnerabilidade, desamparo e desproteção percebidos na F5 e F10. Tanto na resposta da F5 quanto na da F10, foi projetado um herói em situação de desamparo e desespero. O medo do vampiro, dos monstros e do fantasma causou-lhe ansiedade e intensa mobilização afetiva. Na F5, houve ainda a busca de um genitor, visto que houve o restabelecimento do vínculo materno para auxiliá-lo no enfrentamento dessa situação ansiogênica.

No que se refere aos indicadores de crescimento, pode-se apontar que foram percebidos em todas as fábulas que investigam temas específicos do desenvolvimento (F1, F2 e F3; F6, F7 e F8). Os mais comuns foram: superação, aceitação de regras e/ou de responsabilidades, renúncia do leite materno, socialização e interação com pares, crescimento, aceitação da auto-imagem, distorção, renúncia do objeto fabricado e fantasia de castigo.

O indicador de crescimento mais destacado foi a aceitação de regras e/ou de responsabilidades, observada na F2 e F8. Em ambas as respostas fornecidas pelo primogênito, percebeu-se um herói com capacidades de aceitar os limites impostos e as responsabilidades do cotidiano da vida diária. Cabe destacar que todas essas regras foram colocadas pela figura materna. A superação também foi entendida como um indicador de crescimento na F1, visto que o herói demonstrou capacidade de reagir e de superar a situação problema, “ao tentar, e conseguir, voar para alcançar o papai e a mamãe” em outro ninho.

Outro indicador observado foi a renúncia do leite materno, na F3. Embora o herói tenha ficado preso ao leite materno, desejando não abrir mão do mesmo, ainda assim demonstrou capacidade de compartilhá-lo com o cordeirinho menor. Ainda na F3, observou-se a socialização e interação com pares. Mesmo diante de uma situação que lhe causava ansiedade, o herói manifestou habilidades de socialização e interesse em interagir com outras crianças.

Na F6, podem ser observados tanto indicadores de crescimento quanto de aceitação da auto-imagem. A criança indicou um herói com capacidade de aceitar as mudanças de crescimento, permitindo a mudança da auto-imagem e a organização da identidade.

Já na F7, foram percebidas distorção e renúncia do objeto fabricado. A distorção foi indicada através da modificação do conteúdo da história. A criança

projetou um herói que acreditou ter ganhado a torre de presente da mãe, o inverso do proposto pela fábula. Mesmo tendo havido distorção, o herói também renunciou ao objeto de argila, visto que deixou o objeto junto à coleção da mãe. Por fim, observou-se também fantasia de castigo, na F8, a qual não esteve diretamente relacionada à situação triangular ou edípica, mas à reprovação da mãe por ter feito algo errado, não correspondendo à expectativa parental.

Em todas as fábulas dos demais subgrupos, foram observados também indicadores de crescimento, como: altruísmo, superação, e aceitação de regras e/ou de responsabilidades. O altruísmo, na F4, foi evidenciado através da adoção de outro bebê. A criança projetou um herói que sentiu a necessidade de compensar a falta de ter um bebê na casa, em função da morte da irmã mais nova, com a adoção.

Houve ainda a superação, presente na F5 e F10. Tanto em uma quanto em outra fábula observa-se um herói com capacidade de reagir ao conflito, superando a ansiedade mobilizada, através de recursos próprios. Por fim, observou-se também a aceitação de regras e/ou de responsabilidades, indicada na F9, visto que o herói apresentou capacidade de aceitar as regras e os limites também impostos pela figura materna.

Tabela 27

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito aos Vinte e Quatro Meses da Irmã Indicados no Teste das Fábulas*

Fábulas	Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
F1	Vulnerabilidade, desamparo e desproteção – “vai atrás da mamãe e perde a mamãe”. Busca de um genitor – “acha um ninho outro de passarinho e vê a mamãe e o papai passarinho naquele ninho de passarinho. (...) Aí o filhotinho encontrou a mamãe e o papai naquele ninho”.	Superação – “Vai tentar voar mais para conseguir alcançar o papai e a mamãe. (P) Consegue (...) Aí foi praquela ninho onde a mamãe e o papai passarinho estavam e cantaram”.
F2	Distorção – “ele fez o tema de casa e depois voltou para a festa	Aceitação de regras e/ou de responsabilidades – “Porque

- 
- para comer o bolo que tava na hora e todos se divertiram muito, principalmente papai e mamãe”.*
- ... se sentiu meio com vontade de voltar para a festa, mas não podia porque tinha que fazer o tema e amanhã ele tinha aula”.*
- F3 *Ciúme – “ficou triste, porque a mamãe era dele. Ele pensou: ‘Por que aquele carneirinho não acha uma mamãe para você?’ (...)* Ele ficou triste porque a mamãe dele tava com outro filhote e não com o seu. Sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição – *“ficou triste e foi comer mais capim”.*
- Distorção – “Depois voltou para sua casinha com a sua mamãezinha e ainda ela tava com aquele filhote, mas não dando leite. Os três tiveram que dormir juntos. (P) Aí tinha acabado o leite. Mas no outro dia teve leite para os dois”.*
- F4 *Fantasia de morte – “A irmã mais nova. (P) Que ela tinha um aninho. Porque a irmã mais velha tinha sete anos (...) a nenê engoliu uma coisa e morreu”.*
- Sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição – *“Depois ficavam com aquele bebê e nem davam bola pro antigo”.*
- F5 *Busca de um genitor – “Ela acha que é um vampiro, mas não existe nenhum vampiro, ‘Meu*
- Renúncia do leite materno – “foi comer capim fresco e depois voltou para ver se já tinha dado ao outro carneirinho, mas ainda estava tomando seu leiteinho.*
- Socialização e interação com pares – “Depois ele foi brincar com seu amiguinho, o outro carneirinho”.*
- Altruísmo – “Depois eles foram adotar um bebê, mas ainda se sentiram com saudades. Porque queriam ter muito um bebê na casa”.*
- Superação – “Quando ele acordou disse: ‘Acho que não existe nenhum mesmo. Aliás, era*
-

---

*filho, não existe nenhum minha imaginação’’.  
fantasma, nem lobisomen’. A  
menina fica bem feliz. ‘Mas e se  
existe, e ta por aqui?’ Mas a  
mamãe diz: ‘Não meu filho, não  
existe nenhum’’.*

Vulnerabilidade, desamparo e  
desproteção – *“tentou dormir  
novamente (...) mas não  
conseguiu com tanto medo que  
tava. Apagou a luz, dizendo ‘Ai,  
que medo. Eu não sei o que  
faço’. Tentou fechar os olhos e  
ouviu um ruído”.*

- F6 Não foram observados indicadores de regressão Crescimento – *“Porque ficou enorme. Ta muito grande”.*  
Aceitação da auto-imagem –  
*“‘Eu vou ter que botar ele no zoológico’. Ele achou legal pro elefante, porque ficou maior, porque não ia querer ficar menor ainda, do tamanho de uma Polly ou de uma borracha”.*
- F7 Possessividade – *“Ela vai pegar a torre, dizendo ‘Eu vou lá no meu colégio, que ta na hora, e vou levar minha torre.’ O menino fala: ‘Eu vou mostrar na rodinha’”.* Distorção – *“Na rodinha o menino fica bem feliz com a torre: ‘Professora, olha a minha torre. Eu ganhei da minha mamãe’. (...) Vai [dar a torre] (...) Eu tinha entendido que ela tinha dado pra ele.”*  
Renúncia do objeto fabricado –  
*“‘Mamãe, ninguém gostou da minha torre. O que que eu faço?’ ‘Ah, filho, eu disse pra não levar para a escola, né. Que*
-

---

			<i>era pra deixar em casa'. 'Ahh, ta, ta'. Eu vou deixar lá em cima, ta? Com a tua coleção. 'Então, ta, mamãe'."</i>
F8	Não foram observados indicadores de regressão	Fantasia de castigo – “ <i>Porque ela estava cheia de papel do parque. Mamãe fica muito zangada com isso. Ela pede desculpa, mas logo mamãe fica feliz</i> ”.	
		Aceitação de regras e/ou de responsabilidades – “ <i>Minha filha, eu quero que você não faça mais isso. Não se joga nos papéis do parque'. 'Ta legal, mamãe'”.</i>	
F9	Não foram observados indicadores de regressão	Aceitação de regras e/ou de responsabilidades – “ <i>Você vai ter que fazer o tema primeiro, tema de casa. (P) Ela fez o tema e depois ela perguntou: 'Mamãe, agora posso brincar?'</i> Ela respondeu: <i>'Ainda não. Você vai ter que tomar banho agora'. Ela foi tomar banho. Aí depois do banho ela saiu e ela perguntou: 'Agora posso brincar?'. 'Agora não, agora está pronto o jantar'. Ela foi jantar. Depois do jantar ela perguntou: 'Mamãe, eu posso agora brincar?'</i> Ela disse: <i>'Agora pode. Mas agora só pode bem pouquinho'. Aí ela brincou. Depois a mamãe disse: 'Ta na hora de vc dormir'. Aí ela foi</i>	

---

---

*dormir e sonhou com os anjinhos”.*

- F10 Vulnerabilidade, desamparo e Superação – “*vou ter que se desproteção – “Ela sonhou com levantar. Tomara que nada vire monstros e com fantasmas. Ela monstro de novo. Ela tomou o se sentiu assim, meio com medo café da manhã e foi para a e pensou: ‘Será que isso ainda é escola e tudo começou normal. E um sonho?’ – falou a menina”.* pensou: ‘Eu acho que isso não é um sonho, na verdade. Eu vou fazer um trabalho da escola’”.
- 

### **3.3.3.2 Indicadores de regressão e de crescimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho indicados pelo pai e pela mãe**

Como se pode visualizar na Tabela 28, diferentemente de outros momentos, os indicadores de crescimento foram mais destacados nas falas da mãe e do pai quando comparados aos de regressão. De modo geral, os indicadores de regressão observados foram: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrada e próxima, demandas na hora do sono e da alimentação, teimosia e rebeldia, birras e manhas na hora do banho, uso da mamadeira e do cheirinho.

As falas da mãe e do pai indicaram a filha mais agarrada aos genitores, especialmente ao pai, naquele momento. A mãe a percebia sentindo a sua falta e dava-se conta que precisava dar mais atenção a ela, acolhendo seu comportamento. Já o fato de ter se mostrado mais agarrada ao pai foi visto por ambos como resposta à maior presença deste durante a hora de dormir de Carine, enquanto a mãe atendia a filha menor. A mãe demonstrou preocupação com a possibilidade de a filha sentir-se “rejeitada”, em função de “só o pai dar atenção”, e passou a ficar mais com Carine, acolhendo seus sentimentos.

As demandas na hora do sono e da alimentação também foram indicadas. O pai destacou a hora do sono, mostrando-se chateado e impaciente diante das demandas da filha naquele momento, enquanto a mãe mencionou as solicitações feitas à avó materna na hora da alimentação. Na visão da mãe, a filha mostrava-se preguiçosa na presença da avó, solicitando que esta lhe desse comida em sua boca. Não houve acolhimento materno, visto que referiu não ter tal atitude “nem com Graziela”.

Outro indicador de regressão foi a teimosia e a rebeldia quando algo era contrário a sua vontade. Ambos os genitores viam a filha como entrando na “fasezinha da adolescência”, em que se mostrava “emburrada, chorosa e batendo a porta do quarto” quando não acontecia o que desejava. Já as birras e manhas eram manifestadas na hora do banho. Ambos os genitores apontaram-na como não querendo tomar banho, o que despertava sentimentos maternos de cansaço. A mãe intervinha “conversando, convencendo” e, por vezes, “arrastando” a filha para o chuveiro.

Por fim, foi ainda referido o uso da mamadeira e do cheirinho. Quanto ao uso da mamadeira, tanto a mãe quanto o pai intervinham para que largasse quando completasse sete anos e entrasse na primeira série. Já o uso do cheirinho foi acolhido, visto que a mãe preocupava-se em não esquecê-lo, colocando-o na bolsa quando saía.

No que tange aos indicadores de crescimento, foram destacados: capacidade de compartilhar com a irmã, maior interesse pela irmã, socialização e interação com pares, comportamento impositivo, redução da ansiedade de separação, do medo e do ciúme, e aquisições em algumas áreas do desenvolvimento infantil, como no sono, controle dos esfíncteres, linguagem, escovação de dentes e troca de roupa.

A capacidade de compartilhar com a irmã foi percebida tanto na relação com a mãe quanto na hora das refeições e foi indicada somente no relato materno. A mãe percebia a filha mostrando-se madura e preocupada em dividir a atenção materna, bem como os alimentos que comia com a irmã, o que mobilizava sentimentos de contentamento frente ao relacionamento das filhas. Já tanto na fala da mãe quanto na do pai houve indicação de maior interesse de Carine pela irmã. A primogênita era vista como “cuidadosa, querida, preocupada, atenciosa e interessada” pela irmã. Houve intervenção dos genitores, visto que estimulavam e incentivavam-na no cuidado e no interesse por Graziela. Foi observada ainda referência à socialização e interação com pares, sobretudo maior interesse por meninos. Para os genitores, a filha estava falando mais em namorados, o que despertava sentimentos paternos de incomodação, por achar “difícil de lidar”. A mãe também destacou “a personalidade mais amadurecida” e “mais independente” na interação com pares, que “havia melhorado muito”, indicando comportamento impositivo da filha.

Outro indicador de crescimento foi a aquisição de Carine em diferentes situações. Em momentos de separação, os genitores perceberam a filha demonstrando tranquilidade, diferentemente da gestação e logo após o nascimento da irmã. A mãe também se mostrou tranqüila, visto que a achava cada vez mais madura. Já o pai intervinha, procurando beijá-la e abraçá-la, pois a via “bem fria” e queria que não pensasse que “tanto fazia se ambos se encontrassem ou não”.

Houve ainda redução na ansiedade de separação, no medo e no ciúme, observada somente na fala materna. A mãe via a filha, naquele momento, como não apresentando tanto medo e ansiedade de separação, como na gestação e logo após o nascimento. Na relação com a irmã, houve destaque ao ciúme, o qual também estava “melhorando e mudando”, após ter sido acolhido pela mãe, que conversou com a filha a esse respeito. Além do acolhimento, houve ainda intervenção materna, já que começou a valorizá-la mais e a solicitar mais sua ajuda por ser “maiorzinha”.

As aquisições também foram manifestadas em algumas áreas do desenvolvimento, como na hora do sono, no controle dos esfíncteres, na linguagem, na escovação de dentes, e na troca de roupa. O relato materno destacou as aquisições no controle dos esfíncteres e na troca de roupa. A fala da mãe indicou que a filha amadureceu após o nascimento da irmã. Embora a percebesse como “ficando independente”, dava-se conta que acabava intervindo, tendo mania de vesti-la. Tanto o pai quanto a mãe mencionaram as demais aquisições na linguagem, no sono e na escovação de dentes. Quanto à linguagem, ambos apontaram-na como apresentando “palavras” surpreendentes, que denotavam seu crescimento. Quanto à hora do sono, tanto o pai quanto a mãe mencionaram que a filha havia deixado de ir para sua cama durante a noite, despertando sentimentos de bem-estar e a possibilidade de ter a “vida de casal de volta”. Já as aquisições na escovação de dentes foram percebidas através das habilidades e interesse nessa atividade do dia-a-dia.

Tabela 28

*Indicadores de Regressão e de Crescimento do Primogênito, aos Vinte e Quatro Meses da Irmã, Indicados pela Mãe e pelo Pai*

Indicadores de regressão	Indicadores de crescimento
Solicitação de atenção e/ou estar mais agarrada	Capacidade de compartilhar com a(o) irmã(o)
Aos genitores – “Comigo, com o Ricardo (...) sempre foi mais agarrada comigo. Depois, tava mais com o Ricardo. Agora ta meio termo”. (Mãe)	A atenção materna – “muitas vezes até fala: ‘Ai mãe! Fica com a Graziela que ela não para de chorar’, fala: ‘Vai lá com a mamãe! Vai tomar banho!’ (...) Ela é muito calma, pára para pensar. É bem madura para a idade dela. Sempre achei. Nem parece que tem criança em casa”. (Mãe)
Ao pai – “é muito agarrada com ele, ficou mais um pouco nessa fase, porque faço a Graziela dormir”. (Mãe)	Os alimentos – “é muito preocupada em dividir, ela come alguma coisa sempre dá pra mana, se sabe que a mana não pode comer, ela come escondido”. (Mãe)
“talvez pelo fato de fazer ela dormir, talvez um pouco mais [agarrada] comigo”. (Pai)	Maior interesse pela irmã “A Carine com a Graziela é um amor! É uma irmã super querida, brinca com ela, super cuidadosa, tá sempre cuidando se não vai se machucar, se não vai cair, bem ‘mãezona’ (...) Tão mais amigas (...) ajuda (...) se interessa, se preocupa”. (Mãe)
Hora do sono “vou dormir com meu pai que to mais acostumada’ e daí dormiu comigo e não com a Claudia”. (Pai)	
Hora da alimentação “Quando a vó ta aí, é tudo na boca. É comida na boca (...) Percebo que é um pouco preguiçosa. (...) se tem alguém dando, oferecendo, vai”. (Mãe)	“é bem atenciosa com a Graziela. Claro que tem os seus momentos de ciúmes, agora que a Graziela ta começando a interagir mais. Mas

Teimosia e rebeldia

“*fim de semana quero convidar uma amiga.*” *‘Então ta, filha, pega a lista.*

*Qual amiga que tu quer que a mãe ligue?’ ‘Filha, não tem mais ninguém em casa.’ E ela desata a chorar, fica magoada (...) vai e corre e se tranca no quarto. (...) Parece adolescente. Aí chora e chora”.* (Mãe)

*cuida bem da Graziela, ajuda, ensina, chama pra brincar, é bem atenciosa”.*

(Pai)

Socialização e interação com pares

“*Agora ta nessa função de namorado (...) percebo isso porque fala: ‘Mãe, a Fulana e o Ciclano são namorados’”.*

(Mãe)

“*Quando é contrariada, é de se emburrar, chorar ou sair correndo pro quarto (...) ta entrando naquela fasezinha, tu pergunta alguma coisa pra ela e presta atenção em outra coisa e não responde. Aquela pré, mini-adolescente”.* (Pai)

“*ta numa fase que talvez seja um pouquinho mais difícil de lidar. Ela começa com a estória de começar a namorar.”* (Pai)

Birra e manha

Na hora do banho – “ *aumentou um pouco a birra. Não quer tomar banho”.* (Mãe)

“*É uma dificuldade, uma briga pra fazer tomar banho”.* (Pai)

Comportamento impositivo

“*ta bem mais independente que antes, ano passado era muito ‘corinho’ dos outros (...) já melhorou muito (...) é o jeito que ela quer, como ela quer, ta com a personalidade mais amadurecida, mais madura”.* (Mãe)

Uso da mamadeira

“*Toma mamadeira de manhã, quando acorda, antes de ir para aula e antes de dormir”.* (Mãe)

Redução da ansiedade de separação

“*quem escolheu ir de micro [pra escola] foi ela. Não foi eu. ‘Tu quer que a mãe volte a te levar e buscar?’ ‘Não, não quero, quero ir de micro’.*

Uso do bico e/ou do cheirinho

“*Tem o lenço e esse não larga por nada. Quando ta em casa com sono ou ta brincando (...) acorda: ‘o lenço?’*

*Ela que quis (...) Dou tchau para ela, é bem tranqüila”.* (Mãe)

Redução do medo

Vai dormir: ‘o lenço?’”. (Mãe)

“o lenço que tem desde pequena (...) usa pra dormir sempre (...) é o objeto preferido (...) fica esfregando ele, gosta desse tipo de tecido (...) era o bico e o lenço, o bico largou e o lenço permanece”. (Pai)

“sempre teve muito medo de bruxa. Mas agora não ta tanto. Ta questionando a morte, essas coisas. Mas não que mostre medo”. (Mãe)

Redução do ciúme

“um tempinho atrás quando a Graziela começou a caminhar, começou a se salientar, ficou muito introvertida, não falava muito (...) ficou muito observadora (...) não queria comer (...) Falou que tava com muito ciúme da irmã, porque eu dava mais atenção pra irmã. Conversei com ela e foi melhorando (...) de um tempo pra cá, uns 4 meses pra cá, ela mudou”. (Mãe)

Hora do sono

“parou de ir faz dois meses pra nossa cama (...) agora não vai mais faz dois meses (...) a gente foi pra Gramado e (...) pela primeira vez dormiu na casa de uma amiga”. (Mãe)

“tem dormido mais cedo (...) não ta mais dormindo na nossa cama (...) ta mudando talvez um pouco pra melhor”. (Pai)

Controle dos esfíncteres

“amadureceu muito depois que a Gabi nasceu, tem crianças que começam a fazer xixi na cama, ela foi o contrário! Foi o contrário, então. Agora ta bem,

*ta ótimo!*". (Mãe)

#### Linguagem

*"O meu pai fez massagem, tava com dor nas costas (...) E ela para ele: 'Como que tu pagou ela?'. 'ué, paguei'. 'Tu pagou com beijo?'"*. (Mãe)

*"vem com umas palavras que não sei de onde que ela aprendeu"*. (Pai)

#### Escovação de dentes

*"cuida bem dos dentes. Passa flúor todo dia. (...) Tem a rotina dela. (...) Às vezes, fala: 'Ai, não to com vontade. To com preguiça'. Mas escova"*. (Mãe)

*"aprendeu bem escovar os dentes, passa flúor também"*. (Pai)

#### Troca de roupa

*"sabe se vestir super bem. (...) vai e faz, se veste direitinho sozinha, desde 5 aninhos"*. (Mãe)

### **3.3.4 Aspectos singulares do Caso 03: indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão**

Por fim, no terceiro e último caso, observaram-se indicadores de regressão tanto no teste das fábulas quanto nas falas dos genitores, no período gestacional, e de regressão e de crescimento aos doze meses. Já aos vinte e quatro meses enquanto que no teste das fábulas destacaram-se indicadores de regressão e de crescimento, nas falas dos genitores apareceram somente indicadores de crescimento.

A partir do teste projetivo, observou-se que no período gestacional destacaram-se os indicadores de vulnerabilidade, desamparo e desproteção (F1, F5 e F10), distorção (F3, F5 e F6), bem como busca de um genitor (F1 e F10) e sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição (F2 e F6). Aos doze meses, além da vulnerabilidade, desamparo e desproteção (F5 e F10), da distorção (F8 e F10) e da busca de um genitor (F1 e F5), foi também evidenciada privação (F3 e F4). Já aos vinte e quatro meses, apareceram os mesmos indicadores de regressão observados na gestação – vulnerabilidade, desamparo e desproteção (F1, F5 e F10), distorção (F2 e F3), busca de um genitor (F1 e F5) e sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição (F3 e F4).

Nota-se que, ao longo dos três momentos estudados, os indicadores de regressão revelados pelo primogênito foram muito semelhantes. Carine identificou-se com um herói que, frente às circunstâncias ansiogênicas, encontrou-se em situação de passividade e em um nível de desenvolvimento mais indefeso e vulnerável. As fantasias de impotência e de abandono e os sentimentos de desamparo e de desproteção mobilizaram a necessidade de ser protegido. Assim, ao não conseguir enfrentar a ansiedade, buscou restabelecer o vínculo com um ou ambos os genitores para auxiliar no enfrentamento das situações.

Houve ainda utilização do recurso da distorção, característico de intensa mobilização afetiva. Ao desconsiderar ou transformar conteúdos ameaçadores em outros menos ansiogênicos, notou-se dificuldades no enfrentamento das ansiedades mobilizadas pelo teste projetivo. Destaca-se ainda que, aos doze meses, além desses indicadores, foi dada ênfase à privação, a qual pode ser associada aos sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, presentes na gestação e aos vinte e quatro meses, e ao receio de perda do amor das figuras parentais.

Outros indicadores de regressão que foram também revelados no teste projetivo, mas não tão destacados ao longo das três fases estudadas, como hostilidade, possessividade, ciúme e fantasia de morte, podem ainda estar atrelados à existência de uma vulnerabilidade anterior ao evento mobilizador das ansiedades.

Na fala dos genitores também destacaram-se os indicadores de regressão, na gestação. Mesmo não havendo diferença expressiva entre os indicadores, aos doze meses, também predominou a regressão. Já aos vinte e quatro meses, destacou-se o crescimento.

A partir das falas da mãe e do pai, na gestação, observaram-se diferentes indicadores de regressão, dentre eles: solicitação de atenção e/ou estar mais agarrada, ansiedade de separação aumentada, birra e manha, agressividade, ciúme, e retomada de alguns comportamentos como fala infantilizada, uso do bico e do cheirinho, bem como da mamadeira. Aos doze meses, mesmo não havendo diferença expressiva entre crescimento e regressão, os genitores também enfatizaram, além da solicitação de atenção e/ou estar mais agarrada, a agressividade e o ciúme, bem como a teimosia e rebeldia. Já aos vinte e quatro meses, não tão destacados como nas demais fases, os indicadores de regressão mais percebidos nos relatos parentais também foram solicitação de atenção e/ou estar mais agarrada, teimosia e rebeldia, birra e manha.

Nota-se que o foco da solicitação de atenção de Carine foi a figura dos genitores, especialmente a mãe, e os avós, sobretudo a avó materna, na gestação e aos doze meses da segunda filha, enquanto que aos vinte e quatro meses, a solicitação por atenção ficou mais centrada na figura do pai, embora também tenha sido referida à mãe. Apesar de no teste projetivo não ter aparecido figuras de cuidado substitutas, a primogênita apresentou um herói que buscou um ou ambos os genitores, ao longo dos três momentos estudados, o que corrobora o relato materno e paterno. A ansiedade de separação aumentada, bastante destacada, foi referida apenas no período gestacional, e também girou em torno da figura materna, manifestando-se em diferentes situações de separação, especialmente em momentos de ir à escola e também em relação à futura hospitalização materna quando da chegada da irmã. Diante de situações ansiogênicas e de sentimentos de vulnerabilidade, de desamparo e de abandono, a primogênita identificou-se com um herói que se mostrou ansioso, com uma necessidade de ser protegido, buscando restabelecer o vínculo com as figuras parentais para auxiliá-lo no enfrentamento das ansiedades.

O ciúme e a agressividade em relação à mãe, na gestação, e à irmã, aos doze meses, também foram observados somente nesses dois momentos, não tendo sido percebidos pelos genitores aos vinte e quatro meses. Provavelmente, esses indicadores de regressão revelados pelos genitores estivessem relacionados à privação e aos sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição demonstrados pelo herói no teste projetivo. Carine provavelmente estivesse revelando um nível de ansiedade relacionado tanto à chegada da irmã, ao receio de separação em

relação aos genitores quanto também às mudanças na família e nas relações familiares.

Nesse mesmo sentido, a teimosia e rebeldia, observadas aos doze e aos vinte e quatro meses, e a birra e a manha, na gestação e aos vinte e quatro, podem também estar associadas à chegada da irmã e ao receio de perder o amor e a atenção dos genitores. Tanto para a mãe quanto para o pai, esses indicadores de regressão estiveram relacionados ao crescimento e ao desenvolvimento da irmã e foram vistos como uma forma que a filha encontrou para reagir “à fase de bebezinho e de gracinha” da irmã, a qual começava a se manifestar e a interagir.

A retomada do uso da mamadeira, do bico e do cheirinho foi evidenciada especialmente na gestação, tendo sido reduzida aos doze e aos vinte e quatro meses. Nota-se que, ao longo das três fases, outros indicadores foram também destacados, como demandas na alimentação e na hora do sono.

Ouvindo a mãe e o pai, observou-se que, de modo geral, a regressão mobilizou diferentes sentimentos e reações ao longo dos três momentos estudados. Percebeu-se que, especialmente na gestação e aos doze meses, houve acolhimento à regressão, visto que os genitores mostraram-se compreensivos e tolerantes. Já aos vinte e quatro meses, foram menos acolhidos tanto pelo pai quanto pela mãe, os quais intervieram em tais reações. Observou-se também que especialmente a mãe interviu em tais comportamentos na gestação e de forma menos expressiva aos doze meses, visto que ora incentivava mudança ora a manutenção, especialmente em relação à agressividade, à ansiedade de separação, à hora da alimentação e à teimosia e rebeldia. Quanto aos sentimentos, percebeu-se que, ao longo dos três momentos estudados, destacaram-se os sentimentos de preocupação, cansaço, incômodo e estresse frente à regressão da filha.

Além dos indicadores de regressão, os de crescimento também foram mencionados, especialmente aos doze e aos vinte e quatro meses. Aos doze meses, mesmo não tendo havido diferença significativa entre os indicadores, destacou-se o crescimento, tanto no teste projetivo quanto nas falas dos genitores. Já aos vinte e quatro meses, as falas dos genitores enfatizaram o crescimento, o qual não apareceu, de forma expressiva, no teste projetivo. Ainda que menos expressivos, na gestação apareceram também indicadores de crescimento tanto na fala dos genitores, quanto no teste projetivo.

No Teste das Fábulas, os indicadores de crescimento mais destacados, na gestação, foram culpabilidade e autopunição (F5 e F8) e fantasia de castigo (F5 e

F7). Aos doze meses, predominaram a socialização e interação com pares (F2 e F3). Já aos vinte e quatro meses, destacaram-se a superação (F1, F5 e F10) e aceitação de regras e/ou de responsabilidades (F2, F8 e F9). Além desses, outros indicadores de crescimento também foram observados, em pelo menos duas das três fases estudadas: renúncia ao leite materno e ao objeto fabricado, crescimento, aceitação da auto-imagem e distorção.

Os indicadores de crescimento, de modo geral, percebidos no teste projetivo, ao longo dos três momentos estudados, parecem evidenciar as conquistas, em termos de crescimento, de Carine. A culpabilidade e autopunição, bem como a fantasia de castigo, enfatizadas, sobretudo, na gestação, demonstraram capacidades de percepção de que existe um mundo contrário aos seus anseios e de que, ao não corresponder à expectativa parental, pode sofrer consequências. A preocupação em reparar algo errado cometido e o receio em ser castigado pode estar relacionada à aceitação de regras e de responsabilidades, bem como ao receio de perder o amor das figuras parentais, indicando maior integração, crescimento e superação (Winnicott, 1963/1983). Os sinais de tolerância à frustração e condições de superar as dificuldades propostas pelo teste também demonstraram um herói com possibilidades de lidar com situações ansiogênicas. Ainda que o primogênito tenha apresentado indicadores de regressão, também elaborou respostas contendo um maior nível de amadurecimento emocional, tornando a experiência mais tolerável. A aceitação de regras e/ou de responsabilidades e a socialização e interação com pares, assim como os outros indicadores não tão destacados como superação, renúncia ao leite materno e ao objeto fabricado, também representam crescimento pessoal.

Os indicadores de crescimento, revelados pela mãe e pelo pai, também foram pouco expressivos aos doze meses, e, sobretudo, na gestação. Já aos vinte e quatro meses foram bastante destacados.

No período gestacional, observou-se evidência de maior interesse pela irmã ainda na barriga, comportamento impositivo, controle dos esfíncteres e aceitação de regras e/ou de responsabilidades. Aos doze meses, os mais destacados centraram-se em conquistas em diferentes áreas do desenvolvimento (alimentação, roupa, controle dos esfíncteres, uso do bico e linguagem), além de redução da ansiedade de separação, comportamento impositivo, maior raciocínio e interesse pela irmã, dentre outros. A ênfase mais expressiva apareceu mesmo aos vinte e quatro meses, em que os indicadores de crescimento percebidos pelos pais

aos doze meses se mantiveram e foram somados à socialização e interação com pares e à redução do ciúme.

Nota-se que, ao longo do desenvolvimento do segundo filho, houve um incremento dos indicadores de crescimento da primogênita, especialmente aos vinte e quatro meses. De modo geral, o crescimento, observado nas falas dos genitores, centrou-se em conquistas em diferentes áreas do desenvolvimento, aceitação de regras e/ou de responsabilidades, comportamento mais impositivo, bem como redução da ansiedade de separação e do ciúme. Estes dados também podem ser percebidos nas respostas do teste projetivo. No teste, Carine, especialmente após a irmã ter nascido, identificou-se com um personagem que apresentava possibilidades de lidar com situações ansiogênicas, através de condições pessoais próprias, bem como demonstrou capacidades de interagir com pares e de aceitar regras e/ou responsabilidades. Mesmo indicando também regressão, aos doze e aos vinte e quatro meses, destacou respostas mais elaboradas que indicavam um maior nível de amadurecimento emocional. Tanto a regressão quanto as conquistas permitiram observar a possibilidade de um ir e vir saudável, oportunizando o desenvolvimento rumo à independência emocional. Outros indicadores de crescimento evidenciados também forneceram subsídios que corroboram esse entendimento de um desenvolvimento rumo à independência, como a renúncia ao leite materno e ao objeto fabricado, a aceitação de auto-imagem e o crescimento do herói.

Os indicadores de crescimento foram, de maneira geral, bem acolhidos pelos genitores e despertaram sentimentos de bem-estar, tranquilidade, surpresa e contentamento. Por outro lado, notou-se também que aos vinte e quatro meses, tanto a mãe quanto o pai intervieram mais, incentivando-a a mudar ou a manter seus comportamentos.

## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho foi investigar, através de uma abordagem qualitativa, os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito desde a gestação até o segundo ano de vida do irmão, revelados tanto a partir do ponto de vista da criança quanto dos genitores. Neste capítulo, destacam-se os principais resultados encontrados, os quais serão discutidos à luz da literatura.

#### **4.1 Aspectos comuns: indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão**

Neste eixo, serão apresentados aspectos comuns encontrados nos três casos investigados, procurando-se compreender os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito, desde a gestação até o segundo ano de vida do irmão. A partir das histórias produzidas pelo primogênito no Teste das Fábulas e das falas da mãe e do pai será realizada a discussão dos principais resultados encontrados à luz da literatura.

Do ponto de vista da criança, o teste projetivo provocou intensa mobilização afetiva, observada tanto a partir do conteúdo das respostas dos primogênitos quanto pelos indicadores de regressão e de crescimento revelados. Ao longo dos três momentos estudados, observou-se uma predominância de indicadores de regressão no período gestacional. Aos vinte e quatro meses de vida do irmão, percebeu-se uma tendência tanto de regressão quanto de crescimento, não tendo sido observada diferença expressiva entre os indicadores. Já aos doze meses, as respostas do primogênito foram variadas, desde somente indicadores de crescimento (Caso 01), e apenas de regressão (Caso 02), até ambos (Caso 03), não sendo possível observar uma tendência nessa fase entre os casos estudados.

Especificamente quanto aos indicadores de regressão revelados no período gestacional, destacaram-se vulnerabilidade, desamparo e desproteção, distorção e busca de um genitor. Os primogênitos se identificaram com um herói em situação de abandono e de desamparo, mostrando-se passíveis e vulneráveis ao ambiente ameaçador.

Diante da dificuldade em lidar com as situações ansiogênicas, o herói buscou restabelecer o vínculo com um ou ambos os genitores para auxiliá-lo,

necessitando ser protegido. Nesse contexto de impotência e de ameaça, a distorção esteve a serviço da intensa mobilização afetiva e das necessidades internas da criança, modificando situações difíceis para outras menos ansiogênicas. Os dados encontrados confirmam achados da literatura que apontaram que, desde a gestação, já é possível observar manifestações regressivas do primogênito, mostrando-se mais dependente, agarrado e demandando mais atenção e cuidados maternos (Dunn & Kendrick, 1980; Kramer, 1996; Gottlieb & Baillies, 1995; Legg et al., 1974; Oliveira, 2006; Oliveira & Lopes, 2008).

De fato, os primogênitos sentiram-se ameaçados e vulneráveis durante a gestação, sentimentos possivelmente relacionados às intercorrências do ambiente familiar, decorrentes da chegada do irmão. Os estudos que investigaram as implicações emocionais da chegada de um irmão para o primogênito apontaram consequências diretas na interação pai-mãe-criança, na rotina de cuidados que a mãe destina ao filho mais velho, bem como no desenvolvimento cognitivo e socioemocional infantil (Brazelton & Sparrow, 2003; Dessen, 1997; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Feiring & Lewis, 1978; Minuchin, 1985; Oliveira & Lopes, 2008). Já no período gestacional, essas alterações no ambiente familiar apareceriam através do aumento de práticas disciplinares de controle, diminuição da interação “positiva” e da atenção materna e redução do tempo que a mãe ocupa em brincadeiras com o filho (Dunn & Kendrick, 1980; Baydar et al, 1997a; Feiring & Lewis, 1978; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Stewart et al., 1987; Teti et al., 1996).

O modo como o herói foi projetado pelo primogênito indica seus sentimentos e reações frente às condições que lhe causavam ansiedade, sugerindo ainda formas de se adaptar às situações ansiogênicas na vida diária (Cunha & Nunes, 1993). Algumas crianças podem mostrar-se de maneira mais regressiva no período gestacional, especialmente em situações de medo e de abalo do ambiente familiar, como se quisessem se certificar de que não estão sozinhas e não perderam o afeto e o amor dos genitores (Holditch, 1992). As histórias produzidas no teste projetivo podem ter oportunizado ao primogênito manifestar sentimentos e vivências relacionadas a eventos situacionais do período gestacional, que o possibilitaram identificar-se com aspectos mais regressivos do que com os de crescimento.

Ainda que não tenha sido percebida uma tendência nos três casos investigados, também se observaram indicadores de regressão aos doze e aos vinte

e quatro meses. Os mais destacados foram: além da vulnerabilidade, desamparo e desproteção e da busca de um genitor, também sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição. Da mesma forma que na gestação, os primogênitos identificaram-se com personagens ainda muito vulneráveis e indefesos, mas que também demonstravam sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, necessitando do auxílio de figuras parentais de cuidado. Provavelmente, nesses dois momentos, a regressão estivesse revelando muito mais sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição em relação aos genitores do que propriamente manifestações em relação ao irmão. Isso porque foram evidenciadas mais dificuldades em se separar dos genitores, mostrando-se vulneráveis, do que em compartilhar e renunciar ao leite materno, um dos indicativos de rivalidade fraterna (Cunha & Nunes, 1993). Os sentimentos de exclusão e de substituição podem ainda estar relacionados às alterações na rotina diária do filho mais velho, bem como a sentimentos de competição no sentido de resgatar a atenção da mãe (Legg et. al., 1974).

A busca de um ou de ambos os genitores foi observada, ao longo dos três momentos, como recurso muito utilizado pelo herói. Ao não conseguir lidar com a ansiedade mobilizada de modo independente, necessitou buscar os genitores para auxiliá-lo no enfrentamento da situação ansiogênica. Diante de um estressor, como o nascimento de um irmão, os sentimentos de segurança de qualquer criança podem ficar abalados, tornando fundamental o apoio e o cuidado parental (Trause & Irvin, 1992). A busca de uma figura de cuidado substituta também foi utilizada como um recurso para preencher a falta das figuras parentais. Nesses momentos, as crianças tendem a buscar outros vínculos que substituem as figuras parentais de referência, a fim de readquirir o domínio sobre si mesmas (Brazelton & Sparrow, 2003). As crianças muito sensíveis tendem a exigir ainda mais de seus cuidadores (Dias, 2003). A capacidade de ficar só na presença de alguém se constitui em um dos importantes sinais de amadurecimento do desenvolvimento emocional (Winnicott, 1958/1983). Assim, ficar só, sem sentir-se ameaçado, dependeria da habilidade dos primogênitos para lidar com os sentimentos de desamparo e de abandono decorrentes dos momentos em que necessitava lidar com os desafios impostos pelo mundo externo.

No que tange aos indicadores de crescimento, de modo geral, os primogênitos tenderam a destacá-los após o nascimento do irmão. Aos doze e aos vinte e quatro meses, os mais comuns foram: superação, aceitação de regras e/ou

de responsabilidades, e também socialização e interação com pares, aceitação da auto-imagem e crescimento.

Os primogênitos, de modo geral, mesmo indicando regressão, também demonstraram um herói com capacidades de utilizar recursos próprios para lidar com as situações ameaçadoras, apresentando sinais de tolerância à frustração e condições de superá-las. Apareceram respostas que representavam um melhor nível de amadurecimento emocional, tornando a experiência mais tolerável.

Ao se identificarem com um herói com capacidades de socializar e de interagir com pares, também demonstraram sinais de conquista e de maturidade na exploração do ambiente não familiar, provavelmente, sinais proporcionados também pela habilidade de conter sentimentos ansiogênicos decorrentes da separação em relação aos genitores. Este crescimento pode estar relacionado não apenas ao crescimento pessoal do primogênito, mas também a capacidade de socializar, de se identificar e de interagir com os pares (Winnicott, 1963/1983).

A aceitação de regras e/ou de responsabilidades, bem como da auto-imagem também estão relacionadas a própria aceitação de estímulos para mudanças internas e externas. Especificamente, o senso de responsabilidade em aceitar regras está relacionado à capacidade de se preocupar e de se importar com, implicando maior integração e crescimento do indivíduo (Winnicott, 1963/1983). Esta capacidade de se preocupar com as regras também está relacionada ao sentimento de culpa e à oportunidade de reparação e de crescimento do indivíduo (Winnicott, 1958/1983).

Outro indicador bastante enfatizado nas respostas do primogênito foi o crescimento do herói. A necessidade de assegurar-se do crescimento pode estar relacionada ao desejo de ocupar o lugar de filho mais velho, além de provavelmente, se sentir excluído e rejeitado na relação com os genitores ou para atender às expectativas parentais de que deveria se comportar bem, educado e obediente. Esse dado também foi encontrado na literatura que apontou, de modo geral, que o crescimento estaria relacionado ao ajustamento do primogênito às alterações do contexto de chegada de um irmão (Gottlieb & Baillies, 1995; Kendrick & Dunn, 1980; Murphy, 1993; Stewart et al., 1987). Algumas crianças se esforçam para abandonar o papel de bebê, desejando ocupar o lugar de filho maior e mais crescido, o que se torna um meio de aproximar-se dos genitores (Brazelton & Sparrow, 2003). O crescimento, assim, estaria representando uma conquista da maturidade e o estabelecimento da capacidade para as experiências

ou ainda estaria constituindo-se em uma defesa para lidar com a ausência dos genitores, funcionando como uma pseudomaturidade (Dias, 2003).

Nota-se que, de modo geral, os primogênitos mostraram-se, através das respostas reveladas no teste projetivo, de modo semelhante, revelando uma tendência de indicadores de regressão, na gestação, e de regressão e de crescimento, aos vinte e quatro meses, o que já não pode ser observado nas falas dos genitores. As manifestações regressivas podem constituir-se em um meio que a criança encontra para enfrentar situações ansiogênicas, assim como podem revelar a identificação com o bebê (Brazelton & Sparrow, 2003). Crianças em idade pré-escolar comumente oscilam entre manifestações regressivas e de crescimento (Brazelton & Sparrow, 2003; Osborne et. al., 1974), por se encontrarem em um estágio de transição do desenvolvimento, necessitando ainda das figuras parentais (Holditch, 1992). Assim sendo, a regressão e o crescimento revelados ao longo desse estudo podem estar auxiliando na tolerância à frustração, criando condições de superar as situações ansiogênicas e propiciando o amadurecimento. Podem ainda ser um recurso utilizado para desviar a atenção do bebê ou para expressar os custos de assumir novas responsabilidades e novo papel de filho mais velho. Já o crescimento pode revelar a capacidade de experienciar novas conquistas ou ainda uma pseudomaturidade, as quais podem estar indicando uma necessidade no seu processo de amadurecimento ou desenvolvimento emocional rumo à independência (Dias, 2003).

Da mesma forma que o observado no teste projetivo, nas falas da mãe e do pai também predominaram indicadores de regressão do primogênito no período gestacional. Contudo, nas demais fases investigadas, observou-se mais heterogeneidade. Aos doze meses do segundo filho destacaram-se os indicadores de regressão e de crescimento, tendo sido observados em dois dos três casos investigados (Caso 1 e Caso 3), enquanto que o outro destacou apenas regressão (Caso 02). Já aos vinte e quatro meses, destacaram-se os indicadores de regressão, observados em dois casos (Caso 01 e Caso 02), enquanto que no outro se observou apenas crescimento (Caso 03).

Quanto aos indicadores de regressão mais comuns observados durante o período gestacional, percebeu-se a solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo, sobretudo da mãe, ansiedade de separação aumentada, birras e manhas, ciúme, agressividade e uso do bico e do cheirinho. Já aos doze e aos vinte e quatro meses, além da solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e

próximo, do ciúme e da agressividade, foram percebidas também a teimosia e rebeldia.

O foco da atenção e da ansiedade girou em torno da figura materna, especialmente durante a gestação. O incremento nas demandas por atenção, durante a gestação, também foi apontado na literatura (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dunn et al., 1981; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Baillies, 1995; Legg et al., 1974; Stewart et al., 1987; Oliveira, 2006).

Esta solicitação de atenção e/ou estar mais agarrado e próximo somente à mãe, na gestação, foi diluída, aos doze e aos vinte e quatro meses, para outras figuras de cuidado, como a avó materna e, especialmente, o pai. É possível que a não disponibilidade da mãe, em função das exigências do segundo filho ainda muito pequeno, estivesse sendo percebida pelo primogênito, e estivesse fazendo com que buscasse essas outras figuras de cuidado substitutas. Essa percepção pode ainda estar relacionada aos sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição revelados pelos primogênitos no teste projetivo.

A participação e a importância de outras figuras substitutas da mãe na divisão dos cuidados e das tarefas destinadas ao primogênito merecem destaque. Especialmente a figura paterna pareceu desempenhar um papel essencial na relação com o primogênito, aliviando a relação da mãe com este, e um papel secundário na relação com o bebê. Esses dados corroboram a literatura, que postula que a mãe tende a estar mais sensível às necessidades do bebê, dirigindo seu interesse para este, possivelmente não estando mais tão disponível para o primogênito quanto antes (Brazelton & Sparrow, 2003; Gullicks & Crase, 1993; Stewart & cols, 1987). Assim, frente às alterações nessa disponibilidade materna, o pai ocupa um papel essencial nos cuidados com o primogênito (Brazelton & Sparrow, 2003; Dessen & Braz, 2000; Dessen & Mettel, 1984; Gullicks & Crase, 1993; Gottlieb & Mendelson, 1990; Lewis & Dessen, 1999; Rockville, 2000; Winnicott, 1965/1974; Stewart & cols. 1987), além também da rede de apoio familiar (Dessen, 1997; Jennings et al., 1991; Kreppner, 1988; Stewart et al., 1987). Desde a gestação e com a chegada do bebê, o pai torna-se importante tanto para auxiliar à mãe a desempenhar sua função de forma satisfatória (Winnicott, 1965/1974) quanto para assumir a atenção dada ao primogênito (Dessen, 1997; Gottlieb & Mendelson, 1990). A figura do pai pode ser ao mesmo tempo sutil e vital, tornando-se uma referência em momentos de adaptação da família (Brazelton, 2002). Além disso, tende a se ajustar às necessidades desta e a

aumentar sua participação, mantendo níveis estáveis de interação com o primogênito (Stewart et al., 1987), ou ainda, interagindo mais com este (Dessen & Mettel, 1984). A figura da avó materna também se destacou nos relatos maternos e paternos, e também no teste projetivo. A avó materna auxilia no cuidado dos dois filhos e favorece melhor saúde física e mental à mãe, que também se encontra em um estado mais regressivo, precisando de auxílio (Dias, 2003; Dessen, 1997; Levitt et. al., 1986; Piccinini et al., 2007).

Outro indicador de regressão também foi a preocupação do primogênito, ainda na gestação, em relação à separação da mãe, em decorrência da futura hospitalização quando da chegada do irmão. Essa preocupação, de acordo com estudos anteriores, também esteve relacionada à maior angústia e maior demanda dos primogênitos em relação à mãe, especialmente nas semanas finais da gestação (Brazelton, 1992; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Baillies, 1995; Kramer, 1996; Legg et. al., 1974; Oliveira, 2006). Possivelmente, o uso de objetos transicionais, como o bico e o cheirinho, tenha sido uma forma de lidar com essa ansiedade decorrente da ausência dos genitores. O uso desses objetos ou a possibilidade de retomar esse uso são essenciais para o amadurecimento humano, pois possibilitam à criança transitar pela regressão, ao mesmo tempo em que possibilita a continuidade das experiências e das conquistas de crescimento (Dias, 2003).

Na visão da mãe e do pai, outros indicadores de regressão como o ciúme, a agressividade e a teimosia e rebeldia também estiveram relacionados à chegada do irmão. Os primogênitos manifestaram sinais de ciúme e de agressividade em relação ao irmão já na gestação. Essas manifestações foram demonstradas na relação com a mãe, em que o primogênito acreditava que batendo na barriga estaria machucando o irmão, bem como também através de ameaças diretas em relação ao irmão quando este nascesse. Esses indicadores também foram percebidos após a chegada do irmão e foram relacionados aos momentos em que era atendido pelos genitores e também ao crescimento e desenvolvimento deste. O incremento da habilidade cognitiva, motora, socioemocional e de linguagem do irmão favorece a interação com todos os membros da família, especialmente com o primogênito, caracterizando-se como fonte de estresse para os genitores (Kreppner, 1988; Kojima et al., 2005; Legg et al., 1974). Mas também já na gestação podem estar presentes comportamentos e verbalizações de ciúme e de agressividade do primogênito (Tilmans-Ostyn & Meynckens-Fourez, 2000). Os

sinais de agressividade e de ciúmes podem assim estarem revelando o medo de perder a atenção e o carinho da mãe (Pereira, 2006).

Já a teimosia e rebeldia foram percebidas somente na relação com os genitores e, por vezes, também em forma de comportamentos desafiadores com a mãe, especialmente após o nascimento do irmão. O maior nível de conflito e estresse vivenciado entre mãe e primogênito através de uma relação conflitiva em função de comportamentos desobedientes e aborrecedores do primogênito também foram apontados em alguns estudos (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dunn & Kendrick, 1980; Dessen, 1997; Kreppner, 1988; Kojima et al., 2005). Em contraposição, houve também aumento de confrontação, diminuição do interesse e da sensibilidade materna com o primogênito, especialmente em momentos de conversação e de brincadeira, bem como acréscimo de proibições e restrições após o nascimento do bebê (Dunn & Kendrick, 1980). Estes achados apóiam a ideia de que alguns comportamentos como teimosia e rebeldia, confrontação, agressividade e ciúme já estariam presentes no período gestacional, mas tenderiam a se intensificar nos meses seguintes ao nascimento (Gottlieb & Baillies, 1995; Stewart et al., 1987).

Em contraposição à visão dos genitores, os resultados revelados nas fábulas apontam que a regressão possivelmente esteve mais relacionada aos sentimentos e fantasias de rejeição do que propriamente à rivalidade fraterna. Provavelmente ao perceber a mãe não tão disponível em função das exigências do irmão e às mudanças no contexto familiar o primogênito estivesse respondendo de maneira mais regressiva, já que a cooperação entre os irmãos pode ser um resultado tanto quanto à competição (Carter & McGoldrick, 2001). Para esses autores, a reação entre os irmãos está relacionada mais à disponibilidade e à cooperação dos genitores do que propriamente dos filhos. De acordo com Winnicott (1960/1983), a mãe, desde a gestação, mas especialmente após o nascimento do bebê, identifica-se com as suas necessidades, atingindo mudanças emocionais em que sua percepção torna-se muito sensível e direcionada inteiramente ao bebê. Para o autor, essas mudanças, por sua vez, abalariam também a relação com o filho mais velho, sendo resgatada somente após a própria retomada de sua vida, no momento em que sair daquele estado de preocupação materna primária. Por outro lado, também se pode pensar que em função da rivalidade entre os irmãos ser a primeira reação do primogênito frente à possibilidade de perder a mãe nesse contexto (Dunn & Kendrick, 1981; Jacobs &

Moss, 1976), os indicadores de regressão também estivessem relacionados aos sentimentos de ciúme e de agressividade em relação ao bebê.

De modo geral, parece que os estudos anteriores destacaram que a chegada de uma nova criança afetaria “negativamente” a relação da mãe com o primogênito. Ainda que apontem que esse período constitui momento de transição, parecem enfatizar as limitações da mãe no cuidado com o primogênito. De fato, há alterações importantes nessa relação. No entanto, os estudos as qualificam como “negativas”, não trazendo uma compreensão sobre o porquê dessas alterações, em termos de um processo evolutivo tanto das mães quanto do primogênito (Oliveira & Lopes, No prelo; Lopes et. al., No prelo). As mudanças evolutivas não constituem tarefa fácil para as mães que se tornam mães de dois filhos e que precisam dar conta das múltiplas demandas e da administração de suas percepções e sentimentos sobre o primogênito e o novo bebê. Assim como também não constitui tarefa fácil para o filho que deixa de ser único para ocupar a posição de mais velho com um irmão.

Ainda que menos expressivos do que os de regressão, os indicadores de crescimento observados nas falas dos genitores foram mais destacados aos doze meses, em apenas dois dos três casos investigados (Caso 01 e Caso 03) e aos vinte e quatro meses do segundo filho, somente em um dos casos (Caso 03). Os mais comuns foram: aquisições em diferentes áreas do desenvolvimento (como na alimentação, hora do banho, uso do bico e do cheirinho, linguagem, troca de roupa, controle dos esfíncteres), maior socialização e interação, com outras crianças e com o irmão, e comportamento impositivo.

Os indicadores de crescimento giraram em torno das aquisições do primogênito em diferentes áreas do desenvolvimento e também de socialização e interação com pares. As aquisições em áreas do desenvolvimento, especialmente após o nascimento do irmão, são confirmadas na literatura (Baydar et. al., 1997a; Baydar et. al., 1997b; Dunn & Kendrick, 1980; Dunn et. al., 1981; Gottlieb & Baillies, 1995; Stewart et. al., 1987). Na gestação, a linguagem, através da fala infantilizada, foi utilizada pelos primogênitos como forma de comunicar a necessidade de atenção e o impacto das alterações do ambiente familiar, caracterizando-se como um indicador de regressão. Já aos doze e aos vinte e quatro meses, as aquisições em termos de linguagem podem ter revelado maior integração do primogênito e menor impacto da chegada do irmão para o seu desenvolvimento. A linguagem, em crianças em idade pré-escolar, serve como

uma maneira de comunicar ideias e sentimentos, garantindo um poder sobre si e sobre o mundo a sua volta (Brazelton & Sparrow, 2003). Assim, a descoberta da linguagem e o seu desenvolvimento estiveram intimamente relacionados às capacidades individuais da criança, bem como a ambientes ricos em estimulação que a auxiliaram na formulação de pensamentos e formas de expressão naquelas últimas duas fases investigadas (Bee, 1997).

Da mesma forma que a linguagem, o crescimento em momentos de alimentação também foram destacados pelos genitores, especialmente aos doze e aos vinte e quatro meses. A hora da alimentação, segundo Brazelton e Sparrow (2003), fornece à criança a oportunidade para experimentar sua própria condição autônoma em relação às figuras parentais. Por outro lado, também pode ser utilizada como um meio de representar a ansiedade entre as suas conquistas e o desejo de manter-se dependente e alimentada pelos genitores. Assim, com base nesses autores, as demandas na hora da alimentação percebidas pelos genitores na gestação podem ser entendidas como forma de barganhar sua atenção e afeto e de expressar seus sentimentos em relação a eles, o que não foi evidenciado aos doze e aos vinte e quatro meses.

Além de os indicadores de crescimento representarem a resolução das situações ansiogênicas em um nível simbólico mais tolerável, também remetem para a possibilidade de um resgate da relação próxima entre mãe e primogênito. Muito provavelmente em função do crescimento e desenvolvimento do segundo filho, a mãe pode voltar-se ao primogênito, contribuindo para que este se sentisse menos ansioso e menos excluído da relação com os genitores, oportunizando experiências de socialização e de maior interação com outras crianças, inclusive com o irmão. As crianças se beneficiam pelo fato de compartilhar e aprendem a se adaptar com a existência de um irmão (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Vivian, 2006). As relações fraternas tornam-se importantes para o primogênito, pois desloca de maneira gradual o seu interesse de relações de duas a três pessoas para um sentido mais amplo, a sociedade (Winnicott, 1965/1977). Assim, o crescimento, a iniciativa, a exploração e a socialização da criança podem ser o resultado de experiências saudáveis com seus cuidadores (Elkind, 2004). Se nesse ambiente familiar suas necessidades são satisfeitas de modo confiável, as crianças são naturalmente estimuladas para o crescimento, oportunizando a conquista da confiança. Assim, o crescimento está relacionado a uma disponibilidade parental

para oportunizar o restabelecimento de vínculos afetivos, mesmo após possíveis rupturas e eventos traumáticos, mas é uma conquista da criança.

De modo geral, durante o período gestacional, os genitores pareceram acolher melhor tanto os indicadores de crescimento quanto os de regressão do primogênito, especialmente estes últimos. Já aos doze (Caso 1) e vinte e quatro meses (Caso 1 e Caso 3), embora tenha se observado acolhimento da regressão e do crescimento, também observaram-se intervenções parentais.

No período gestacional, tanto as mães quanto os pais estavam conectados à ansiedade de separação do filho e preocupados para que não sofresse ou pensasse que deixariam de amá-lo com a vinda do irmãozinho. Procuravam atender às demandas e solicitações do filho mais velho, reconhecendo a importância de prepará-lo para a chegada do irmão. Nesse processo de adaptação da família à chegada de um novo membro, os genitores tiveram o cuidado de não negligenciar o filho mais velho (Kreppner et. al., 1982).

Assim, já desde a gestação, a preocupação com o primogênito pareceu existir por parte dos genitores. É possível que a disponibilidade para o primogênito, naquele momento, estivesse associada também à condição psicológica natural de “preocupação materna primária” em que a mãe se encontrava nos últimos meses antes do parto e nos primeiros meses após o nascimento (Winnicott, 1979/1983). A mãe, ao preparar-se para a chegada de um novo bebê, regredindo parcialmente a uma condição psicológica, de maior sensibilidade, também estivesse se identificando com as demandas por atenção do primogênito, colocando-se mais disponível à ele. Essa adaptação às necessidades da criança estaria relacionada à própria condição peculiar de cuidar do filho (Dias, 2003).

Em contraposição, embora também acolhessem os indicadores de regressão, aos doze e aos vinte e quatro meses, estimularam e incentivaram o primogênito para que apresentasse comportamento “de adulto”, ocupando o papel de filho maior e mais velho. Esse dado condiz com a literatura que aponta que o crescimento da criança pode ser estimulado pelos genitores como uma tentativa de adaptá-la à chegada de um irmão (Brazelton, 2002; Brazelton & Sparrow, 2003; Walz & Rich, 1983). Especialmente, crianças em idade pré-escolar, em função da maior autonomia e de habilidades sociais, cognitivas e de linguagem, os genitores tendem a reorganizar suas relações com o filho, modificando seus modos de

cuidado, estimulando-o ao crescimento (Rosen & Burke, 1999) e fornecendo oportunidades e experiências mais ricas (Kowaleski-Jones & Donifon, 2004).

Uma criança que já tem privilégios dos adultos não receberia outra criança como uma companhia igual e potencial. As experiências vivenciadas no ambiente familiar, após o nascimento de um irmão, podem estar marcadas pela mensagem de que o primogênito, por já ter vivenciado situações com adultos e com os genitores, deveria ser um exemplo de filho mais velho (Carter & McGoldrick, 2001). A preocupação com a transmissão de regras sociais e com a integração entre os irmãos, especialmente em função da maior interação do bebê com o irmão em função de suas maiores habilidades de desenvolvimento, pode constituir-se em um dos grandes desafios para os genitores (Dessen, 1997; Kreppner et. al., 1982).

Ouvindo as falas da mãe e do pai observa-se que mesmo acolhendo as manifestações regressivas do filho, não foi fácil para eles lidarem com as eventuais regressões dos filhos. No que tange aos sentimentos, percebeu-se maior mobilização na gestação e aos vinte e quatro meses do segundo filho. Dentre os diferentes sentimentos revelados na gestação pelos genitores, observaram-se sofrimento, culpa, medo, pena e preocupação, os quais estiveram relacionados aos indicadores de regressão. Na literatura também se observou que já durante o período gestacional os sentimentos costumam ser intensos (Jenkins, 1976; Oliveira, 2006; Oliveira & Lopes, 2008; Pereira, 2006; Pereira & Piccinini, 2007; Richardson, 1983; Walz & Rich, 1983) e que dependeriam da percepção que cada um possui sobre esse período (Bourguignon et. al., 1980). Para as mães, os filhos percebem que sua posição na família esteve em risco, interferindo na sua relação com ela (Richardson, 1983), o que acaba mobilizando sentimentos de culpa e de tristeza (Young, Boyle & Colletti, 1983).

Já aos vinte e quatro meses, predominou o estresse, cansaço, incômodo, impaciência, como indicadores de regressão, e orgulho, contentamento e surpresa, como indicadores de crescimento. O modo fatigado com que os pais se mostraram nessa última fase pode estar também relacionado às aquisições cognitivas, sociais, físicas e emocionais, que se destacaram no curso de desenvolvimento do segundo filho, e que demandaram mais atenção e disponibilidade, e maior capacidade para interagir em suas brincadeiras (Kreppner, 2000; Legg et al., 1974). Tal aspecto pode ter levado os genitores a responderem ao primogênito de modo cansado e irritado, em função do estresse relacionado às condições e à organização familiar

derivada de múltiplas tarefas da maternidade e da paternidade de dois filhos e dos cuidados de um novo bebê (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn et al., 1981; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Gottlieb & Mendelson, 1995; Taylor & Kogan, 1973).

As reações e os protestos do primogênito não são nada fáceis para os genitores que precisam reconhecê-los, bem como precisam aprender a lidar com os próprios sentimentos despertados em uma época que acreditam que os filhos já estariam buscando suas conquistas e crescimento (Brazelton, 2002). O necessário afastamento parcial da mãe em relação ao filho mais velho é visto como uma das maiores dificuldades para a mulher que espera outro bebê (Brazelton, 1988). Contudo, as investigações anteriores centraram-se essencialmente no ponto de vista materno, não tendo sido examinado também o paterno. No presente estudo, embora a mãe tenha expressado mais sentimentos, observou-se que o pai também esteve conectado às ansiedades e às manifestações de crescimento e de regressão do filho, também revelando seus sentimentos.

Nesse sentido, tanto as manifestações regressivas quanto as de crescimento oportunizaram um ir e vir saudável e a possibilidade de amadurecimento. Podem ainda ter revelado a capacidade de ir e vir e de regredir a qualquer momento em que o processo rumo à independência exigir (Dias, 2003; Lopes et al., 2009; Ribas et al., 2008; Winnicott, 1960/1986; Winnicott, 1965/1977). Não houve uma diminuição das aquisições e do crescimento, o que se observou foi um ir e vir constante, em que seguiram as conquistas de desenvolvimento, a partir do reassuramento que a regressão propiciou.

Do ponto de vista emocional, as oscilações são inteiramente saudáveis e a capacidade de regredir é uma conquista do desenvolvimento. Algumas conquistas só podem ser alcançadas depois de outras (Dias, 2003). Essa capacidade para novas conquistas é fruto do amadurecimento e depende de uma facilitação do ambiente (Dias, 2003). A possibilidade de ir e vir, e de regredir em algum momento precisam ser acolhidas, de tal modo que a criança possa usufruir dessas oscilações, caso contrário o retraimento pode se instalar (Dias, 2003; Winnicott, 1965/1977). O apoio do pai e o envolvimento afetivo da mãe com o primogênito, ainda na gestação, beneficiaram a adaptação da criança, que apresentou mais indicadores de crescimento após o nascimento do irmão (Dunn & Kendrick, 1986; Teti et al., 1996). No entanto, esse processo de amadurecimento é muito difícil

para os genitores que precisam lidar com os diferentes sentimentos mobilizados tanto neles próprios quanto no filho mais velho.

Cabe destacar que a literatura tem considerado os comportamentos regressivos como algo “negativo” ou refletindo “níveis de ajustamento prejudicado” do primogênito, deixando de considerá-los como um impulso para o amadurecimento emocional. Acredita-se que a tendência para a regressão, especialmente na gestação, estivesse indicando a sensibilidade da criança às mudanças no ambiente familiar e às alterações na relação com seus cuidadores, uma vez que a confiança e a segurança foram abaladas com a chegada do irmão (Oliveira, 2006; Oliveira & Lopes, 2008).

Os indicadores de crescimento após o nascimento do irmão podem ter sido estimulados pelos genitores como tentativa de administrar os sentimentos provenientes da parentalidade de dois filhos, como também de incitar a criança a se adaptar às novas demandas decorrentes desse momento. A esse respeito, acredita-se que o crescimento pode, na verdade, estar indicando uma pseudomaturidade ou ainda um comportamento defensivo para lidar com situações estressantes, ou ainda uma conquista da criança nesse processo de ir e vir saudável, indicando uma necessidade no seu processo de amadurecimento. Diante da chegada de um irmão, o primogênito faz difíceis concessões, cedendo territórios, e lugar na hierarquia familiar (Raphael-Leff, 1997), podendo não estar preparado para essas mudanças, tampouco para as expectativas parentais de ter uma maior independência (Dessen & Mettel, 1984). Parece haver na literatura estudada uma tendência a enfatizar o crescimento como algo “positivo” e a regressão como “negativa”, deixando de considerar a possibilidade de ambos serem um impulso para o amadurecimento emocional, em que um alimenta e retroalimenta o outro no processo de amadurecimento ou no desenvolvimento rumo à independência.

Deste modo, o impacto do nascimento do irmão para a vida do primogênito é algo previsível e esperado, já que sua relação com os genitores, a mais importante e formativa relação da vida inicial de uma criança, vê-se ameaçada neste momento (Volling, McElwain & Miller, 2002). As mudanças decorrentes de períodos de transição podem servir de impulso para o amadurecimento emocional de seus membros familiares (Dessen, 1994;

Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004), não só para o primogênito que deixa de ser filho único, mas também para os genitores, que se tornam pais de dois filhos.

## CAPÍTULO V

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, buscou-se considerar tanto o ponto de vista da criança, quanto o ponto de vista materno e paterno, a fim de atingir uma melhor compreensão a respeito dos indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão. O envolvimento de diferentes e importantes fontes de informação oportunizou um melhor entendimento acerca do fenômeno estudado (Stake, 1994).

O Teste das Fábulas foi essencial para identificar os indicadores de regressão e de crescimento desde a gestação até os dois anos de vida do primeiro irmão. O instrumento projetivo não foi aplicado com o intuito de realizar um diagnóstico clínico, mas como estímulo para que crianças em idade pré-escolar pudessem expressar seus sentimentos e vivências. É um dos poucos instrumentos projetivos plenamente adequados para essa faixa etária (Cunha et. al., 1989). Ainda que as crianças nessa idade apresentem um incremento significativo na linguagem, que as possibilita formular e utilizar frases complexas e mais desenvolvidas (Brazelton & Sparrow, 2003; Papalia & Olds, 2000), torna-se difícil investigar, no âmbito de pesquisa, o ponto de vista da criança sem que haja algum estímulo para que esta expresse suas vivências emocionais. A criança, na fase pré-escolar, tem um senso crescente, porém ainda tênue, de si própria e de seu lugar no mundo, não possuindo uma discriminação da realidade totalmente formada (Holditch, 1992). Assim, o conteúdo projetado em histórias oferece subsídios para conhecer a forma como enfrenta sua realidade (Brazelton & Sparrow, 2003), uma vez que ainda está muito associada às situações similares, que já experienciou (Holditch, 1992). Por ser um instrumento sensível para investigar aspectos relacionados ao desenvolvimento emocional infantil e a crises situacionais, espera-se que o presente estudo tenha contribuído para examinar o impacto do nascimento de um irmão no desenvolvimento do primogênito.

Quanto ao ponto de vista materno e paterno, as entrevistas semi-dirigidas também permitiram conhecer os indicadores de regressão e de crescimento do primogênito percebidos nesse contexto de chegada de um segundo filho na família. Além disso, também ofereceram uma compreensão das expectativas, reações e sentimentos maternos e paternos acerca do primogênito.

Os dados encontrados revelaram uma tendência de indicadores de regressão do primogênito no período gestacional, tanto no teste projetivo quanto nas falas da mãe e do pai. Aos doze meses, não foi possível observar uma tendência de indicadores de regressão e de crescimento nas respostas do primogênito, as quais foram variadas, envolvendo desde somente indicadores de crescimento e de regressão, até ambos. Nas falas do pai e da mãe também, observou-se tanto regressão quanto crescimento. Por fim, aos vinte e quatro meses, o primogênito mostrou uma tendência para a regressão e para o crescimento, enquanto os genitores apenas para regressão.

É possível que os indicadores regressivos do primogênito estivessem indicando uma necessidade no seu processo de amadurecimento ou desenvolvimento emocional rumo à independência. A regressão pode estar sugerindo sensibilidade às mudanças no ambiente familiar e às alterações na relação com seus cuidadores, uma vez que a confiança e a segurança foram abaladas com a chegada de um irmão (Trause & Irvin, 1992). Já os indicadores de crescimento podem estar revelando uma conquista no processo de amadurecimento, podem ainda ter sido estimulados pelos genitores como tentativa de administrar os sentimentos provenientes da parentalidade de dois filhos, como também de incitar a criança a se adaptar às novas demandas decorrentes desse momento. Assim sendo, os indicadores de crescimento podem, na verdade, ou estarem indicando uma pseudomaturidade da criança ou ainda um comportamento defensivo para lidar com as demandas emocionais em função da chegada de um irmão. O primogênito faz difíceis concessões (Raphael-Leff, 1997), podendo não estar preparado para essas mudanças, tampouco para atender às expectativas parentais para uma maior independência (Dessen & Mettel, 1984).

No que tange aos sentimentos maternos e paternos, percebeu-se maior mobilização afetiva na gestação e aos vinte e quatro meses do segundo filho. Embora a regressão tenha despertado sentimentos de culpa, preocupação e receio, os genitores pareceram acolhê-los mais facilmente na gestação, o que não foi tão observado ao longo dos dois primeiros anos após o nascimento do bebê. Talvez as reações regressivas intensas tenham chocado os genitores, os quais podem ter ficado perplexos com a ideia de que o primogênito não evoluiu como eles esperavam. Para Cunha e Nunes (1993), quando existe uma vulnerabilidade ao conflito, especialmente na relação mãe-criança, as respostas reveladas possuem significação expressiva, uma vez que o seu conteúdo sugere informações sobre a

organização tanto do vínculo da criança com a mãe, como desta com a criança. Nesse sentido, os indicadores de regressão podem estar manifestando esse desapontamento por não ter recebido os cuidados e a atenção materna que necessitavam frente às situações ansiogênicas e potencialmente traumáticas. A regressão pode ter sido um meio que o primogênito encontrou para enfrentar o contexto de chegada de um primeiro irmão, enquanto que o crescimento revelou a capacidade de novas conquistas ou ainda os custos de assumir novas responsabilidades e novo papel de filho mais velho.

Especialmente no âmbito da pesquisa qualitativa não se objetiva a generalização dos resultados, mas a construção de expectativas que possam ser testadas em outros estudos. Os resultados do presente estudo mostram que as reações do primogênito são muito variadas e complexas e também dependem do acolhimento dos genitores. Tanto as manifestações regressivas quanto as de crescimento oportunizaram um ir e vir saudável que possibilita o amadurecimento (Lopes et al., 2009; Dias, 2003; Ribas et al., 2008; Winnicott, 1960/1986; Winnicott, 1965/1977). A capacidade de regredir também é uma conquista e depende da experiência (Dias, 2003). À medida que o amadurecimento avança, as tarefas se complexificam. Se o indivíduo está saudável emocionalmente pode envolver-se e lidar, naturalmente, com as questões que são específicas para sua faixa etária (Dias, 2003).

De modo geral, parece que os estudos destacam que a chegada de uma nova criança afetaria “negativamente” as relações familiares, sobretudo a relação da mãe com o primogênito (Dessen, 1997; Dessen & Mettel, 1984; Dunn & Kendrick, 1980). Ainda que apontem que esse período constitui momento de transição, exigindo reorganização do relacionamento conjugal e papéis e tarefas desempenhados pela família, parecem enfatizar as restrições dos genitores, especialmente da mãe, no cuidado com o primogênito. De fato, há alterações importantes nessas relações. No entanto, questionam-se os estudos que as qualificam como “negativas”, não trazendo uma compreensão sobre o porquê dessas alterações em termos de um processo evolutivo tanto das mães quanto do primogênito.

Os dados revelaram que não houve uma diminuição das aquisições e do crescimento, mas um ir e vir constante, em que o primogênito seguiu suas conquistas de desenvolvimento, a partir do reassseguramento que a regressão propiciou. Assim, pode-se pensar que a chegada em si de um irmão talvez não

estivesse sendo tão impactante, mas sim os possíveis sentimentos de vulnerabilidade e de desamparo e das fantasias de abandono em relação aos genitores surgidos no decorrer deste contexto. Em um momento em que a mãe esteve inteiramente envolvida com as necessidades do irmão ainda pequeno (Winnicott, 1960/1983), o pai pode ter ocupado papel essencial. Ao assumir um maior envolvimento com o primogênito, a figura paterna, como outras figuras substitutas da mãe, como a avó materna, protegeu a relação mãe e bebê, e também a relação com o primogênito (Gottlieb & Mendelson, 1995; Piccinini et. al., 2007; Winnicott, 1965/1977). Para que houvesse conquista interna de crescimento certas condições externas também foram necessárias, como um ambiente suficientemente bom, capaz de acolher e de ser continente às necessidades de regressão e de dependência da criança (Winnicott, 1963/1983b). Assim, as conquistas ao longo do processo de tornar-se irmão estiveram também associadas a esse acolhimento materno e paterno, que provavelmente oportunizaram ao primogênito regredir, quando necessário, e também lançar-se em novas conquistas e aquisições em termos de crescimento.

As mudanças evolutivas não constituem tarefa fácil para os genitores, que se tornam pais de dois filhos e que precisam dar conta das múltiplas demandas e necessitam administrar suas percepções e sentimentos sobre o primogênito e o novo bebê. Assim como também não constitui tarefa fácil para o filho que deixa de ser único para ocupar a posição de mais velho com um irmão. Ao mesmo tempo em que a mãe e o pai precisam lidar com o primogênito em idade pré-escolar e que possivelmente se encontra no estágio rumo à independência, também precisam lidar com a parentalidade do bebê, o qual depende absolutamente deles, sobretudo da figura materna. Sendo assim, são inúmeros os desafios para o processo de tornar-se mãe e pai de dois filhos, devido às mudanças que ocorrem desde a gestação do novo bebê, passando pelo fato de ter que lidar com o primogênito e todo o contexto pessoal envolvido nessa experiência.

Ainda que estudos tenham apontado que o nascimento do segundo filho possa acarretar alterações no ambiente familiar, nos comportamentos do primogênito e em sua interação com os genitores, chamam atenção as poucas pesquisas atuais sobre o assunto (Volling, 2005) e, especialmente, sobre as implicações emocionais para o filho mais velho. Com base neste estudo, pode-se apontar que a pesquisa de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre este tema constituiu um meio de vislumbrar com maior abrangência a literatura

científica, promovendo divulgação e facilitação de acesso às pesquisas na área. Identificar os pontos de transição familiar que podem acarretar mudanças são tarefas básicas da psicologia do desenvolvimento, que por sua vez, necessita da contribuição de áreas afins. O profissional pode tomar contato mais íntimo com o sistema familiar e auxiliar os genitores a compreenderem que em períodos de transição a criança segue seu próprio ritmo de desenvolvimento rumo à independência, sendo, portanto, possível que a criança venha a apresentar comportamentos mais regressivos. Espera-se, com a presente discussão, estimular novas pesquisas que possam contribuir para o entendimento das repercussões do nascimento do segundo filho no desenvolvimento emocional do primogênito e, sobretudo, nas questões de separação psicológica ou emocional em relação aos seus cuidadores.

## REFERÊNCIAS

- Adams, W. J. (1985). The missing triad: the case of two-child families. *Family Process*, 24, 409-413.
- Balaban, N. (1988). O início da vida escolar: da separação à independência. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Baydar, N., Greek, A. & Brooks-Gunn, J. (1997a). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during the first 6 years of life. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 939-956.
- Baydar, N., Hyle, P. & Brooks-Gunn, J. (1997b). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during preschool and early grade school years. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 957-965.
- Bee, H. (1997). Psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology*, 17, 3-23.
- Bourguignon, O., Alary, A., Butat, M., Cessans, A., Coloignier, R., Duville-Moustacchi, R., Hirsch-Pelissier, A., Jaurand-Bulvestre, A., Ouassini, M., Nzeyimana, N., Salmon, N. & Samama, C. (1980). Changes in the family with the arrival of a second child. *Bulletin de Psychologie*, 34, 289-304.
- Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2003). *3 a 6 anos – Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. (C. Monteiro, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. (2002). Momentos decisivos do desenvolvimento infantil. 2º ed. (J. L. Camargo, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). As mudanças no ciclo de vida familiar. 2º ed. (M. A. V. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Cervený, C. M. O & Berthoud, C. M. E. (1997). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 287 p.
- Cox, M. & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual Review Psychology*, 48, 243-267.
- Cunha, J. A & Werlang, B. G. (1995). O uso de técnicas projetivas em pesquisa: o Teste das Fábulas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8 (1), 31-42.
- Cunha, J. A. & Nunes, M. L. T. (1993). Teste das Fábulas: forma verbal e pictórica. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisa em Psicologia.
- Cunha, J. A., Werlang, B. G., Oliveira, M. S., Nunes, M. L. T., Alegre, P. A., Heineck, C. & Silveira, M. R. (1989). Método das Fábulas: uma versão

- pictórica. *Psico*, 17, 1, 51-61.
- De Antoni, C. (2005). *Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico*. Tese de doutorado Não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia de Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Dessen, M. (1997). Desenvolvimento Familiar: Transição de um sistema triádico para poliádrico. *Temas em Psicologia*, 3, 51-61.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 3, 221-231.
- Dessen, M. A. & Mettel, T. P. (1984). Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família. *Psicologia*, 10, 27-39.
- Dessen, M. A. (1994). Interações e relações no contexto familiar: questões teóricas e metodológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 213-220.
- Dias, E. (2003). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1980). The arrival of a sibling: Changes in patterns of interaction between mother and first-born child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 21, 2, 119-132.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1981). Interaction between young siblings: association with the interaction between mother and firstborn child. *Developmental Psychology*, 17, 336-343.
- Dunn, J. & Munn, P. (1985). Becoming a family member: family conflict and the development of social understanding. *Child Development*, 56, 480-492
- Dunn, J. (2005). Commentary: siblings in their families. *Journal of Family Psychology*, 19, 46, 54-657.
- Dunn, J.; Kendrick, C. & MacNamee, R. (1981). The reaction of first-born children to the birth of a sibling: Mother's reports. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 22, 1-18.
- Elkind, D. (2004). Sem tempo para ser criança: a infância estressada. (Magda França Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Feiring, C. & Lewis, M. (1978). The child as a member of the family system. *Behavioral Science*, 23, 225-233.
- Field, T. & Reite, M. (1984). Children's responses to separation from mother during the birth of another child. *Child Development*, 55, 1308-1316.

- Fonseca, C. W. (2002). Mãe é uma só? Reflexões em torno de casos brasileiros. *Psicologia USP, 13*, 49-68.
- Gottlieb, L. & Mendelson, M. (1990). Parental support and firstborn girls' adaptation to the birth of a sibling. *Journal of Applied Developmental Psychology, 11*, 29-48.
- Gottlieb, L. N. & Baillies, J. (1995). Firstborn's behaviors during a mother's second pregnancy. *Nursing Research, 44*, 6, 356-362.
- Gullicks, J. N. & Crase, S. J. (1993). Sibling behavior with a newborn: parents' expectations and observations. *JOGNN Clinical Studies, 22*, 5, 438 -444.
- Holditch, L. (1992). Compreendendo seu filho de cinco anos. (Jacob, L. A., Trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Jacobs, B. S. & Moss, H. A. (1976). Birth Order and Sex of Sibling as Determinants of Mother-Infant Interaction. *Child Development, 47*, 315-322.
- Jenkins, P. W. (1976). Conflicts of a secundigravida. *Journal of Maternal Child Nursing, 5*, 117-126.
- Jennings, K.D., Stagg, V. & Connors, R.E. (1991). Social network and mothers' interactions with their preschool children. *Child Development, 62*, 966-978.
- Kendrick, C. & Dunn, J. (1980). Caring for a second baby: effects on interaction between mother and firstborn. *Development Psychology, 16*, 4, 303-311.
- Kendrick, C. & Dunn, J. (1982). Protest or pleasure? The response of firstborn children to interactions between their mothers and infant siblings. *Journal Child Psychology and Psychiatry, 23*, 2, 117-129.
- Kojima, Y. (1999). Mothers' adjustment to the birth of a second child: a longitudinal study on use of verbal and nonverbal behaviors toward two children. *Psychological Reports, 84*, 1, 141-144.
- Kojima, Y., Irisawa & Wakita, M. (2005). The impact of a second infant on interactions of mothers and firstborn children. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 23*, 1, 103-114.
- Kowaleski-Jones, L. & Dunifon, R. (2004). Children's home environments – understandin the role of family structure changes. *Journal of Family Issues, 25*, 1, 3-28. Retirado em 11/02/2005 no Google Scholar na World Wide Web: <http://www.scholar.google.com/scholar>.
- Kramer, L. & Gottman, J. M. (1992). Becoming a sibling: “with a little help from my friends”. *Developmental Psychology, 28*, 4, 685-699.
- Kramer, L. & Ramsburg, D. (2002). Advice given to parents on welcoming a

- second child: a critical review. *Family Relations*, 51, 2-14.
- Kramer, L. & Schaefer-Hernam, P. (1994). Patterns of fantasy play engagement across the transition to becoming a sibling. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 4, 749-767.
- Kramer, L. (1996). What's real in children's fantasy play: fantasy play across the transition to becoming a sibling. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 37, 329-337.
- Kramer, L. & Bank, L. (2005). Sibling Relationship Contributions to Individual and Family Well-Being. *Journal of Family Psychology*, 19, 4, 483-485.
- Kreppner, K. (1988). Changes in parent-child relationships with the birth of the second child. *Marriage and Family Review*, 12, 3-4, 157-181.
- Kreppner, K. (2000). The Child and the Family: Interdependence in Developmental Pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 1, 11-22.
- Kreppner, K., Paulsen, S. & Schuetze, Y. (1982). Infant and family development: from triads to tetrads. *Human Development*, 25, 373-391.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Legg, C.; Sherick, I.; Wadland, W. (1974). Reaction of pre-school children to the birth of a sibling. *Child Psychiatry and Human Development*, 5, 233-261.
- Levitt, M. J., Weber, R. A. & Clark, M. C. (1986). Social network relationships as sources of maternal support and well-being. *Developmental Psychology*, 22, 310-316.
- Lopes, R. C. S., Caron, N. A., Thormann, L. L., & Ribas, A. (2009). Tornar-se mãe no processo de amadurecimento: implicações para a ética do cuidado. Trabalho apresentado no II Colóquio Winnicott de Porto Alegre: A ética do cuidado.
- Lopes, R. S.; Vivan, A. G.; Oliveira, D. S.; Rossato, C. R. & Piccinini, C. A. (No prelo). Desafios para a maternidade decorrentes da gestação e nascimento de um segundo filho. Em: Piccinini, C. & Alvarenga (Orgs). *Parentalidade: Da gestação à escola*.
- Lopes, R. S., Piccinini, C., Rossato, C. R. & Oliveira, D. S. (2005). Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. Projeto não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

- Lopes, R. S., Vivian, A., Oliveira, D. S., Silva, C., Piccinini, C. & Tudge, J. (2009). Percepções e sentimentos maternos frente ao desenvolvimento infantil dos 18 aos 20 meses. *Estudo de Psicologia*, 14, 2, 221-232.
- Mahler, M. (1982). O processo de separação-indivuação. (H. M. de Souza, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1979).
- Mahler, M., Pine, F. & Bergman, A. (2002). O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação. (J. A. Russo, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1975).
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.
- Murphy, S. O. (1993). Siblings and the new baby: changing perspectives. *Journal of Pediatric Nursing*, 8, 5, 277-288.
- Núcleo de Infância e Família - NUDIF/UFRGS/CNPq (2005a). *Entrevista de Dados Demográficos*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família - NUDIF/UFRGS/CNPq (2005b). *Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família - NUDIF/UFRGS/CNPq (2005c). *Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família - NUDIF/UFRGS/CNPq (2006a). *Entrevista sobre a maternidade e o desenvolvimento do primogênito aos doze meses do segundo filho*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família - NUDIF/UFRGS/CNPq (2007a). *Entrevista sobre a maternidade e o desenvolvimento do primogênito aos vinte e quatro meses do segundo filho*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família - NUDIF/UFRGS/CNPq (2006b). *Entrevista sobre o relacionamento familiar aos doze meses do segundo filho*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família - NUDIF/UFRGS/CNPq (2007b). *Entrevista sobre o relacionamento familiar aos vinte e quatro meses do segundo filho*.

- Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Nunes, M. L. T., Cunha, J. A. & Oliveira, M. S., (1990). O valor clínico do escore de concordância social no Teste das Fábulas. *Psico*, 20, 2, 77-84.
- Oliveira, D. S. & Lopes, R. S. (2008). “Mãe, quero ficar contigo...”: comportamentos de dependência do primogênito no contexto de gestação de um irmão. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 21, 212-220.
- Oliveira, D. S. & Lopes, R. S. (No prelo). Implicações emocionais da chegada de um irmão para o primogênito: uma revisão da literatura. *Revista Psicologia em Estudo*.
- Oliveira, D. S. (2006). *Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito e as percepções maternas no contexto de gestação do segundo filho*. Dissertação de mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Disponível em [www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca](http://www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca).
- Oliveira, D. S., Siqueira, A., Dell’Aglia, D. & Lopes, R. S. (2008). Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: Um mapeamento da produção científica, *Interação em psicologia (Online)*, v.12, p.87 - 98, 2008.
- Osborne, E. L.; Harris, M.; O’shanghnessy, E & Rosenbluth, D. (1974). *Seu filho de cinco anos: orientação psicológica para os pais*. Da clínica Tavistock Londres. (Schwartz, R., Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Osório, L. C. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Papalia, D. E. & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pereira, C. & Piccinini, C. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia*, 24, 3, 385-395.
- Pereira, C. R. R. (2006). *Impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho*. Dissertação de mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Disponível em [www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca](http://www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca).
- Perez, A. F. (2002). O filho primogênito: suas características e seus

- relacionamentos no contexto familiar. Em: Wagner, A. *Família em cena: Tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Perrot, M. (1993). *O nó e o ninho*. São Paulo: Ed. Abril.
- Piccinini, C. A., Pereira, C. R. R., Marin, A. H., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 253-262.
- Pike, A., Coldwell, J. & Dunn, J. (2005). Sibling Relationships in early/middle childhood: links wit individual adjustment. *Journal of Family Psychology*, 19, 4, 523-532.
- Raphael-Leff (1997). *Gravidez: A história interior*. Porto Alegre: Artmed.
- Ribas, A. D., Vivian, A. G., Rodrigues, A. M. P., Alvares, I. C., Thormann, L. L., Caron, N. A., & Lopes, R. C. S. (2008). “Todas as idades ou nenhuma”: Desafios clínicos da teoria winnicottiana. Trabalho apresentado no I Colóquio Winnicott de Porto Alegre: A teoria do amadurecimento pessoal de D.W. Winnicott.
- Richardson, P. (1981). Women`s Perceptions of Their Important Dyadic Relationships During Pregnancy. *Maternal Child Nursing Journal*, 10, 3, 159-174.
- Richardson, P. (1983). Woman's perceptions of change in relationships shared with children during pregnancy *Maternal-Child Nursing J.*, 12, 75-88.
- Rizzini, I. (2002). Crianças, adolescentes e famílias: Tendências e preocupações globais. *Interação em Psicologia*, 6, 45-47.
- Rockville, M. (2000). Factors associated with father’s caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14 (2), 200-219. Retirado em 11/12/2004 no Google Scholar na World Wide Web: <http://www.scholar.google.com/scholar>.
- Rosen, K. & Burke, P. (1999). Multiple attachment relationships within families: mothers and fathers with two young children. *Developmental Psychology*, 35, 2, 436-444.
- Schaffer, R. (1986). Child psychology: The future. *Journal of Child Psychology and Psychiatric*, 27, 761-779.
- Serafini, A. (2004). *Teste das Fábulas: um estudo com crianças abrigadas*. Dissertação de mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Disponível em [www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca](http://www.psicologia.ufrgs.br/biblioteca).

- Spitz, R. (2000). O primeiro ano de vida. (E. M. B. Rocha, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1979).
- Stake, R. E. (1994). Case studies. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Orgs.), *Handbook of Qualitative Research* (236-247). Londres: Sage.
- Stewart, R. Mobley, L. Tuyl, S. & Salvador, M. (1987). The firstborn's adjustment to the birth of a sibling: a longitudinal assessment. *Child Development*, 58, 341-355.
- Stratton, P. (2003). Contemporary families as contexts for development. Em J. Valsiner e K. Connolly (Orgs.), *Handbook of developmental psychology* (p. 333-357). Londres: Stage.
- Taylor, M. & Kogan, K. (1973). Effects of birth of a sibling on mother-child interactions. *Child Psychiatry and Human Dev.*, 4, 1, 53-58.
- Teti, D., Sakin, J., Kucera, E., Corns, K. & Eiden. (1996). And baby makes four: Predictors of attachment security among preschool-age firstborns during the transition to siblinghood. *Child Development*, 67, 579-596.
- Tilmans-Ostyn & Meynckens-Fourez, (Orgs.)(2000). *Os recursos da Fratria*. Belo Horizonte: Atesã.
- Trause, M. & Irvin, N. (1992). Atendimento aos irmãos. Em M, Klaus & J. Kennel (Orgs.) Pais/Bebê: A formação do apego (pp. 129-148). Porto Alegre: Artmed.
- Vivian, A. G. (2006). O desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa: uma aplicação do método Bick. Dissertação de mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Volling, B. (2005). The transition to siblinghood: A Developmental Ecological Systems Perspective and directions for future research. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 542-549.
- Volling, B., McElwain, N., & Miller, A. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. *Child Development*, 73, 581-600.
- Wagner, A. (2002). *Família em cena: Tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Wagner, A; Ribeiro, L., Arteché, A., & Bornholdt, E. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 147-156.

- Walz, B. L. & Rich, O. J. (1983). Maternal tasks of taking-on a second child in the postpartum period. *Maternal-child Nursing Journal*, 12 (3), 185 -216.
- Winnicott, D. W. (1974). A criança e seu mundo. (A. Cabral, Trad.). 5º ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1977). Necessidades das crianças de menos de cinco anos. Em D. W. Winnicott *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1983). O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 1979).
- Winnicott, D. W. (2000). Da pediatria à psicanálise. (D. Bogomeletz, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (2001). A família e o desenvolvimento individual. (M. B. Cipolla, Trad.). 2º ed. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1965).
- Winnicott, D.W. (1983). A capacidade para estar só. Em D.W. Winnicott. *O ambiente e o processo de* (P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1958).
- Winnicott, D.W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. Em D.W. Winnicott. *O ambiente e o processo de* (P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1960).
- Winnicott, D.W. (1983a). Capacidade de se preocupar. Em D.W. Winnicott. *O ambiente e o processo de* (P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1963).
- Winnicott, D.W. (1983b). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. Em D.W. Winnicott. *O ambiente e o processo de* (P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1963).
- Winnicott, D.W. (1986). Agressão, culpa e reparação. Em D.W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1960).
- Young, P. C., Boyle, K., & Colletti, R. B. (1983). Maternal reaction to the birth of a second child: another side of sibling rivalry. *Child Psychiatry & Human Development*, 14(1), 43-48.

## ANEXO A

*TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS*

(NUDIF, 2005)

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito.

Estou ciente de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo a eventuais vínculos com a instituição através da qual fui contatado(a).

Em caso de eventuais desconfortos trazidos pela participação nesta pesquisa, quando caracterizada a necessidade de atendimento psicológico, tenho clareza de que o pesquisador responsabilizar-se-á por meu encaminhamento para um Serviço de Atendimento Emocional gratuito.

Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica a utilização de anotações e gravações realizadas comigo e meu filho. Entendo que o Instituto de Psicologia da UFRGS manterá em sigilo a minha identidade e a da minha família, e que os dados coletados serão arquivados neste mesmo Instituto e serão destruídos depois de decorrido o prazo de cinco anos.

Os pesquisadores responsáveis por este Projeto de Pesquisa são: Prof. Dr. César Augusto Piccinini e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia Sobreira Lopes, os quais poderão ser contatados pelo telefone 3316-5058.

Mestrandas responsáveis: Caroline R. Pereira, Débora S. de Oliveira e Nádia Coldebella.

Data:     /     /

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da mestranda responsável: \_\_\_\_\_

## ANEXO B

FICHA DE CONTATO INICIAL<sup>4</sup>  
(NUDIF, 2005)

Nome da mãe:.....

Quantos anos tu tens?.....

Escolaridade:.....

Trabalha? ( ) não ( ) sim O que faz? .....

Esta é a tua segunda gravidez? .....

Com quantos meses tu estás? .....

Tu já sabes o sexo do bebê? .....

Como está a tua saúde? .....

Como está a saúde do bebê? .....

O teu primeiro filho é menino ou menina? .....

Qual a idade do teu filho(a)? .....

Como é o nome dele? .....

O pai do bebê vive contigo? Há quanto tempo? .....

Como é o nome dele? .....

Qual é a idade dele? .....

O que ele faz? .....

Qual é a escolaridade dele? .....

Ele é o pai do teu primeiro filho? .....

Ele tem outros filhos? .....

Endereço: .....

Telefone: .....

Data da Entrevista: .....

Data prevista para o nascimento do bebê: .....

Alternativa de contato (nome): .....

Telefone:.....

Mestranda responsável: .....

---

<sup>4</sup> Instrumento adaptado por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini, (2005) para ser aplicado a gestantes grávidas do segundo filho.

## ANEXO C

ENTREVISTA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DO CASAL<sup>5</sup>  
(NUDIF, 2005)**Eu gostaria de algumas informações sobre ti e o teu marido:****Esposa:**

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído): .....
- Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Estado Civil: ( ) casada ( ) solteira ( ) separada ( ) viúva ( ) com companheiro
- Desde quando moras com o pai do teu filho? .....
- Quem mais mora na casa?.....
- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregada
- O que tu fazes/fazias?..... Horas/semana:..... Não trabalha há ..... meses
- Grupo étnico: .....

**Marido:**

- Nome:.....
- Data de nascimento:.....Escolaridade (ano concluído): .....
- Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregado
- O que tu fazes/fazias?.....Horas/semana:..... Não trabalha há ..... meses
- Grupo étnico: .....

**Primogênito:**

- Nome:.....
- Data de nascimento:.....

**Endereço para contato:.....**

Cidade:..... CEP ..... Telefone:.....

Telefone do emprego/contato: Esposa .....Marido .....

Telefone de um parente/amigo para contato:.....

<sup>5</sup> Instrumento adaptado por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicado a gestantes grávidas do segundo filho e seus maridos.

## ANEXO D

ENTREVISTA COM A MÃE SOBRE O IMPACTO DA GESTAÇÃO  
DO SEGUNDO FILHO NA DINÂMICA FAMILIAR

(Terceiro trimestre de gestação)

(NUDIF, 2005)

**1. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família?
- Houve alguma mudança no dia-a-dia da tua família depois que tu engravidaste?

**2. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido nesta segunda gravidez....***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o teu relacionamento com o teu marido?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês desde que tu engravidaste?
- Como tu te sentes?

**3. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu primeiro filho, o (nome), ao longo desta segunda gravidez...***

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quando lhe foi dada a notícia da gravidez? Como ele/a reagiu? E agora, como ele está?
- O/a (*nome*) já sabe o sexo do bebê? Como ele/a reagiu?
- (*Se não sabe*) Ele/a prefere um menino ou uma menina?
- Alguma coisa parece desagradar o/a (*nome*) em relação à tua gravidez?
- E alguma coisa parece agradar o/a (*nome*) em relação à tua gravidez?
- Ele/a interage com o bebê de alguma maneira (*tocar a barriga, cantar/conversar com o bebê, etc.*)?
- Ele/a já foi alguma vez contigo às ecografias? Como ele/a reagiu?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre a gravidez ou os bebês?
- O que ele tem dito?
- E quanto ao teu afastamento durante a hospitalização? Como tu achas que ele/a vai reagir? Como tu te sentes?
- Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a?
- Como tu imaginas que o/a (*nome*) vai reagir à chegada do bebê? Como tu te sentes?
- Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a?
- Como tu achas que será o relacionamento dele/a com o bebê?

**4. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (nome) com vocês, com a família e com outras crianças desde que tu ficaste grávida...***

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*nome*) em relação a ti?
- O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês três (tu, teu marido e teu filho) desde que tu engravidaste? O que aconteceu? [Como tu te sentes?]
- Como é a relação do/a (*nome*) com os familiares?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]
- Como é a relação do/a (*nome*) com as outras crianças?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*nome*) em relação às outras crianças desde que tu engravidaste?

**5. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?***

## ANEXO E

ENTREVISTA COM A MÃE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PRIMOGÊNITO<sup>6</sup>  
 (Terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)  
 (NUDIF, 2005)

**1. *Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (nome)...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a *(nome)*?
- O/A *(nome)* tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que o/a *(nome)* é capaz de fazer que mais te chame atenção? Em que momentos tu percebes isso?
- Como tu descreverias o jeito do/a *(nome)*?
- Com quem tu achas que ele/a é parecido *(física e emocionalmente)*?
- Que coisas o/a *(nome)* mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E ele/a como fica ao perceber que te desagradou?
- Ele/a costuma apresentar algum tipo de medo? Qual? Quando começou?
- Tu percebeste alguma mudança em relação aos medos dele/a desde que tu engravidaste?

**2. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre:***

**a) *Alimentação do/a (nome)***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora das refeições para o *(nome)*?
- Ele/a é capaz de alimentar-se sozinho?
- Quem de vocês participa mais da hora das refeições do/a *(nome)*?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a *(nome)* em relação à alimentação do *(nome)* desde que tu engravidaste?
- Ele/a ainda mama na mamadeira? Em que momentos?
- *(Se não mama)* Quando ele/a largou a mamadeira?
- *(Se ainda mama)* Tu tens intenção de que ele/a largue a mamadeira? Quando?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a *(nome)* em relação à mamadeira desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]

**b) *Uso do bico/chupeta***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Ele/a ainda usa bico/chupeta? Em que momentos?
- *(Se ainda usa)* Tu tens intenção de que ele/a largue o bico/chupeta?
- Tu tens percebido alguma mudança do *(nome)* quanto ao uso do bico/chupeta desde que tu engravidaste?

**c) *Linguagem/fala do/a (nome)***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a comunicação com *(nome)*?
- Tu tens percebido alguma mudança na fala do/a *(nome)* desde que tu engravidaste?  
 [Como tu te sentes?]

**d) *O sono do/a (nome)***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora de dormir do/a *(nome)*? Ele/a consegue pegar no sono sozinho?

<sup>6</sup> Entrevista adaptada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicada a mães de crianças de três a cinco anos que estão grávidas do segundo filho.

- Quem de vocês participa mais deste momento?
- Ele/a tem um quarto só para ele/a ou dorme com alguém?
- Como é o sono dele/a (comportamento quando está dormindo)?
- Tu tens percebido alguma mudança no sono do/a (*nome*) desde que tu engravidaste?  
[Como tu te sentes?]

**e) O controle do xixi e do cocô do/a (*nome*)**

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é o controle do xixi e do cocô do/a (*nome*)?
- Ele/a usa fraldas?
- (*Se não usa*) Quando tirastes as fraldas? Como foi?
- (*Se usa*) Quando tu estás pensando em tirar as fraldas dele/a? Como pensas fazer isso?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (*nome*) em relação ao controle do xixi e do cocô desde que tu engravidaste?  
[Como tu te sentes?]

**f) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes**

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido estes momentos para o/a (*nome*)? Como ele se comporta?
- Ele/a realiza estas atividades sozinho/a? Quem de vocês participa mais destes momentos?
- Tu tens percebido alguma mudança no comportamento do/a (*nome*) em relação a estes comportamentos desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

**g) O choro do/a (*nome*)**

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Em que momentos ele/a chora? [Como tu te sentes?]
- Quem o acalma? Como esta pessoa o acalma?
- Tu tens percebido alguma mudança no choro do/a (*nome*) desde que tu engravidaste?  
[Como tu te sentes?]

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (*nome*).**

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Como ele/a se comporta enquanto brinca (*corre, fala, irrita-se facilmente, etc.*)?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Em que momentos?
- Ele/a costuma brincar com outras crianças?
- Tu costumavas brincar com ele/a (*nome*)? De quê?
- Tu tens percebido alguma mudança nas brincadeiras do/a (*nome*) desde que tu engravidaste?

**4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (*nome*).**

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto? (*Caso não seja um objeto*) Seria uma parte do corpo (*da criança/mãe/pai*)?
- Em que momentos o/a (*nome*) procura este objeto? E o que ele faz?
- Tu lembras quando isto apareceu?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (*nome*) em relação a este objeto desde que tu engravidaste?  
- [Como tu te sentes?]

**5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (*nome*) tem ficado longe de ti.**

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quais têm sido estes momentos? Como ele/a reage?
- E tu, como te sentes?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram?
- Como ele/a reage? E tu, como te sentes?

- Com quem ele/a é mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? [Como tu te sentes?]
- Tu percebeste alguma mudança neste comportamento (agarrado) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

**6. O/a (nome) foi para a escolinha/creche?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

*(Se a criança foi para a escolinha/creche):*

- Com que idade ele/a iniciou?
- Como foi a adaptação dele/a?
- Como tu te sentes em relação à escolinha/creche?
- Como ele/a reage ao afastamento de ti para ir à escolinha/creche?
- Tu percebeste alguma mudança nos comportamentos do/a (nome) em relação a ir para a escolinha/creche desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]
- *(Se a criança não vai à escolinha/creche)*
- Vocês pretendem colocá-lo/a na escolinha/creche? Quando? Por quê?

**7. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

## ANEXO F

ENTREVISTA SOBRE A MATERNIDADE E O DESENVOLVIMENTO DO  
PRIMOGÊNITO AOS DOZE MESES DO SEGUNDO FILHO(Terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)  
(GIDEP/NUDIF, 2006)<sup>7</sup>**1. Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (primogênito)...***(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (primogênito)?
- O/a (primogênito) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que o/a (primogênito) é capaz de fazer que mais te chame atenção? Em que momentos tu percebes isso?
- Como tu descreverias o jeito do/a (primogênito)?
- Que coisas o/a (primogênito) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E como ele/a fica ao perceber que te desagradou?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre:****a) Alimentação do/a (primogênito)***(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora das refeições para o (primogênito)? Ele/a se alimenta sozinho?
- Ele/a costuma solicitar a tua ajuda nesse momento? O que tu fazes?
- Tu percebeste alguma mudança na alimentação do/a (primogênito) nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

*(Se ainda mama)* Ele/a tem usado a mamadeira?

- Tu tens a intenção de que ele/a largue a mamadeira? Quando pensas fazer isto? Como?

- Tu tens percebido alguma mudança do/a (primogênito) quanto à mamadeira nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

**b) Uso do bico/chupeta pelo/a (primogênito)***(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Ele/a tem usado bico/chupeta?

*(Se ainda usa)*

- Tu tens a intenção de que ele/a largue o bico/chupeta? Quando pensas fazer isto?

- Tu tens percebido alguma mudança no uso do bico/chupeta do/a (primogênito) nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

**c) Linguagem/fala do/a (primogênito)***(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está a fala/linguagem do/a (primogênito)?

- Tu tens percebido alguma mudança na fala/linguagem do/a (primogênito) nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

**d) O sono do/a (primogênito)**

<sup>7</sup> Entrevista adaptada de GIDEP (1998) por (ordem alfabética): Coldebela, Lopes, Oliveira, Pereira e Piccinini (2005). Contribuíram para a adequação desses instrumentos para a presente idade da criança: Ana Paula Freitas, Aline Groff Vivian, Lis Guimarães e Joice Sonogo.

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o sono dele/a? Como tem sido a hora de dormir do/a (*primogênito*)?
- Ele/a consegue pegar no sono sozinho?
- Ele/a costuma solicitar tua presença nesse momento? Quem de vocês participa mais deste momento?
- Ele/a tem um quarto só para ele/a ou dorme com alguém?
- Tu tens percebido alguma mudança no sono do/a (*primogênito*) nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**e) O controle do xixi e do cocô do/a (*primogênito*)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o controle do xixi e do cocô do/a (*primogênito*)?
- Ele/a costuma solicitar tua ajuda nesse momento? O que tu fazes?
- Como tu costumavas reagir frente a sua solicitação?
- Tu tens percebido alguma mudança no controle do xixi e do cocô do/a (*primogênito*) nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**f) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como é o comportamento do/a (*primogênito*) nesses momentos? Ele/a realiza estas atividades sozinho/a?
- Ele/a costuma solicitar tua ajuda? O que tu fazes?
- Tu tens percebido alguma mudança nestes comportamentos nos últimos meses? Como tu te sentes?

**g) O choro/manha do/a (*primogênito*)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Em que momentos ele/a chora? [Como tu te sentes?] Quem o acalma? Como esta pessoa o acalma?
- Tu tens percebido alguma mudança no choro/manha do/a (*primogênito*) nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (*primogênito*).**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Em que momentos?
- Ele/a costuma brincar com o (*2º filho*)? O que ele/a faz? Ele divide os brinquedos com o/a (*2º filho*)?
- Ele/a costuma brincar com outras crianças?
- Tu costumavas brincar com ele/a (*primogênito*)? De quê?
- Tu tens percebido alguma mudança nas brincadeiras do/a (*primogênito*) nestes últimos meses? Como tu te sentes?

**4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (*primogênito*)...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Qual é este objeto? (*Caso não seja um objeto*) Seria uma parte do corpo (*do primogênito/mãe/pai*)?
- Em que momentos o/a (*primogênito*) procura este objeto? E o que ele faz?
- Tu lembravas quando isto apareceu?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (*primogênito*) em relação a este objeto nos últimos meses? Como tu te sentes?]

**5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os medos do/a (*primogênito*)...**

- Ele/a apresenta algum tipo de medo? Qual? Quando começou?
- Tu percebeste alguma mudança nos medos dele/a nos últimos meses?

**6. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (primogênito) tem ficado longe de ti.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quais são estes momentos? Como ele/a reage quando vocês se separam? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) nestes momentos de separação nos últimos meses? Como são os momentos em que vocês se reencontram? Como ele/a reage? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) nesses momentos de reencontro?
- Com quem ele/a está mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança neste comportamento (agarrado) nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**7. Eu gostaria que tu falasses sobre a escolinha/creche do/a (primogênito)?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

*(Se a criança foi para a escolinha/creche):*

- Como está o/ (primogênito) na escolinha/creche?
- Tu percebeste alguma mudança nos comportamentos do/a (primogênito) em relação à escolinha/creche nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**8. Eu gostaria que tu falasses sobre outras pessoas que ajudam a cuidar do (primogênito)?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quanto tempo esta pessoa fica com o/a (primogênito)?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (primogênito)?
- O que te agrada? O que te desagrada?
- Como o/a (primogênito) reage quando outra/s pessoa/s ficam com ele?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação às pessoas que ficam com ele nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**9. Eu gostaria que tu falasses sobre como o/a (primogênito) reage às frustrações...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como o/a (primogênito) reage quando é contrariado?
- Como o/a (primogênito) lida com limites? (aceita, não aceita, briga?) Como ele/a fica quando recebe um não? Como ele/a reage?
- Ele/a tem crises de birra?  
*(Se sim)* Em que situações? Como tu lidas com isso? Como tu te sentes?
- Como tu lidas quando o/a (primogênito) não quer fazer algo que é necessário? O que tu fazes?  
Como tu te sentes?
- E o pai dele como lida quando o/a (primogênito) não quer fazer algo que é necessário? Como tu te sentes?

**10. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a experiência de ser mãe do/a (primogênito) neste momento...**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo como mãe do/a (primogênito) neste momento?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe do/a (primogênito)?
- Tu pensas em alguém como modelo de mãe? Quem seria?
- Como ela é/era como mãe?
- Tu evitas algum modelo de mãe que tu já conheceste?

- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo? O que tu lembras?
- O teu jeito de cuidar do (*primogênito*) é parecido ou diferente do dela?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo? O que tu lembras?
- O teu jeito de cuidar do (*primogênito*) é parecido ou diferente do dele?

***11. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?***

## ANEXO G

ENTREVISTA SOBRE A MATERNIDADE E O DESENVOLVIMENTO DO  
PRIMOGÊNITO AOS VINTE E QUATRO MESES DO SEGUNDO FILHO  
(Quarto ao sétimo ano de vida do primogênito)  
(GIDEP/NUDIF, 2007)<sup>8</sup>

**1. Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (primogênito)...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (primogênito)?
- O/a (primogênito) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que o/a (primogênito) é capaz de fazer que mais te chame atenção? Em que momentos tu percebes isso?
- Como tu descreverias o jeito do/a (primogênito)?
- Que coisas o/a (primogênito) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E como ele/a fica ao perceber que te desagradou?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre:**

**a) Alimentação do/a (primogênito)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora das refeições para o (primogênito)? Ele/a se alimenta sozinho?
- Ele/a costuma solicitar a tua ajuda nesse momento? O que tu fazes?
- Tu percebeste alguma mudança na alimentação do/a (primogênito) nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

*(Se ainda mama)* Ele/a tem usado a mamadeira?

- Tu tens a intenção de que ele/a largue a mamadeira? Quando pensas fazer isto? Como?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (primogênito) quanto à mamadeira nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

**b) Uso do bico/chupeta pelo/a (primogênito)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Ele/a tem usado bico/chupeta?
- (Se ainda usa)*
- Tu tens a intenção de que ele/a largue o bico/chupeta? Quando pensas fazer isto?
  - Tu tens percebido alguma mudança no uso do bico/chupeta do/a (primogênito) nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

**c) Linguagem/fala do/a (primogênito)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está a fala/linguagem do/a (primogênito)?
- Tu tens percebido alguma mudança na fala/linguagem do/a (primogênito) nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

**d) O sono do/a (primogênito)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o sono dele/a? Como tem sido a hora de dormir do/a (primogênito)?

<sup>8</sup> Entrevista adaptada de GIDEP (1998) por (ordem alfabética): Coldebela, Lopes, Oliveira, Pereira e Piccinini (2005). Contribuíram para a adequação desses instrumentos para a presente idade da criança: Aline Groff Vivian e Ana Paula Freitas.

- Ele/a consegue pegar no sono sozinho?
- Ele/a costuma solicitar tua presença nesse momento? Quem de vocês participa mais deste momento?
- Ele/a tem um quarto só para ele/a ou dorme com alguém?
- Tu tens percebido alguma mudança no sono do/a (*primogênito*) nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**e) O controle do xixi e do cocô do/a (*primogênito*)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o controle do xixi e do cocô do/a (*primogênito*)?
- Ele/a costuma solicitar tua ajuda nesse momento? O que tu fazes?
- Como tu costumavas reagir frente a sua solicitação?
- Tu tens percebido alguma mudança no controle do xixi e do cocô do/a (*primogênito*) nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**f) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como é o comportamento do/a (*primogênito*) nesses momentos? Ele/a realiza estas atividades sozinho/a?
- Ele/a costuma solicitar tua ajuda? O que tu fazes?
- Tu tens percebido alguma mudança nestes comportamentos nos últimos meses?

Como tu te sentes?

**g) O choro/manha do/a (*primogênito*)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Em que momentos ele/a chora? [Como tu te sentes?] Quem o acalma? Como esta pessoa o acalma?
- Tu tens percebido alguma mudança no choro/manha do/a (*primogênito*) nesses últimos meses?

Como tu te sentes?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (*primogênito*).**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Em que momentos?
- Ele/a costuma brincar com o (*2º filho*)? O que ele/a faz? Ele divide os brinquedos com o/a (*2º filho*)?
- Ele/a costuma brincar com outras crianças?
- Tu costumavas brincar com ele/a (*primogênito*)? De quê?
- Tu tens percebido alguma mudança nas brincadeiras do/a (*primogênito*) nestes últimos meses?

Como tu te sentes?

**4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (*primogênito*)...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Qual é este objeto? *(Caso não seja um objeto)* Seria uma parte do corpo *(do primogênito/mãe/pai)*?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (*primogênito*) em relação a este objeto nos últimos meses?

Como tu te sentes?]

**5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os medos do/a (*primogênito*)...**

- Ele/a apresenta algum tipo de medo? Qual? Quando começou?
- Tu percebeste alguma mudança nos medos dele/a nos últimos meses?

**6. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (*primogênito*) tem ficado longe de ti.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quais são estes momentos? Como ele/a reage quando vocês se separam? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*primogênito*) nestes momentos de separação nos últimos meses? Como são os momentos em que vocês se reencontram? Como ele/a reage? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*primogênito*) nesses momentos de reencontro?
- Com quem ele/a está mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança neste comportamento (agarrado) nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**7. *Eu gostaria que tu falasses sobre a escolinha/creche do/a (primogênito)?***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

*(Se a criança foi para a escolinha/creche):*

- Como está o/ (*primogênito*) na escolinha/creche?
- Tu percebeste alguma mudança nos comportamentos do/a (*primogênito*) em relação à escolinha/creche nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**8. *Eu gostaria que tu falasses sobre outras pessoas que ajudam a cuidar dos teus filhos (primogênito e segundo filho)?****(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quanto tempo esta pessoa fica com eles/as? É a mesma pessoa?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando deles/as? O que te agrada? O que te desagrada?
- Como o/a (*primogênito*) reage quando outra/s pessoa/s ficam com ele?
- Como o/a (*segundo filho*) reage quando outra/s pessoa/s ficam com ele?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*primogênito*) em relação às pessoas que ficam com ele nesses últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*segundo filho*) em relação às pessoas que ficam com ele nesses últimos meses? Como tu te sentes?

**9. *Eu gostaria que tu falasses sobre como o/a (primogênito) reage às frustrações...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como o/a (*primogênito*) reage quando é contrariado?
- Como o/a (*primogênito*) lida com limites? (aceita, não aceita, briga?) Como ele/a fica quando recebe um não? Como ele/a reage?
- Ele/a tem crises de birra? *(Se sim)* Em que situações? Como tu lidas com isso? Como tu te sentes?
- Como tu lidas quando o/a (*primogênito*) não quer fazer algo que é necessário? O que tu fazes? Como tu te sentes?
- E o pai dele como lida quando o/a (*primogênito*) não quer fazer algo que é necessário? Como tu te sentes?

**10. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a experiência de ser mãe do/a (primogênito) neste momento...***

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo como mãe do/a (*primogênito*) neste momento?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?

**11. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?***

## ANEXO H

ENTREVISTA SOBRE O RELACIONAMENTO FAMILIAR  
 AOS 12 MESES DO SEGUNDO FILHO- Versão Mãe  
 (GIDEP/NUDIF, 2006)<sup>9</sup>

**1. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família agora que o/a (2º. filho) tem um ano...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos? O que mudou nesses últimos meses?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família? O que mudou nesses últimos meses?
- Teve alguma mudança na família de vocês agora que o/a (2º. filho) está com um ano?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do (primogênito) com o/a (2º. filho) agora que ele/a tem um ano...**

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o relacionamento dele/a com o/a (2º. filho)? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento do/a (primogênito) com o/a (2º. filho) agora que ele/a tem um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- O que parece agradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º. filho)?
- E o que parece desagradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º. filho)?
- Como o/a (primogênito) costuma reagir quando algo lhe desagrada? E tu, como costumavas agir nesses momentos?
- Como o/a (primogênito) costuma se comportar quando tu estás atendendo/cuidando o/a (2º. filho)?
- Ele/a participa de alguma forma desses momentos? O que ele/a costuma fazer? Tu solicitas esta participação?
- Ele/a interage com o/a (2º. filho)? O que eles costumam fazer?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre o/a (2º. filho)?
- O que ele tem dito?
- Tu percebeste alguma mudança de comportamento do/a (primogênito) agora que o/a (2º. filho) está com um ano?  
Como tu te sentes?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (primogênito) com vocês, com a família e**

**com outras crianças agora que o/a (2º. filho) está com um ano...**

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ti? O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?
- E com o teu marido, tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ele agora que o/a (2º. filho) está com um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês quatro (tu, teu marido, o primogênito e o segundo filho) agora que o/a (2º. filho) tem um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com os demais familiares?

<sup>9</sup> Entrevista adaptada de GIDEP (1998) por (ordem alfabética): Coldebela, Lopes, Oliveira, Pereira e Piccinini (2005). Contribuíram para a adequação desses instrumentos para a presente idade da criança: Ana Paula Freitas, Aline Groff Vivian, Lis Guimarães e Joice Sonogo.

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares agora nos últimos meses? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (*primogênito*) com as outras crianças?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*primogênito*) em relação às outras crianças nos últimos meses?

**4. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua experiência de ser mãe de dois filhos, agora que o/a (2º. filho)***

***está com um ano...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo como mãe de dois filhos?
- Como tu te descreverias como mãe de dois filhos?
- Que coisas tu costumavas fazer com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º. filho*)? E com os dois juntos?
- Tu tens encontrado alguma dificuldade como mãe de dois filhos? Quais são? Como tu te sentes?
- Tu vivenciaste alguma situação ou período estressante nesses últimos meses? Como foi? Como tu te sentes?  
E como mãe de dois filhos?
- Tu vivenciaste alguma situação agradável nesses últimos meses? Qual? Como tu te sentes?  
E como mães de dois filhos?

**5. *Eu gostaria que tu falasses como tu vês o teu marido/companheiro como pai de dois filhos...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu o descreverias como pai de dois filhos?
- Como é o jeito dele lidar com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º. filho*)? E com os dois juntos?
- Que coisas ele costuma fazer com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º. filho*)? E com os dois juntos?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados do/a (*primogênito*)? Quais são?
- E com relação aos cuidados do/a (*2º. filho*)? Quais são?

**6. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido agora que o (2º. filho) tem***

***um ano...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o relacionamento com o teu marido?
- Vocês têm algum momento só para vocês dois? Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês agora que o/a (*2º. filho*) está com um ano?  
Como tu te sentes?
- Que tipo de apoio o teu marido tem te oferecido neste momento?
- Que tipo de apoio tu esperas dele?
- Tu solicitas ajuda dele? E com relação ao cuidado das crianças? Como ele reage?
- Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem te ajudado?

**7. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?***

## ANEXO I

ENTREVISTA SOBRE O RELACIONAMENTO FAMILIAR  
 AOS 24 MESES DO SEGUNDO FILHO (Versão Mãe)  
 (GIDEP/NUDIF, 2007)<sup>10</sup>

**1. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família agora que o/a (2º filho) tem dois anos...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos? O que mudou nesses últimos meses?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família? O que mudou nesses últimos meses?
- Teve alguma mudança na família de vocês agora que o/a (2º filho) está com dois anos?

**2. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do (primogênito) com o/a (2º filho) agora que ele/a tem dois anos...***

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o relacionamento dele/a com o/a (2º filho)? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento do/a (primogênito) com o/a (2º filho) agora que ele/a tem dois anos? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- O que parece agradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º filho)?
- E o que parece desagradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º filho)?
- Como o/a (primogênito) costuma reagir quando algo lhe desagrada em relação ao /a (2º filho)?
- E tu, como costumavas agir nesses momentos?
- Como o/a (primogênito) costuma se comportar quando tu estás atendendo/cuidando o/a (2º filho)?
- Ele/a participa de alguma forma desses momentos? O que ele/a costuma fazer? Tu solicitas esta participação?
- Ele/a interage com o/a (2º filho)? O que eles costumam fazer?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre o/a (2º filho)?
- O que ele tem dito?
- Como tu te sentes?

**3. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (primogênito) com vocês, com outros membros da família e com outras crianças nos últimos meses...***

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ti? O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?
- E com o teu marido, tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ele? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês quatro (tu, teu marido, o primogênito e o segundo filho) agora que o/a (2º filho) tem dois anos? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com os demais familiares?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares agora nos últimos meses? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com as outras crianças?

<sup>10</sup> Entrevista adaptada de GIDEP (1998) por (ordem alfabética): Coldebela, Lopes, Oliveira, Pereira e Piccinini (2005). Contribuíram para a adequação desses instrumentos para a presente idade da criança: Aline Groff Vivian e Ana Paula Freitas (2007).

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*primogênito*) em relação às outras crianças nos últimos meses?

**4. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua experiência de ser mãe de dois filhos, agora que o/a (2º filho)***

***está com dois anos...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo como mãe de dois filhos?
- Como tu te descreverias como mãe de dois filhos?
- Que coisas tu costumavas fazer com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º filho*)? E com os dois juntos?
- Tu tens encontrado alguma dificuldade como mãe de dois filhos? Quais são? Como tu te sentes?
- Tu tens tido situações ou períodos estressantes como mãe de dois filhos? Como foi? Como tu te sentes?  
E como mãe de dois filhos?
- Tu tens tido agradáveis nesses últimos meses como mãe de dois filhos? Como tu te sentes?  
E como mães de dois filhos?

**5. *Eu gostaria que tu falasses como tu vês o teu marido/companheiro como pai de dois filhos...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu o descreverias como pai de dois filhos?
- Como é o jeito dele lidar com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º filho*)? E com os dois juntos?
- Que coisas ele costuma fazer com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º filho*)? E com os dois juntos?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados do/a (*primogênito*)? Quais são?
- E com relação aos cuidados do/a (*2º filho*)? Quais são?

**6. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido agora que o (2º filho) tem dois anos...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o relacionamento com o teu marido?
- Vocês têm algum momento só para vocês dois? Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês agora que o/a (*2º filho*) está com dois anos?  
Como tu te sentes?
- Que tipo de apoio o teu marido tem te oferecido neste momento?
- Que tipo de apoio tu esperas dele?
- Tu solicitas ajuda dele? E com relação ao cuidado das crianças? Como ele reage?
- Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem te ajudado?

**7. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?***

## ANEXO J

DESCRIÇÃO E DINÂMICA DAS FÁBULAS<sup>11</sup>*Fábula 1 – Fábula do passarinho*

“Um papai e uma mamãe pássaros e seu filhote passarinho estão dormindo num ninho, no galho. De repente começa a soprar um vento muito forte que sacode a árvore e o ninho cai no chão. Os três passarinhos acordam num instante e o passarinho papai voa rapidamente para uma árvore, enquanto a mamãe passarinho voa para outra árvore. O que vai fazer o filhote passarinho? Ele já sabe voar um pouquinho.”

A introdução de uma família de passarinhos, como personagem da história, de acordo com Cunha e Nunes (1993), favorece a investigação do estabelecimento de vínculos precoces, uma vez que propicia maior facilidade de identificação da criança com uma família de passarinhos. Conforme as autoras, tradicionalmente, a F1 explora a dimensão dependência-independência e coloca uma questão básica do desenvolvimento, que é o processo de separação-indivíduoação, não avaliando apenas a existência ou não de fixação em um dos genitores. Dessa forma, a problemática apresentada pela F1 avalia, conforme a faixa etária do desenvolvimento da criança e suas circunstâncias de vida, não apenas a sua própria condição de dependência, mas também o impacto de uma perda ou ameaça de crise familiar. Esse aspecto é representado pelo ninho que cai, podendo o filhote passarinho sentir-se abandonado, desprotegido e despreparado para lidar com a realidade externa. A presença de um elemento potencialmente destruidor (o vento muito forte), que ameaça a proteção e a estabilidade do ambiente familiar, acarreta uma situação de separação do filhote em relação aos genitores. Conforme Cunha e Nunes (1993, p. 113), a F1 sugere uma situação-problema que remete ao abalo desse ambiente, mobilizando uma “ansiedade normal, visto que a criança é realmente dependente dos pais”. Para as autoras, o processo regressivo, frequentemente mobilizado pela F1, está associado à noção de transitoriedade e de reversibilidade.

As soluções fornecidas pela criança frente a essa condição potencialmente traumática configuram a sua atitude no mundo externo projetada na resposta dada pelo personagem herói da história, o filhote passarinho. Dentre todas as fábulas, a F1 é a mais sugestiva a um processo de regressão afetiva, visto que pode remeter a

---

<sup>11</sup> Material elaborado pelas autoras, com base em Cunha e Nunes (1993).

uma situação na qual a criança volta a se sentir como um bebê (“filhote passarinho que ainda está no ninho”), que está começando a andar sozinho (“sabe voar um pouquinho”).

Destaca-se o alto tempo de reação (TR) apresentado entre o intervalo de tempo final da verbalização do administrador do teste até o início da resposta dada pela criança. Um TR esperado, segundo Cunha e Nunes (1993), encontra-se entre um e sete segundos. Já um TR superior a 10 segundos seria um indicador diagnóstico, devendo ser levado em conta aspectos individuais. A manifestação da irregularidade do tempo faz pensar na ocorrência de algum processo de seleção entre possíveis respostas. Conforme as autoras, um TR superior a 10 caracterizaria uma resposta com atraso e com indicação de resistência. Esta resistência pressupõe interferência no processo de elaboração de resposta, sendo um possível alerta que merece atenção, uma vez que pode constituir-se em uma tentativa de elaboração ou ainda um bloqueio, como defesa frente à ansiedade proposta.

Através de um estudo realizado com uma amostra de 120 crianças em idade pré-escolar, Cunha e Nunes (1993) perceberam que, de modo geral, as crianças lidam com os problemas apresentados nessa fábula de modo semelhante. Para crianças, em idade pré-escolar (entre 3anos e 2meses e 6 anos e um mês), a resposta mais comum para a F1 é “Vai para outra árvore”. Nesses casos, a resposta mais comum corresponderia a uma expectativa social de que as crianças dessa faixa etária já estariam em uma crescente independização, apresentando uma solução independente, sem o auxílio das figuras de cuidado.

### *Fábula 2 – Aniversário de casamento*

“É a festa de aniversário de casamento do papai e da mamãe. Eles se amam muito e dão uma bela festa. Durante a festa, a criança se levanta e vai ficar sozinha no fundo do quintal. Por que?”

O conteúdo da F2 remete à idéia de que, independentemente da existência da criança, os genitores possuem uma relação afetiva. O contexto de festa de aniversário de casamento dos pais, os quais se amam muito, pode suscitar respostas que levam à criança a reagir diante da cena primária. No entanto, a sua historietta também pode remeter a verbalizações que caracterizem sentimentos de rejeição e de exclusão, uma vez que “durante a festa, a criança se levanta e vai ficar sozinha no fundo do quintal”. Para esses casos, Cunha e Nunes (1993) apontaram que a resposta da criança deve ser cuidadosamente compreendida a

partir do contexto individual e em termos mais amplos da fantasia infantil. Ao final, a criança deve responder por que motivo a criança, personagem da história, saiu da festa de aniversário de casamento e foi ficar sozinha no fundo do quintal.

Para Cunha e Nunes, a F2 é uma das fábulas que provoca mais sinais de mobilização afetiva em crianças em idade pré-escolar, por suscitar reações frente à cena primária e ao sentimento de rejeição parental. Para crianças dessa idade, a resposta mais comumente dada é “não gostou da festa”, dentre outras. Uma resposta comum corresponderia, de acordo com Cunha e Nunes, a uma situação aparentemente menos associada à rejeição parental e, que não sugerem conflitos emocionais.

### *Fábula 3 – Fábula do cordeirinho*

“Lá no pasto estão uma mamãe ovelha e seu cordeirinho. O cordeirinho pula todo dia ao lado da mamãe e todas as tardes a mamãe lhe dá um bom leite quente que ele adora. Mas ele já come capim também. Um dia trouxeram para a mamãe ovelha um pequeno cordeirinho que estava com fome, para que a mamãe lhe desse leite. Mas a mamãe ovelha não tem leite bastante para os dois e diz para o seu primeiro cordeirinho: ‘Como eu não tenho leite bastante para dar aos dois, vá então comer capim fresco.’ O que o cordeirinho vai fazer?”

A historieta da fábula foi criada para mobilizar a rejeição materna, uma vez que as figuras simbólicas, ovelha-cordeirinho, remetem para conotações tanto de segurança e conforto, quanto de vulnerabilidade e de insegurança (Cunha & Nunes, 1993). Ainda no que dizem respeito às conotações simbólicas, as autoras apontam que o cordeirinho representa o “bem, o crescimento” e o leite “o alimento, a representação simbólica do afeto da mãe” (Cunha & Nunes, 1993, pp. 138). Além de investigar aspectos referentes à dependência *versus* independência, também investiga a rivalidade fraterna, uma vez que a criança se identifica com um cordeirinho privado de seu alimento, para ser alimentado um outro menor. Tal fato pode ser associado ao nascimento de um irmão, uma vez que há a necessidade de compartilhar os cuidados maternos, podendo surgir manifestações de hostilidade e sentimentos de rejeição materna. Da mesma forma que as fábulas anteriores, a F3 também fornece indicativos sobre o nível do conflito atual da criança.

As respostas indicadas comumente por crianças em idade pré-escolar remetem para o fato de o cordeirinho maior ter conseguido compartilhar os

cuidados maternos com o menor. Simbolicamente, a criança abre mão do leite materno, apresentando uma resposta menos dependente da figura materna “*Eu acho que vai comer capim*”.

#### *Fábula 4 – Fábula do enterro*

“Um enterro está passando nas ruas da cidadezinha e as pessoas perguntam: quem morreu? Alguém responde: é uma pessoa da família que mora ‘naquela’ casa. Quem é que morreu?”

A F4 foi criada para oferecer um escape para a expressão de aspectos agressivos, provavelmente mobilizados pelo conjunto de fábulas anteriores, uma vez que permite a vazão de hostilidade, desejo de morte, expressão de culpabilidade e de autopunição. De acordo com Cunha e Nunes, esta fábula, especialmente em crianças pré-escolares, pode suscitar além de aspectos ligados ao conflito edípico, também questões relacionadas a fantasias de rejeição parental. A significação da fábula remete muito mais a um desejo de morte do que medo da morte de um ente querido, embora isso apareça geralmente associado à culpa ou receio de ser abandonado. Para tanto, conforme as autoras, a F4 só terá significação quando considerada a partir do conjunto das demais respostas fornecidas pela criança, de seu contexto de vida e da fase do desenvolvimento infantil. A resposta comumente dada por crianças dessa faixa etária é, geralmente, um parente fora da família ou uma pessoa amiga. Já a tendência de evitar a referência a membros da família, não definindo qualquer relação com algum membro da família que morava na casa, pode estar associada a possíveis sentimentos de culpa.

#### *Fábula 5 – Fábula do medo*

“Uma criança fala baixinho: ‘Ai que medo!’ De que ela tem medo?”

Da mesma forma que a F4, a F5 propicia a manifestação da ansiedade e da autopunição mobilizados pelas fábulas anteriores. O modo como a criança lida com o medo é simbolizado através de como o personagem herói da história responde aos estímulos ou às perturbações do ambiente familiar. A F5 também envolve a ansiedade frente ao desconhecido e ao medo do desamparo decorrentes da ansiedade de separação dos genitores provavelmente estimulados pelas demais fábulas. Esta ansiedade e medo são comuns na idade pré-escolar, uma vez que se constitui em uma fase do desenvolvimento que envolve a ameaça de rompimento

das relações de confiança, especialmente quando existe algo da experiência real que modifica essas relações (Cunha & Nunes, 1993). A resposta comumente dada por crianças em idade pré-escolar indica medo de bico especificado ou não, podendo estar atrelada à ansiedade de separação e ao medo do desamparo em relação aos cuidadores.

#### *Fábula 6 – Fábula do elefante*

“Uma criança tem um elefantinho do qual ela gosta muito e que é lindo, com sua tromba bem comprida. Um dia, voltando do passeio, a criança entra em seu quarto e acha seu elefantinho muito diferente. O que ele tem de diferente? O que aconteceu com ele?”

A F6 faz parte de um outro subconjunto composto também pela F7 e F8, que da mesma forma que as três primeiras fábulas (F1, F2 e F3), avalia temas importantes do desenvolvimento infantil. A F6 conduz a indicação de modificações que possam ter ocorrido no elefante, enquanto o personagem da história estava ausente. Estas modificações envolvem significação simbólica que remete para alterações ocasionadas pelo desenvolvimento e, especialmente, pelos temores em relação à castração. De acordo com Cunha e Nunes, a resposta dada para essa fábula varia de acordo com o sexo da criança, com as características individuais e com a ocorrência de situações potencialmente traumáticas, como é o caso do nascimento de um irmão. A resposta comumente dada por crianças da mesma faixa etária indica mudanças quanto ao estado psicológico ou físico do elefante. A modificação de muitas partes do elefante ou do elefante como um todo pode indicar a aceitação de uma auto-imagem diferente, remetendo para aquisições do desenvolvimento. Por outro lado, o enfoque de outras partes do corpo, que não a tromba, também pode indicar desvio da atenção ao ponto essencial da fábula.

#### *Fábula 7 – Fábula do objeto fabricado*

“Uma criança conseguiu fabricar um objeto de argila, uma bonita torre, que acha lindo, lindo, lindo. O que ela vai fazer com ele? Sua mãe pede o objeto de presente e a criança é livre para dar ou não. O que essa criança vai fazer?”

A F7 fornece dados importantes sobre temas como possessividade e obstinação, uma vez que a criança, personagem herói da história, confecciona um objeto de argila e está livre para dar ou não à mãe. Há também a intenção de avaliar aspectos relacionados à dependência ou não da criança em relação à mãe,

os quais podem ser associados à permissão do afastamento de seus cuidadores, e também a percepção que a criança tem da atitude da mãe frente a ela. A situação-problema apresentada pela F7 revela à criança que existe um mundo contrário aos seus desejos e sentimentos, impondo uma situação potencialmente frustrante à criança, para que prossiga com o curso de seu desenvolvimento. De acordo com Cunha e Nunes, quando existe uma vulnerabilidade ao conflito na relação criança-mãe, essa fábula possui significação expressiva. A resposta mais comum para crianças em idade pré-escolar é dar o objeto fabricado à mãe.

#### *Fábula 8 – Fábula do passeio*

“Um menino (ou uma menina) fez um lindo passeio no parque, sozinho(a) com sua mamãe (seu papai). Eles se divertiram muito juntos. Voltando para casa, o menino (ou a menina) acha que seu papai (sua mamãe) está brabo(a). Por que?”

A F8 investiga aspectos relacionados à situação triangular, ao complexo de Édipo, bem como à relação com as figuras parentais. Embora não tenha sido criada para tal propósito, muitas vezes, corrobora indícios apresentados na F2, além de fornecer conteúdos mascarados que por terem maior mobilização afetiva tornam-se mais aceitáveis na F8 do que na F2. A resposta comumente dada por crianças em idade pré-escolar sugere a triangularidade do contexto da fábula, uma vez que há a preocupação com o genitor do mesmo sexo. Além disso, pode envolver sentimentos de culpa, de perda do amor do objeto e de perda de proteção.

Destaca-se que a presença da triangularidade nas relações não implica uma interação edípica, mas a passagem de uma relação diádica precoce, mãe-primogênito, para uma interação triádica, pai-mãe-primogênito. Nesse caso, o processo de separação da criança em relação à mãe ocorre quando há a identificação com outras figuras de cuidado ou de segurança, utilizando-a como recurso defensivo para a situação potencialmente ansiogênica, a perda gradual de uma relação especial com a mãe. Na amostra estudada, pode-se associar as respostas fornecidas pelos primogênitos às relações com as figuras parentais no contexto de chegada de um irmão mais do que à situação triangular ou edípica.

*Fábula 9 – Fábula da notícia*

“Uma criança volta da escola e sua mãe lhe diz: ‘Não comece já a brincar (a fazer a sua lição), pois tenho uma coisa para lhe contar’. O que a mãe vai lhe contar?”

O propósito da F9 consiste em conhecer os desejos e os medos da criança. Ainda que a F9 possa parecer pouco produtiva, pode trazer informações importantes facilitando também a compreensão da seqüência das respostas anteriormente dadas. Além disso, também possui função catártica e de controle, assim como a F10, minimizando possíveis sentimentos de culpa e ansiedade mobilizados pelas fábulas anteriores. De modo geral, a resposta comumente dada por crianças em idade pré-escolar está relacionada a desejos ligados à satisfação pessoal.

*Fábula 10 – Fábula do sonho mau*

“Uma criança acorda de manhã, muito cansada e diz: ‘Ai, que sonho mau que eu tive!’ Com que ela sonhou?”

E por fim, a F10 investiga medos e desejos, da mesma forma que a F9. Além disso, representa uma oportunidade de alívio da ansiedade por se tratar de um teste projetivo, de modo que ao final possui uma mensagem implícita de que o conflito não passou de um sonho. Pode ainda estar relacionada à F5, demonstrando que os temas produziram intensa mobilização afetiva, sugerindo associação à ansiedade e à autopunição. A F10 também envolve a concretização de um desejo ou de um medo e a emergência de uma auto-referência demonstra que o estímulo foi altamente mobilizador.

## ANEXO L

INDICADORES DE REGRESSÃO E DE CRESCIMENTO DO  
PRIMOGENITO<sup>12</sup>*Indicadores de regressão do primogênito no contexto de chegada do irmão*

Os indicadores de regressão aparecem quando o conteúdo da fábula é afetivamente muito mobilizador e ameaçador. A criança ignora dados reais do conteúdo da fábula e se identifica com um herói que se encontra em um nível de desenvolvimento mais precoce do que o subentendido pela fábula. Do ponto de vista emocional, as regressões são transitórias e reversíveis, e assumem, para este trabalho, conotação inteiramente saudáveis. A capacidade de ir e vir, e de regredir em algum momento faz parte de um processo contínuo do desenvolvimento rumo à independência. Nas respostas reveladas pelos primogênitos percebe-se que os indicadores de regressão estão acompanhados de sinais de ansiedade, havendo ênfase no caráter traumático da situação e na fragilidade ou na incapacidade de reação do herói. Abaixo, encontram-se a descrição dos indicadores de regressão utilizados para este trabalho:

- *Auto-referência*: revela que a fábula produziu mobilização afetiva, uma vez que contem referências altamente personalizadas. A expressão do auto-envolvimento em suas respostas indica que a perturbação foi intensa a ponto de não existir a distância entre o eu e a tarefa a ser respondida. Nesse caso, há uma denúncia de sua experiência atual. O fenômeno da auto-referência é mais freqüente em crianças menores, já que em pré-escolares pode constituir-se em um dado significativo, uma vez que ou se identificam completamente com o herói da fábula ou se defendem, negando a identificação com este. Ambas as situações são indicativas de conflito.

Ex.: “*Quem na minha escola. Falta três dias pra minha formatura, quer dizer, dois. (...) Aí vai ter um pouco de aula. Daí eu já vou pra primeira. Aí quando eu voltar eu não vou poder brincar daí*”.

- *Ameaça à integridade corporal*: pode estar relacionada a uma renúncia ao crescimento e às dificuldades de aceitação das modificações corporais do herói e/ou de outro personagem. A percepção de tais mudanças pode estar relacionada à recusa em agradar à mãe.

---

<sup>12</sup> Material elaborado pelas autoras, com base em Cunha e Nunes (1993) e Serafini (2004).

Ex.: “*Deixa eu ver, a tromba dele está crescendo, crescendo, crescendo. (...) Assim oh, como ele ficou mal, daí o guri foi lá e falou com ele e disse assim: “O que você quer?”, ele falou. (P) Mal. (P) Ah fico triste, não ele ficou alegre. Se sentiu mal”.*

- *Ambivalência em compartilhar o leite materno*: geralmente, está relacionada à resposta dada na F3, em que o herói ao ser privado do leite materno, indica ambivalência em compartilhá-lo com o cordeirinho menor. O herói, mesmo dividindo o alimento com o menor, continua ainda muito ligado ao leite materno.

Ex.: “*Esse cordeirinho vai comer capim e esse aqui vai tomar leite. Depois ia trocar. Esse vai comer capim e esse vai tomar leite na mamãe. (P) O que chegou, depois foi esse”.*

- *Ansiedade de separação*: a criança indica um herói com medo de separação em relação às figuras de cuidado, o que na realidade representa a ameaça e o medo de perda do objeto de amor. A sensação de separação e o medo de perda provocam ansiedade. A ansiedade de separação aparece, especialmente, quando existe uma experiência real ou quando a instabilidade torna a disponibilidade materna um objeto não confiável. É comum na faixa dos pré-escolares, podendo também aparecer em crianças maiores.

Ex.: “*Ela se assusta daí corre, daí vai pra escola dele, o pai dele vai pro trabalho e a mãe também. Ele vai pra rua por último”.*

- *Alusão ao útero materno*: relaciona-se a um lugar de proteção e amparo, no qual se encontra a criança. Evidencia a necessidade de ser protegido.

Ex.: “*Eu acho que vai fazer um buraco com água e vai colocar o peixe ali, pegar um balde e levar pra casa dele”.*

- *Busca de um genitor*: quando o herói não consegue lidar com a ansiedade mobilizada pela fábula, de modo independente, e busca a figura do pai e/ou da mãe para auxiliá-lo no enfrentamento da situação-problema. Um ambiente desfavorável, através das demandas de separação e da necessidade de lidar com a ansiedade, leva a criança a buscar restabelecer o vínculo com um ou com ambos os genitores. Isto acontece especialmente quando há a incapacidade de enfrentar a conflitiva sem a ajuda, a disponibilidade ou o encorajamento das figuras parentais. A situação de separação associa-se à fantasia de perda do objeto de amor, mobilizando sentimentos de abandono, de desproteção e, por vezes, de rejeição, mas não imobiliza o herói. Este denota alguma capacidade de usar seus recursos para explorar o ambiente, mas só o faz com a ajuda e o encorajamento dos genitores.

Ex.: “*Eu acho que ele vai voar. (Ele vai voar?) Eu acho que vai. (E para onde vai o filhote passarinho?) Vai lá onde a mamãe dele tá indo*”.

- *Busca de uma figura de cuidado substituta*: o personagem, ao perceber a situação ansiogênica, procura uma figura de cuidado substituta para auxiliá-lo no enfrentamento da conflitiva, especialmente, quando percebe a ausência da mãe e/ou do pai. Ao perceber esta falta, busca superá-la através do preenchimento com o mesmo objeto faltante, no caso uma família substituta, outro animal, dentre outros.

Ex.: “*Daí ele foi lá achou uma mamãe, tomou um pouco do leite, não tava mais com fome*”.

- *Ciúme*: aparece quando o herói manifesta um sentimento de rejeição e o temor da perda do objeto de amor, podendo ser um medo real ou irreal. Está relacionado à falta de confiança no outro e/ou em si próprio, e também a um sentimento de posse e de inveja relativo ao objeto de amor.

Ex.: “*Ele ficou com ciúme porque o outro terneirinho não era filho ou filha dela*”.

- *Distorção*: também característico de intensa mobilização afetiva, ocorre quando os dados reais da situação-problema apresentada são desconsiderados ou transformados em situações menos ameaçadoras. Ao ignorar a informação fornecida, o herói não precisa se defrontar com a situação-problema. Para este trabalho, será considerada distorção toda e qualquer resposta da criança que indique ou modificação extrema da historieta ou ainda adição ou omissão de personagens. A distorção ocorre a serviço das necessidades internas da criança, que não consegue lidar com a realidade, evitando o conflito e instaurando, por vezes, uma confusão lógica no conteúdo da fábula. Desta forma, a distorção estaria indicando dificuldades de enfrentamento do conflito, não encontrando recursos próprios para esse fim.

Ex.: “*Subir lá no telhado. (P) Acho que ele vai pular pra árvore pro telhado e por último na nuvem, daí pula na nuvem e vai pra casa*”.

- *Distanciamento afetivo*: geralmente associada às respostas dadas na F4, quando ocorre a referência de morte de um personagem que não alguém da família que mora na casa. Há a indicação de um personagem ao menos, aparentemente, sem significância, havendo o afastamento da situação ansiogênica. A resposta aparentemente sem qualquer relação com algum membro da família pode ser associada ou a sentimentos de culpa, ou a uma posição mais defensiva, ou ainda indicar que o conteúdo não suscitou projeção. De acordo com Cunha e

Nunes (1993), a resposta “Jesus”, aparece de modo freqüente nos conteúdos revelados, caracterizando-se como meramente informativa ou indicativa de religião na família. Contudo, também pode estar representando a identificação com a morte/assassinado do filho único de Maria.

Ex.: “*O Jesus. Daí todo mundo foi no enterro dele e ele morreu. (E como as pessoas daquela casa se sentiram?) Tristes. Daí ele foi lá pro céu*”.

- *Fantasia de agregação familiar*: a criança projeta uma situação em que os membros da família permanecem juntos mesmo após um evento traumático. A separação do herói dos demais integrantes da família passa a ser evitada, a fim de impedir possíveis sentimentos de abandono ou ansiedade de separação. Assim, mesmo não sendo um processo ativo, há uma ansiedade de separação associada, em que o herói retorna a um ou ambos os genitores.

Ex.: “*Daí ele acordou assustada, tomou café da manhã e foi pra aula. Daí o pai dela e a mãe dela buscaram ela, dormiram, daí ficaram felizes para sempre*”.

- *Fantasia de morte*: o herói encontra-se em situação de vulnerabilidade e risco de morte. Há também a idéia de hostilidade e de uma agressividade dirigida ao herói que se volta contra si próprio ou contra outrem, apresentando reações agressivas e hostis.

Ex.: “*Eu gosto de dormir. Eu acho que é uma bruxa Queca que cozinha ele e comeu*”.

- *Fantasia de invasão*: quando a criança projeta um herói ou outro personagem em situação vulnerabilidade e desamparo, no qual o ambiente torna-se ameaçador, invadindo-o de forma agressiva e hostil.

Ex.: “*Com um vampiro que mordeu ele e chupou todo o sangue, daí morreu*”.

- *Identificação projetiva*: a criança se identifica com o objeto de forma total ou parcial. Há a uma modalidade de projeção do indivíduo no interior do objeto de forma a mobilizá-lo.

Ex.: “*Comer capim fresco. (E como ele se sentiu?) Muito mal. Ele ficou triste porque não ia ter outro cordeirinho pra mãe dele*”.

- *Irregularidade no tempo de reação de resposta (ITR)*: o tempo de reação de resposta consiste em o tempo decorrido entre o fim da história contada pelo examinador do teste projetivo e o começo da resposta fornecida pela criança. Para Cunha e Nunes (1993), um tempo de reação superior a 10 segundos é um indicador diagnóstico importante, uma vez que evoca resistência no processo de elaboração de resposta. Em idade pré-escolar, faixa etária estudada por este

trabalho, as crianças costumam apresentar um TR muito rápido, em função de não possuírem tantos recursos de controle. Nesse caso, a ITR pode estar relacionada a uma intensa mobilização afetiva e a presença de conflito, caracterizando-se como um indicador de regressão.

Ex.: *Irregularidade no tempo de reação (TR=25s)*

- *Privação*: a criança projeta um herói que manifesta a falta de algo ou alguém, que lhe é muito importante. Esta privação não ocorre por vontade própria do herói, mobilizando-o afetivamente. Geralmente, a criança associa a privação de algo ou alguém à perda do afeto e do amor das figuras parentais.

Ex.: “(Ele voltou a tomar o leite da mãe?) *Ahã.* (Aí ela tinha leite bastante para os dois?) *Tinha. Primeiro ele tomou leite de outra ovelha, depois comeu capim, depois ele achou a mãe dele, só que não era essa mãe, e podia ainda tomar leite quente, aí ele tomou.*”

- *Possessividade*: quando o herói apresenta preocupação em manipular e reter o objeto, conservando-o para si. Há o alívio da ansiedade, mas a criança permanece em uma posição simbolicamente imatura, uma vez que se fixa em suas próprias necessidades, sugerindo não ter tido, ainda, a capacidade de aprender que existe um mundo contrário aos seus desejos. A possessividade demonstra o modo como a criança organiza seus vínculos objetivos e indica uma personalidade possessiva e obstinada.

Ex.: “*Vai dar pra mamãe pra brincar muito pra pegar os peixes.*”

- *Retorno à mãe (retomada ao leite materno)*: mesmo que a fábula (F3) indique que a mãe não tem leite materno bastante para dar aos dois cordeirinhos, a resposta dada pelo primogênito ainda está muito associada à necessidade de receber o leite materno. A retomada ao leite materno ocorre quando o personagem não consegue abrir mão de suas necessidades orais – o alimento, símbolo do afeto da mãe – havendo receio de perda desse amor. A retomada ao leite materno representa o restabelecimento ao afeto da mãe.

Ex.: “*Daí foi procurando a mãe e achou. Daí podia tomar um leite bom e quente.*”

- *Sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição*: a criança apresenta um herói com sentimentos de rejeição e de abandono, em que os pais não a amam mais, se encontrando sozinha. São verbalizações que aparentemente não se associam com a experiência ou com a fantasia edípica ou cena primária, e sim com a rejeição parental e o desejo de ser inserido nas relações interpessoais.

Ex.: “*Porque ficaram rindo da cara dela porque...* (Porque estavam rindo da cara dela?) *Porque ela era feia.* (E aí? Como ela se sentiu quando estavam rindo da cara dela?) *Mal.* (Como assim mal? Por quê?) *Porque ficaram rindo da cara dela*”.

- *Vulnerabilidade, desamparo e desproteção*: quando a criança apresenta um herói em situação de desamparo e de desproteção, incapaz de se proteger. O enfrentamento de uma situação potencialmente traumática mobiliza fantasias de impotência e de abandono, na qual o herói se encontra em um nível de desenvolvimento mais indefeso e vulnerável. Há uma necessidade de ser protegido, encontrando-se em uma situação de inteira passividade e em um nível de desenvolvimento mais precoce do que o subentendido no conteúdo da fábula. Os sentimentos de desamparo e de desproteção voltam-se a si próprio, colocando o herói em uma situação de vulnerabilidade. Por vezes, há a transferência desses sentimentos não aceitos para partes do corpo através de manifestações físicas que denotam suas preocupações emocionais.

Ex.: “(E daí o que aconteceu?) *Ele caiu no chão e machucou a pata, a asa, daí não conseguiu voar*”.  
 “*Quando o menino chegou da escola, a família dele não tava ali dentro, foi procurar e se perdeu e aí ele acordou e tomou um susto.* (E aí? O que a criança fez no sonho, quando ela viu que a família não tava lá?) *Ela se sentiu mal*”.

#### *Indicadores de crescimento do primogênito no contexto de chegada do irmão*

A mobilização afetiva intensa provoca a reversão no processo de resposta, havendo a possibilidade de o herói lidar com situações ansiogênicas através de condições pessoais próprias, que permitem a elaboração de uma resposta em um melhor nível de amadurecimento emocional. A criança apresenta um herói que indica suas próprias forças para lidar com os aspectos estressantes, ainda que com alguma ajuda fornecida ou procurada de outrem. Há sinais de tolerância à frustração e de condições de superar as dificuldades apresentadas nos conteúdos das fábulas. O problema apresentado é resolvido em um nível simbólico, que torna a experiência tolerável para a criança. Ainda que indique crescimento, há um melhor nível de amadurecimento quando comparado aos indicadores de regressão, significando condições que oportunizem o desenvolvimento rumo à independência emocional. A possibilidade de um ir e vir saudável possui conotação inteiramente saudável do ponto de vista emocional. Segue abaixo a descrição dos indicadores de crescimento apontados pelo primogênito e utilizados para este trabalho:

- *Aceitação da auto-imagem*: a criança indica um herói que aceita as mudanças interiores, as quais funcionam como organizadoras da identidade. Há a aceitação de estímulos para o desenvolvimento, que permite o herói mudar a auto-

imagem e assumir outra identidade. Estas mudanças podem ser tanto físicas quanto psicológicas e representam o desejo de crescimento da criança. Geralmente esteve relacionada às respostas fornecidas à F7.

Ex.: *“Por causa que ficou adulto e mudou a cara. E aí a tromba ficou muito grande e os olhos ficaram desse tamanho. Daí ele falou com ele quem era. Daí ele disse que era ele, que virou adulto. (E o que o menino achou?) Legal”.*

- *Auto-cuidado*: quando a criança apresenta um herói em situação de proteção. A proteção é proporcionada pela própria condição do sujeito. Há a capacidade de agir e de lidar com o enfrentamento de uma situação potencialmente traumática, sem qualquer auxílio de figuras de cuidado.

Ex.: *“(E o que a criança faz?) Vê as aranhas, pega um mata-mosca e mata. Depois colocou um veneno de aranha, daí as aranhas nunca mais. Elas foram lá e quando encostou numa coisa morreram. (E como a criança ficou?) Ficou bem, não ficou picado. Daí tem um negócio de mosquito pra passar no braço assim pra aranha não picar”.*

- *Aceitação de regras e/ou de responsabilidades*: a criança se identifica com um personagem com capacidades de aceitar regras e limites e/ou responsabilidades impostas em situações do cotidiano.

Ex.: *“Ficou lá no céu cuidando de todas as pessoas. Que nem a gente não pode brigar, não pode tratar os outros. Aí é assim”.*

*“(E porque ela não deu o presente?) Porque ele queria ganhar dinheiro. (E aí?) Só isso (Ele queria ganhar dinheiro? Como assim?) Porque a família dele era muito pobre, pobre”.*

*“O gurizinho ficou bem. Daí o pai dele disse pra não fazer mais arte daí não fez e ficou feliz para sempre”.*

- *Altruísmo*: quando o herói lida com o conflito sentindo a necessidade de “ajudar alguém”, ou de “fazer o bem”. Dessa forma, o sujeito é gratificado pela resposta dos outros.

Ex.: *“Depois eles foram adotar um bebê, mas ainda se sentiram com saudades. Porque queriam ter muito um bebê na casa”.*

- *Cooperação*: o herói é apresentado com a habilidade de cooperar diante de situações ansiogênicas. A colaboração constitui em um meio de lidar com o conflito emocional.

Ex.: *“Daí o pai e a mãe construíram outro ninho e ficaram felizes para sempre. O passarinho ajudou a pintar o ninho”.*

- *Culpabilidade e auto-punição*: quando o herói sofre alguma conseqüência do ambiente. Geralmente está relacionada a um sentimento de culpa por ter feito algo de errado, tendo um caráter de castigo e de punição.

Ex.: *“Seu Juvenal. (E quem é o Seu Juvenal?) Ele é casado e tinha filho. Deu um ataque de nervos nele e ele morreu. (Hum, teve um ataque de nervos. E porque deu esse ataque de nervos nele? O que aconteceu?) Porque ele brigou com a mulher e pensou em Jesus e viu que não era bom e ele morreu”.*

- *Culpa edípica*: evidência de conflito edípico ou ainda de situação triangular. A preocupação ou não do herói com a reação do genitor do mesmo sexo é demonstrada, sugerindo conflito, através da culpa e reparação, e também do medo de represália. Há a presença de triangularidade, mesmo que não implique em uma interação edípica. Nesse caso, há a passagem da relação diádica, mãe e filho, para a interação triádica, pai, mãe e filho.

Ex.: “*Porque o cachorro fez xixi no [?] (O cachorro fez xixi onde?) No pé dele, no pé do pai (No pé do pai? E aí) Daí o menino viu dando no cachorro e o menino foi ali e tirou e foi dar uma volta com o cachorro*”.

- *Crescimento*: a criança apresenta um herói que faz alusão ao tamanho e ao crescimento.

Ex.: “*Cresceu que nem a mãe e o pai. [Como se sentiu?] Bem. Daí ficou feliz pra sempre*”.

- *Distorção*: da mesma forma que ocorre nos indicadores de regressão, a distorção indica intensa mobilização afetiva. Há modificação de dados reais da situação-problema apresentada para outros menos ameaçadores, bem como adição ou omissão de personagens. Contudo, para este trabalho, a distorção será considerada como indicador de crescimento quando estiver a serviço das necessidades internas da criança, de modo que esta consiga lidar com a realidade, ainda que apresentando uma confusão lógica.

Ex.: “*Daí o pai e a mãe disse que também dá pra ir criança. (E aí?) Daí veio outro aniversário de onze e daí ela foi. Daí ele era convidado*”.

- *Fantasia de castigo*: as fantasias de castigo aparecem como resposta por não corresponder à expectativa parental. O medo do castigo representa o medo de perda do amor do objeto e da proteção deste. Ainda que o herói não tenha sido capaz de enfrentar o conflito, projetando sua hostilidade, constitui um modo mais maduro de enfrentamento da situação conflitiva.

Ex.: “*Que viu a agenda do menino, dizendo que foi pra diretoria porque machucou um colega (E aí?) E a mãe dele botou ele de castigo*”.

“*Eu acho que o gurizinho tinha outro irmão daí o irmão dele fez uma arte e o pai dele ficou brabo*”.

- *Gratificação frente ao ato de ceder o objeto de argila*: geralmente associada às respostas dadas à F8. A gratificação ocorre quando a criança concorda com a exigência do ambiente em dar, à mãe, o objeto de argila fabricado. Há o desejo de agradá-la com este objeto.

Ex.: “*(E o que a criança achou?) Bonito. (E como ela se sentiu em dar a torre pra mãe?) Bem. Ficou contente*”.

- *Irregularidade no tempo de reação de resposta (ITR)*: da mesma forma que ocorre nos indicadores de regressão, o tempo de reação de resposta consiste em o tempo decorrido entre o fim da história contada pelo examinador do teste projetivo e o começo da resposta fornecida pela criança. Ainda que a ITR revele resistência no processo de elaboração de resposta, pode caracterizar-se como um indicador de crescimento quando estiver relacionada à intensa mobilização afetiva a serviço das necessidades internas da criança rumo ao crescimento. Geralmente, aparece acompanhada de outro indicador de crescimento, funcionando com um complemento para a compreensão deste.

- *Renúncia ao objeto de argila*: geralmente associada às respostas dadas à F8. A renúncia ocorre quando a criança concorda com a exigência do ambiente em dar à mãe o objeto de argila fabricado, aprendendo que existe um mundo contrário aos seus desejos. O ato de ceder é em si um ato de autonomia da criança, a qual consegue exercer o seu direito de escolha. A renúncia ao objeto fabricado pode ser ou não acompanhada de preocupação em manipular e reter o objeto, revelando também um desejo de conservá-lo para si.

Ex.: “*Dá [o objeto de argila]. Porque ela achou bonita. Daí destruíram a casa e fizeram a torre. E pintaram de rosa, vermelho e azul marinho*”.

- *Renúncia ao leite materno*: geralmente, está relacionada à resposta dada na F3, em que o herói ao ser privado do leite materno, apresentar a capacidade de abrir mão do leite materno para que o cordeirinho menor possa ser alimentado. Indica boa organização no mundo interno, uma vez que consegue compartilhar o objeto desejado, o leite materno. Por outro lado, o fato de abrir mão do leite materno não significa necessariamente que o herói conseguiu compartilhá-lo com o cordeirinho menor. Mesmo abrindo mão do objeto desejado, o herói pode ainda indicar, de uma maneira ou de outra, que ficou preso ao leite, indicando possíveis sentimentos de exclusão e de rejeição, não conseguindo abrir mão totalmente do mesmo.

Ex.: “*(E aí? O que mais vai acontecer?) Daí ele fica grande, o outro fica do tamanho dele e a mamãe vai ter bastante leite pra dar pro outro e eles virão amigos*”.

- *Socialização e interação com pares*: quando o herói manifesta, diante da conflitiva apresentada pela fábula, capacidade de socialização e de interação com os pares. Na amostra estudada, também se observa a habilidade de maior interação com o irmão.

Ex.: *“Daí brincou com os amigos dela e comeu o bolo”.*

- *Superação*: quando o herói “dá a volta por cima” e demonstra capacidades de reagir e de superar ou uma fase mais regressiva ou a situação-problema.

Ex.: *“Não precisava mais pedir leite pros outros”.*

*“(Medo) Do bicho papão. Ele vai pra escola. Faz os trabalhos com as crianças (...) e ficou feliz pra sempre”.*